

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
DOUTORADO

Leonardo Ritter Schaefer

**ESTADOS DO PENSAMENTO:**  
O CONCEITO DE PESSIMISMO A PARTIR DA NATUREZA DO PENSAMENTO ÚNICO DE  
ARTHUR SCHOPENHAUER

Porto Alegre  
2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

LEONARDO RITTER SCHAEFER

**ESTADOS DO PENSAMENTO:**

O CONCEITO DE PESSIMISMO A PARTIR DA NATUREZA DO PENSAMENTO  
ÚNICO DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Tese apresentada para cumprimento da conclusão do  
Doutorado em Filosofia no Programa de Pós-graduação em  
Filosofia– Escola de Humanidades da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande Do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza.

Porto Alegre

2020

LEONARDO RITTER SCHAEFER

**ESTADOS DO PENSAMENTO:**

O CONCEITO DE PESSIMISMO A PARTIR DA NATUREZA DO PENSAMENTO  
ÚNICO DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Tese apresentada para cumprimento da conclusão do  
Doutorado em Filosofia no Programa de Pós-graduação em  
Filosofia– Escola de Humanidades da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande Do Sul.

Área de concentração: Ética e Filosofia Política.

**Aprovado em: 31 de agosto de 2020.**

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza (Orientador)

Prof. Dr. Alexandre Anselmo Guilherme (PUCRS)

Prof. Dr. Evandro Pontel (PUCRS)

Prof. Dr. Felipe Szyszka Karasek (IMED)

Prof. Dr. Rafael Werner Lopes (IMED)



## AGRADECIMENTOS

Aos que me permitiram testemunhar o seu empenho.

Ao professor Ricardo Timm de Souza pela orientação, confiança, carinhosa atenção e empenho incansável. Aos amigos professores Rafael Werner e Felipe Karasek pela amizade e pelos ensinamentos que partilham comigo. Ao prof. Dr. Draiton Gonzaga, pelo estímulo. Aos secretários do Curso de Pós-graduação em Filosofia da PUCRS, aos coordenadores Dr. Jair Tauchen e Dr. Agemir Bavaresco. Ao prof. Dr. Ingo e a prof. Dra Albers. Ao CNPq, capes pelo apoio financeiro que tornou possível esta pesquisa. Ainda, agradecimento especial pela oportunidade de pesquisa promovida com auxílio de bolsa concedida pelo Programa PROBRAL CAPES/DAAD, no período de 01.10.2018 a 31.09.2019, do Programa de Pós Graduação em Direito da PUCRS, com a coordenação no Brasil do Professor Dr. Ingo Wolfgang Sarlet, Professor da PUCRS, coordenador do projeto de pesquisa “Regulação da Internet e os direitos relativos à Internet”, de estudos comparados entre Brasil e Alemanha, e da co-coordenação da Professora Dra. Marion Albers, da Universidade de Hamburgo.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

*Zur Philosophie verhält sich die Poesie,  
wie die Erfahrung sich zur empirischen Wissenschaft verhält*

[A poesia está para a filosofia  
como a experiência  
está para a ciência empírica]

Arthur Schopenhauer  
Suplementos; Cap. XXXVII: Da estética da poesia

## RESUMO

Dedicado à verdade, o *pensamento único* declara a ausência de liberdade, a existência humana determinada ao sofrimento e o julgamento moral essencialmente relativo, ao mesmo tempo, julga o *otimismo* falso e pernicioso enquanto afirma que todos são devedores de tolerância, paciência, consideração e amor ao próximo. Da premissa de que a obra se origina da comunhão entre os estudos da medicina e, posteriormente, filosofia, de Arthur Schopenhauer, a presente tese entrelaça e justapõe as quatro perspectivas que parecem fragmentar o *pensamento* para preservar a coesão orgânica, perpassando prefácios, ensaios, complementos e aforismos, determina uma base fundamental derivada de metafísica e fisiologia obtendo dois estados, um apto e um inapto ao cuidado, não volitivo e volitivo. Por meio deles, a aparente contradição estabelecida na relação entre obra, verdade e crítica ao otimismo se dissolve, primeiro, na busca do autor pela comunicação da ocasião de um estado, segundo, na produção de duas concepções próprias, otimismo enquanto disposição orgânica e pessimismo enquanto autoconhecimento da disposição. Um passo além das teorias morais e limitações filosóficas é encontrado nos Aforismos para responder à imputação moral. No conhecimento das próprias determinações fundamentais, proporcionado pelo pessimismo, os organismos humanos tornam-se incumbidos de si mesmos conduzindo-se por percursos que ocasionem o estado não volitivo. Assim, na relação do autor com sua obra, a escrita assume-se ato ético, e responsabilidade e determinação conciliam-se.

Palavras-chave: Schopenhauer. Obra. Responsabilidade. Pessimismo. Otimismo.

## RÉSUMÉ

Dédiée à la vérité, la pensée unique déclare l'absence de liberté, l'existence humaine déterminée à la souffrance et le jugement moral essentiellement relatif, à la fois, juge l'optimisme faux et pernicieux tout en affirmant que tous sont débiteurs de tolérance, de patience, de considération et d'amour au prochain. Partant du postulat que l'œuvre naît de la communion entre les études de médecine et, plus tard, la philosophie d'Arthur Schopenhauer, la présente thèse entrelace et juxtapose les quatre perspectives qui semblent fragmenter la pensée pour préserver la cohésion organique, en passant par des préfaces, des essais, compléments et aphorismes, détermine une base fondamentale dérivée de la métaphysique et de la physiologie en obtenant deux états, l'un apte et l'autre inapte aux soins, non volontaire et volontaire. A travers eux, la contradiction apparente établie dans le rapport entre l'œuvre, la vérité et critique à l'optimisme se dissout, d'une part, dans la recherche de l'auteur pour communiquer l'occasion d'un état, d'autre part, dans la production de deux conceptions propres, l'optimisme comme disposition organique et le pessimisme. comme connaissance de soi de la disposition un pas au-delà des théories morales e des limite philosophiques se trouve dans les aphorismes pour répondre à l'imputation morale. Dans la connaissance de leurs propres déterminations fondamentales proportionnées par le pessimisme, les organismes humains se confient à eux-mêmes, se dirigeant eux-mêmes à travers les chemins qui provoquent l'état non volitif ainsi dans la relation entre l'auteur à son œuvre, l'écriture s'assume est supposée être un acte éthique, et la responsabilité et la détermination se concilient.

Mots-clés: Schopenhauer. L'oeuvre. Responsabilité. Pessimisme. Optimisme.



## LISTA ABREVIATURAS

MVR I - O mundo como vontade e representação

WWV I - *Die Welt als Wille und Vorstellung*

MVR II - O mundo como vontade e representação (Complementos)

WWV II - *Die Welt als Wille und Vorstellung, Band II (Ergänzungen)*

DPFE - Os dois problemas fundamentais da ética

DbGE - *Die beiden Grundprobleme der Ethik*

QRPRS - *Sobre a Quadrúplice Raiz do Princípio da Razão Suficiente*

VWSvG - *Ueber die vierfache Wurzel des Satzes vom zureichenden Grunde*

VN - Sobre a vontade na natureza

WN - *Über den Willen in der Natur*

LV - Sobre a liberdade da vontade

FW - *Über die Freiheit des Willens*

FM - Sobre o fundamento da moral

GM – *Über die Grundlage der Moral*

PP - Parerga e Paralipomena

PP - *Parerga und Paralipomena*

MP – Manuscritos Póstumos

HN - *Der Handschriftliche Nachlass.*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 O PENSAMENTO COMUNICA A OCASIÃO DA VERDADE .....</b>	<b>24</b>
1.1 A BASE ORGÂNICA FUNDAMENTAL DO PENSAMENTO .....	24
1.1.1 A Experiência Metafísica.....	26
1.1.2 O Testemunho do Organismo .....	32
1.2 O AUTOCONHECIMENTO NA EXPERIÊNCIA DA VERDADE .....	41
1.2.1 A Natureza da Verdade.....	46
1.2.2 A Consciência Filosófica.....	47
<b>2 PESSIMISMO: A CONDIÇÃO DO AUTOCONHECIMENTO.....</b>	<b>54</b>
2.1 NÃO OTIMISMO: A ESSÊNCIA DO PENSAMENTO.....	57
2.1.1 A Fundamentação Orgânica da Relatividade Moral.....	60
2.1.2 A Falsidade do Otimismo.....	64
2.2 O OTIMISMO NO FUNCIONAMENTO DO ORGANISMO .....	72
2.2.1 O Pensamento é Pessimismo .....	82
2.2.2 O Autoconhecimento no Pessimismo .....	89
<b>3 A ARTE DO PESSIMISMO.....</b>	<b>94</b>
3.1 A NECESSIDADE DO DESVIO.....	94
3.1.1 A Imputação Ético-Metafísica.....	96
3.1.2 Incumbidos de Si Mesmos .....	100
3.2 PESSIMISMO EUDEMONOLÓGICO.....	103
3.2.1 A Base Fundamental dos Aforismos.....	107
3.2.2 Hackear a Experiência da Realidade.....	111
3.2.3 A Outra-Ética.....	113
3.2.4 Novos Caminhos no Contentamento do Pessimismo .....	120
3.2.5 A Escrita no Pessimismo .....	133
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>138</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>165</b>

## INTRODUÇÃO

“Idealista e pessimista, ou melhor, budista”<sup>1</sup>, “o pensamento de Schopenhauer é infinitamente atual”<sup>2</sup>, “ele subverteu crenças, esperanças, poemas, quimeras, destruiu aspirações, devastou a confiança das almas”<sup>3</sup>, “autodeclarado pessimista”<sup>4</sup>, “Schopenhauer marcou a humanidade com o selo do seu desdém e desencanto”<sup>5</sup>. “Mais importante que o pessimismo foi a doutrina da supremacia da vontade”<sup>6</sup>, “praticamente não há filosofia que não tenha designado algo como vontade ou desejo de conhecer, amor à verdade etc. Mas, na realidade, pouquíssimos— exceto talvez Espinosa e Schopenhauer— lhe deram mais do que um estatuto marginal”<sup>7</sup>.

Em sua “filosofia do corpo”<sup>8</sup>, “o intelecto apreende [...] apenas sucessivamente e, para reter uma coisa, tem de deixar escapar outra, nada dela conservando senão os seus vestígios, que se tornam cada vez mais débeis”<sup>9</sup>, “só podemos conhecer as coisas sucessivamente, e elas tornam-se-nos conscientes apenas uma de cada vez, sim, somos conscientes dessas coisas apenas sob a condição de que naquele momento esqueçamos todas as demais”<sup>10</sup>, mas “nossa consciência não é algo estacionário, mas fluido”<sup>11</sup>. Para a história “cada momento presente é apenas um fragmento”, da “combinação de tais

---

<sup>1</sup> FLAUBERT em carta à Edma Roger de Genettes, 13 de Junho, 1879. No original: “*Idéaliste & pessimiste, ou plutôt bouddhiste*”.

<sup>2</sup> A atualidade de Schopenhauer, de Max Horkheimer “*das Denken Schopenhauers ist unendlich aktuell*”

<sup>3</sup> MAUPASSANT, Guy de. *Auprès d'un mort*, dans Maupassant, *Contes et Nouvelles*, texte établi et annoté par Louis Forestier, éditions Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1974. *Auprès d'un mort* foi publicado na revista *Gil Blas* em 1883 “*il a renversé les croyances, les espoirs, les poésies, les chimères, détruit les aspirations, ravagé la confiance des âmes*”.

<sup>4</sup> John Oxenford publica anonimamente, em 1853, um artigo sob o título *Iconoclasm in German Philosophy* na revista *The Westminster Review* “*he is a professed 'Pessimist'*”.

<sup>5</sup> *Auprès d'un mort*. Texto publicado na revista *Gil Blas* em 1883 *Schopenhauer a marqué l'humanité du sceau de son dédain et de son désenchantement*.

<sup>6</sup> RUSSELL, Bertrand. *History of Western Philosophy*. London: Routledge, 2004, p. 759. “More important than pessimism was the doctrine of the primacy of the will”.

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. *Aulas sobre a Vontade de Saber*. trad. Rosemary Cothek Abílio. Ed.2. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018, p. 6.

<sup>8</sup> SAFRANSKI, Rüdiger. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia*. Tradução de William Lagos. São Paulo: Geração Editorial. 2011, p. 408.

<sup>9</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 167.

<sup>10</sup> Idem, MVR II, 2015, p.167.

<sup>11</sup> Idem, MVR II, 2015, p.167.

fragmentos”<sup>12</sup> resulta “a incredulidade em relação aos metarrelatos [*meta récit*]”<sup>13</sup> pois “a unidade do decurso de vida da espécie é uma mera ficção”<sup>14</sup>.

Por um lado, “num sentido cada vez mais figurado, portanto, metafórico, pode-se dizer: a vontade é a substância do ser humano, o intelecto, o acidente”<sup>15</sup>, ainda que seu pensamento tenha sido tomado como “se a vontade fosse positiva e absolutamente a coisa em si”<sup>16</sup>, Schopenhauer afirma “é preciso que a Alemanha compreenda Bichat para me compreender”<sup>17</sup>. Nessa relação entre *filosofia e fisiologia* reside “o foco propriamente central de minha doutrina”<sup>18</sup>. “Que é conhecimento? –Ele é primária e essencialmente representação. – Que é representação? –Um complexo processo fisiológico no cérebro de um animal”<sup>19</sup>, “o que é aquilo que se manifesta no mundo e como mundo [...] esta questão não pode *nunca* ser respondida [...], e tudo o que é conhecido [...] é apenas fenômeno”<sup>20</sup>, “eis aí talvez a mais simples e apreensível maneira de revelar o profundo abismo entre o ideal e o real”<sup>21</sup> denunciado por Kant.

Na busca pela “verdade, e não uma cátedra universitária”<sup>22</sup>, Schopenhauer transforma a relação corpo–vontade em cérebro–“querer-conhecer [*Erkennenwollen* ou *Wille zu erkennen*]”<sup>23</sup>, “nós turvamos essa essência com miragens, a fim de reinterpretá-la e fazê-la caber mais convenientemente em nossa estreita visão”<sup>24</sup>, assim, ao reduzir toda verdade à “verdade parcial [*Teilwahrheit*]”<sup>25</sup>, “esvaziou tudo”<sup>26</sup>, “realizou o mais

<sup>12</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 169.

<sup>13</sup> LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa, 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013, p. xvi.

<sup>14</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *MVR II*, 2015, p. 531.

<sup>15</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p. 244.

<sup>16</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 302.

<sup>17</sup> LEFRANC, Jean (org.). *Schopenhauer*. Paris: Éditions de l’Herne, 1997, p. 256. No original: “*Il faut que l’Allemagne comprenne Bichat pour me comprendre.*” Schopenhauer apud Frédéric Morin, entrevista em 1858.

<sup>18</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. São Paulo: Editora Hedra. 2010, p. 149.

<sup>19</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p. 232.

<sup>20</sup> Idem, *MVR II*, Vol.1, 2014, p. 302.

<sup>21</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.232.

<sup>22</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *A Arte de Envelhecer*. Organização e introdução de Franco Volpi. Trad. Karina Janini. São Paulo: Martins Fontes, 2012, [186] p. 96.

<sup>23</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p. 314.

<sup>24</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 326.

<sup>25</sup> GEHLEN, Arnold. *Moral und Hypermoral. Eine pluralistische Ethik*. 6. Auflage. Klostermann Verlag, Frankfurt am Main 2004, p. 53.

<sup>26</sup> MAUPASSANT, Guy de. Auprès d’un mort, dans *Maupassant, Contes et Nouvelles*, texte établi et annoté par Louis Forestier, éditions Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1974. Texto publicado na revista *Gil Blas* em 1883. No original: “*Il a [...] tout vidé*”.

gigantesco trabalho cético já feito”<sup>27</sup>. “E ainda hoje, aqueles que o execram parecem ter, em negação, em suas mentes, partes de seu pensamento”<sup>28</sup>.

Por outro lado, “para Schopenhauer, em última instância, a vida está condenada a carecer de valor e de sentido”<sup>29</sup>, o “filósofo que pode ser lido como poeta”<sup>30</sup>, “mais genial dentre os homens”<sup>31</sup>, “grande pensador, cuja ‘vontade’ inconsciente se equipara aos instintos da mente na psicanálise”<sup>32</sup>, “talvez seja o único metafísico alemão que tenha sido psicólogo”<sup>33</sup>, “o primeiro a falar do sofrimento do mundo, que visível e claramente nos cerca, da confusão, da paixão, do mal [...] teve a coragem de ver que o primordial não se destinava para o melhor”<sup>34</sup>.

De grande influência, “a vontade schopenhaueriana foi o ancestral do *id* freudiano”<sup>35</sup>, “sua teoria do Pessimismo era, em suma, a grande consoladora das inteligências eleitas, das almas elevadas”<sup>36</sup>, ao mesmo tempo, “o pessimismo de Schopenhauer”<sup>37</sup> não foi alvo apenas de críticas brandas, como “pessimismo antiquado [*pessimisme démodé*]”<sup>38</sup>, mas de críticas fundamentais, de filósofos a historiadores da

<sup>27</sup> MAUPASSANT, Guy de. Auprès d'un mort. Texto publicado na revista *Gil Blas* em 1883. No original: “*accompli la plus gigantesque besogne de sceptique qui ait jamais été faite.*”

<sup>28</sup> Auprès d'un mort. Texto publicado na revista *Gil Blas* em 1883 *Et aujourd'hui même, ceux qui l'exècrent semblent porter, malgré eux, en leurs esprits, des parcelles de sa pensée.* [tradução nossa].

<sup>29</sup> SIMMEL, Georg. *Schopenhauer & Nietzsche*. Traduzido por Cesar Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011, p. 16.

<sup>30</sup> BECKETT, Samuel. *The Letters of Samuel Beckett*. Carta à Thomas McGreevy, 21 de Setembro de 1937. Vol. 1: 1929-1940, edited by Martha Dow Fehsenfeld and Lois More Overbeck. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 550. “*a philosopher that can be read like a poet*”.

<sup>31</sup> TOLSTÓI, Liev. *Полное собрание сочинений Л.Н. Толстого в 90 томах. Государственное издательство «Художественная литература», 1928-1958. Серия третья «Письма». Том 61, Москва, 1953. p.219.* [Carta à Fet, 30 de Agosto, 1869]. No original: *Гениальнейший из людей. Ver também: Collected Works of L. N. Tolstoy in 90 vols. Moskva; Leningrad: Khudozhestvennaia Literatura, 1928-1958. Ser.3: «Letters». Vol.61. Moskva, 1953, p. 219.*

<sup>32</sup> FREUD, SIGMUND. *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*. Tradução sob a direção-geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora. 1976, p. 187.

<sup>33</sup> BERGSON, Henri. *La philosophie française*, 1915. La Revue de Paris, livraison du 15 mai 1915, pp. 236-256. (Tableau récapitulatif destiné à l'Exposition de San Francisco) Disponível em: [http://classiques.uqac.ca/classiques/bergson\\_henri/la\\_philo\\_francaise/Bergson\\_philo\\_francaise.pdf](http://classiques.uqac.ca/classiques/bergson_henri/la_philo_francaise/Bergson_philo_francaise.pdf). Acesso em 22 jun. 2019, p.17. No Original: “*est peut-être le seul métaphysicien allemand qui ait été psychologue*”.

<sup>34</sup> JUNG, Carl, *Erinnerungen, Traeumen, Gedanken von Carl Gustav Jung*. “*der erste, der vom Leiden der Welt sprach, welches uns sichtbar und aufdringlich umgibt, von Verwirrung, Leidenschaft, Bösem, [...] den Mut zur Einsicht hatte, daß es mit dem Weltengrund irgendwie nicht zum Besten stand*”.

<sup>35</sup> TAYLOR, Charles. *As Fontes do Self: a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara, Dinah de Abreu Azevedo. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 571.

<sup>36</sup> HUYSMANS, Joris-Karl. *As Avessas*. trad. José Paulo Paes. São Paulo: Penguin, 2011, p.149.

<sup>37</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Título original: *Die Fröhliche Wissenschaft*. p. 257. [aforismo 357].

<sup>38</sup> ROSSET, Clément. *Schopenhauer, philosophe de l'absurde*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967, p. 63.

filosofia. Ao afirmar que “um livro nunca pode ser mais do que a impressão dos pensamentos do autor”<sup>39</sup>, Schopenhauer torna a filosofia uma questão pessoal.

Nietzsche, certa vez, reconheceu *Schopenhauer Educador* [1874], afirmando “não descrevo nada diferente da primeira impressão, por assim dizer, fisiológica, que Schopenhauer suscitou em mim, esta mágica efusão da energia íntima que se comunica de um ser da natureza a outro”<sup>40</sup>. Se, por um lado, declara “ele é honesto, mesmo como escritor”<sup>41</sup>, “ele é honesto porque fala e escreve por si mesmo e para si mesmo”<sup>42</sup> “ou caso se queira realmente supor um ouvinte, que se pense num filho instruído por seu pai”<sup>43</sup>, por outro, admite “eu me esforçava [...] para representar o homem vivo, de quem eu tinha lido o grande testamento e que prometia não escolher para herdeiros senão aqueles que quisessem e pudessem ser mais do que simples leitores: quer dizer, seus filhos e seus discípulos”<sup>44</sup>.

“Schopenhauer faz da dor a substância absoluta da vida”<sup>45</sup>, mas tal ação não basta para dotá-la de sentido, em seu pensamento, mostra-se inconcebível um estado volitivo que “na vida encontrasse satisfação e de bom grado nela se deleitasse, e, ainda, por calma ponderação, desejasse que o decurso de sua vida, tal qual até então foi experienciado, devesse ser de duração infinda ou de retorno sempre novo”<sup>46</sup>. Este ponto de vista, “o da completa afirmação da vontade de vida”<sup>47</sup>, permanece inconciliável com a volição, “uma pessoa, ao fim de sua vida, se fosse igualmente sincero e clarividente, talvez jamais a desejasse de novo, preferindo antes a total não existência”<sup>48</sup>, afinal, “nenhum homem jamais se sentiu inteiramente feliz até o presente; para isso ele deveria estar embriagado”<sup>49</sup>.

---

<sup>39</sup>SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 63.

<sup>40</sup>NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer Educador*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2012. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. p. 175.

<sup>41</sup> Idem, *ibidem*, 2012, p. 173.

<sup>42</sup> Idem, *ibidem*, 2012, p. 175.

<sup>43</sup> Idem, *ibidem*, 2012, p. 172.

<sup>44</sup> Idem, *ibidem*, 2012, p. 175.

<sup>45</sup> SIMMEL, Georg. *Schopenhauer & Nietzsche*. Traduzido por Cesar Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011, p. 75.

<sup>46</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.328.

<sup>47</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.239.

<sup>48</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.376.

<sup>49</sup> Idem. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 142. [Suplementos à Doutrina da nulidade da Existência - §146].

Se, um dia, dissera de Schopenhauer “ele nos ensina a distinguir entre os modos reais e aparentes de fomentar a felicidade humana”<sup>50</sup>, o descrevendo com “uma serenidade que o torna realmente sereno”<sup>51</sup> e, reafirmando, “o verdadeiro pensador se alegre e fica sereno sempre”<sup>52</sup>, em 1886<sup>53</sup>, Nietzsche reafirma a personalidade de sua filosofia e reconsidera posicionamentos, e em *Ecce Homo* declara “fiz de minha vontade de saúde, de *vida*, a minha filosofia”<sup>54</sup>. Revisita a relação pondo-se contra o que o antigo educador considerava “perversidade”, a saber, a “interpretação e a significação *morais* da existência”<sup>55</sup>, e ao reivindicar para si o pessimismo, anuncia, “quicá pela primeira vez, um pessimismo ‘além do bem e do mal’, aqui recebe a palavra e fórmula aquela ‘perversidade do modo de pensar’ contra a qual Schopenhauer não se cansa de arremessar de antemão as suas furiosas maldições e relâmpagos”<sup>56</sup>.

No exercício de sua “grande saúde [*Grunde gesund*]”<sup>57</sup>, Nietzsche articula uma visão de mundo em que, por um lado, “a dor não é vista como objeção à vida”<sup>58</sup> e, por outro, a saúde é compreendida enquanto por vir, “uma que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre se abandona e é preciso abandonar”<sup>59</sup>, com isso, constituindo a *grande saúde* como constante ultrapassamento de si. Oposta aos pessimismos “filosófico do século XIX”<sup>60</sup>, “romântico”<sup>61</sup>, “alemão”<sup>62</sup> e “pós-schopenhaueriano”<sup>63</sup>, à visão de mundo dionisíaca compete a “embriaguez [*das*

<sup>50</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer Educador*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2012. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. p. 184.

<sup>51</sup> Idem, *ibidem*, 2012p. 173.

<sup>52</sup> Idem, *ibidem*, 2012, p. 173.

<sup>53</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 11. [Tentativa de autocrítica].

<sup>54</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Tradução de: *Ecce homo: wie man wird, was man ist*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, 1ª reimpressão, 2009. p. 23. “*ich machte aus meinem Willen zur Gesuntheit, zum Leben, meine Philosophie.*”

<sup>55</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 16.

<sup>56</sup> Idem, *ibidem*, 2007. p. 16.

<sup>57</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Tradução de: *Ecce homo: wie man wird, was man ist*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, 1ª reimpressão, 2009. p. 81.

<sup>58</sup> Idem, *ibidem*, 2009. p. 81.

<sup>59</sup> Idem, *ibidem*, 2009. p. 81.

<sup>60</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Título original: *Die Fröhliche Wissenschaft*. p. 272 [aforismo 370]

<sup>61</sup> Idem, *ibidem*. p. 257 [aforismo 357]

<sup>62</sup> Idem, *ibidem*. p. 257 [aforismo 357]

<sup>63</sup> Idem, *ibidem*. p. 274 [aforismo 371]

*Rauschgefühl*”<sup>64</sup>. O “pessimismo dionisíaco”<sup>65</sup> assume a possibilidade de significação autêntica do pessimismo, distinguindo-se inteiramente do pensamento de Schopenhauer, que “necessitava de inimigos para ficar de bom humor; [...] de que se enraivecia por se enraivecer, por paixão; de que teria ficado doente, teria se tornado *pessimista* (–o que não era, por mais que o desejasse) sem os seus inimigos”<sup>66</sup>.

Enquanto para Schopenhauer “todo agradável é misturado com o desagradável”<sup>67</sup> e o sofrimento, com pesar, parece não se deixar eliminar sempre retornando, pois “a dança recomeça do início”<sup>68</sup>, Nietzsche proclama que “acreditaria somente num deus que soubesse dançar”<sup>69</sup>, afastando-se de qualquer “hostilidade à vida”<sup>70</sup>, de qualquer visão em que “a vida é difícil de suportar”<sup>71</sup>. Para Nietzsche, “o que é grandioso[...] é a transfiguração”<sup>72</sup>. “Enquanto Schopenhauer se detém na negação”<sup>73</sup>, “não compreende o sentimento que penetra plenamente em Nietzsche, o sentimento da solenidade da vida”<sup>74</sup>. “Dissestes alguma vez Sim a um só prazer? Oh, meus amigos, então dissestes também Sim a todo sofrimento. Todas as coisas são encadeadas, emaranhadas, enamoradas”<sup>75</sup>. Opondo-se fundamentalmente ao schopenhaueriano, o pessimismo dionisíaco expressa no *canto ébrio* de *Zaratustra*, “foi isso—a vida?”, direi à morte. ‘Muito bem! Mais uma vez!’”<sup>76</sup> assim expressa-se “a mais profunda e rigorosa diferença entre Nietzsche e Schopenhauer”<sup>77</sup>, “com o problema do valor da existência”<sup>78</sup>.

<sup>64</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 24.

<sup>65</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Título original: *Die Fröhliche Wissenschaft*. p. 274 aforismo 371

<sup>66</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. p. 88.

<sup>67</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p. 689.

<sup>68</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *MVR I*, 2015, p. 365.

<sup>69</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução, notas e Prefácio de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Cia das letras, 2011, p. 41.

<sup>70</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 17.

<sup>71</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução, notas e Prefácio de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Cia das letras, 2011, p. 41.

<sup>72</sup> TAYLOR, Charles. *As Fontes do Self: a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara, Dinah de Abreu Azevedo. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 569.

<sup>73</sup> SIMMEL, Georg. *Schopenhauer & Nietzsche*. Traduzido por Cesar Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011, p. 16.

<sup>74</sup> Idem, *ibidem*. p. 16.

<sup>75</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução, notas e Prefácio de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Cia das letras, 2011, p. 307.

<sup>76</sup> Idem, *ibidem*. p. 301.

<sup>77</sup> SIMMEL, Georg. *Schopenhauer & Nietzsche*. Traduzido por Cesar Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011, p. 17.

<sup>78</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Título original: *Die Fröhliche Wissenschaft*. p. 255 [aforismo 357].



Se a completa afirmação do estado volitivo, “exatamente esta vida assim conhecida é também enquanto tal desejada”<sup>79</sup>, mostra-se inaceitável para Schopenhauer, a partir dessa diferença fundamental, Nietzsche desenvolve sua crítica ao filósofo da compaixão e da renúncia aceitando a ‘perversidade’ rejeitada pelo antigo educador ao enunciar: “não existem absolutamente fatos morais. O julgamento moral tem isso em comum com o religioso, crê em realidades que não são realidades”<sup>80</sup>. Nietzsche desconstrói os pressupostos errôneos schopenhauerianos preenchendo as lacunas omitidas com o caráter pessoal de Schopenhauer, que supôs “que tudo existente não passa de algo querente”<sup>81</sup>, assim, denunciando a edificação da filosofia da vontade, “para que surja a vontade, é necessária antes uma ideia de prazer e desprazer”<sup>82</sup>. Nietzsche reinterpreta a interpretação schopenhaueriana da vontade, “o fato de um estímulo veemente ser sentido como prazer ou desprazer está ligado ao intelecto *interpretante*, que, é certo, em geral trabalha nisso de modo inconsciente para nós; e o mesmo estímulo pode ser interpretado como prazer ou desprazer”<sup>83</sup>. Com isso, o pensamento que tivera “a marca da honestidade e sinceridade”<sup>84</sup>, e “o selo da honestidade perfeita”<sup>85</sup> recebera, agora, a marca da dúvida e da suspeita [*soupçon*], “parece que ele nunca tentou analisar a vontade, pois *acreditou* na simplicidade e imediatidade de todo querer”<sup>86</sup>.

A inversão realizada por Schopenhauer, alocando a volição no fundamento do organismo e tornando a inteligência tardia, agora fora revertida em prol da vida, “apenas nos seres inteligentes há prazer, desprazer e vontade; a imensa maioria dos organismos não têm nada disso”<sup>87</sup>. Com a dúvida, destitui-se da compaixão o fundamento da moralidade, “é vantajoso para os sofredores que vocês o sejam?”<sup>88</sup> Deste modo, Nietzsche atribui pessoalidade ao fundamento da impessoalidade do filósofo “que toda a vida *suportou* a contradição entre ser e querer e o forçou a contradizer-se também em suas

---

<sup>79</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.329.

<sup>80</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*. p. 49.

<sup>81</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Título original: *Die Fröhliche Wissenschaft*. p. 150 [aforismo 127].

<sup>82</sup> Idem, *ibidem*, 2001, p. 150. [aforismo 127].

<sup>83</sup> Idem, *ibidem*, 2001, p. 150. [Livro III aforismo 127].

<sup>84</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. Volume I. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Ed. Unesp, 2015, p.XXXVI. Prefácio à primeira edição.

<sup>85</sup> Idem, *ibidem*, p. XXXVI. Prefácio à primeira edição.

<sup>86</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Título original: *Die Fröhliche Wissenschaft*. p. 150. [aforismo 127].

<sup>87</sup> Idem, *ibidem*, 2001, p. 150. [Livro III aforismo 127].

<sup>88</sup> Idem, *ibidem*. p. 266. [aforismo 338].

obras”<sup>89</sup>, conferindo interesse particular à “destruição da paixão e o silenciar da vontade”<sup>90</sup>, caracterizando no seu “modo de vida e enrijecimento estoico”<sup>91</sup> uma vontade “que gostaria de dar ao que tem de mais pessoal, singular e estreito, à autêntica idiossincrasia do seu sofrer, o cunho de obrigatória lei e coação, e como que se vingava de todas as coisas, ao lhes imprimir, gravar, ferretear, a sua imagem de tortura”<sup>92</sup>. O diagnóstico de Nietzsche para Schopenhauer, “sofria de *empobrecimento de vida*”<sup>93</sup>, por isso precisava de “silêncio, quietude, mar liso, redenção de si”<sup>94</sup>. Reconhecendo em si um modo próprio de sofrer, “por abundância de vida”<sup>95</sup>, fundamentalmente distinto, Nietzsche se afasta de Schopenhauer afirmando “compreendi mal”<sup>96</sup>, constituindo seu pensamento na “recusa [...] de qualquer forma de determinismo e causalidade”<sup>97</sup>.

Se, no século XIX, o pessimismo schopenhaueriano encontra críticas filosófico-pessoais, no século XX, o caráter pessoal permanece na filosofia, “era completamente egoísta. É difícil crer que um homem que estivesse profundamente convencido da virtude do ascetismo e da resignação não houvesse feito nenhuma tentativa para levar suas convicções à prática”<sup>98</sup>. A personalidade e as escolhas de Schopenhauer fundamentam análises de validade e significação de seu pensamento, “ele, habitualmente, comia bem, num bom restaurante; teve muitos casos de amor triviais, sensuais, mas não apaixonados; era excessivamente briguento e de uma avareza pouco comum”<sup>99</sup>. Sua filosofia encontra objeções em características pessoais e descritivas, “de um ponto de vista científico, tanto

---

<sup>89</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Título original: *Die Fröhliche Wissenschaft*. p. 123. [aforismo 99].

<sup>90</sup> Idem, ibidem. p. 217 [aforismo 326].

<sup>91</sup> Idem, ibidem. p. 217. [aforismo 326].

<sup>92</sup> Idem, ibidem. p. 272. [aforismo 370].

<sup>93</sup> Idem, ibidem. p. 272. [aforismo 370].

<sup>94</sup> Idem, ibidem. p. 272. [aforismo 370].

<sup>95</sup> Idem, ibidem. p. 150. [aforismo 127].

<sup>96</sup> Idem, ibidem. p. 272. [aforismo 370].

<sup>97</sup> KARASEK, Felipe Szyszka. *Sobre a interpretação da natureza: contribuições e limites do naturalismo para o problema da moral na filosofia de Nietzsche*. 2016. 167 f. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Tese, Doutorado em Filosofia, Faculdade de Filosofia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016, p. 139.

<sup>98</sup> RUSSELL, Bertrand. *History of Western Philosophy*. London: Routledge, 2004, p. 758. [Tradução nossa]. No original: “he was completely selfish. It is difficult to believe that a man who was profoundly convinced of the virtue of asceticism and resignation would never have made any attempt to embody his convictions in his practice.”

<sup>99</sup> Idem, ibidem, 2004, p. 758. [Tradução nossa]. No original: “He habitually dined well, at a good restaurant; he had many trivial love-affairs, which were sensual but not passionate; he was exceedingly quarrelsome and unusually avaricious.”

o otimismo como o pessimismo são passíveis de objeção [...] a crença no pessimismo ou no otimismo é uma questão de temperamento, não de razão”<sup>100</sup>.

Descrita pelo próprio autor como “*pensamento único*”<sup>101</sup>, a obra de Arthur Schopenhauer tem a verdade como “estrela guia”<sup>102</sup>, buscando a “significação do mundo que está diante de mim”<sup>103</sup>, declara a ausência de liberdade<sup>104</sup> e a existência humana determinada ao sofrimento<sup>105</sup>. Neste contexto compõe-se o problema norteador da presente tese. O mesmo *pensamento único* que descreve o julgamento moral como “essencialmente relativo”<sup>106</sup> expõe o *otimismo* como falso<sup>107</sup> e pernicioso<sup>108</sup> e, ao mesmo tempo, declara que “todos são devedores [*schuldig*]”<sup>109</sup> de “tolerância, paciência, consideração e amor ao próximo”<sup>110</sup>.

De modo aparente, estas afirmações se contradizem. Afirmar a valoração moral enquanto relativa, por um lado, e a perniciosidade de um posicionamento moral, por outro, constitui contradição. A relatividade do julgamento moral iguala qualquer valoração na moralidade retirando seu fundamento. Afirmar a ausência de liberdade parece enfraquecer, ou impossibilitar, a responsabilidade, a obrigação e o dever ao cuidado, atribuível a uma ética normativa. Se esta depende de uma não determinação, o pensamento do filósofo funda-se em contradição invalidando seu *pensamento único*, uma vez que a busca pela sobrevivência, representada no egoísmo, determina necessariamente a experiência humana.

Tão importante quanto a preocupação argumentativa e estrutural, a moralidade representa um objeto de investigação relevante na argumentação do filósofo. Na

---

<sup>100</sup> RUSSELL, Bertrand. *History of Western Philosophy*. London: Routledge, 2004. p. 759. [Tradução nossa]. No original: “Scientifically, there is no evidence that it is concerned with us either one way or the other. The belief in either pessimism or optimism is a matter of temperament, not of reason.”

<sup>101</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. XXV. Prefácio à primeira edição.

<sup>102</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. XLIII. Prefácio à segunda edição.

<sup>103</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 116. [§18].

<sup>104</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 334. [§55]. “a pessoa, que jamais é livre, embora seja a aparência de uma vontade livre [...]”

<sup>105</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 360.

<sup>106</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 418. [§65].

<sup>107</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p. 310.

<sup>108</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 310.

<sup>109</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012. p. 165 [§156].

<sup>110</sup> Idem, *ibidem*. p. 165. [§156].

consideração “mais séria”<sup>111</sup>, respectiva ao agir humano, a compaixão funda a condição da moralidade; assim, a metafísica dos costumes ocupa uma posição privilegiada no que se expõe como obra destinada ao verdadeiro. Disso resulta a necessidade de um pensamento que não fira o princípio da compaixão e, ao mesmo tempo, para ser coeso ao caráter orgânico de sua obra, em sua realização seja capaz de abarcá-lo. Contudo, “para ser imortal, uma obra precisa ter tantas qualidades, que não é fácil encontrar alguém capaz de compreender e valorizar todas; entretanto, uma qualidade é reconhecida e valorizada por determinada pessoa, outra qualidade, por outra pessoa”<sup>112</sup>. Se, por um lado, responsabiliza-se Schopenhauer por “colocar o afeto no lugar do dever”<sup>113</sup>, por outro lado, “não quer desenvolver uma moral em seu verdadeiro sentido”<sup>114</sup>. Enquanto identifica-se, em sua obra, que “a felicidade mais elevada é a fonte, não o objetivo, das boas ações”<sup>115</sup>, sua filosofia parece mostrar-se “completamente sem serventia para uma ética política”<sup>116</sup>.

A reflexão sobre a obra de Schopenhauer, seus elementos, seu propósito e a moralidade contida em sua realização, compõem um objeto filosófico singular. A análise dos elementos das obras poderia representar uma investigação relevante por si só caso se os abordasse por tema. Investigar escritos filosóficos relevantes e influentes para encontrar argumentações úteis para os nossos dias representa um ato moral. Analisar os temas contidos nos escritos para compreender o conjunto componente de uma obra representa uma busca por compreensão, e esta por si pode representar um ato moral uma vez que proporciona uma ruptura com a utilidade imposta ao campo do conhecimento. Pensar a significação moral do ato da escrita e da motivação de quem escreve contribui para a ressignificação de um pensamento, movimento fundamental para a compreensão de uma obra, e do significado e valor do escrito, ao mesmo tempo, insere quem escreve no mundo lido.

Inserida no contexto da pandemia *covid-19* e da verdade relativa do *pensamento único*, a presente tese, de natureza filosófica, privilegia-se da desnecessidade sistemática

---

<sup>111</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 313.

<sup>112</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 68.

<sup>113</sup> TUGENDHAT, Ernst. *Lições Sobre Ética*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 114.

<sup>114</sup> Idem, *ibidem*. p. 189.

<sup>115</sup> SCHELER, Max. *Zu einer philosophischen Lehre von Schmerz und Leiden* in *Schriften zur Soziologie und Weltanschauungslehre* p. 332. “*Glück höherer Stufe ist ‘Quelle’ des guten Handelns, nicht Ziel*” tradução nossa.

<sup>116</sup> TUGENDHAT, Ernst. *Lições Sobre Ética*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 181.

do século presente em relação aos anteriores, em especial ao Idealismo alemão, e, ao mesmo tempo, parte do *pessimismo* nos aspectos coincidentes entre os séculos XIX e XXI, tal como a incontornável natureza orgânica do humano, na busca por contribuir ao pensamento brasileiro com uma construção e revisão de um pensamento influente no Brasil e no mundo, permitindo-se, metodologicamente, o entrelaçamento e a justaposição das partes do *pensamento* que parecem fragmentá-lo. Assumindo a possibilidade de que “o pessimismo de Schopenhauer é sua humanidade”<sup>117</sup> e que seu pensamento lega um “maior enriquecimento de nosso sentido das profundidades interiores de um ser humano, um sentido renovado de nosso vínculo com o todo da natureza”<sup>118</sup>, a presente tese se propõe analisar o *pensamento único* a partir das próprias palavras do autor “sou pessimista, não misantropo; ao contrário, dediquei minha aversão ao otimismo”<sup>119</sup>.

Se o *pensamento único* é (a) *pessimismo* e (b) dedicado à *verdade*, como é possível afirmar a relatividade da valoração moral e, ao mesmo tempo, (c) a falsidade e perniciosidade do *otimismo* e (d) a responsabilidade moral? Determinação e responsabilidade são elementos tradicionalmente considerados inconsistentes entre si. Para fornecer esclarecimento e, possivelmente, uma resposta ao problema norteador, a presente tese investiga a aparente contradição estabelecida na relação entre *obra*, *verdade* e *crítica ao otimismo* para compreender se ‘pessimismo’ pode ocupar um lugar mais que accidental, não apenas atribuído por uma crítica externa, mas talvez essencial, constituído por uma crítica interna.

Para tanto, respeita-se a tendência dos séculos XIX a XXI da biografia do autor sem, entretanto, instituir-se reducionista. Partindo da premissa de que a obra se origina da comunhão entre os estudos da medicina e, posteriormente, filosofia, de Schopenhauer, analisa-se, no primeiro capítulo, o foco central do *pensamento único* para determinar uma base fundamental, e nela compreender “o que se deve entender por vontade?”<sup>120</sup> e qual relação esta mantém com a verdade e com a realização da obra.

---

<sup>117</sup> MANN, Thomas. Schopenhauer. In: *O pensamento vivo de Schopenhauer*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1975. p. 48. No original: “*Schopenhauer Pessimismus, das ist seine Humanität*”.

<sup>118</sup> TAYLOR, Charles. *As Fontes do Self: a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara, Dinah de Abreu Azevedo. 4ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 570

<sup>119</sup> LEFRANC, Jean (org.). *Schopenhauer*. Paris: Éditions de l’Herne, 1997. p. 256. Schopenhauer apud Frédéric Morin, entrevista em 1858. No original: “*Je suis pessimiste, je ne suis pas misanthrope; au contraire, j’ai voué ma haine à l’optimisme*”.

<sup>120</sup> FOUCAULT, Michel. *Aulas sobre a Vontade de Saber*. trad. Rosemary Cothek Abílio. Ed.2. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018. p. 4.

Dado que o *pensamento único* se caracteriza pela sujeição da consciência à volição, a presente tese assume, em vez dos termos *Sujeito da Vontade* e *Sujeito do Puro Conhecimento*, as noções de *estado volitivo* e *estado não volitivo*, respectivamente. Assim, dois estados físico-espirituais distintos constituem sujeitos, o da vontade e o do puro conhecer, cujos mundos não podem coexistir, senão enquanto vivenciados internamente na forma do conflito; expõem-se como parâmetro da investigação numa abordagem que propõe a escrita do *pensamento* desde sua coesão orgânica<sup>121</sup>, perpassando desde a obra magna *O Mundo como Vontade e Representação* e seus prefácios, até a tese de doutoramento *Sobre a Quadrúplice Raiz do Princípio de Razão Suficiente*, os *complementos* e os *Parerga e Paralipomena*, para que, assim, a partir de sua relação com a *verdade*, entendida como “sistema do verdadeiro e do falso”<sup>122</sup>, e com a filosofia, a relação do autor com a sua própria obra se torne evidente, sem entretanto destituir de conflitos sua descrição.

Para Schopenhauer, o mundo destituído de valor moral caracteriza-se como perversidade do pensamento, e, ao mesmo tempo, a valoração moral constitui-se essencialmente relativa. Para que o *pensamento* subsista não contraditório, a presente tese apoia-se numa base fundamental, no primeiro capítulo, para proporcionar um parâmetro que compreenda tanto a existência quanto a relatividade morais coesas de modo que possibilitem, no segundo capítulo, a produção de um conceito de otimismo que, conforme sua caracterização no *pensamento único*, deve esclarecer sua relação com a *verdade* e a dimensão de pertencimento. Na análise entre elementos componentes do problema norteador: *obra, verdade, relatividade moral e crítica ao otimismo*, uma concepção de pessimismo oriunda do *pensamento* deve tornar-se evidente, demonstrando, em sua natureza, se participa necessariamente na verdade da obra, se sua definição é abrangida pelas existentes, e, ainda, se dotada de significação ética.

Para compor-se um “pessimismo ético”<sup>123</sup>, o *pensamento* deve conter em seus elementos a aptidão para responder à imputação moral. Se a negação da vontade é “a fonte de todas as ‘formas superiores’ da consciência e do saber na metafísica, na arte, no

---

<sup>121</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. 1º Tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. XXV. Prefácio à primeira edição.

<sup>122</sup> FOUCAULT, Michel. *Aulas sobre a Vontade de Saber*. trad. Rosemary Cothek Abílio. Ed.2. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018. p. 6.

<sup>123</sup> MANN, Thomas. Schopenhauer. In: *O pensamento vivo de Schopenhauer*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1975.

*éthos* da compaixão”<sup>124</sup> então nela deve estar contida a capacidade para a responsabilidade moral. Portanto, se for possível responder à exigência, a responsabilidade moral independerá de liberdade absoluta, e o *pensamento* acabará por conciliar liberdade e determinação. No terceiro capítulo, a presente tese assume que “a ideia de que um pensamento pessimista é necessariamente desencorajador é pueril”<sup>125</sup> e que, “de fato, uma filosofia negativa não é incompatível com uma moral da liberdade e da coragem”<sup>126</sup>. Contudo, uma vez que a filosofia possui limitações metodológicas e que Schopenhauer não estabelece princípios morais, faz-se necessário investigar outras instâncias do seu *pensamento*, que participem na sua verdade, para compreender se o pessimismo pode, por um lado, capacitar para a responsabilidade, e, por outro, constituir uma concepção *ética* de pensamento, provando a negação possibilitadora do viver e o autor, em consonância com seu pensamento, “capaz de amor”<sup>127</sup>. A elucidação, ao fim, do problema norteador, assim como a questão da atualidade e contribuição de Arthur Schopenhauer para o pensamento moral contemporânea são questões que “só poderão ser resolvidas totalmente, sem dúvida, no final do percurso”<sup>128</sup>.

---

<sup>124</sup> SCHELER, Max. *A posição do homem no cosmos*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 56. No original: “*jene Negation [...] der Quell ist aller ‘höheren Formen’ des Bewußtseins und Wissens in Metaphysik, Kunst, Mitleidsethos*”.

<sup>125</sup> CAMUS, Albert. 1944, Éditorial du 3 novembre 1944 de *Combat*. In: *À Combat*, Paris, Gallimard Folio Essais, 2002, p. 323 *L’idée qu’une pensée pessimiste est forcément découragée est une idée puérile*

<sup>126</sup> CAMUS, Albert. 1944, Éditorial du 3 novembre 1944 de *Combat*. In: *À Combat*, Paris, Gallimard Folio Essais, 2002, p. 323. “*philosophie négative n’est pas incompatible, dans les faits, avec une morale de la liberté et du courage*”.

<sup>127</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. O Mundo como vontade e como representação. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 437. [§67].

<sup>128</sup> FOUCAULT, Michel. *Aulas sobre a Vontade de Saber*. trad. Rosemary Cothek Abílio. Ed.2. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018. p. 5.

## 1 O PENSAMENTO COMUNICA A OCASIÃO DA VERDADE

*C'est un mouvement irregulier, perpetuel, sans patron et sans but*  
[ É um movimento irregular, perpétuo, desordenado e sem rumo]

Montaigne: Essais, Livre III, Chapitre XIII;

### 1.1 A BASE ORGÂNICA FUNDAMENTAL DO PENSAMENTO

A partir de uma base fisiológica e metafísica se pode considerar a relação do *pensamento único* com a verdade e as condições de sua comunicação conduzindo a reflexão sobre a natureza da obra, e possivelmente, da escrita do autor. Nos prefácios de sua obra magna, *O Mundo como Vontade e Representação*, 1819, está identificado o primeiro componente da reflexão acerca da pergunta pela relação entre obra, verdade e valoração moral<sup>129</sup>. Vinculando os escritos ao ato de escrever e comunicar, o *pensamento* relaciona a obra com a pessoa que a lê; os elementos da composição tornam-se não apenas conectados por meio das declarações, mas simultaneamente responsáveis pela realização de seu sentido. O sentido do pensamento deve, ao menos em alguma medida, algo à sua condição e possibilidade, e, portanto, ter a filosofia como natureza.

Em detrimento da Universidade de Jena, Schopenhauer opta pela de Göttingen<sup>130</sup>, tornada um conhecido centro das *ciências naturais* por Albrecht von Haller<sup>131</sup>, matriculando-se em *medicina*<sup>132</sup> e consagrando-se aos estudos científicos<sup>133</sup>, estuda *fisiologia* com Blumenbach<sup>134</sup>, e concentra seus estudos nas *ciências físicas e biológicas*<sup>135</sup> sem, porém, ocultar suas inclinações filosóficas<sup>136</sup>. Posteriormente, por conselho do professor Gottlob Ernst Schulze,<sup>137</sup> dedica-se a Platão e Kant. Wieland, o Voltaire alemão [*der deutscher Voltaire*], falha em dissuadir Schopenhauer de mudar de curso, “a vida é um assunto delicado, decidi me dedicar ao seu pensamento [*das Leben*

<sup>129</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.XXV. Prefácio à primeira edição; p. XXXIII. Prefácio à segunda edição; p. XLV. Prefácio à terceira edição.*

<sup>130</sup> SAFRANSKI, Rüdiger. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia. Tradução de William Lagos. São Paulo: Geração Editorial. 2011, p. 190.*

<sup>131</sup> Idem, *ibidem*. p. 192.

<sup>132</sup> Idem, *ibidem*. p. 195.

<sup>133</sup> Idem, *ibidem*. p. 194.

<sup>134</sup> Idem, *ibidem*. p. 196.

<sup>135</sup> Idem, *ibidem*. p. 195.

<sup>136</sup> Idem, *ibidem*. p. 196.

<sup>137</sup> Idem, *ibidem*. p. 198.



*ist eine missliche sache: ich habe mir vorgesetzt, es damit hinzubringen, über dasselbe nachzudenken]*”<sup>138</sup>; migra para a filosofia no terceiro semestre na Universidade<sup>139</sup>, após o quarto transfere-se para a de Berlim<sup>140</sup> por interesse no pensamento de Fichte<sup>141</sup>.

O *pensamento único*, manifesto em “quatro pontos de vista”<sup>142</sup>, pode ser traçado, se não inteiramente, ao menos, em sua quase completude neste percurso acadêmico. Na *primeira consideração* de seu escrito capital, *o objeto da experiência e da ciência*, Schopenhauer associa a subjetividade ao mundo, e ao mesmo tempo insere esta conexão no mundo vivo, ao estabelecer a validade da primeira afirmação para cada ser que vive e conhece<sup>143</sup>. Se “a menor parte não pode ser plenamente compreendida sem que o todo já o tenha sido previamente”<sup>144</sup>, a primeira sentença “*o mundo é minha representação*”<sup>145</sup> deve ser e estar, necessariamente, relacionada com as demais *considerações* da obra magna; assim, o sentido da declaração, para ser plenamente compreendido, depende da relação ao todo do *pensamento*.

*Representação e [und] vontade* não são dois termos distintos um do outro mas um e o mesmo, que, decomposto, apresenta seus componentes simultâneos e indissociáveis, no ordenamento das exposições aparecendo intercalados, cada um em duas *considerações*, sem perderem sua unidade. A primeira e terceira *considerações* examinam o mundo por meio da *representação*, a segunda e a quarta, pela *vontade*, cada uma com objetos respectivos e verdades particulares. A necessidade de “uma primeira e uma última linha”<sup>146</sup> impõe ao escrito o caráter da organicidade, ao mesmo tempo, cada ponto de vista depende de seu próprio fundamento apoiando nele sua coerência.

*O objeto da experiência e da ciência, primeira consideração sobre a representação*, encontra-se entrelaçado à objetivação da vontade, *primeira consideração acerca da vontade*. A *filosofia primeira*, “investigação sobre a faculdade de

<sup>138</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Arthur Schopenhauer: Gespräche* (ed. Arthur Hübscher). Stuttgart / Bad Canstatt 1971, p. 22.

<sup>139</sup> SAFRANSKI, Rüdiger. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia*. Tradução de William Lagos. São Paulo: Geração Editorial. 2011, p. 196.

<sup>140</sup> Idem, *ibidem*. p. 224.

<sup>141</sup> Idem, *ibidem*. p. 230.

<sup>142</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. 1º Tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. XXVII. Prefácio à primeira edição.

<sup>143</sup> Idem, *MVR I*, 2015. [§1].

<sup>144</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. XXVI. Prefácio à primeira edição.

<sup>145</sup> Idem, *MVR I*, 2015. p. 3

<sup>146</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. XXVI. Prefácio à primeira edição.

conhecimento”<sup>147</sup>, ainda que destinada à reflexão de “suas formas e leis, assim como de sua validade e de seus limites”<sup>148</sup>, não pode ser dissociada da, mas é intrínseca à Metafísica da Natureza<sup>149</sup>, o “mais característico e importante” de sua filosofia<sup>150</sup>.

Ainda que seu pensamento esteja diretamente ligado ao de Kant<sup>151</sup>, antecipa ao leitor, no prefácio, que o objeto encontra-se condicionado pelo sujeito sem, no entanto, que esse princípio, de *quadríplice raíz*, preceda todas as coisas<sup>152</sup>, de modo que “o mundo não existe só como sua consequência e em conformidade com ele”<sup>153</sup>. Esta abertura contida na obra representa uma fenda no mundo, apresentando ao leitor a possibilidade de compreensão que, ainda em sua coesão, não encerra a possibilidade da experiência, mas situa a escrita numa relação fluida com a verdade, relacionando-se com ela sem poder apreendê-la.

### 1.1.1 A Experiência Metafísica

Se o mundo, por um lado, existe pela conformação intelectual, por outro, o conteúdo do mundo conhecido não se deixa resumir pela conformidade, evidenciando, assim, que “a conexão entre a parte empírica do nosso conhecimento e a parte pura e *a priori* [...] é a pedra fundamental do mundo da experiência [*Grundstein der Erfahrungswelt*]”<sup>154</sup>. O conhecimento do mais fundamental depende da experiência, não podendo ser subtraído das formas do intelecto, tampouco encontrado nos detalhes da matéria, devendo, portanto, ser procurado na relação entre o sujeito e mundo que lhe concerne: “não partimos do objeto nem do sujeito, mas da representação [*Vorstellung*], que já contém e pressupõe a ambas”<sup>155</sup>.

Na conformação da matéria o sujeito se impõe, mas não determina seu estofa e,

<sup>147</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. São Paulo: Editora Hedra, 2010. p. 47.

<sup>148</sup> Idem, *ibidem*. p. 47.

<sup>149</sup> Idem, *ibidem*. p. 48.

<sup>150</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 293.

<sup>151</sup> “A filosofia de Kant [...] é a única cuja íntima familiaridade é requerida para o que aqui será exposto.” SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. XXIX. Prefácio à primeira edição.

<sup>152</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. XXVII. Prefácio à primeira edição.

<sup>153</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. XXVII. Prefácio à primeira edição.

<sup>154</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 448.

<sup>155</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 29. [§7].

por isso, descobre que “toda a essência da matéria consiste em seu fazer-feito”<sup>156</sup>. Desta constatação surge a possibilidade de compreensão da experiência ao mesmo tempo que evidencia a impotência definitiva que não pode ser transposta em palavras ou pensamento. Estes, condicionados às formas do entendimento, partilham de suas limitações e esbarram nas suas formas. Na estrutura da experiência do mundo *algo* se insinua, correlato à matéria, “o entendimento nunca seria usado, caso não houvesse algo mais, de onde ele partisse”<sup>157</sup>. O mundo enquanto *representação* implica uma existência, em alguma instância, representada. Por um lado, a existência do mundo na exterioridade não existe para a exterioridade mas *para órgãos e membros de um corpo*, para tornarem-se, nos sentidos<sup>158</sup>, uma sensação e fornecerem material ao entendimento, mas por outro, “as afecções [...] são para o entendimento o ponto de partida da intuição do mundo”<sup>159</sup>, de modo que apenas pelas afecções o mundo existe.

Por existirem em relação à experiência, as palavras não podem narrar um acontecimento atemporal que exista para além dela. Se houvesse tempo antes de sua inauguração no intelecto, poder-se-ia identificar o atual estado do corpo a um efeito cuja causa estaria numa interação entre objetos participantes na mesma dimensão, mas a temporalidade limita-se ao tempo, e uma tal coisa que sustentasse ou fundasse o intelecto não seria submetida a causalidade. Se o corpo se movesse em relação a algo metafísico que lhe fosse intrínseco, desconhecido, este movimento não seria passível de descrição causal; tal vocabulário pertence a objetos físicos, corpos que fazem efeito uns sobre os outros, que partilham tempo e espaço, participam no mesmo mundo.

Os órgãos dos sentidos existem à espera do tempo. Se algo existe atemporalmente, manifestando-se na temporalidade, não se pode atribuir-lhe finitude, antes e depois, mas infinitude e simultaneidade – “todo ato verdadeiro, autêntico, imediato da vontade é também simultânea e imediatamente ato [...] do corpo”<sup>160</sup> –, não sendo possível atribuir causalidade entre interioridade do corpo e a expressão do movimento. A mesma condição se aplica à perturbação do “curso de suas funções vitais”<sup>161</sup> pela relação do organismo com a realidade exterior, tanto em sua aparência

---

<sup>156</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. 1º Tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 22. [§6].

<sup>157</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.22. [§6].

<sup>158</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.22. [§6].

<sup>159</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.116. [§18].

<sup>160</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.118. [§18].

<sup>161</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.118. [§18].

quanto em seu mistério. O organismo sente a si mesmo de modo distinto da exterioridade, mas para ele os demais corpos são exterioridade destituída de interior. As forças da natureza interagem umas com as outras, simultaneamente, manifestando conflitos no mundo, “a existência do inorgânico é a todo momento atacada e finalmente obliterada pelas forças químicas”<sup>162</sup>, a matéria altera sua *forma*, dependente da cognição, sem que o estofado seja aniquilado. “Produto das funções do intelecto”<sup>163</sup>, o mundo em sua inteira conformação é elaborado nos órgãos dos sentidos ocasionando o *estado atual*, mediador da relação do organismo com o mundo e ponto de contato com o *mistério*.

O *fora* transcende o tempo, o espaço e a causalidade, sempre presente, infindo, incansável e inacessível, uma instância fundamental e imaterial indistinta no organismo, no corpo, um movimento, *esforço, ânsia, [Streben]*, o elemento “primeiro e originário”<sup>164</sup> na abstração através do qual o mundo existe não podendo suprimir ou silenciar sem que desapareça junto, sua condição é a veemência.

todo esforço nasce da carência, do descontentamento com o próprio estado e é, portanto, sofrimento pelo tempo em que não for satisfeito; nenhuma satisfação, todavia, é duradoura, mas antes sempre é um ponto de partida de um novo esforço, o qual, por sua vez, vemos travado em toda parte de diferentes maneiras, em toda parte lutando, e assim, portanto, sempre como sofrimento: não há nenhum fim último do esforço, portanto não há nenhuma medida e fim do sofrimento<sup>165</sup>.

Assim, o organismo pode continuar existindo unicamente graças ao seu sofrimento, não havendo “fim último do esforço”<sup>166</sup>. Neste reside o “constitutivo do núcleo, do em si de toda coisa, aquilo que em nós mesmos se chama *vontade*”<sup>167</sup>, acompanhando cada instante do corpo resistente na própria vida. Pela sua capacidade de recepção, o organismo persiste em si reagindo aos estímulos e evitando o sofrimento; o “solo e fundamento”<sup>168</sup> de sua

<sup>162</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 139. [§144].

<sup>163</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 448.

<sup>164</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 97.

<sup>165</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.358. [§56].

<sup>166</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.358. [§56].

<sup>167</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.358. [§56].

<sup>168</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 138. [§144].

existência ampara-se no “evanescente presente”<sup>169</sup>, sustentado no “contínuo movimento”<sup>170</sup>. Este, que em si mesmo misterioso, contém a condição do que é vivo; “a existência orgânica só é possível pela constante troca de matéria, que exige fluxo contínuo, por conseguinte uma ajuda de fora”<sup>171</sup>. Do contato com a dimensão do mistério, o corpo conhece apenas seu efeito identificado na forma de *estado atual*, existindo unicamente para as condições da representação, espaço, tempo e causalidade.

A base fundamental realiza-se em consonância ao pensamento fisiológico do século XIX. Em *A objetivação da vontade no organismo animal*, o pensamento único apresenta-se enquanto comentário filosófico da fisiologia, *Investigações Fisiológicas sobre a Vida e a Morte* [*Recherches Physiologiques sur La Vie et La Mort*], de Marie François Xavier Bichat<sup>172</sup>, sem que incorra em redução ou simplificação, pois “tudo o que é físico também é, por outro lado, metafísico”<sup>173</sup>; assim, Schopenhauer recomenda a leitura de ambos, “melhor compreendidos se forem lidos juntos”<sup>174</sup>. Dois elementos são traçados nesta compatibilidade, primeiro, os termos condizentes ao cerne do *pensamento único*, presente no título de sua obra magna, responsáveis pela descrição da realidade orgânica na constituição da experiência humana: a *vontade* [*Wille*] corresponde à *vida orgânica*<sup>175</sup> [*vie organique*] de Bichat, identificada na função do coração, do intestino e dos órgãos internos, começa antes e termina depois do segundo elemento, a *vida animal*<sup>176</sup> [*vie animale*], identificada nos órgãos simétricos, membros do corpo e nas funções cerebrais, correspondendo à *representação* [*Vorstellung*]. Esta composição resguarda a filosofia kantiana, mundo condicionado ao intelecto, e, ao mesmo tempo, fornece a possibilidade de compreender o mundo em seu duplo caráter, externo e interno, acompanhando as investigações científicas da época e assumindo a partir delas uma confirmação de seu próprio pensamento conforme subtítulo do escrito *Sobre a Vontade na Natureza: uma discussão das confirmações que a filosofia do autor obteve das ciências empíricas desde seu aparecimento*, 1836.

---

<sup>169</sup> Idem, *ibidem*. p. 138.

<sup>170</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 138.

<sup>171</sup> Idem, *ibidem*. p. 139. [§144].

<sup>172</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 388.

<sup>173</sup> Idem, *MVR II, Vol. 1, 2014*, p. 268.

<sup>174</sup> Idem, *MVR II, Vol. 1, 2014*, p. 388.

<sup>175</sup> Idem, *MVR II, Vol. 1, 2014*, p. 389.

<sup>176</sup> Idem, *MVR II, Vol. 1, 2014*, p. 389.

Assim, a “representação não é o único, mas apenas um lado do mundo, por assim dizer, o seu lado exterior: o mundo ainda possui um outro lado completamente diferente, a sua essência mais íntima, o seu núcleo, justamente a coisa-em-si”<sup>177</sup> pensada na estrutura kantiana. A essência, acessível por meio da intimidade, torna-se possível porque “o investigador mesmo se enraíza neste mundo [*wurzelt er selbst in jener Welt*] encontra-se nele [*findet sich [...] in ihr*]”<sup>178</sup>. Quanto a sua significação, “não podemos penetrar a partir de fora”<sup>179</sup>. Vontade, “a palavra do enigma [*das Wort des Rätsels*]”<sup>180</sup> não se permite desvendar separada do mundo, o corpo [*Leib*] é função da vontade<sup>181</sup>, “ela é anterior ao corpo”<sup>182</sup>. Nesta instância, encontra-se o segundo elemento de compatibilidade entre Bichat e Schopenhauer permitindo acessar a condição da experiência humana, “a vida é o conjunto de funções que resistem à morte [*la vie est l'ensemble des fonctions qui résistent à la mort*]”<sup>183</sup>.

A vida não habita o corpo, não possui a capacidade de existir por suas próprias condições, não é substancial, ao contrário, resulta de um movimento, de natureza incompreensível, contínuo, capaz de sustentá-la enquanto se manifesta em sua veemência. O organismo reage ao mundo de acordo com a intensidade que lhe compete, “a finalidade do organismo representa a unidade da vontade que se objetiva nele, a qual, porém, é compreendida em nossa apreensão ligada ao espaço como uma multiplicidade de partes que se combinam em vista de um fim”<sup>184</sup>. A simultaneidade da representação e da vontade compõe-se na relação de uma dicotomia, exterioridade e interioridade.

A representação, ou fenômeno, é “uma ocorrência [*Vorgang*] fisiológica muito complicada no cérebro de um animal”<sup>185</sup>, mas, também, é fundamentalmente “a consciência imediata das mudanças do corpo”<sup>186</sup>, e, assim, representa o próprio estado e condição percebidos em meio ao movimento. A experiência, condicionada pelos órgãos

<sup>177</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. 1º Tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015 p. 36. [§7].

<sup>178</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.116 [§18].

<sup>179</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1*. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 299.

<sup>180</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.116.

<sup>181</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 325.

<sup>182</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 325.

<sup>183</sup> BICHAT, Xavier. *Recherches physiologiques sur la vie et la mort. (Première Partie) et autres textes*. G-F Flammarion: Paris. 1994, p.57.

<sup>184</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 79. [§29].

<sup>185</sup> Idem, *MVR II*, Vol.1, 2014, p. 389.

<sup>186</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 22. [§6].

e membros, percebe o mundo na cognição do próprio corpo afetado pela exterioridade, mas o que é afetado pela exterioridade é a sua interioridade. “As simples mudanças que os órgãos dos sentidos sofrem de fora, mediante ações que são aptos a receber, já devem ser nomeadas representações, se semelhantes ações não despertarem dor nem prazer”<sup>187</sup>; as afecções fornecem aparência ao mundo, pois “os fenômenos são os motivos para os fins [*Zwecke*] de um indivíduo, tal como eles se apresentam no intelecto, produzidos pela vontade para essa finalidade”<sup>188</sup>, na percepção do mundo por meio dos órgãos dos sentidos. Mas, para a interioridade, é necessária uma linguagem específica; apenas na dor e no prazer os fenômenos são dotados de significação imediata para a vontade<sup>189</sup>; “todo movimento excessivo e veemente da vontade, isto é, cada afeto, abala imediatamente o corpo e sua engrenagem interior e perturba o curso de suas funções vitais”<sup>190</sup>. Esse movimento contínuo sustenta a vida. O organismo é a reação ao estado presente e a sensação que dela decorre, reage aos efeitos na sensação presente, no próprio estado. O exterior da superfície recebe dos sentidos a aparência de ambiente conformando o entorno do organismo que nessa relação encontra-se continuamente em alguma condição percebida agradável ou desagradável.

A dor não é conhecida pelo entendimento, mas é conhecida de modo independente da representação; a experiência, que esbarra no mistério, sente em si a interferência direta do exterior no seu funcionamento, assim, a dor é sentida positivamente como contato com o fora afetando imediatamente a interioridade, e o prazer, negativamente, é reação à ausência no afastamento daquele contato. O agora, sentido no estado do corpo, constata que a dor não mais ocorre e, assim, não há mais ímpeto na direção oposta àquele toque, sente alívio.

Na conformação da existência, o sentido reside na dor enquanto destino, ela é “a finalidade mais imediata e próxima de nossa vida”<sup>191</sup>, ponto de contato com o desconhecido, vínculo com a intimidade, fundante da experiência humana, “se origina da miséria essencial à vida e da qual o mundo está repleto”<sup>192</sup>. A dor é sentida na obstrução

---

<sup>187</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. 1º Tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015 p. 23. [§6].

<sup>188</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1*. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 419.

<sup>189</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.23. [§6].

<sup>190</sup> Idem. *O Mundo como vontade e como representação. 1º Tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.118. [§18].

<sup>191</sup> Idem. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 147. [§148].

<sup>192</sup> Idem, *ibidem*, 2012, p. 147. [§148].

da vontade manifesta em movimentos internos ou ações externas, a vontade está “ativa nos processos internos que antecedem essas ações externas com sua condição, que criam e mantêm a vida orgânica e o seu substrato, e também a circulação sanguínea, a secreção e a digestão são obra sua”<sup>193</sup>. O mundo é uma experiência íntima desconhecida da exterioridade conferida ao mundo por cada ser que resiste.

Na sua aparência, a natureza se exterioriza enquanto força [*Kraft*]; em seu íntimo, se exprime na espontaneidade, na volição, no impulso. Esta vontade se manifesta conflitante consigo mesma: por um lado afeta, por outro, afetada, equipa “todos os animais com os órgãos necessários para sua manutenção e apoio”<sup>194</sup>, meios para resistir e perseverar frente às diferentes obstruções ao seu movimento, equipamentos que surgem “em consequência das crescentes *necessidades* e, portanto, a serviço da *vontade*”<sup>195</sup>. Cada animal tem um corpo para si, existindo nos órgãos que o compõe para enfrentar o exterior, conhecidos pela aparência. Mediando a experiência humana, um “aparelho grande e engenhosamente concebido para as funções complexas variadas que se relacionam com as incessantes e irregulares mudanças do mundo externo”<sup>196</sup>, permite o seu desenvolvimento e sobrevivência.

### 1.1.2 O Testemunho do Organismo

O *pensamento único* é caracterizado pela sujeição do intelecto à instância volitiva, a cognição é “função de uma parte do corpo”<sup>197</sup>, o cérebro, “a verdadeira fisiologia, no que tem de melhor, explica o que há de espiritual no humano (a cognição) como produto do que nele é físico; e isso realizou Cabanis<sup>198</sup> como nenhum outro”<sup>199</sup>. Com seus meios, os fisiologistas contribuem para “mostrar que todos os fenômenos, até mesmo os psíquicos (*geistigen*) são físicos, e com razão”<sup>200</sup>. Entretanto, apesar de seus

<sup>193</sup> Idem. *Sobre a Vontade na Natureza*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 68.

<sup>194</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 410.

<sup>195</sup> Idem, *MVR II*, Vol.1, 2014, p. 411.

<sup>196</sup> Idem, *MVR II*, Vol.1, 2014, p. 383.

<sup>197</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 67.

<sup>198</sup> CABANIS, P.-J.-G. *Rapports du Physique et du Moral de l'Homme*. 3eme édition. Paris: Caille et Ravier, 1815. [Pierre Jean Georges Cabanis, fisiologista francês séc XIX].

<sup>199</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 67.

<sup>200</sup> Idem, *MVR II*, Vol.1, 2014, p. 268.



estudos e reconhecer os avanços no campo, Schopenhauer não realiza uma fisiologia. Na *primeira consideração* do mundo enquanto vontade, a identidade do próprio corpo com a própria vontade é denominada *verdade filosófica* [*philosophische Wahrheit*]. A dor funda e determina a experiência humana como aos demais organismos e corpos, “toda ação sobre o corpo é também simultânea e imediatamente ação sobre a vontade, que enquanto tal se chama dor, caso a contrarie, ou bem-estar, prazer, caso lhe seja conforme”<sup>201</sup>, variando em gradações no espectro de dois limites.

A dimensão da realidade estrutura-se no organismo e no entendimento, onde “cada força e lei natural, não importa onde se exteriorize, tem de primeiro ser conhecida imediatamente e apreendida intuitivamente [...] antes de aparecer *in abstracto* na consciência refletida para a razão”<sup>202</sup>, determinando as leis do mundo exterior no qual habita. Como os demais animais, suas funções superiores estão submetidas às volitivas, orgânicas, “tudo nele deve conspirar à finalidade última, a vida desse animal”<sup>203</sup>. O mundo, em toda a sua aparência, é contido pelo intelecto e não existe fora dele, as suas formas são as mesmas. Mas, além de uma posição ocupada no espaço, o humano existe fundamentalmente numa forma específica do tempo.

Assim como a *vida* não é substância, mas produto de funções de um organismo e sustentada no movimento que a realiza, o *eu* e o *agora* existem sob a mesma circunstância. Toda consciência depende de um intelecto, que “não pode existir por si mesmo, mas só pode aparecer como instrumento de uma vontade ou (para falar de modo realista) um cérebro só é possível como parte de um organismo”<sup>204</sup>. No humano, toda a sua faculdade receptiva unifica-se em um ponto<sup>205</sup>, todos os estímulos convergem para o foco. Desta unificação resulta o eu e o agora por meio da consciência. O que conhece não pode ser conhecido<sup>206</sup>, existe “voltado para fora”<sup>207</sup>.

Elo entre interioridade e exterioridade, o eu medeia a sensação do fora, convergindo nele a realidade. Nenhuma forma pertence ao mundo abstraído em si mesmo,

---

<sup>201</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. 1º Tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015 p. 118. [§18].

<sup>202</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.23 [§6].

<sup>203</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 107.

<sup>204</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 104. [§49].

<sup>205</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 311.

<sup>206</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p. 244.

<sup>207</sup> *Idem*, *MVR II*, 2015, p. 300.

mas o organismo “assume dois agoras, um que pertencente ao objeto, e outro que pertence ao sujeito [...] apenas o ponto de contato do objeto, cuja forma é o tempo, com o sujeito, que não possui figura alguma do princípio de razão como forma, constitui o presente”<sup>208</sup>. O organismo se realiza no esforço contínuo e inexato, “somente o presente é aquilo que sempre existe e se mantém firme e imóvel, empiricamente apreendido, é o mais fugidivo de tudo; [...] se apresenta como o único permanente”<sup>209</sup>. Sustentada no exercício de suas funções, a vida tem no presente a sua forma<sup>210</sup>.

A vontade é corpo vivo, “quando, durante o sono profundo, é abandonada pelo intelecto [...] atua como força vital [*Lebenskraft*], cuida da economia interna do organismo com menos interrupção, e como *vis naturae medicatrix*, remedia os problemas que havia acontecido com ele”<sup>211</sup>. Incansável, a vontade se esforça no próprio corpo, obstrui a si mesma manifestando-se nos corpos exteriores, “as diversas forças naturais e formas orgânicas disputam entre si a matéria [...], com isso, *perpetua-se uma luta contínua de vida e morte*, que gera a *resistência* pela qual o esforço constitutivo da essência mais íntima das coisas é em toda parte travado”<sup>212</sup>. A vida resiste em empenho próprio em conflito insolúvel, “do ponto de vista físico, [...] assim como o andar é de fato uma queda continuamente evitada, a vida de nosso corpo é apenas *um morrer continuamente evitado*, uma morte sempre adiada”<sup>213</sup>. Em seu esforço o corpo realiza em suas funções, das baixas às elevadas, geração e corrupção, de modo que “entre a contínua nutrição e reprodução ordinárias, e a procriação, de um lado, e a contínua excreção e a morte, de outro, existe apenas uma diferença de grau”<sup>214</sup>, e assim, morrendo e nascendo, imperceptivelmente, o organismo realiza sua existência.

A realidade [*Wirklichkeit*], produto do intelecto, reacontece constantemente por meio das funções do corpo sem nunca efetivamente vir a ser. O corpo sente suas afecções e perturbações, por meio de seus estados indefinidos e inacabados manifesta-se em *representação*. Para a experiência humana, “o presente, [...] está sempre passando [...] para o passado; já o futuro é completamente incerto e sempre rápido. [...] Sua existência

<sup>208</sup> Idem, *MVR I*, 2015 p. 322. [§54].

<sup>209</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed.* São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 322. [§54].

<sup>210</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.324. [§54].

<sup>211</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 324.*

<sup>212</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 358 [§56] [grifos nossos].

<sup>213</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 360. [§57]. [grifo do autor].

<sup>214</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 320. [§54].

[...] é uma queda contínua do presente no passado morto, *um morrer constante*<sup>215</sup>. Invisível, a atualização sustenta as imagens do mundo, modificando-as gradual e imperceptivelmente, fornecendo à consciência o seu produto. A permanência da realidade [*Realität*] depende um esforço anterior a sua percepção. O eu acontece tardiamente, no ponto de contato com a exterioridade reside a capacidade de afecção de um corpo. Neste foco o mundo converge, a consciência de si se assume liberdade absoluta e empiricamente dada da vontade<sup>216</sup>. A consciência se reconhece enquanto volição e conduz o corpo em meio às experiências, persistindo e resistindo, a ação sobre corpo é também sobre a vontade. Independente e anterior às instâncias racionais e tardias, as fundamentais e orgânicas são estimuladas evocando uma “reação *imediatamente*, partindo da mesma parte sobre a qual o estímulo agiu”<sup>217</sup>, manifestando-se em movimento corporal.

A estrutura intelectual humana compõe de modo coeso os elementos em conformidade com as determinações, porém, a sofisticação do animal humano produz ainda outros caminhos para a sua permanência. O organismo aprimora a resposta diante da necessidade. Insciente, o efeito “agora aparece ao entendimento cru que não está dada nenhuma causa” e, como consequência, aparece “que o ato da vontade não depende de nada, que ele seria infundado, ou seja, livre”<sup>218</sup>. A percepção da própria liberdade funda-se no movimento orgânico. De causa oculta, o efeito se manifesta em atualização da realidade. Estímulos afetam a dimensão consciente por meio do *motivo*, “estímulo que precisa fazer um desvio pelo cérebro, onde evoca inicialmente uma imagem que somente então traz à tona a reação subsequente, a qual é agora chamada de ato da vontade arbitrária”<sup>219</sup>. Assim, as decisões do organismo se apresentam à consciência experimentadas enquanto arbítrio, e nesta constante atualização “o intelecto experiencia as decisões da vontade apenas *a posteriori* e empiricamente<sup>220</sup>; do mesmo modo, a aparência do mundo é sustentada.

As formas dos corpos são manifestações da instância primitiva reagindo aos efeitos e necessidades impostos sobre os órgãos de sensibilidade produzidos. A aparência

<sup>215</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.320. [§57].

<sup>216</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. 1º Tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.335. [§55].

<sup>217</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 69.

<sup>218</sup> Idem, *VN*, 2013, p. 146.

<sup>219</sup> Idem, *VN*, 2013, p. 69.

<sup>220</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.335. [§55].

dos corpos vivos consiste na ação da vontade em “modificar sua forma de acordo com as condições, trazendo à existência, a partir de igual número e ordenação de ossos, por meio de alongamento e encurtamento, fortalecimento e enfraquecimento dos mesmos, essa multiplicidade de formas”<sup>221</sup>. As funções dos órgãos expressam as vontades e esforços surgidos em necessidade, “a ânsia não se apresenta apenas no uso, mas já na existência”<sup>222</sup> das ferramentas. O intelecto, função do cérebro<sup>223</sup>, realiza a inteligência requerida para a sua conservação<sup>224</sup>, a aparição do órgão é “vontade de conhecer objetivada (tornada representação)”<sup>225</sup>, cada parte do corpo manifesta em sua existência a volição, a ânsia, o esforço do organismo para existir, “o cérebro, como todo o organismo, é produto ou fenômeno”<sup>226</sup>, sua função, auxiliar na perseverança.

O esforço expresso em funcionamento do organismo constitui os limites da experiência da realidade inteira, e o desequilíbrio realizado no adoecimento do corpo assume a forma da linguagem orgânica, isto é, está contido no organismo: “as doenças são elas mesmas um processo curativo da natureza, que ela apresenta, a fim de eliminar algum distúrbio que se enraizou no organismo, combatendo suas causas”<sup>227</sup>. A sensação do mundo fundamenta a conformação do mundo e as possibilidades de sensação nele contidas.

A experiência do conjunto de condições, em sutil, gradual e imperceptível modificação, a realidade [*Wirklichkeit*], é acompanhada no humano por uma outra experiência simultânea, [*Realität*], pois “ao lado de sua vida *in concreto*, [o humano] sempre leva uma segunda vida *in abstracto*. Na primeira, o corpo sente as perturbações e afeções, está sujeito a todas as tempestades da realidade efetiva e à influência do presente, tendo de se esforçar, sofrer, morrer como o animal”<sup>228</sup>. Sua segunda “vida, *in abstracto*, entretanto, tal qual se dá à sua percepção racional, é o calmo reflexo da vida *in concreto* do mundo em que vive”<sup>229</sup>. A “tarefa” realizada pelo corpo, “manter-se”<sup>230</sup>, ganhar a

<sup>221</sup> Idem, *VN*, 2013, p. 104.

<sup>222</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 93.

<sup>223</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 410.

<sup>224</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.248.

<sup>225</sup> Idem, *VN*, 2013, p. 67.

<sup>226</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 305.

<sup>227</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 387.

<sup>228</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.100. [§16].

<sup>229</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.100. [§16].

<sup>230</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 141.

própria vida [*gagner sa vie*], é realizada e sustentada pelos membros e órgãos em constante movimento, “esse Eu não é completamente íntimo [*intim*] de si mesmo, não é transparente [...] mas sim opaco, e, portanto, continua a ser um enigma para si mesmo”<sup>231</sup>, a cada instante o pensamento acompanha o corpo partilhando com ele seu sustento.

O eu conhecedor acompanha fluida e fragmentariamente a si mesmo como a um outro, testemunha os próprios sofrimentos e infortúnios, entretanto, participa no estado volitivo, “cada respiração nos defende da morte que constantemente nos aflige e contra a qual, desse modo, lutamos a cada segundo, bem como lutamos nos maiores espaços de tempo mediante a refeição, o sono, o aquecimento corpóreo”<sup>232</sup>. Nesse estado, o conhecimento “permanece sempre um motivo, tanto no particular quanto no todo”<sup>233</sup>. Enquanto o eu que sente é inabalável, incessante, o eu conhecedor “se torna cansado à noite e desaparece no sono, e na manhã brilha mais intensamente com a renovação de suas forças. Isto, no entanto, é mera função do cérebro [*Gehirnfunktion*], não é a nossa verdadeira identidade”<sup>234</sup>. O eu sente-se perturbar junto com o mundo, “o intelecto é como a superfície especular da água, e esta é como se fosse a vontade”<sup>235</sup>; a constituição da realidade<sup>236</sup>[*Realität*], por meio de seu processo fisiológico, depende de uma relação permanente dos órgãos dos sentidos com algo inteiramente estranho. Incapaz de defender-se do desconhecido, o eu experimenta o mundo depois de seu contato na forma de afecção, se empenhando em resistir, “muitas de suas funções, tais como a respiração, a circulação sanguínea, a secreção de bile, e a força muscular, são reforçadas e aceleradas pelos afetos vigorosos”<sup>237</sup>. No corpo está seu mundo.

A vontade da qual é expressão, se afirma em cada momento e movimento de existência do corpo, tem no ponto de contato com o mistério os limites de seu percurso, conhecendo imediatamente apenas a dor, empenha-se pela felicidade na saciedade da volição – “nomeamos *sofrimento* a sua travessão por um obstáculo, posto entre ela e o seu fim passageiro; ao contrário, nomeamos *satisfação*, bem-estar, felicidade, o alcanceamento do seu fim”<sup>238</sup>. Na dor, o organismo entra em contato com o que obstrui, na sua ausência,

<sup>231</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 301.

<sup>232</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.360. [§57].

<sup>233</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.356. [§56].

<sup>234</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 359.

<sup>235</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 327.

<sup>236</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.28.

<sup>237</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 327.

<sup>238</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.358. [§56].

encontra a vida sem obstáculos. O conflito na experiência humana mostra-se no empenho por existir, tanto quanto possível, alheio aos estímulos do corpo, não conduzir-se pelas impressões presentes, evitar a experiência na animalidade, e apenas apoiar-se em motivos abstratos “utilizando assim sua prerrogativa da razão em vista da maior vantagem possível, e, independente do momento presente, não se limita a escolher ou evitar a fruição ou a dor passageiras, mas pondera as consequências de cada uma delas”<sup>239</sup>. Assim, distraída do próprio estado, mas partindo dele, a “consciência contínua e predominantemente ocupada com representações e pensamentos”<sup>240</sup> distingue objetos, “coisas isoladas, em todos os tempos e espaços”<sup>241</sup>, conforme agradam e desagradam, distintas umas das outras, produzindo o conhecimento “mais útil para a vontade [...] que sempre tem por objeto apenas relações. O indivíduo que conhece, enquanto tal, e a coisa particular por ele conhecida sempre estão em algum lugar, num dado momento e são elos na cadeia de causas e efeitos”<sup>242</sup>. Este uso volitivo, subjetivo, “do intelecto é certamente o natural”<sup>243</sup>. O corpo oferece o mundo à vontade e à consciência a decisão é imposta, comunicada tardiamente, sentida como sua, e assim se desenvolve a realidade humana, nas decisões por novos caminhos que se repetem.

Busca no mundo atalhos indolores, meios para alcançar um estado insustentável, desprovido de volição e necessidade, mas “do exterior, a vontade só pode ser afetada por motivos”<sup>244</sup>, desencadeando novas necessidades, “tudo o que podem é mudar a direção do esforço da vontade, isto é, fazer com que esta procure por um caminho diferente o que invariavelmente procura”<sup>245</sup>. As funções receptivas e reativas dos órgãos do corpo, fundado no movimento contínuo, possibilitam a resistência da vida, e, ao mesmo tempo, a experiência humana conflita com a sua base fundamental, a dor possibilita a continuidade, e, por isso, desejando não sofrer deseja não mais sentir. “A forma de toda vida é o *presente*”<sup>246</sup>, nela empenha todas as suas forças, a cada instante insatisfeito com o próprio estado procura alhures um ausente. Sente o mundo no corpo pelo destino dos

---

<sup>239</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.346. [§55].

<sup>240</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.249.

<sup>241</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.208. [§34].

<sup>242</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.207. [§34].

<sup>243</sup> *Idem*. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 110. [§50].

<sup>244</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.341. [§55].

<sup>245</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.341. [§55].

<sup>246</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.32. [§54].

sentidos, sem reconhecer que, como “*não sentimos a saúde de todo nosso corpo, mas apenas o pequeno lugar onde o sapato nos aperta, assim também são pensamos na totalidade de nossos interesses que vai perfeitamente bem, porém em qualquer ninharia que nos incomoda*”<sup>247</sup>. A experiência se mostra inadequada para a felicidade, incompatível, o bem-estar é sentido exclusivamente na supressão de uma dor, e tornando cada vez mais certo que “mesmo quando alegrias e prazeres são atingidos, eles não cumprem o que prometem, que não satisfazem o coração e, finalmente, que sua posse é pelo menos amargurada pelos dissabores e pelas coisas desagradáveis que o acompanham ou surgem a partir deles”<sup>248</sup>.

No humano, “tudo recebe um poderoso esforço por meio do pensamento do que está ausente e do futuro, por meio do qual apenas vêm à tona a preocupação; o medo, a esperança”<sup>249</sup> atuam mais intensamente do que os objetos presentes diante do corpo. Em cada desejo, uma promessa a ser cumprida às custas do próprio esforço, “só apreciamos nossa existência pelo esforço por algo quando a distância e os obstáculos *nos fazem pensar* que o propósito será satisfatório – ilusão que desaparece quando ele é alcançado”<sup>250</sup>. Testemunha a realização do desejo se enfraquecer aos poucos, tirando aquilo que não chegou a ter. A insatisfação estimula a vontade, instiga o pensamento, reforça a volição. De natureza volitiva, o corpo, seus órgãos e suas funções se reforçam no exercício. Nenhuma tranquilidade ou satisfação, prazer ou bem-estar perdura. O sofrimento do corpo contradiz a obstinação: “existimos para sermos felizes”<sup>251</sup>. Sente-se prestes a realizar no mundo algo que nunca havia acontecido, um estado perene se insinua sem jamais ter se mostrado consistindo nessa insinuação. Mas sente, também, que o destino à felicidade o acompanha, em toda parte obstruído, não permitindo a ela se realizar. O organismo tem “apenas uma *quase existência*”<sup>252</sup>. Simultaneamente, algo contradiz a mera possibilidade da realização sendo sentida dolorosamente.

O corpo sustenta o desejo e em troca é sustentado. Pelo *Princípio de Individuação*, sujeito e objeto sustentam-se mutuamente no querer e pela promessa, a

---

<sup>247</sup> Idem. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 147. [§149].

<sup>248</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 376.

<sup>249</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 150. [§153].

<sup>250</sup> Idem, *ibidem*. p. 142. [§146]. [grifo nosso].

<sup>251</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.755.

<sup>252</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 144. [§147a].

identidade se dá na constituição metafísica e orgânica da veemência que lhe é própria, da qual ele acontece, no modo como ela oscila na sua relação com as interferências do mundo, e assim como na cognição que, por meio do intelecto, unifica todas as percepções do organismo num foco, na consciência, no eu, nele, os objetos recebem sentido e o mundo organização na forma do solipsismo. O tempo “impõe e não nos deixa respirar”<sup>253</sup>, não se pode parar, há consciência da morte. A busca, único meio de realizar o destino, conflita com temor do *tempo perdido* e do *tédio*, estado insuportável de vontade sem objeto. Na multiplicidade do intelecto, “encontra em toda parte opositor”<sup>254</sup> e “vê a seu redor sempre destinos ainda mais cruéis do que o seu; e assim não pode lamentar o próprio”<sup>255</sup>, mas, boa ou má, quem sofre não é a pessoa, mas sua instância mais fundamental.

Assim, convive com as dores da busca e da perda, com as consequências das ações realizadas. Não há indiferença no próprio sofrimento. O corpo resiste a cada instante às forças da natureza, procura oxigênio, alimento e descanso. Composta por desgaste, preocupação e sofrimento, e, “destinada a nos mostrar que não nos sentimos felizes nela”<sup>256</sup>, a vida no estado volitivo é algo de que perdemos o gosto, que devemos despertar nosso nojo e do qual temos de nos retratar, como quem comete um erro, para que o nosso coração possa ser curado da paixão por desfrutar e também por viver e possa se afastar do mundo”<sup>257</sup>.

Ser distinto do corpo que acompanha<sup>258</sup> [*begleiten*], a função do intelecto se manifesta na insistência em coincidir a identidade com a consciência, mas algo não se permite esconder, o que se é verdadeiramente [*wahres Selbst*]: “o núcleo de nossa natureza interior, é o que se encontra por trás disso, e que realmente não sabe nada além de querer e não querer; ficar contente e descontente; com todas as modificações que podem ser designadas com as palavras sentimentos, afetos, paixões”<sup>259</sup>. Estas condições do corpo sustentam a vida individual e não podem ser sentidas sem afecção. Tudo

<sup>253</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 149. [§151].

<sup>254</sup> Idem, *ibidem*, 2012, p. 148. [§150].

<sup>255</sup> Idem, *ibidem*, 2012, p. 177. [§165].

<sup>256</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *MVR II*, 2015, p.683.

<sup>257</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 376.

<sup>258</sup> O eu penso deve poder acompanhar todas as minhas representações [*Das Ich denke, muss alle meine Vorstellungen begleiten können*] [§16 Da unidade originariamente sintética da aprecepção. Crítica da Razão Pura].

<sup>259</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *MVR II*, Vol.1, 2014, p. 359.



acontece no corpo, a dor sentida é imputada ao mundo. Testemunha a si mesmo submetido às condições físicas da natureza, cerceado nas suas possibilidades, ao mesmo tempo em que sente a constrição ativa no seu organismo. O corpo sente a imposição vinda de fora e o conflito na percepção do mundo, assim, a dor existe porque *deseja*.

O testemunho da situação existencial goza do privilégio de conhecer as imposições exteriores, por um lado, e os efeitos destas afecções na constituição do organismo, por outro. A consciência, ainda que destinada ao exercício na relação com a experiência, assenta-se sobre algo anterior a ela mesma. Antes de existir na significação abstrata, funda-se nas instâncias fundamentais da exposição da vontade, no organismo. A identificação da vontade é abstração isolada de algo que não pode ser encontrado sozinho, mas é diferente dos modos acompanhados.

## 1.2 O AUTOCONHECIMENTO NA EXPERIÊNCIA DA VERDADE

Outra experiência é descrita no *pensamento único*, ainda envolta por um “mistério insondável [*unergründliches Geheimnis*]”<sup>260</sup> mas fundamentalmente distinta. O caráter secundário do intelecto humano determina a sua realidade, a inteligência “se enraíza em uma vontade, que sofre por causa dessa base uma contaminação em *quase*”<sup>261</sup> todos os seus conhecimentos e juízos”<sup>262</sup>. A *segunda consideração* acerca da representação não contradiz o pensamento expresso nas primeiras; ao contrário, a *Metafísica do Belo*, a *representação independente do princípio de razão: a Ideia platônica: o objeto da arte*, complementa a *filosofia primeira*, inspirada em Kant, e a *Metafísica da Natureza*, baseada nos estudos fisiológicos, ao apresentar a possibilidade de um “conhecimento livre, isto é, destituído de finalidade”<sup>263</sup>.

À medida que atribui o intelecto subjetivo<sup>264</sup> ao estado volitivo, descreve uma experiência diferente ao declarar a existência um intelecto objetivo<sup>265</sup>. A possibilidade da experiência deste intelecto funda-se na base fundamental. Sendo o entendimento “uma

---

<sup>260</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 298.

<sup>261</sup> O original não contém grifo.

<sup>262</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 105. [§49].

<sup>263</sup> Idem, Ibidem. p. 108. [§50].

<sup>264</sup> Idem, Ibidem. p. 115. [§51].

<sup>265</sup> Idem, Ibidem. p. 115. [§51].

faculdade de intuição”<sup>266</sup>, a natureza é intuída e “não meramente pensada em abstrato”<sup>267</sup>, assim, a “intuição empírica é de imediato objetiva”<sup>268</sup> e, portanto, “as coisas particulares são intuídas como tais no entendimento e através dos sentidos”<sup>269</sup>. Se “o pensamento se relaciona apenas com a intuição, mas a intuição se relaciona com o ser em si do que é intuído”<sup>270</sup>, então, a fundamentação do estado não volitivo reside na “intuição imediata [...] o fundamento último e a fonte de toda verdade”<sup>271</sup>.

Entre o conhecimento da verdade e o sujeito volitivo está o mundo conhecido para finalidades, nas “relações [...] conforme o *princípio de razão*, cujo fim último é sempre a relação com a própria vontade”<sup>272</sup>, fundado na base fundamental, “originariamente e conforme sua natureza, o conhecimento está por inteiro a serviço da vontade”<sup>273</sup>. Enquanto em tal estado verdades são definidas pela sua justificação racional, na “relação de um juízo com algo diferente dele”<sup>274</sup>, e se distinguem “em quatro espécies”<sup>275</sup>, lógica [*logische*,§30] empírica [*empirische*,§31], transcendental [*transcendentale*,§32], e metalógica [*metalogische*, §33], ao outro estado compete um conhecimento alheio à *Quadrúplice Raiz do Princípio de Razão Suficiente* e ao de *Individuação*, por meio do qual “considera-se um indivíduo absolutamente diferente dos demais seres e deles separado por um amplo abismo”<sup>276</sup>.

A *verdade filosófica*, identidade do próprio corpo com a própria vontade, não pode ser alcançada na superfície<sup>277</sup> da realidade, apenas “quando o intelecto abandona sua destinação natural, isto é, a servidão da vontade e, dessa forma, a apreensão das meras relações entre as coisas para proceder de forma puramente objetiva”<sup>278</sup>, por um modo singular de autotestemunho. Sem o esforço característico daquele estado, onde o eu se

<sup>266</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.513. [Crítica da filosofia kantiana].

<sup>267</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.512. [Crítica da filosofia kantiana].

<sup>268</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.514. [Crítica da filosofia kantiana].

<sup>269</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.513. [Crítica da filosofia kantiana].

<sup>270</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 295.

<sup>271</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.90. [§15].

<sup>272</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.206. [§34].

<sup>273</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.203. [§33].

<sup>274</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Quadrúplice Raiz do Princípio de razão suficiente: uma dissertação filosófica*. Traduzido por Oswaldo Giacoia Junior e Gabriel Valladão Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019. p. 245. [§30]. [*QRPRS*].

<sup>275</sup> Idem, *QRPRS* p. p. 241. [§29].

<sup>276</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.424. [§65].

<sup>277</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 164. [§156a]

<sup>278</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 109. [§50].

distancia do corpo e atribui individuação e promessa ao mundo, uma outra experiência é possível. Quando o eu se impunha sobre o mundo destinado a satisfação, a incerteza sobre o destino e a possibilidade de alcançá-lo perturbavam, mas sem a imposição, “durante o tempo em que intuímos de modo puro, tudo é claro, firme e certo”<sup>279</sup>, não há pensamentos, erro, ou identidades, oscilantes, impostas ao mundo, “sentimos calma no intuir, satisfação no presente”<sup>280</sup>.

Em um estado, fala por sobre a aparência resguardando o mistério, desconhece o “em si da coisa isolada”<sup>281</sup>, no outro, escuta a língua do mundo desprovido de utilidade para “obter esclarecimento da significação própria destas imagens”, permite que “nos falem diretamente, sejam entendidas”<sup>282</sup>. O corpo não mais se move estimulado pelo esforço por autoconservação, agora sente a si mesmo demorar-se em algo “completamente diferente da representação”<sup>283</sup>, o “conteúdo da representação intuitiva [*anschauliche Vorstellung*]”<sup>284</sup>.

Este estado de conhecimento não se refere ao mistério na sua plenitude – “a percepção [*Wahrnehmung*] interior que temos de nossa própria vontade, ainda não pode de modo algum fornecer conhecimento exaustivo e adequado da coisa em si”<sup>285</sup>. Sem extingui-lo, leva “consigo seu mistério ao túmulo”<sup>286</sup>. A ocorrência da consciência no mundo, a partir de um organismo e suas condições, não permite o conhecimento de algo que lhe seja alheio. O conhecimento do verdadeiro, em sua instância mais fundamental, então, se refere ao mundo, sua condição e natureza, de modo mais verdadeiro *possível*. Não há verdade sem que tenha havido mistério, não há mistério resolvido pela verdade. Reconhece a sobreposição do conhecimento objetivo do mundo “por algo subjetivo que tem origem na personalidade que carrega esse intelecto e o condiciona, portanto, algo individual que corrompe o primeiro”<sup>287</sup>. O conhecimento da determinação que a experiência sofre pelo intelecto exposto na *filosofia primeira*, na forma: “não pode haver

<sup>279</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.41. [§8].

<sup>280</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.41. [§8].

<sup>281</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.208. [§34].

<sup>282</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.111. [§17].

<sup>283</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.111. [§17].

<sup>284</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.111. [§17].

<sup>285</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 300.

<sup>286</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 43. [§8].

<sup>287</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 104. [§49].

nenhum *intelecto* que não adicione ao conhecimento puramente objetivo e essencial algo estranho a este”<sup>288</sup>, é autoconhecimento.

Neste estado, enxerga através do estado volitivo, percebendo o “véu de Maia”<sup>289</sup>, reconhecendo a sua identidade na volição agora não veemente, “querer e esforçar-se são sua única essência, comparável a uma sede insaciável”<sup>290</sup>, seu destino. Reconhece a vida no seu organismo submetida à sua condição fundamental, “um morrer continuamente evitado, uma morte sempre adiada”<sup>291</sup>. Os objetos no mundo interagem com uma instância anterior à sua consciência, afetando-o também de modos imperceptíveis. Na forma do mundo, o *real* inteiro, sustentado pela sensação no próprio corpo, encontra objetos que estimulam o organismo e o mantém em movimento. Na inauguração do tempo, pelo intelecto, se reconhece submetido a uma artificialidade no eu, sem existência própria, um artifício produzido para auxiliar na curta permanência de um organismo. Nas oscilações da consciência, a inconstância do mundo incide na sua identidade.

O estado *quietivo*, na sua descrição, recebe um outro aspecto distinto da ausência de perturbações que conduzem ao desejo e da imposição de pensamentos sobre o mundo, o do “lado mais belo e a pura alegria da vida, precisamente porque nos arranca da existência real e nos transforma em espectadores desinteressados diante dela, é o puro conhecimento que permanece alheio a todo querer”<sup>292</sup>, reconhecido, também, na “fruição do belo, a alegria autêntica na arte”<sup>293</sup>. Porém, dado o destino do corpo pela volição, os viventes “são quase incapazes de alegria no puro conhecimento: estão completamente entregues ao querer”<sup>294</sup>; “o que dificulta semelhante estado [*Zustand*] e [...] o torna raro é que nele, por assim dizer, o acidente (o intelecto) domina e suprime a substância (a vontade)”<sup>295</sup>. A raridade ocorre não pelo destino do seu corpo, esforçar-se pela satisfação e sofrer, mas apesar dele; “a paz, sempre procurada antes pelo caminho do querer, e sempre fugidia, entra em cena de uma só vez por si mesma e tudo está bem conosco”<sup>296</sup>. Reconhece inadequado para a realização o estado de busca da felicidade. O

---

<sup>288</sup> Idem, *ibidem*. p. 104. [§49].

<sup>289</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 408. [§63].

<sup>290</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 361. [§57].*

<sup>291</sup> *MVR I*, 2015, p.360. [§57].

<sup>292</sup> *MVR I*, 2015, p.363. [§57].

<sup>293</sup> *MVR I*, 2015, p.363. [§57].

<sup>294</sup> *MVR I*, 2015, p.364. [§57].

<sup>295</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.442.

<sup>296</sup> *MVR I*, 2015, p.227. [§38].

reconhecimento do condicionamento não revolta, a volição não é estimulada, ao contrário, sua existência se dá em caráter inteiramente outro, estranho. Quando o movimento do corpo não se submete à volição, um outro estado é possível e “felicidade e infelicidade desaparecem”<sup>297</sup>. Através de um eu não mais opaco, agora transparente, “existimos tão-somente como olho cósmico uno”<sup>298</sup>. Sem abismo opondo objeto ao sujeito e estimulando suas instâncias fundamentais, testemunha em sua experiência “absorção na intuição, [o] perder-se no objeto”<sup>299</sup>. A função do intelecto se perde no “esquecimento de toda individualidade”<sup>300</sup>, na ausência de volição no conhecimento do mundo, o eu não cumpre sua função e o organismo se reconhece na “consciência de si [...] não como indivíduo, mas como *puro sujeito do conhecimento destituído de vontade*”<sup>301</sup>. Antes, o sentido era fornecido na relação entre necessidade e satisfação, agora, reconhecido no que se perde e se encontra na mudança.

A ausência de volição conduzindo o conhecimento caracteriza tal estado, de modo que, no verdadeiro conhecimento, o mundo é conhecido sem esforço – “mas quem tem a força para nele manter-se por longo tempo?”<sup>302</sup> Os estados são qualitativamente distintos, com experiências respectivas, porém, a descrição no *pensamento único* mostra que o estado do corpo, em sua experiência e consciência, não é absoluto, mas reside em constante oscilação e movimento, o estado volitivo depende de esforço para manter-se, assim, “por mais que o Véu de Maia envolva espessamente [...] lateja [*so regt sich dennoch im Innersten*] [...] no mais íntimo de sua consciência o pressentimento de que essa ordem de coisas é simples aparência”<sup>303</sup>. Com o retorno do seu destino, o mundo é envolto no “tecido de Maya”<sup>304</sup>, de novo “promete tanto de modo tão indizível, infinito e exagerado, e cumpre tão miseravelmente pouco”<sup>305</sup>. No cumprimento de sua função, o estado volitivo se reafirma e o conhecimento alcançado no outro estado se perde, mas a verdade continua latente.

---

<sup>297</sup> MVR I, 2015, p.228. [§38].

<sup>298</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 269.

<sup>299</sup> Idem, MVR I, 2015, p.227. [§38].

<sup>300</sup> Idem, MVR I, 2015, p.227. [§38].

<sup>301</sup> Idem, MVR I, 2015, p.225. [§38]. [grifo do autor].

<sup>302</sup> Idem, MVR I, 2015, p.229. [§38].

<sup>303</sup> Idem, MVR I, 2015, p.424. [§65].

<sup>304</sup> Idem, MVR I, 2015, p.20. [§5].

<sup>305</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 178. [§166].

No estado de reconhecimento da própria condição, a beleza e a alegria da vida são encontradas na verdade, numa “consciência apenas sentida”<sup>306</sup>[*ein nur gefühltes Bewusstsein*], sem promessas e necessidade de justificação. Ela não se restringe a uma declaração, conformação léxica ou área de saber, sendo expressa pelos quatro pontos de vista do *pensamento único*, desde a *primeira consideração* do mundo enquanto representação, a *filosofia primeira*, até a *segunda consideração* do mundo enquanto vontade, a *Metafísica dos Costumes*. Na *primeira*, segue Kant, ao afirmar imanente “a apreensão das coisas por meio e em conformidade”<sup>307</sup> ao tempo, ao espaço e à causalidade, mas, em Kant a apreensão que “permite a consciência das condições mesmas é transcendental. Esta se adquire *in abstracto* pela crítica da razão pura”<sup>308</sup>, com isso, ocorre um distanciamento entre as concepções, ao ser declarado, por Schopenhauer, que tal apreensão “excepcionalmente, pode se dar intuitivamente. Este último caso é um aporte meu, o qual quero elucidar por meio deste [...] livro”<sup>309</sup>. No estado de conhecimento não volitivo, “toda coisa existente pode ser considerada de maneira puramente objetiva e exterior a qualquer relação”<sup>310</sup>. Neste estado, reconhece a vontade manifesta em toda natureza, a constituição do mundo *naquela* força volitiva misteriosa manifesta nas forças naturais e formas orgânicas em conflito, no esforço que sustenta o organismo, na “luta contínua de vida e morte”<sup>311</sup>. A contemplação da vontade almejando manifestar-se em vida [*Wille zum Leben*] “aparece em toda coisa num grau determinado [...] segue-se daí que toda coisa é bela”<sup>312</sup>. Tal apreensão permite reconhecer intuitivamente tal condicionamento, e aprender o mundo por meio de tal reconhecimento, com suas manifestações morais.

### 1.2.1 A Natureza da Verdade

O conhecimento da verdade não se dá apenas *in abstracto*, mas também *in concreto*, isto é, sentido: “para mim o fundamento da moral repousa naquela verdade que

<sup>306</sup> MVR I, 2015, p. 238. [§31].

<sup>307</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.199. [§31].

<sup>308</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 199 [§31].

<sup>309</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 200. [§31].

<sup>310</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 243. [§40].

<sup>311</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 358. [§56].

<sup>312</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 243. [§40].

tem sua expressão no Veda e no Vedanta pela fórmula mística erigida *tat twam asi* (isto és tu), que é afirmada com referência a todo ser vivo”<sup>313</sup>. Agora, no estado da verdade, “sujeito e objeto não são mais diferenciáveis”<sup>314</sup>, sentir a fome no outro é o mesmo que saciá-la. Se, no estado volitivo, o organismo realiza o isolamento entre indivíduos permitindo a cada um existir e manter-se em si mesmo, em outro estado, “agora lhe é impossível permitir aos outros que padeçam na miséria enquanto ele mesmo possui em abundância inclusive o supérfluo”<sup>315</sup>; reconhece a diferença entre si e outrem como “aparência efêmera e ilusória”<sup>316</sup>, habitando num mundo já ultrapassado.

No autoconhecimento, a experiência é amorosa, bela e alegre, independe de justificação racional, “ninguém possui a verdade, mas todos podemos estar *dentro dela*”<sup>317</sup>. A experiência do reconhecimento da sua natureza se manifesta, independente de argumentação, no agir, por isso, “ser curado dessa ilusão e engano de *maya*, e praticar obras de amor, são uma única e mesma coisa”<sup>318</sup>. Nesta experiência *na verdade* está “a origem de”<sup>319</sup> “todas as obras artísticas, poéticas, filosóficas e até mesmo puramente científicas”<sup>320</sup> sendo “produzidas, portanto, por um órgão que não estava originalmente destinado para elas”<sup>321</sup>.

## 1.2.2 A Comunicação Filosófica

Uma obra artística, oriunda daquele estado, tem como fim “a comunicação da Ideia apreendida”<sup>322</sup> de acordo com a arte a que pertence; o *pensamento único*, possível por aquele estado, tem como fim uma comunicação de acordo com seu objeto: “a

<sup>313</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 61. [§115].

<sup>314</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.208.

<sup>315</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.433.

<sup>316</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.432.

<sup>317</sup> SAFRANSKI, Rüdiger, SAFRANSKI, Rüdiger. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia*. Tradução de William Lagos. São Paulo: Geração Editorial. 2011, p. 213.

<sup>318</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 433. [§66].

<sup>319</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 110. [§50].

<sup>320</sup> *Idem*, *ibidem*. p. 110. [§50].

<sup>321</sup> *Idem*, *ibidem*. p. 109. [§50].

<sup>322</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 273. [§50].

experiência mesma, em geral e como tal, segundo sua possibilidade, seu domínio, seu conteúdo essencial, seus elementos internos e externos, sua forma e sua matéria”<sup>323</sup>. O *pensamento único*, obra filosófica, destina-se à comunicação da verdade porque existe a partir de seu estado, “há uma intenção especial em cada palavra, assim como em cada pincelada”<sup>324</sup>, mas a verdade a que se destina não se reduz a uma perspectiva restrita.

As separações entre *vida orgânica* e *vida animal*, de Bichat, fenômeno e *noúmeno*, de Kant, mundo sensível e suprassensível, de Platão, não são inauguradas pelo *pensamento único*, ainda que componentes importantes, entretanto, tampouco tal pensamento pode ser contido na declaração da *primazia da vontade sobre o intelecto*, declaração que distingue o de Arthur Schopenhauer de todos os anteriores<sup>325</sup>. O sentimento da verdade, por um lado, é independente de palavras, por outro, na condição de discurso, está condicionado à recepção por um sujeito volitivo, “o escritor filósofo é o condutor e seu leitor o andarilho”<sup>326</sup>, e, assim, cabe à escrita conduzir o leitor ao estado em que ele não pode chegar pelo caminho da prerrogativa humana. Palavras e pensamentos são racionais, mas a verdade não.

A noção *pensamento único* se refere não a um conceito singular, mas a uma compreensão resultante da leitura dos escritos, por meio das palavras “deve comunicar”<sup>327</sup>. Não se pode “pronunciar a verdade”<sup>328</sup> mas deve comunicar o que “não se alcança no mundo”<sup>329</sup>, apenas ao ultrapassá-lo; para isso, “o único órgão com o qual se fala à humanidade é a escrita”<sup>330</sup>. A razão é condição necessária, mas não suficiente da realização do *pensamento único*, pois depende da “interiorização de pensamentos comunicados por palavras. Somente com ajuda da linguagem a razão traz a bom termo suas mais importantes realizações – [...] a comunicação da verdade [*Mitteilen der*

<sup>323</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 46. [§21].

<sup>324</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 88.

<sup>325</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 303.

<sup>326</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 33. [§5].

<sup>327</sup> Idem, MVR I, 2015, p. XXV.

<sup>328</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 156. [§76].

<sup>329</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 443.

<sup>330</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Fragments sobre a História da Filosofia*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 59.



*Wahrheit*], a propagação do erro, o pensamento”<sup>331</sup>. Por meio daquela prerrogativa, “comunica seus pensamentos aos outros mediante a linguagem, ou os oculta por ela”<sup>332</sup>, se o desenvolvimento se dá em ‘uma elucidação daquilo que decorre de conceitos dados, e por isso não traz à luz nada de verdadeiramente novo’<sup>333</sup>. A comunicação depende da capacidade de articulação do pensamento, no uso da faculdade de julgar, ou força judicativa [*Urteilkraft*]”<sup>334</sup>, a tarefa filosófica se torna possível em “juízos hauridos e fundamentados imediatamente na intuição”<sup>335</sup>. Não podendo ser derivado de um outro, o conceito “possui substância e significação exclusivamente em sua referência à representação intuitiva, sem a qual seria privado de valor e consistência”<sup>336</sup>. O *pensamento único* se realiza enquanto filosofia e em conformidade com a sua base fundamental.

A experiência da verdade consiste em conhecimento intuitivo *in concreto* e se dá na apreensão imediata da natureza, em nível fundamental para além de serventia. “Reproduzi-lo *in abstracto*, ou seja, elevar as intuições sucessivas que se modificam, bem como tudo o que o vasto conceito sentimento abrange e meramente indica como saber negativo, não abstrato, obscuro, a um saber permanente — eis a tarefa da filosofia.”<sup>337</sup> No uso da faculdade de julgar, pelo estado não volitivo, a tarefa filosófica pode ser realizada, evitando as interferências que impõem algo subjetivo sobre o mundo em vez de escutá-lo. Dada a sua tarefa, o *pensamento único* se apoia em cadeias dedutivas *in abstracto* “para a razão fixar em conceitos abstratos o conhecimento imediato do entendimento, isto é, torná-lo claro, vale dizer, pô-lo na condição de os outros interpretarem e descobrirem o seu sentido”<sup>338</sup>; como consequência, que seja partilhado é característica necessária do *pensamento*.

---

<sup>331</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. O Mundo como vontade e como representação. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 43.

<sup>332</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.43.

<sup>333</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Quadríplice Raiz do Princípio de razão suficiente: uma dissertação filosófica*. Traduzido por Oswaldo Giacoia Junior e Gabriel Valladão Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019, p. 239.

<sup>334</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Quadríplice Raiz do Princípio de razão suficiente: uma dissertação filosófica*. Traduzido por Oswaldo Giacoia Junior e Gabriel Valladão Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019, p. 235.

<sup>335</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. O Mundo como vontade e como representação. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.77. [§14].

<sup>336</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 111. [§17].

<sup>337</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 97. [§15].

<sup>338</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 25. [§6].

Desde a base fundamental, a linguagem encontra seu destino na serventia ao interesse; assim, em conflito com a natureza do autoconhecimento, a prerrogativa humana é uma ferramenta inadequada para a verdade. “A razão fala para a razão, sem sair de seu domínio, e o que ela comunica e recebe são conceitos abstratos, representações não intuitivas”<sup>339</sup>. A verdade se conhece em segredo, incomunicável. O conhecimento intuitivo é o estofado do conceito destinado à verdade, e, tal como ela, permanece latente, mas “logo que nosso pensamento encontrou palavras, ele já deixa de ser algo íntimo”<sup>340</sup>. Ainda que “o que foi conhecido intuitivamente, *in concreto*, a razão permite que se conheça abstrata e universalmente”<sup>341</sup>, um conhecimento *in abstracto* não coincide com um *in concreto*, respectivo ao verdadeiro.

Dado o redirecionamento do mundo ao si do organismo no estado volitivo, isto é, ser um *eu* voltado para fora remetendo-o a si, todo conhecimento possível parte do contato com o mundo diante de si. Sem o emudecimento da vontade, o estado volitivo ignora a “harmonia e unidade do mundo intuitivo mesmo, que é seu fundamento comum de conhecimento”<sup>342</sup>. A verdade permanece latente. O *pensamento único* determina que a filosofia seja uma “repetição completa, por assim dizer um espelhamento, do mundo em conceitos abstratos”<sup>343</sup>, de modo que, se o *pensamento único* existe em referência à “concordância que todas as partes e lados do mundo guardam entre si, justamente por pertencerem a um todo”<sup>344</sup>, a concordância deve estar na “cópia abstrata do mundo”<sup>345</sup>. O leitor encontra-se diante do espelhamento do mundo em conceitos, com todos os componentes, testemunha-se diante das palavras compondo a realidade, reconhece que “dirigem-se *realmente* a nós”<sup>346</sup>. Na escrita, as palavras devem ser conduzidas, desviando o leitor de seu mundo volitivo e subjetivo, e, na composição da cópia, confrontá-lo com uma condição distinta estabelecendo “uma relação semelhante à de um quadro *pintado* com um que foi impresso com um molde”<sup>347</sup>. Nesta relação, “a filosofia só é verdadeira

<sup>339</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 46. [§8].

<sup>340</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 67.

<sup>341</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 62. [§11].

<sup>342</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.98. [§15].

<sup>343</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.98. [§15].

<sup>344</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.98. [§15].

<sup>345</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.98. [§15].

<sup>346</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 88.

<sup>347</sup> Idem, *ibidem*. p. 88.

quando reproduz o mais fielmente possível as palavras do mundo e como que escreve ao seu ditado, de tal maneira que não passa de um *simulacro e reflexo* do mundo, nada lhe acrescentando, mas somente repetindo e ecoando”<sup>348</sup>.

De acordo com o conhecimento da verdade, o autoconhecimento, fundado na base fundamental, “a essência íntima do mundo, a coisa em si, jamais pode ser encontrada pelo fio condutor do princípio de razão”<sup>349</sup>, disso resulta necessariamente que o *deve ser comunicado* não reside na apreensão do *encadeamento de juízos*, ao mesmo tempo, o conhecimento da verdade só é possível “quando não mais consideramos o Onde, o Quando, o Porquê e o Para Que das coisas, mas única e exclusivamente o seu Quê; noutros termos, quando o pensamento abstrato, os conceitos da razão não mais tomam conta da consciência”<sup>350</sup>. Logo, não é o conceito que *deve ser comunicado*, mas aquilo a que se auto-refere, o conhecimento intuitivo, *in concreto*. Como consequência, o *pensamento único* consiste não em suas declarações, mas em, por meio de suas declarações, ocasionar no leitor o reconhecimento da verdade, o estado de autoconhecimento, “esse vivente és tu [*Tat twam asi*]”<sup>351</sup>.

Assim, naquela soma de juízos, cada um deles pode em certa medida ser deduzido do outro e sempre reciprocamente. No entanto, têm de primeiro existir; logo, previamente estarem lá como fundamentos *in concreto* pelo conhecimento do mundo, e tanto mais que qualquer fundamentação imediata é mais segura que a mediata. Sua mútua harmonia - em virtude da qual concorrem até para a unidade de um pensamento *único* -, que nasce da harmonia e unidade do mundo intuitivo mesmo, que é seu fundamento comum de conhecimento, não será usada como algo de originário para sua fundamentação, mas apenas acrescido como confirmação de sua verdade.<sup>352</sup>

O sujeito volitivo se encontra no espelhamento, esta repetição do mundo é verdadeira não por ser racional, mas a racionalidade guia o leitor na composição de um pensamento que o conduz de volta a si mesmo, assim, “o leitor mesmo também é um filósofo”<sup>353</sup>, conhece a verdade. Na leitura, o *pensamento* realiza seu destino se o leitor por meio dela passa a existir fora do estado volitivo, realizando “ precisamente o descrito

<sup>348</sup> Idem, *MVR I*, 2015. p. 98. [§ 15- Bacon apud Schopenhauer].

<sup>349</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 38. [§7].

<sup>350</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 206. [§34].

<sup>351</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 254. [§44].

<sup>352</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 98. [§15].

<sup>353</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. XXVII. Prefácio à primeira edição.

anteriormente como exigido para o conhecimento da Ideia, como estado de pura contemplação, absorção na intuição,[...]esquecimento de toda individualidade, supressão do modo de conhecimento que segue o princípio de razão”<sup>354</sup>.

A exposição da verdade em filosofia, isto é, em conceitos abstratas trazidos à consciência, demanda a ausência de erros, mas a verdade mesma “intuitivamente conhecida [*anschaulich erkannt*]”<sup>355</sup> não o é racionalmente, o entendimento é irracional [*unvernünftig*]<sup>356</sup>. A incomunicabilidade é condição da natureza do mundo volitivo que encontra na produção de palavras a sua relação com o mundo experimentado, “não compreendemos a linguagem da natureza, pois esta é demasiado simples”<sup>357</sup>. A vida e a realidade se desenvolvem na sensação do próprio corpo afetado pelo mistério, e, deste modo, a vontade conhece a si mesma, “todo esse processo se resume ao *autoconhecimento da vontade*, que parte desta e a ela retorna”<sup>358</sup> tornando-se completo no estado não volitivo, mirada através do tecido do Véu de Maia. A experiência da verdade, portanto, reside no reconhecimento da própria condição de experiência.

Na justaposição dos quatro pontos de vista, o *pensamento único* expõe-se como pensamento fisiológico e metafísica filosófica. Anterior à consciência, a vontade se atualiza contínua e constantemente na resistência à morte do organismo que testemunha a si mesmo na iminência da felicidade e da verdade latente envolta em mistério. Da consideração da experiência humana fundada em sua base orgânica fundamental, o *pensamento único* relaciona-se com o leitor e, dada a natureza impronunciável do estado de conhecimento da verdade, visa proporcionar a ocasião do autoconhecimento.

Mesmo que as palavras tenham surgido na vontade, delas se pode fazer uso para conduzir e orientar o pensamento proporcionando instrução e consolo. O cuidado para com a comunicação e seu potencial de verdade pode ser identificado na reflexão sobre o ato de escrever, em *Sobre a Escrita e o Estilo* [*Schriftstellerei und Stil*] em *Paralipomena*], e nas análises realizadas de filósofos e textos como: “insatisfatório tanto

---

<sup>354</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 327. [§38].

<sup>355</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 210.

<sup>356</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 29.

<sup>357</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 112.

<sup>358</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 386.

na forma quanto no conteúdo”<sup>359</sup> “o estilo é fácil e fluente mas muito prolixo”<sup>360</sup> [Arriano, §6]; e na análise de conduta e método de escritores, “ele critica e refuta a partir de seu próprio ponto de vista, geralmente segundo declarações isoladas deles, sem realmente penetrar seu sentido”<sup>361</sup> [Aristóteles, §5]; “único que escreve com clareza e coerência, de modo que o lemos sem aversão”<sup>362</sup> [Porfírio, §7]; “essa verdade permanece o princípio dominante; contudo, é forçada a aparecer numa roupagem estranha e incômoda”<sup>363</sup> [Escoto Erigena, §9]; “antes de começar a escrever, examinou a fundo e amadureceu seus temas, bem como esboçou uma ordenação fabricada para sua exposição”<sup>364</sup> [Platão, §5], em *Fragmentos sobre a História da Filosofia* [*Fragmente zur Geschichte der Philosophie*] em *Parerga*].

A escrita e a leitura sustentam-se mutuamente em relação com a natureza orgânica descrita, “é preciso ser econômico com o tempo, a dedicação e a paciência do leitor, de modo a receber dele o crédito de considerar o que foi escrito digno de leitura atenta capaz de recompensar o esforço empregado nela”<sup>365</sup>; entretanto, o *pensamento* não esgota a realidade ou a explica cabalmente, tanto em seu aspecto filosófico quanto em possibilidade de compreensão, “a mais perfeita filosofia sempre contém um elemento inexplicável”<sup>366</sup>. A concepção fundamental permanece misteriosa e seu conhecimento parcial e relativo – “o que é, para além do fato de que manifesta a si mesmo como Vontade, [...] esta questão não pode nunca ser respondida porque, como eu tenho dito, ser conhecido de si mesmo contradiz o ser em si mesmo, e tudo o que é conhecido como tal é apenas fenômeno”<sup>367</sup>. O *pensamento único* manifesta-se enquanto comunicação do conhecimento relativo a sua respectiva condição, autoconhecimento.

---

<sup>359</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Fragmentos sobre a História da Filosofia*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 78.

<sup>360</sup> Idem, *ibidem*. p. 78.

<sup>361</sup> Idem, *ibidem*. p. 69.

<sup>362</sup> Idem, *ibidem*. p. 83.

<sup>363</sup> Idem, *ibidem*. p. 90.

<sup>364</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Fragmentos sobre a História da Filosofia*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 72.

<sup>365</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 93.

<sup>366</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros III-IV. Vol. 2. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 303.

<sup>367</sup> Idem. *MVR II*, Vol.1, 2014, p. 302.

## 2 PESSIMISMO: A NATUREZA DO PENSAMENTO

O termo otimismo precede pessimismo, entretanto, ambos são críticos. Em 1710, na tentativa de conciliar a liberdade humana, o mal no mundo e a bondade de Deus, Leibniz publica sua *Teodiceia*, afirmando ser este *o melhor dos mundos possíveis*. Em 1737, Louis-Bertrand Castel (1688-1757) publica no *Journal de Trévoux* uma resenha da *Teodiceia* de Leibniz, ‘otimismo’ é empregado pela primeira vez.

Torna-se claro que o ‘bom’ é do sr. Leibniz. De fato, esta é sua palavra e sua solução para toda dificuldade e preocupação, ele a toma como a razão do melhor ou, ainda mais sábia e, teologicamente que geometricamente, o sistema do ótimo, ou otimismo. [*On devine bien que le tant mieux est de M. Leibnitz. Réellement c'est son mot & sa solution à toutes les difficultés en termes de l'art, il l'appelle la raison du meilleur ou plus savamment encore & théologiquement autant que géométriquement, le système de l'Optimum, ou l'optimisme*]<sup>368</sup>.

No ano seguinte ao terremoto de Lisboa de 1755, Voltaire publica *Poema sobre o Desastre de Lisboa* [*Poème sur le désastre de Lisbonne*], e, em 1759, *Cândido, ou do Otimismo* [*Candide, ou l'Optimisme*]<sup>369</sup>. Nesse ano, o termo ‘pessimismo’ [*pessimisme*] surge em uma crítica jesuíta ao *Cândido*, caracterizando o pensamento expresso na sátira.

Em relação ao *Cândido*, ele é sentimental. Pura simplificação. O autor teve de criá-lo assim para melhor trazer à tona as demais personagens. Esta simplificação move toda a obra. O sistema que parece resultar dela é o pessimismo; sistema perigoso em qualquer lugar menos num romance. É sabido que desse tipo de produção não provém nada, e que nela um autor pode, sem consequências, promover opinião na qual não crê, e que em alhures já a combateu. [*A l'égard de Candide, il est de tous le sentiments; c'est la simplicité même. L'Auteur avoit besoin de le créer tel, pour mieux faire sortir les autres caracteres. Cette simplicité devient la machine de tout l'Ouvrage. Le système qui paroît en résulter, est le Pessimisme; système dangereux par-tout ailleurs que dans un Roman. On sçait que ces sortes de Productions ne prouvent rien, & qu'un Auteur peut, sans conséquence, y avancer une opinion qu'il ne croiroit pas, & qu'il auroit même déjà combattue ailleurs*]<sup>370</sup>.

<sup>368</sup> CASTEL, Louis-Bertrand. *Memoires pour l'Histoire des Sciences et des Beaux Arts*. Paris: Etienne Ganeau, Fevrier 1737. p. 207. [Article XIII].

<sup>369</sup> Ver também o verbete *Tout Est Bien*, no Dicionário Filosófico Portátil [*Dictionnaire philosophique, portatif*], Londres, 1764. p. 53.

<sup>370</sup> LA PORTE, Joseph de. *Lettre VI. Candide ou l'Optimiste* in *l'Observateur Littéraire* 30 juin 1759. p. 126. Disponível em:

A quarta edição, de 1762, do *Dicionário da Academia Francesa*, admite o termo ‘otimismo’ [*optimisme*] enquanto “termo didático, nome do sistema de filósofos que sustentam que o melhor possível é encontrado no que existe e acontece [*Terme didactique. Nom du système des Philosophes qui soutiennent que le mieux possible se trouve dans tout ce qui est & qui arrive*]”<sup>371</sup>; e o termo ‘otimista’ define-se “quem admite o otimismo. Leibnitz (sic) era otimista [*qui admet l’optimisme. Leibnitz étoit optimiste*]”<sup>372</sup>.

Em 1794, Samuel Coleridge emprega o termo ‘pessimismo’ [*pessimism*] em carta a Robert Southey : “porque é quase tão ruim quanto *Farmhouse* de Lovell e isso seria pelo menos mil braças de profundidade no morto mar do pessimismo [*Why, ‘tis almost as bad as Lovell’s ‘Farmhouse,’ and that would be at least a thousand fathoms deep in the dead sea of pessimism*]”<sup>373</sup>. Na quinta edição, 1798, do *Dicionário da Academia Francesa*, ‘otimismo’ apresenta-se mais sucinto: “termo didático. Sistema dos filósofos que sustentam que o existente é o melhor possível [*Terme didactique. Système des Philosophes qui soutiennent que tout ce qui existe est le mieux possible*]”<sup>374</sup>. “Otimista” consta inalterado<sup>375</sup>.

Na sexta edição, 1835, ‘otimista’ recebe acréscimo: “se diz, por extensão, de qualquer um, sem ter feito do otimismo um sistema, naturalmente disposto a crer que tudo é e está bem, a estar contente com tudo [*Il se dit, par extension, de Quiconque, sans avoir fait de l’optimisme un système, est disposé naturellement à croire que tout est bien, que tout va bien, à être content de tout*]”<sup>376</sup>. “Otimismo”<sup>377</sup> inalterado. Nesta edição, admite-

---

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k63509042/f136.image.r=pessimisme?rk=21459;2>. Acesso em 18 jun. 2019.

<sup>371</sup> ACADÉMIE Française. *Dictionnaire de l’Académie Française*. Quatrième édition tome second. Paris: Académie Française, 1762. p. 256.

<sup>372</sup> ACADÉMIE Française. *Dictionnaire de l’Académie Française*. Quatrième édition tome second. Paris: Académie Française, 1762. p. 256.

<sup>373</sup> COLERIDGE, Samuel Taylor. *Letters of Samuel Taylor Coleridge*, Vol. I (of 2), by Samuel Taylor Coleridge, London: Edited by Ernest Hartley Coleridge. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/44553/44553-h/44553-h.htm>. Acesso em: Acesso em 15 jun. 2019. p.115.

<sup>374</sup> ACADÉMIE Française. *Dictionnaire de l’Académie Française*. Cinquième édition tome second. Paris: Académie Française, 1798. p. 194.

<sup>375</sup> ACADÉMIE Française. *Dictionnaire de l’Académie Française*. Cinquième édition tome second. Paris: Académie Française, 1798. p. 194.

<sup>376</sup> ACADÉMIE Française. *Dictionnaire de l’Académie Française*. Sixième édition tome second. Paris: Académie Française, 1835. p. 306.

<sup>377</sup> ACADÉMIE Française. *Dictionnaire de l’Académie Française*. Sixième édition tome second. Paris: Académie Française, 1835. p. 306.

se o termo ‘pessimista’ [*pessimiste*] como “quem crê que tudo dá errado, que vê tudo negro. É um pessimista [*celui qui croit qui tout va mal, qui voit tout en noir. C’est un pessimiste*]”<sup>378</sup>.

Na sétima edição, 1878, ‘otimismo’ recebe acréscimo do uso popular, “se diz, na linguagem vulgar, de uma certa disposição para encarar as coisas bem, não se preocupar com os embaraços presentes e augurar bem o futuro [*Il se dit, dans le langage ordinaire, d’Une certaine disposition à voir les choses en beau, à ne pas s’inquiéter des embarras présents et à bien augurer de l’avenir*]”<sup>379</sup>. Nesta edição admite-se ‘pessimismo’ [*pessimisme*] pela primeira vez, como “maneira de pensar, opinião dos pessimistas [*manière de penser, opinion des pessimistes*]”<sup>380</sup>, ‘pessimista’ permanece inalterado<sup>381</sup>.

Na oitava edição, 1935, ‘otimista’ consta “relacionado ao otimismo. Doutrina otimista. Se diz de qualquer que está naturalmente disposto a achar que tudo está bem e tudo vai bem, a estar contente com tudo. É muito otimista. Substancialmente, é um otimista. Por extensão, caráter otimista. Ponto de vista otimista [*Qui a rapport à l’optimisme. Doctrine optimiste. Il se dit aussi de Quiconque est disposé naturellement à trouver que tout est bien, que tout va bien, à être content de tout. Il est très optimiste. Substantivement, C’est un optimiste. Par extension, Caractère optimiste. Point de vue optimiste*]”<sup>382</sup>. ‘Otimismo’, repete a edição anterior acrescentando “diz-se, ainda, por extensão, da impressão que se tem, em circunstância particular, de achar que as coisas acabarão bem. Gostaria de poder partilhar do seu otimismo [*Il se dit encore, par extension, de l’Impression qu’on a, dans une circonstance particulière, de voir les choses prendre bonne tournure. Je voudrais pouvoir partager votre optimisme*]”<sup>383</sup>.

Na mesma edição, os termos ‘pessimismo’ e ‘pessimista’ convertem-se em termos técnicos e também em termos de uso corrente, ‘pessimismo’, “doutrina filosófica

<sup>378</sup> ACADÉMIE Française. *Dictionnaire de l’Académie Française*. Sixième édition tome second. Paris: Académie Française, 1835. p. 401.

<sup>379</sup> ACADÉMIE Française. *Dictionnaire de l’Académie Française*. Septième édition tome second. Paris: Académie Française, 1878. p. 309.

<sup>380</sup> ACADÉMIE Française. *Dictionnaire de l’Académie Française*. Septième édition tome second. Paris: Académie Française, 1878. p. 404.

<sup>381</sup> ACADÉMIE Française. *Dictionnaire de l’Académie Française*. Septième édition tome second. Paris: Académie Française, 1878. p. 404.

<sup>382</sup> ACADÉMIE Française. *Dictionnaire de l’Académie Française*. Huitième édition tome second. Paris: Académie Française, 1935. p. 261.

<sup>383</sup> ACADÉMIE Française. *Dictionnaire de l’Académie Française*. Huitième édition tome second. Paris: Académie Française, 1935. p. 261.



na qual o mal se sobrepõe ao bem. Na linguagem corrente, opinião dos que tendem a acreditar que as coisas vão mal [*Doctrine philosophique selon laquelle le mal l'emporte sur le bien. Dans le langage courant, il signifie Opinion de ceux qui sont portés à croire que tout va mal*]<sup>384</sup>, enquanto, ‘pessimista’, “filósofo que professa o pessimismo. No uso corrente, designa-se quem encara as coisas como sombrias. Emprega-se também adjetivamente. Doutrinas, ideias pessimistas. Teorias pessimistas [*philosophe qui professe le pessimisme. Dans le langage courant, il désigne Celui qui voit les choses en noir. Il s'emploie aussi adjectivement. Doctrines, idées pessimistes. Théories pessimistes*]<sup>385</sup>.

O sentido das concepções “otimismo” e “pessimismo” é estabelecido na dependência mútua da oposição dos termos. Contudo, a oposição necessária para a sustentação da dicotomia oculta a nulidade na equivalência, ambas se pressupõem igual e proporcionalmente possíveis. Referindo-se tanto ao conjunto de coisas em seu estado presente quanto ao futuro, obtém-se uma ambiguidade contraditória. Afirmar o estado atual como “o pior” admite, logicamente, o aprimoramento, por outro lado, afirmá-lo “o melhor” inadmite aprimoramento. Conclui-se que assumir “o melhor” consiste em recusar a mudança, pois seu produto é pior. Em contrapartida, assumir “o pior” possibilita, logicamente, o aprimoramento, de modo que da modificação resulta um estado melhor. Assim, afirmações sobre o futuro têm implicações no presente, “melhorará” pressupõe que o estado atual não é “o melhor”, ao mesmo tempo, “piorará” pressupõe que não é “o pior”. A ambiguidade dos termos consiste no conflito da aplicação e na reciprocidade entre estado atual e futuro, o pessimismo é otimismo e o otimismo é pessimismo.

O *pensamento único* apresenta-se crítico ao otimismo, conferindo, ironicamente, à *Teodiceia* nenhum “mérito senão este, ter dado ocasião depois para o imortal *Cândido* do grande Voltaire; com o que, desta forma, a falha desculpa para os males do mundo, muitas vezes repetida por Leibniz, ou seja, de que o mal às vezes produz o bem”<sup>386</sup>. Em entrevista com o francês Frédéric Morin, Schopenhauer se declara “essencialmente pessimista [*essentiellement pessimiste*]<sup>387</sup>.

<sup>384</sup> ACADÉMIE Française. *Dictionnaire de l'Académie Française*. Huitième édition tome second. Paris: Académie Française, 1935. p. 331.

<sup>385</sup> ACADÉMIE Française. *Dictionnaire de l'Académie Française*. Quatrième édition tome second. Paris: Académie Française, 1935. p. 331.

<sup>386</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.695.

<sup>387</sup> LEFRANC, Jean (org.). *Schopenhauer*. Paris: Éditions de l'Herne, 1997. p. 256. Schopenhauer apud Frédéric Morin, entrevista em 1858.

## 2.1 NÃO-OTIMISMO: A ESSÊNCIA DO PENSAMENTO

As concepções “otimismo” e “pessimismo” derivam necessariamente da valoração “bem” e “mal”, respectivamente. A concepção “otimismo”, de Castel, mostra-se crítica ao valor, assim como “pessimismo”, de La Porte ao *Cândido*, que também responsabiliza o autor pela obra posta no mundo. Ambas as concepções, mesmo que em contexto jesuíta, descrevem de forma crítica, valorativa e repreensivamente, o conteúdo de posicionamento literário e pessoal conferindo-lhe repercussões sociais, seja de Leibniz, otimismo, ou de Voltaire, pessimismo. As concepções, originadas em crítica, mas não fundadas em contexto filosófico, tornaram-se correntes passando a denotar maneira de pensar, opinião, e, ainda, essencialmente, uma descrição ou tendência pessoal a partir dos parâmetros bom e mau, bem e mal. O “otimismo” propõe o mundo bom, o pessimismo, sua oposição, mau. Entretanto, a aplicação de tais termos parece preservar e perpetuar a realidade dos termos da dicotomia, em oposição, o *pensamento* parece incapaz de sustentar-se na dicotomia dada a natureza de sua verdade e comunicação, autoconhecimento.

O condicionamento da experiência humana a uma base fundamental demanda que um conhecimento não “destinado a finalidades individuais”<sup>388</sup> seja dotado de uma natureza alheia ao seu mundo, e, para isso, a comunicação do *pensamento* tem de ser, a cada momento da escrita, acompanhada de um cuidado expreso na forma de autojustificação, “a vida autêntica de um pensamento dura até que ele chegue ao ponto em que faz fronteira com as palavras: ali se petrifica, e a partir de então está morto, entretanto é indestrutível”<sup>389</sup>. Se os erros são oriundos de um estado no qual a volição impõe o pensamento sobre o mundo, para ocasionar um estado não volitivo, “devemos estar do mesmo modo empenhados em descobrir e erradicar qualquer erro, ainda que não antevejamos nele prejuízo algum, porque também o prejuízo pode ser indireto e aparecer quando menos se o espera”<sup>390</sup>. Se à verdade [*Wahrheit*] se opõe o erro [*Irrtum*]<sup>391</sup>, o espelho no qual o mundo destituído de pensamento é repetido, e no qual o sujeito se

<sup>388</sup>SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.349.

<sup>389</sup>SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 66.

<sup>390</sup>SCHOPENHAUER, Arthur. *Idem, MVR I*, 2015, p.41. [§8].

<sup>391</sup>SCHOPENHAUER, Arthur. *Idem, MVR I*, 2015, p.28.

reconhece, não pode ser composto por erro, e, portanto, o falso e a ilusão não podem tomar parte no espelhamento.

Se o *pensamento único* pressupõe a existência de uma base fundamental não apenas na descrição do mundo apresentado, mas também na fundamentação do mundo em que ele é escrito, uma autojustificação deve acompanhar cada argumento da obra assim como a sua justificação, como exemplo: “toda esta obra é apenas o desdobramento de um pensamento único [...] todas as suas partes não apenas têm a mais íntima ligação íntima entre si [...] mas cada parte da obra total é aparentada às outras e as pressupõe”<sup>392</sup>. As justificações acompanham as declarações para, por um lado, acessibilizar a verdade, por outro, afastar o erro, “o inimigo contra o qual os mais sábios espíritos de todos os tempos travaram uma batalha desigual e apenas o que nela conquistaram se tornou patrimônio da humanidade”<sup>393</sup>. Este empenho justifica-se na confiança de que o razoamento “pode penas prevenir o erro [...] substituindo este por um juízo verdadeiro”<sup>394</sup>, por isso a necessidade do cuidado na constante relação com o leitor por meio da “clareza”<sup>395</sup>, de modo que um “empenho em favor da compreensibilidade plena e até mesmo fácil num tema tão difícil tem de justificar aqui e ali a ocorrência de repetições”<sup>396</sup>.

Esse cuidado, cujo destino é a comunicação da verdade, pode ser percebido, primeiro, na construção de uma exposição que visa afastar o erro, a confusão, a obstrução e distrações no percurso do pensamento à verdade, “apesar de todos os esforços, não pude encontrar caminho mais breve para comunicá-lo”<sup>397</sup>. Depois, percebido no fornecimento de conselho [*Rat*] ou em exigência [*Forderung*], como “ler o livro duas vezes”<sup>398</sup>, “para penetrar na exposição destes pensamentos”<sup>399</sup>, assim como, e não menos importante, em consolação [*Trost*], reconhecendo, portanto, as “dificuldades e esforço que exige do leitor”<sup>400</sup> que, diante de juízos verdadeiros acompanhadas de justificação, antes de ter

---

<sup>392</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Idem, MVR I*, 2015, p.330. [§54].

<sup>393</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.41. [§8].

<sup>394</sup> *Idem, MVR I*, 2015, p.29

<sup>395</sup> *Idem, MVR I*, 2015, p.XXVI. Prefácio à primeira edição.

<sup>396</sup> *Idem, MVR I*, 2015, p.XXVI. Prefácio à primeira edição.

<sup>397</sup> *Idem, MVR I*, 2015, p.XXV. Prefácio à primeira edição.

<sup>398</sup> *Idem, MVR I*, 2015, p.XXVI. Prefácio à primeira edição.

<sup>399</sup> *Idem, MVR I*, 2015, p.XXVI. Prefácio à primeira edição.

<sup>400</sup> *Idem, MVR I*, 2015, p.20. Prefácio à primeira edição.

penetrado no *pensamento*, e ainda em estado volitivo, sente-se desprovido de mundo e sentido, testemunhando o desaparecimento.

O *pensamento* adquire seu caráter e essência na relação indissociável com a verdade, retirando dela sua origem e finalidade, mas se o *pensamento único* é “dedicado à verdade” e “*pessimismo*”, como é possível afirmar (i) a relatividade da valoração moral, (ii) a falsidade [*falsche*] e perniciosidade [*verderbliche*] do *otimismo* e (iii) a responsabilidade moral? Para realizar o fim a que se propõe, após análise da relação do *pensamento único* com a verdade, realizada no primeiro capítulo, o presente capítulo deve apresentar a partir da obra a relação entre os seguintes elementos: (a) *pensamento único*; (b) valoração moral “essencialmente relativa”<sup>401</sup>; (c) crítica ao otimismo e; (d) pessimismo. Se o julgamento moral é essencialmente relativo, julgar o otimismo absolutamente pernicioso parece contradizer e ruir a possibilidade de fundamentação da responsabilidade moral; assim, a declaração do dever à tolerância, paciência, consideração e amor ao próximo, contida no *pensamento único*, seria infundada.

Sendo os escritos desdobramento de um mesmo pensamento, seus elementos devem conter uma coesão racional para uma adequada repetição do mundo, mas devem conter uma coesão mais fundamental à medida que participam *na* verdade. Se composta por elementos condizentes, a obra de Arthur Schopenhauer pode ser *pessimismo*, mas, como já dissemos, se este se encontra na sua essência ou em caracterizações acessórias é algo ainda não evidente e, portanto, dependente de uma reflexão que tome o *pensamento único* em sua relação com a verdade para ser compreendido.

### 2.1.1 A Fundamentação Orgânica da Relatividade Moral

No prefácio à segunda edição da obra magna, o *pensamento único* declara-se participante no mundo que descreve, “esse é o curso deste mundo de carências e necessidades”<sup>402</sup>, e ratifica ao leitor a complexidade da tarefa, “o empenho pela verdade é demasiado excêntrico para esperar que todos, muitos ou alguns tomem parte dele”<sup>403</sup>, e, também, o seu empenho nela – “minha estrela guia foi de modo sério a verdade [*ernstlich*

---

<sup>401</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.417

<sup>402</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. XXXIV.

<sup>403</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.XXXIV.

*die Wahrheit*”<sup>404</sup>. A importância da verdade se realiza nas quatro considerações componentes do *pensamento*, mas em uma delas seu crédito é singular.

O ponto de vista físico, mesmo proporcionando uma visão adequada da condição humana, necessita de uma visão metafísica para ser dotado de sentido e, propriamente, guiar à significação do mundo, “pois apenas no ponto de vista moral é que nosso consolo pode ser encontrado, já que aqui as profundezas de nosso próprio íntimo são apresentadas”<sup>405</sup>. A consideração moral e metafísica, além de apresentar-se na condição de cuidado na comunicação ao leitor fornecendo consolação, realiza uma função primordial no desenvolvimento dos escritos ao instituir valor moral ao pensamento: “que o mundo tenha apenas um significado físico e nenhum significado moral [*keine moralische Bedeutung habe*] constitui o maior [*der grösste*], o mais pernicioso [*verderblichste*], o erro fundamental [*der fundamentale Irrtum*], a própria *perversidade* do modo de pensar [*die eigentlich Perversität der Gesinnung*”<sup>406</sup>. Esta alegação agrava a suspeita de uma contradição ao contrastar a relatividade do julgamento moral, de um lado, e a existência de uma perversidade não relativa, de outro. Acrescido a esse agravamento, a alegação torna necessária e indispensável a relação entre significação moral e conhecimento, conferindo estatuto de ato moral ao pensamento.

Na *segunda consideração* do mundo enquanto vontade está declarado que “a última parte de nossa consideração anuncia-se como a mais séria de todas [*ernsteste*”<sup>407</sup>, podendo, mesmo, ser chamada *filosofia prática* [*praktische Philosophie*]<sup>408</sup> mesmo que com ressalvas. A esta parte compete a pergunta pelo sentido da valoração moral, sua relação com o otimismo e seu pertencimento, ou não, à organicidade e coesão do *pensamento*. Essa *consideração*, intitulada “*alcançando o conhecimento de si, afirmação e [und] negação da vontade*”, mantém uma relação entre “valor da existência”, “otimismo” e “autoconhecimento” ao desenvolvê-las na segunda e última *consideração*, do mundo enquanto vontade. Nela, o *pensamento* se mantém fiel à natureza de sua obra, propondo-se a “tarefa de elevar à distinção abstrata e filosófica o significado *propriamente ético* da conduta humana indicado na vida pelas palavras *bom [gut]* e *mau*

<sup>404</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.XXXVII.

<sup>405</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros III-IV. Vol. 2. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 318.

<sup>406</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 39. [§109].

<sup>407</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.313. [§35].

<sup>408</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.313.

[*böse*]” e, em concordância com o propósito do *pensamento único*, “demonstrando-o como integrante de nosso pensamento capital e tornando-o perfeitamente compreensível”<sup>409</sup>. Esta demonstração torna-se possível pela análise da “significação autêntica”<sup>410</sup> dos dois conceitos, e, “com isso, o leitor não ficará envolto numa confusa ilusão”<sup>411</sup>. Para dar caminho ao verdadeiro, a experiência da leitura deve conduzir à compreensão do pensamento.

De acordo com a base fundamental, o organismo se manifesta em capacidade de recepção para, a partir da sensibilidade, manter ou mudar a sensação do atual estado. Enquanto no humano os sentidos fornecem informações sensoriais na composição da realidade, a instância fundamental conhece apenas a dor e estabelece nesta relação o destino do movimento. O eu cognoscente se realiza na sua funcionalidade, reunir as percepções dos órgãos dos sentidos num foco, e, a partir disso, a sensação do estado funda o ponto de relação com o mundo. Assim, a experiência acontece na relatividade do mundo na percepção singular do organismo.

A manifestação do organismo humano, em seu grau de conhecimento e complexidade do sistema nervoso central, não se emancipa da sua base fundamental, ainda que dela haja um esforço do eu cognoscente para se distanciar, “por mais variadas que sejam as formas [...] [da] felicidade e [...] infelicidade [...][,] o que o leva a perseguir uma e fugir da outra; contudo, a base material de tudo isso é o prazer corporal ou a dor”<sup>412</sup>, sendo que, com isso, o desenvolvimento do intelecto sofisticava as aparências sem interferir no seu estofo, cada ser vivo partilha com os demais a mesma condição de existência, a relatividade.

Pela investigação da natureza, torna-se perceptível que “certo grau bem baixo de sofrimento encontra-se nos animais menos complexos, os infusórios e radiados: mesmo nos insetos a capacidade de sentir e sofrer é ainda limitada”<sup>413</sup>, porém existente; “com o sistema nervoso completo dos vertebrados é que a referida capacidade aparece em grau elevado e cada vez mais quanto mais a inteligência se desenvolve”<sup>414</sup>. A capacidade de conhecer se converte, proporcionalmente, em capacidade de sofrer e o humano se

---

<sup>409</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.417.

<sup>410</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.417.

<sup>411</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.417.

<sup>412</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 150. [§153].

<sup>413</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.359. [§56].

<sup>414</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.359. [§18].

distancia dos demais animais; tal “diferença deve ser vista somente como consequência da presença de conceitos abstratos na consciência”<sup>415</sup>. Enquanto a experiência dos demais animais se desenvolve no presente, o humano, “em virtude do conhecimento *in abstracto*, abrange, ao lado do presente efetivo e próximo, ainda o passado inteiro e o futuro, junto com o vasto reino das possibilidades”<sup>416</sup>, multiplicando com objetos e desejos o sofrimento.

A capacidade de sentir, na qualidade do sofrer, determina a relação com o mundo independente da consciência. A relação reside em nível fundamental, mas pode ser reconhecida na expressão de conceitos, dentro eles, aqueles responsáveis pela investigação da significação do agir moral. Bom [*gut*] é “essencialmente relativo e indica a adequação de um objeto com algum esforço determinado da vontade [*Angemessenheit eines Objekt zu ir gendeiner bestimmten Bestrebung des Willens*]”<sup>417</sup>, pela sofisticação do intelecto humano, e dela surge a inauguração do passado e do futuro simultâneos ao presente, a relação se expressa em referência à temporalidades. O presente agradável [*Angenehm*] reside na “satisfação imediata e momentânea da vontade em cada caso”<sup>418</sup>, e na “satisfação apenas mediata da vontade em relação ao futuro, [...] o útil [*Nützliche*]”<sup>419</sup>. A experiência do eu cognoscente se relaciona com o mundo em conceitos. A singularidade do organismo é resguardada na sensação, “algo pode ser bom para uma pessoa embora seja exatamente o contrário para outra”<sup>420</sup>. Sendo o organismo fatigável e suscetível a diferentes sensações e sentimentos na relação com o mundo, objetos não são absolutamente bons; a base fundamental determina o estado atual do organismo enquanto referência da valoração. Dormir quando tem sono, comer quando faminto. Os objetos são bons conforme o potencial para satisfazer necessidades presentes ou futuras. A valoração é relativa entre organismo e instantes, relatividade é a relação do organismo com a sua circunstância.

O estado volitivo, marcado pelo interesse individual, estabelece o julgamento moral relativo em duas acepções: em linguagem subjetiva, em relação aos próprios interesses, bons são “aqueles humanos favoráveis aos nossos fins almejados, que os

---

<sup>415</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.99. [§16].

<sup>416</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.99. [§16].

<sup>417</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.418.

<sup>418</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.418.

<sup>419</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.418.

<sup>420</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.418.

fomentam e lhe são simpáticos”<sup>421</sup>, e em linguagem objetiva, “aqueles cujo caráter os leva em geral a não obstarem os esforços da vontade alheia”<sup>422</sup>. A interação com o mundo se dá não apenas na possibilidade de satisfação no *bom*, mas, assumida a natureza de recepção para a dor, as satisfações e prazeres existem em relação ao corpo e à vontade: “quando discutimos sobre seres não cognoscentes, o conceito oposto é expresso pela palavra mal [*schlecht*], mais rara e abstratamente pela palavra ruim [*übel*], que portanto indica algo não favorável ao esforço da vontade em cada caso”<sup>423</sup>, a instância fundamental é a base da sensação e da moralidade.

Mesmo que termos possam ser aplicados objetivamente, como no caso de ‘bom’, a relatividade permanece a condição de cada organismo, as sensações e o conhecimento são privados, o percurso de pensamentos encadeados ocorre na relação da experiência sentida, não partilhada ou comunicável. O isolamento no *princípio de individuação* impede um conhecimento que não seja próprio; ainda que cada organismo exista no tempo, cada presente existe na relação com e para a consciência. Cada testemunho se refere ao próprio corpo e às condições temporais a que está submetido. O intelecto inaugura tempo e espaço instaurando o presente e o aqui, e ambos, coincidindo no eu, estabelecem o distanciamento.

O *pensamento único*, ao declarar relativo o julgamento moral, não incorre em contradição, pois “o mundo é minha representação”, primeira afirmação da obra magna, contém a relatividade do mundo como ponto de partida do conhecer e da existência. Contudo, tal constatação não dissolve o problema da falsidade e perniciosidade do otimismo. Para resguardar a coerência proposta, o *pensamento* não deve estabelecer parâmetros de análise diferentes para o otimismo e para a realidade descrita. Deve, se possível, identificar no otimismo um parâmetro inconsistente com o que descreve.

A realização do *pensamento* depende, necessariamente, de ocasionar no leitor o estado de autoconhecimento, e, para isso, utiliza-se de argumentações e justificações com objetivo de expor raciocínios falsos. Então, um posicionamento falso deve obrigatoriamente estar em oposição aos elementos que constituem o *pensamento*; quão mais fundamentalmente distinto ao posicionamento falso, tanto mais se confirma a oposição. O otimismo, porém, não se apresenta enquanto afirmação indiferente ao seu

---

<sup>421</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.419.

<sup>422</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.419.

<sup>423</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.418.



sentido, ao contrário, se estabelece enquanto afirmação verdadeira sobre a natureza do mundo e a condição humana. Ao destinar-se verdadeiro, e declarar o otimismo falso, o *pensamento* deve ser não-otimismo, mas permanece em aberto se o otimismo é, de fato, falso e pernicioso, e se o *pensamento único* pode ser pessimismo.

### 2.1.2 A Falsidade do Otimismo

Ainda que a reflexão sobre o otimismo em sua significação geral não possa ser perdida de vista, a sua justificação em relação à relatividade do organismo deve ser tomada como parâmetro de análise: “o otimismo não é apenas falso, mas é também uma doutrina perniciosa, pois apresenta a vida como um estado desejável e a felicidade do homem como seu objetivo e objeto [*er stellt uns das Leben als ainen wünschenswerten Zustand und als Zweck desselben das Glück des Menschen dar*]”<sup>424</sup>. A falsidade, objeto da presente análise, consiste na desejabilidade da vida e no destino humano à felicidade.

A partir da análise do *ethos* humano, a felicidade caracteriza-se como “bom supremo, *summum bonum*, [...] indicando uma satisfação final da vontade além da qual nenhum novo querer apareceria, noutros termos, um último motivo cujo alcance proporcionaria um contentamento indelével da vontade”<sup>425</sup>. Enquanto a natureza se manifesta em “esforço interminável, sem fim, sem repouso”<sup>426</sup>, no estado volitivo o organismo humano se expressa pela sustentação da vida em direção ao bem supremo. Este empenho tem como pressuposto a positividade do bem. Essa premissa determina que a satisfação [*Befriedigung*], o bem-estar [*Wohlsein*] e a felicidade [*Glück*] são imediatamente sentidas, existem por si mesmas, sem dor, necessidade ou desconforto que as preceda, e determina que aquelas se sobrepõem a estas e as redimem na sensação e na realidade, assim justificando a busca e o empenho.

De acordo com a base fundamental, o estado volitivo encontra-se em discórdia consigo e, através dele “o mundo permanece-nos cheio de contradições”<sup>427</sup>. A busca pela satisfação expõe o conflito nuclear do desejo, “verifica-se uma completa contradição em

<sup>424</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros III-IV. Vol. 2. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 310.

<sup>425</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.420. [§65].

<sup>426</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.361. [§57].

<sup>427</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros III-IV. Vol. 2. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 375.

querer viver sem sofrer, contradição que também se anuncia com frequência na expressão corrente ‘vida feliz’. Isso compreenderá quem seguir e apreender toda minha exposição”<sup>428</sup>. A vida não subsiste originariamente, mas é produto sustentado nas funções que resistem à morte por meio do esforço. O destino realizado não é o que se imagina realizar. Na sensação do próprio corpo, o organismo interage com o entorno conformado em realidade produzida em suas funções após por ela ter sido afetado. Sendo o atual estado uma necessidade específica, os objetos encontrados são bons se favorecem à satisfação desta vontade. Nesse momento, entre a necessidade e saciedade, entre querer e alcançar, reside o sofrimento. O estado volitivo acontece em circularidade, “os esforços infundáveis para acabar com o sofrimento só conseguem a simples mudança de sua figura, que é originariamente carência, necessidade, preocupação com a conservação da vida”<sup>429</sup>, e assim permanece remetendo ao atual o próximo estado.

Na premissa de sua positividade, o bem sobrepõe-se ao mal, a sensação boa é sentida imediatamente e originária, enquanto a má consiste na ausência de uma boa. Prazer e bem-estar superam e redimem as dores. Porém, a premissa da positividade do bem, da satisfação, conflita com a experiência e natureza do organismo. Satisfações encerram necessidades dando fim a algo que teve início, mas a dor sentida no percurso, ao findar-se, não é redimida, pois “com a satisfação [...] finda o desejo, por consequência o prazer. Eis por que a satisfação ou o contentamento nada é senão a liberação de uma dor, de uma necessidade”<sup>430</sup>. No seu encerramento está o destino, disto resulta que onde não há dor, não há necessidade de findá-la ou aplacá-la, satisfação.

Não há bem que possa apagar a dor passada, “o mundo não precisa de uma redenção; conseqüentemente, não existe redenção alguma”<sup>431</sup>. A sensação de satisfação finda a sensação dolorosa sem realizar individual ou coletiva redenção no mundo, “que milhares de pessoas tivessem vivido em felicidade e delícias, jamais suprimiria a angústia e tortura mortal de um único indivíduo: e muito menos o meu bem-estar presente anula os meus sofrimentos anteriores”<sup>432</sup>. Argumentar pela negatividade do mal consiste em afirmar a possibilidade de compensar o sofrimento na vida. O valor da vida está justificado. Mas, ainda a experiência não permite este pronunciamento sem contradizer

<sup>428</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 107. [§16].

<sup>429</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 365.

<sup>430</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.370.

<sup>431</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.428.

<sup>432</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.687.

a sua base.

A declaração da inadequação da vida à felicidade deve ser enunciada. “Não conheço nenhum absurdo maior do que a maioria dos sistemas metafísicos que consideram o mal como algo negativo, enquanto na verdade é positivo, o que se faz sentir a si mesmo”<sup>433</sup>, e “nisto é particularmente insistente Leibniz”<sup>434</sup>. Em sua justificação da existência de Deus, *Teodiceia*, Leibniz estabelece o “otimismo sistemático”, declarando, como já vimos, que este é o melhor dos mundos possíveis, e que, em acordo com o grau de sua participação na perfeição divina, todas as coisas são boas. Em Leibniz, por meio de sua argumentação otimista sistemática, a razão ampara e justifica tal participação no falso abrangendo amplamente a realidade. Contudo, a partir do conhecimento na experiência da verdade, “isto é inaceitável [*das ist nicht zu ertragen*]”<sup>435</sup>, e, por isso, o *pensamento* deve realizar-se diante do leitor enquanto experiência de dissolução de tal sistema. Para isso, contra-argumenta Schopenhauer, “ainda que a demonstração de Leibniz [...] fosse correta, ele ainda não forneceria uma *teodiceia*. Pois o criador não criou apenas o mundo, mas também a própria possibilidade”<sup>436</sup>, e a experiência se mostra inapta para a realização da felicidade na realidade, “ele, deveria, portanto, ter disposto esta última de modo a permitir um mundo melhor”<sup>437</sup>.

Para combater os efeitos do sistema de Leibniz, o *pensamento* parte da reconsideração de ‘possibilidade’ para argumentar “este é o pior dos mundos possíveis”<sup>438</sup>. O estado volitivo, a cada desejo, encontra no mundo promessas de felicidade, e a cada satisfação se desilude. Cada vontade saciada não realiza o destino do mundo; a vontade, a cada desilusão, é reforçada e de novo estimulada, e por meio do otimismo afirma para si: “é preciso querer algo melhor”<sup>439</sup>. Assim, reafirma a possibilidade do destino e a confiança na promessa. Para realizar um reconhecimento do mundo, é preciso pensá-lo segundo seus próprios critérios, analisar o mundo não pelas forças da imaginação volitiva, mas pela natureza que sustenta a realidade, “‘possível’ não

<sup>433</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 148.

<sup>434</sup> Idem, *ibidem*. p. 148. [§149].

<sup>435</sup> Idem, *ibidem*. p. 158. [§156].

<sup>436</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 148. [§149].

<sup>437</sup> Idem, *ibidem*. p. 148. [§149].

<sup>438</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.696.

<sup>439</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros III-IV. Vol. 2. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 297.

significa o que casualmente alguém pode fantasiar, mas o que realmente pode existir e subsistir”<sup>440</sup>. Para isso, deve-se observar o mundo, do inorgânico ao orgânico.

Debaixo da dura crosta do planeta habitam violentas forças naturais que, assim que algum acaso lhes conceda espaço de manobra, têm de destruir a crosta com tudo o que nela vive; como ocorreu pelo menos três vezes em nosso planeta e possivelmente repetir-se-á com mais frequência. Um terremoto em Lisboa, no Haiti, a destruição de Pompeia, não passam de pequenos sinais brincalhões dessa possibilidade – Uma tênue alteração na atmosfera, mesmo quimicamente indemonstrável, causa cólera, febre amarela, peste negra, e assim por diante, o que já ceifou milhões de pessoas: uma alteração só um pouco maior extinguiria toda vida. Um aumento bastante moderado de calor secaria todos os rios e todas as nascentes – Os animais receberam em órgãos e forças exatamente o que lhes é suficiente para permitir o próprio sustento e a alimentação da sua prole, e isso sob condições extremas de esforço; por isso um animal que perde um membro, ou mesmo se fica apenas impossibilitado da perfeita utilização do mesmo, na maioria das vezes tem de perecer.<sup>441</sup>

Desta consideração sobre a condição que sustenta o mundo e a vida, conclui-se que “se ele fosse um pouquinho pior”<sup>442</sup>, se manifestasse em veemência mais grave, “um mundo que fosse a aparência de uma vontade incomparavelmente mais veemente que a atual exibiria sofrimento tão mais intensos que, em verdade, seria um inferno”<sup>443</sup>. Se o intervalo entre a alimentação e a fome fosse mais curto, entre a água e a sede, o descanso e o cansaço, não seria possível manter-se em busca da felicidade, “então não poderia subsistir. Logo, um mundo pior, por ser incapaz de subsistir, é absolutamente impossível, por conseguinte, este é o pior dos mundos possíveis”<sup>444</sup>.

A necessidade metafísica surgida do desenvolvimento do cérebro, faculdade de conhecer, tem na filosofia a capacidade de realização significativa ao ocasionar o autoconhecimento, mas, por outro lado, as metafísicas populares, religiões, também são meios de expressão do otimismo e de suas demandas, não apenas realizado no indivíduo mas no coletivo, “agora terei de ouvir novamente que minha filosofia é desconsolada - e isso somente porque me expresse conforme a verdade, mas as pessoas querem ouvir que

---

<sup>440</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.696.

<sup>441</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.697.

<sup>442</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.696.

<sup>443</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.458.

<sup>444</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.696.

o Senhor Deus tenha feito tudo da melhor maneira”<sup>445</sup>. Na comunicação do *pensamento*, ainda que haja lugar para a consolação no auxílio do leitor na experiência da leitura de uma verdade difícil, o conhecimento não pode servir ao consolo do estado volitivo: um tal uso do conhecer implica permanência do erro, manutenção daquele estado.

Mas, para comunicar o erro do otimismo, deve-se expor a sua inconsistência no mundo e apresentar a que ela se adequa. Por meio da natureza da percepção do corpo e da realidade, “sentimos a dor, mas não a ausência de dor; sentimos preocupação, mas não a ausência de preocupação”<sup>446</sup>, descobrindo que a satisfação e a tranquilidade buscadas aparecem momentaneamente na ausência das sensações positivas. As funções do corpo atestam tal condição, na sua realidade fisiológica, o momento mais feliz reside no “adormecer”<sup>447</sup>, pois o organismo sente-se liberto de preocupações presentes e, num futuro próximo, antecipadas. Perde-se inteiro no sono e nele a preocupação.

O conflito, no estado volitivo, se mantém. Nesta dimensão, a vida se mostra destituída de dignidade, a afirmação do seu valor parece contradizer a sensação de estar vivo, “quem quer comprovar a afirmação de que no mundo o prazer supera a dor, ou ao menos que ambas se mantêm em equilíbrio, que compare a sensação do animal que devora um outro com a deste outro”<sup>448</sup>. Se o prazer fosse positivo, a sensação do devorador seria incomparavelmente mais forte ofuscando a dor do devorado, negativa, indigna de menção.

Na exigência da ausência de dor imposta ao mundo e sua condição de positividade no sentir, mostra-se que “nossa existência é tão mais feliz o quão menos a sentimos, de onde se infere que seria melhor não”<sup>449</sup> existir. Este conflito no desejo sustenta “um breve adiamento da morte”<sup>450</sup>, consistindo em resistência, “a vida de indivíduos efêmeros e atormentados [...] no caso mais feliz com necessidade suportável e relativa ausência de dor, que [...] logo pode ceder lugar ao tédio”<sup>451</sup>. A busca pela

---

<sup>445</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 158. [§156].

<sup>446</sup> Idem, MVR II, 2015, p.686.

<sup>447</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros III-IV. Vol. 2. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 302.

<sup>448</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 148. [§149].

<sup>449</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros III-IV. Vol. 2. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 299.

<sup>450</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.429

<sup>451</sup> Idem, MVR II, 2015, p.429

felicidade realiza um estado desconfortável constituindo e sustentando a vida.

O empenho na felicidade mantém a busca usando de pretextos como motivos. Enquanto não obtém o que deseja, sofre sentindo a vontade obstruída; ao obter, o objeto se transforma, muda de aspecto perdendo seu encanto, não cumpre o que prometeu. Se, por um lado, a própria consciência renega tudo pelo que se esforçou retirando-lhe todo o valor após a obtenção, e busca um estado perene de não-sensação, por outro, a natureza confirma que “nenhum indivíduo é feito para durar para sempre”<sup>452</sup>, mostrando que cada criatura vive apenas para morrer, e nisso consiste o “porto da filosofia de Schopenhauer, para quem a morte é ‘o autêntico resultado’ e, portanto, o objetivo da vida”<sup>453</sup>. Cada sofrimento até então gratuito, não mudando a sua condição, existiu por capricho, no empenho por algo inexistente. A dor que afetou intensamente o seu mundo, existiu pela teimosia numa existência destinada a findar, no estado constante de resistência, uma quase-existência. Ao findar, a dor cessa, mas não se redime, “somos levados a concluir que a vida é um negócio cujo retorno é insuficiente para cobrir os seus custos”<sup>454</sup>. Se ao estado volitivo fosse permitida fria ponderação, maturação de pensamento, se a vida fosse analisada a partir de suas características e contrastada com a exigência que lhe é imposta, felicidade, chegar-se-ia à conclusão “que seria melhor se não fosse”<sup>455</sup>.

Porém a incapacidade de sustentar a satisfação aponta para uma vida que, em vez de não se realizar, realiza-se a todo instante no seu movimento, apresentando a sua adequação. O corpo e o pensamento possuem conformações em sua possibilidade, “nosso corpo se dilaceraria se lhe fosse retirada a pressão atmosférica”<sup>456</sup>, a sensação e o pensamento também podem existir apenas em relação à sua natureza; “se a pressão da necessidade, da adversidade, da contrariedade e frustração [...] fossem subtraídas da vida”<sup>457</sup>, ela se tornaria insuportável, não se sustentaria – “se todos os desejos, mal surgidos já fossem realizados, com o que seria preenchida a vida humana?”<sup>458</sup> A ausência de um desejo é sentida no tédio, expondo a inadequação da volição para com a falta de

<sup>452</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 119. [§136].

<sup>453</sup> FREUD, Sigmund. *Além do Princípio do Prazer* (1920). In: *Obras Completas*, vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 160.

<sup>454</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 511.

<sup>455</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 159. [§156].

<sup>456</sup> Idem, *ibidem*. p. 149.

<sup>457</sup> Idem, *ibidem*. p. 149.

<sup>458</sup> Idem, *ibidem*. p. 149.

objetos, e assim, ao estabelecer o desejo com realidade, a vida se mostra inadequada para a satisfação e para a felicidade e adequada ao esforço. Desejar a felicidade e não encontrá-la constitui a experiência do organismo humano sentida no conflito, e que, para ser menos desagradável, depende de uma “quantidade de preocupação, ou dor, ou necessidade, como o navio de lastro, para navegar de modo firme e certo”<sup>459</sup>. No estado volitivo, se estabelece uma correspondência entre vida e estado de felicidade, enquanto “seria mais correto colocar o propósito da vida em nossa aflição do que em nosso bem-estar”<sup>460</sup>.

Ao determinar a positividade do bem e da felicidade, o otimismo desconsidera o conflito sentido, nisto consistindo a sua falsidade. Assumindo a relatividade da sensação particular do organismo, declarar a felicidade, estado destituído de dor, como objeto e objetivo, significa atribuir à vida humana uma existência inconsistente com a sua experiência. O falso deve ser exposto enquanto tal para abrir caminho ao pensamento verdadeiro. O otimismo deve ser pensado em contraposição ao *pensamento*, uma vez que desconhece o conflito presente no humano, e, contudo, outro aspecto lhe é atribuído, a perniciosidade.

Neste estado, realiza um destino diferente do que imagina realizar, buscando extinguir aquilo que é anterior a si, a dor e o sofrimento, empenha a vida no esforço por um estado que não pode permanecer, “a vida, com suas contrariedades de cada hora, diárias, semanais, anuais, contrariedades pequenas, médias, grandes [...] nos deixamos enganar pensando que a vida existe para agradecidamente ser gozada, e o ser humano, para ser feliz”<sup>461</sup>. O otimismo deve, enquanto reflexão não-verdadeira, ser exposto em sua falsidade, mas deve ser exposto de modo mais grave e sério enquanto pernicioso pelo que realiza. Por meio de sua falsidade, impõe ao mundo algo que não lhe pertence e interage com a instância fundamental do organismo estimulando o estado volitivo. Pela perspectiva da verdade, o falso deve ser afastado, mas pela da compaixão, o otimismo deve ser exposto. Naquele estado, o conhecimento permanece estimulado pelo interesse, incapacitando para reflexões objetivas sobre a própria condição, de acordo com aquela

---

<sup>459</sup> Idem, *ibidem*. p. 149.

<sup>460</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros III-IV. Vol. 2. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 376.

<sup>461</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.684.

instância “devemos viver, não importa se bem ou mal”<sup>462</sup>, buscando, a felicidade leva o sofrimento consigo.

Se a sensação dolorosa existe no destino de seu desaparecimento, o mundo demonstra a natureza de sua contradição e conflito. O eu cognoscente manifesta-se num “ponto unificador da sensibilidade do sistema nervoso[...] foco para o qual convergem os raios das atividades de todas as partes do cérebro”<sup>463</sup>, formando um mundo com sofisticação para, de necessidade em necessidade, servir a sua vontade. Individualmente na sensibilidade, a vida é identificada a cada momento numa conformação específica, coincidindo no objeto que busca dissolver, o esforço realizado alimenta e estimula a volição, mantendo e possibilitando a condição sensível, no empenho pelo não existir. Mas, no todo, o conflito se deixa transparecer no seu caráter misterioso, “se o mundo não fosse algo que, expresso praticamente, não deveria ser, teoricamente ele também não seria um problema: antes, sua existência não necessitaria de explicação alguma, uma vez que seria inteiramente compreensível por si mesma”<sup>464</sup>. Um mundo fornecido para o proveito pressuporia a transparência do mundo e a sua evidente enunciação sem conflito, mas “nosso próprio ser é um enigma para nós mesmos”<sup>465</sup>. Ao organismo habitante do mundo formado por si, envolto em mistério, acumulando desgosto e sofrimento em busca da felicidade, não convém “nenhuma outra existência”<sup>466</sup>.

Na exposição da condição pela qual se vive, o *pensamento* expressa a sua natureza. Na relação estabelecida com o leitor, desde a coesão orgânica, a argumentação por conceitos cuidadosamente apresentados, até a auto imputação no uso dos pronomes pessoais possessivos, demonstra o intento de ocasionar um estado diferente. O estado natural, apresenta-se em conflito e sofrimento, e ao manter a força cognitiva empenhada na própria conservação, incapacita para o conhecimento da verdade. Ao buscar a satisfação, assenta-se em sua possibilidade alimentando o estado volitivo, enraizado na vontade; seu abandono, porém, não é um “ato de arbítrio”<sup>467</sup>.

---

<sup>462</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 360.

<sup>463</sup> Idem, MVR II, 2015, p.596.

<sup>464</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.691.

<sup>465</sup> Idem, MVR II, 2015, p.596.

<sup>466</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 149.

<sup>467</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 439. [cap30].



Os órgãos voltados para o exterior ofertam o mundo *ao* organismo fundado em sua interioridade. Dada a determinação do pensamento, envolto pelo Véu de Maia, o autoconhecimento não pode ser pronunciado. Inefável, deve ser exposto sutilmente para que o encontro ocasione a sua experiência. O *pensamento* não aceita as premissas do otimismo, tampouco sua conclusão, e, por isso, é necessariamente não-otimismo, mas se esta doutrina falsa e pernicioso representar-se essencialmente oposta, não apenas aos escritos mas ao propósito do *pensamento único*, então, pode-se concluir que o *pensamento único* é essencialmente não-otimismo, e talvez *pessimismo*.

## 2.2 O OTIMISMO NO FUNCIONAMENTO DO ORGANISMO

Metafísico, o corpo confere ao mundo aparência, e submete a relação à própria necessidade. O desejo empregado nos objetos da realidade recebe, em contrapartida, um estímulo proporcionalmente veemente, sustentando a própria dor que parece acidental, o “presente é sempre insuficiente, o futuro, incerto, o passado, irrecuperável”<sup>468</sup>. Confrontando-se com uma realidade que não se confirma feliz, o organismo humano, ao se empenhar em sua transformação mostra que “acima de tudo ama uma existência plena de necessidade, flagelo, dor, medo, ou ainda plena de tédio, e que, considerada e avaliada objetivamente, teria antes de abominar”<sup>469</sup>. Em constante sofrimento e dificuldades, a vida é desejada, por isso declarada boa, mas isso acontece e se repete porque “no fundo, o otimismo é injustificado autoelogio da verdadeira autora do mundo [*im Grunde das unberechtigten Selbstlob des eigentlichen Urhebers der Welt*]”<sup>470</sup>, otimismo é afirmação da vontade.

No *pensamento*, o otimismo não se apresenta enquanto produto do pensamento, mas “coincide com a nossa existência mesma, e todo o nosso ser é justamente apenas a sua paráfrase”<sup>471</sup>. O “mais característico e importante [...] da minha filosofia”<sup>472</sup> estabelece “primeiramente, a vontade enquanto coisa em si como absolutamente

---

<sup>468</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.684.

<sup>469</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.430.

<sup>470</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação. Tomo II. Complementos. Livros III-IV. Vol. 2*. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 310.

<sup>471</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.755.

<sup>472</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.231.

originária; em segundo lugar, a sua mera visibilidade, sua objetivação, o corpo; e em terceiro lugar a cognição, como mera função desse corpo”<sup>473</sup>. A vontade empenhada em sustentar a vida se expressa em organismo, em seus órgãos e funções, de modo que “tudo nele deve conspirar à sua finalidade última”<sup>474</sup>. O núcleo metafísico revestido em corpo se manifesta em órgãos, e o corpo, em suas funções e produtos, expressa vontade: “a vontade de conhecer [*Wille zu erkennen*], objetivamente percebida, é o cérebro, assim como a vontade de caminhar [*Wille zu gehen*], [...] é o pé; a vontade de agarrar [*Wille zu greifen*], a mão; a vontade de digerir [*Wille zu verdauen*], o estômago; a vontade de procriar [*Wille zu zeugen*], os órgãos genitais, e assim por diante”<sup>475</sup>.

O eu cognoscente tem na vontade sua identidade última, assim, o otimismo e a criadora do mundo, não são produzidos pelo pensamento, por meio da experiência como objeto do mundo, mas acompanham a existência e a consciência, “há apenas um erro inato, o de que existimos para sermos felizes”<sup>476</sup>. A vontade manifesta-se em otimismo. Se o erro inato é afirmação da felicidade enquanto destino da vida, e otimismo é afirmação da felicidade enquanto destino da vida, então, erro inato é otimismo e otimismo é erro inato. Otimismo é estado volitivo, afirmação da vontade. Organismo é afirmação da vontade, estado volitivo. Se nosso ser é vontade manifesta em corpo, e nosso ser coincide com aquele erro, então “nosso corpo é o seu monograma”<sup>477</sup>. Se otimismo é afirmação da vontade, e esta se manifesta em vontade de conhecer, então, no funcionamento do organismo e do intelecto no estado volitivo, a constituição da realidade e da experiência *devem* mostrar-se *marcadas* pelo otimismo.

Pela atividade das funções orgânicas o corpo resiste à morte. A realidade é constituída *no* funcionamento orgânico, e

devem ser consideradas imediatamente como simples representações, portanto excluídas do que acabou de ser dito, certas poucas impressões sobre o corpo que não estimulam a vontade e unicamente mediante as quais o corpo é objeto imediato do conhecimento ( visto que ele, como

<sup>473</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 67.

<sup>474</sup> Idem, *ibidem*. p. 107.

<sup>475</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 386.

<sup>476</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.755.

<sup>477</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.755.

intuição no entendimento, já é objeto mediato como qualquer outro). Penso aqui nas afecções dos sentidos puramente objetivos da visão, da audição e do tato, embora só à medida que seus órgãos são afetados conforme sua maneira natural, específica; o que é um estímulo tão excepcionalmente fraco da sensibilidade realçada e modificada dessas partes que não afetam a vontade, mas, sem ser incomodada pela estimulação, esta apenas fornece ao entendimento os primeiros dados de onde deriva a intuição.<sup>478</sup>

Instaurado o organismo, “a atenção é dirigida para fora e agora aparece sob a orientação do cérebro [...] que é como uma ferramenta preparada de antemão para o efeito pretendido”<sup>479</sup>, reagir ao mundo por meio da própria sensação. O cérebro, “cuja função é a inteligência requerida para a sua conservação”<sup>480</sup>, unifica as impressões sentidas no corpo, conformando o mundo na consciência, dotada de um caráter duplo tal como uma planta: “a raiz representa a vontade, a corola, o intelecto, e o ponto de indiferença de ambos, o rizoma, seria *o eu* que, como ponto limite comum, pertence aos dois”<sup>481</sup>. O mundo é produzido e determinado pelo intelecto, “o eu teórico [*theoretische Ich*], o sustentáculo [*Träger*] da consciência inteira, na qual o eu teórico apresenta-se como algo idêntico ao eu desejante [*wollenden Ich*]”<sup>482</sup>, unifica o mundo na sua identidade. ”<sup>483</sup>.

A realidade [*Realität*] acontece na fluidez<sup>484</sup> da consciência. O eu pensante, a vida, e a felicidade se passam por essência, existentes por si mesmas, quando, em verdade, são produtos. Sustentados no movimento contínuo das funções, apoiam-se mutuamente no estado volitivo; a realidade é conhecida pelo corpo, não independente da vontade, mas na relatividade da valoração moral. Na “minha doutrina [...] a vontade é em toda parte igual e uniformemente presente em todo o corpo [...] as funções orgânicas são tanto o seu trabalho como também o são as funções animais”<sup>485</sup>, o corpo e seus produtos se empenham na preservação da vida, preservando ou acabando com o conhecido estado

<sup>478</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.118. [§18].

<sup>479</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 385.

<sup>480</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.248.

<sup>481</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.245.

<sup>482</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 375.

<sup>483</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 418.

<sup>484</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p. 167.

<sup>485</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 374.

atual.

Tomado abstrata e objetivamente, o conhecimento é indolor, consiste em informações num organismo. Apenas no estado volitivo o conhecimento adquire caráter sensível e o mundo é valorado no interesse da manutenção. O organismo, relacionando-se com o exterior por meio da sensação, sente dor ou prazer, quando sua volição é afetada simultânea e imediatamente, “em graus menores, sensação agradável ou desagradável; inversamente, todo movimento veemente da vontade, portanto todo afeto e paixão, abala o corpo e perturba o curso de suas funções”.<sup>486</sup> Estas variações e gradações portam a valoração mediadora realizada no organismo também manifesta em pensamento – “chamamos de bom tudo que é exatamente como queremos que seja”<sup>487</sup>. Objetos de diferentes naturezas favorecem e perturbam o corpo em suas funções vitais interagindo com a instância fundamental, “as imagens e pensamentos que emergem no intelecto colocam a vontade em movimento”<sup>488</sup>.

No esforço do organismo e fluidez da consciência, a realidade é constituída e sustentada por meio das sensações valorativas no estado volitivo. Pensamentos podem existir sob duas condições, uma, existir em relação à experiência presente, e outra, em relação a outros pensamentos. Entretanto, O funcionamento do organismo se dá na reciprocidade entre sensação e exterioridade, corpo e movimento. Na aparência, o corpo se move por ação de outro corpo ou por seus movimentos internos, mas, o *pensamento* declara que “não há duas origens fundamentalmente distintas para o movimento, que ele não parte ou de dentro, onde é atribuído à vontade, ou de fora, onde surge a partir de causas, mas que ambas são inseparáveis”<sup>489</sup>, e, assim, o corpo e sua volição são inseparáveis, e do mesmo modo, o pensamento é sentido.

A sensibilidade do organismo encontra-se conformada à sua natureza volitiva. Assim como objetos e pessoas, os pensamentos, dimensão abstrata simultânea ao corpo, são sentidos agradáveis ou desagradáveis, bons ou ruins, em sua relação com a possibilidade do bem supremo, a vida feliz. O eu testemunha a si, não apenas em relação ao presente, mas principalmente na iminência do destino por se concretizar, as sensações

---

<sup>486</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.125. [§20].

<sup>487</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.418.

<sup>488</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.251.

<sup>489</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 141.

“em verdade, nascem não do prazer ou da dor imediatamente presentes, mas da perspectiva de um novo futuro ali antecipado”<sup>490</sup>. Testemunhando o percurso, estimula a vontade fornecendo-lhe motivos também em forma de pensamentos e, assim, padece com ela nas suas dores.

Pensamentos afetam o organismo humano na sua relação à base fundamental. A experiência realizada na consciência unifica o mundo em um ponto, a partir do sistema nervoso central, conferindo-lhe aparência e sensações. A realidade se manifesta em representação sustentada e dependente do organismo. “O mundo é minha representação”, entretanto, dor e prazer não são representações, mas limites na capacidade de representar. Assim, estas sensações estabelecem a possibilidade de apreensão da realidade, mas a dor é positiva, sentida imediatamente, por isso quando “pensamos sobre nossos assuntos pessoais, e depois pintamos vividamente pra nós mesmo, [...] a ameaça de um perigo realmente presente, e a possibilidade de um resultado infeliz, a ansiedade de uma só vez comprime o coração, e o sangue deixa de fluir”<sup>491</sup>.

Experimentar um pensamento interfere no corpo, demonstrando, assim, uma tendência: “se o intelecto passa[...] para a possibilidade de um resultado oposto, e permite que a imaginação conceba a felicidade tão longamente esperada, então nossa pulsação se acelera de uma só vez com alegria, e o coração se sente leve como uma pena”<sup>492</sup>. Felicidade, satisfação ou bem, mostram-se determinantes enquanto parâmetro de funcionamento do organismo. O conjunto de funções que resistem à morte sustentam a vida desejada, o funcionamento é o meio pelo qual a vida resiste. A vontade quer a vida. A vontade se manifesta no funcionamento. Este é meio pelo qual a vida é sustentada. O estado volitivo é o meio pelo qual a vida se sustenta. Logo, o estado volitivo é um estado desejado, a vontade quer a si mesma. Assim, a vontade quer o mundo por meio da volição e quer o que permite a sustentação. Se pensamentos obstruem a felicidade, interferem na sua realização.

A realidade, inaugurada no organismo, não é indiferente à vontade, e a vontade não é indiferente à realidade. Na interferência de pensamentos sobre o organismo, identifica-se uma tendência na conformação da realidade. O presente, o passado e futuro

---

<sup>490</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.366.

<sup>491</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 316.

<sup>492</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 316.

incidem na realidade consciente. A realidade compõe-se continuamente de pensamentos inofensivos, agradáveis e prazerosos selecionados, “a esperança [*Hoffnung*] nos faz considerar o que nós desejamos, e o temor [*Furcht*] nos faz acreditar que aquilo de que temos medo é algo provável e próximo, e ambos aumentam consideravelmente o seu objeto [*Gegenstand*]”; por aproximação e afastamento o mundo conforma-se em realidade. O presente constitui-se na conformação tendenciosa, e o passado assimila-se ao mundo. Diante dos acontecimentos passados, o “resultado foi[...] quase sempre o mais desfavorável a elas [...] mesmo que o seu intelecto tenha imaginado que pesquisou todas as possibilidades completamente, o pior de tudo permaneceu quase invisível, pois a vontade[...] [o] manteve encoberto com a sua mão”<sup>493</sup>.

Ao comporem a realidade boa, pensamentos são sentidos e aceitos, mas os que se apresentam distintos não, pois “muitas vezes tentamos desviar nossa atenção desse pensamento e distrair-nos à força dele por meio de algum impropério”<sup>494</sup>; ao esbarrar em pensamentos desagradáveis componentes da realidade “ela o frena agora e o impele a direcionar-se a outras coisas”<sup>495</sup>. No estado volitivo, o conhecimento participa no conjunto de funções resistentes. Nesse estado, “o intelecto é diariamente seduzido e corrompido pelas miragens da inclinação”<sup>496</sup>, não conhecendo uma realidade indiferente à sua instância fundamental.

O *pensamento único* atribui ao estado volitivo a demanda por uma realidade específica, a sua impossibilidade perturba o organismo. A realidade cumpre seu destino quando realiza a felicidade. Enquanto não o cumpre vive da sua iminência. Tal possibilidade acompanha o testemunho do eu cognoscente determinando a sua relação com o mundo. Deve realizar sua vontade para cumprir com o seu destino; neste percurso, o aplacamento da dor e da necessidade é incontornável, nele reside o funcionamento do corpo, “se o que é muito difícil, obtém-se sucesso ao reprimir [*verdrängen*] a dor nessa figura, logo ela ressurgue, em milhares de outras formas [...] como impulso sexual, amor apaixonado, ciúme, inveja, ódio, angústia, ambição, avareza, doença etc”<sup>497</sup>. Neste conflito, tentando silenciar o desejo, as funções se perturbam. e a vontade irrompe propagada. O organismo deve realizar a felicidade, todo o seu sentir está envolto nessa

<sup>493</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 328.

<sup>494</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 316.

<sup>495</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.252.

<sup>496</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.264.

<sup>497</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.365.

possibilidade.

A experiência da realidade se desenvolve entre os dois limites opostos da representação, o prazer e a dor. No limite de natureza negativa, o organismo é estimulado e a vida glorificada, mas “todo júbilo desmedido assenta-se sempre na ilusão de ter na vida encontrado algo que de modo algum pode nela ser encontrado, a saber, a satisfação duradoura dos atormentadores desejos, ou carências”<sup>498</sup>, e, no outro polo, “toda dor súbita e excessiva é justamente apenas a queda de uma tal altura, o desaparecimento desse tipo de ilusão”<sup>499</sup>. Nesse espectro do otimismo, em seu “conhecimento falho”<sup>500</sup>, o estado volitivo se desenvolve em vida nas sensações limite da realidade. Deve saciar a vontade e iludir-se com a sua possibilidade. Na desilusão, sua consequência necessária, perde a possibilidade de redenção, testemunha o mundo roubado destituído de seu destino: “caso não ache a entrada em nenhuma outra figura, assume a roupagem triste, cinza do fastio e do tédio, contra o qual todos os meios são tentados”<sup>501</sup>. Comprova-se que tristeza não é ausência de vontade, mas a pressupõe, resultado de um encontro incompatível com a promessa. A tristeza continua a desejar o mundo depois da desilusão, à espera de uma nova. Como “é a esperança, a expectativa, o que atíça e alimenta o desejo”<sup>502</sup>, o intelecto falha em estimular e fornecer um motivo, a vontade não finda, “o intelecto se cansa; a vontade é incansável”<sup>503</sup>. Com o passar do tempo, a vontade no corpo retorna com o fim da espera. O intelecto fornece à vontade novos motivos, mantendo a realidade nos mesmos caminhos e na mesma promessa.

Produto de um órgão do corpo, a consciência caracteriza-se nesta não-substancialidade, realizando o mundo e a si mesma *a posteriori*, servindo ao fim do organismo, a autoconservação<sup>504</sup>. No estado de vigília, as funções do corpo compõem uma realidade fluida e contínua, encadeada em pensamentos e acontecimentos na forma da sucessão. Na afecção do organismo, nos órgãos dos sentidos, o corpo estimulado conhece consciente um mundo encadeado na forma da causalidade. Sustentado na fluidez

---

<sup>498</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.368.

<sup>499</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.368.

<sup>500</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.105. [§16].

<sup>501</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 365.

<sup>502</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.103. [§67].

<sup>503</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. Segundo Tomo: *Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 255.

<sup>504</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p. 243.

da consciência, uma imperceptível composição da realidade. À repetição daquela promessa é assegurada conservação.

Se, por um lado, o espectro da sensação é estabelecido em referência ao *erro inato*, determinando a condição da realidade e a experiência *dentro* da vida, por outro, conhecimentos insuportáveis são impossíveis na realidade. O insuportável não pode ser sustentado, pois “quando um tal desgosto, um tal saber doloroso ou pensamento, é tão atormentador que se torna absolutamente insuportável [...] a natureza [...] recorre à loucura como um último meio de salvação da vida: [...] preenche as lacunas com ficções”<sup>505</sup>. Esta intervenção da vontade, aqui em circunstância singular, ocorre cotidianamente, a consciência se esforça por excluí-los, “todos nós, comumente, procurarmos como que mecanicamente rechaçar um pensamento atormentador que subitamente nos assalta”<sup>506</sup>, o sustentáculo do mundo não comporta o insuportável, tampouco sua sutil composição da realidade. O otimismo determina a possibilidade do real. A resistência contra morte, por meio de suas funções, expressa-se em “luta contra a aceitação de uma parte dolorosa da realidade”<sup>507</sup>.

Se o esforço consciente não tem sucesso e a natureza não interfere, a vontade acompanha o organismo até a saída finalizando a “obra-prima de Maya”<sup>508</sup>. Com olhos fixos no seu destino, o estado volitivo “quer a existência e a afirmação sem obstáculos do corpo; porém, a combinação das circunstâncias não o permite, o resultado é um grande sofrimento”<sup>509</sup>. Não importa “a veemência com a qual quer”<sup>510</sup>, a vontade de conhecer o mundo feliz não pode ser realizada, permanecendo veemente, sem entristecer-se. Sem

<sup>505</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.223.

<sup>506</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.223.

<sup>507</sup> FREUD, Sigmund. *Obras Completas volume 11*. Totem e Tabu, contribuição à História do movimento Psicanalítico e Outros textos (1912-1914). Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 256-7. “A teoria da repressão sem dúvida alguma ocorreu-me independentemente de qualquer outra fonte; não sei de nenhuma impressão externa que me pudesse tê-la sugerido, e por muito tempo imaginei que fosse inteiramente original, até que Otto Rank (1911a) nos mostrou um trecho da obra de Schopenhauer *World as Will and Idea* na qual o filósofo procura dar uma explicação da loucura. O que ele diz sobre a luta contra a aceitação da parte dolorosa da realidade coincide tão exatamente com o meu conceito de repressão que, mais uma vez, devo a chance de fazer uma descoberta ao fato de não ser uma pessoa muito lida.” No original: “*Was dort über das Sträuben gegen die Annahme eines peinlichen Stückes der Wirklichkeit gesagt ist.*” [Freud/ Zur geschichte der Psychoanalytischen Bewegung].

<sup>508</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.462.

<sup>509</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.462.

<sup>510</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 463.



abandonar seu desejo e sua dor, “está insatisfeito com as condições sob as quais vive”<sup>511</sup>. Frente à conformação do mundo apresentando a vida indigna, inconsistente com o destino, “se revolta”<sup>512</sup>. Ações não modificam as circunstâncias e o conhecimento não consegue transformá-las, tudo permanece na realidade incapaz de cumprir a promessa, “declara guerra a si mesmo”<sup>513</sup>, tirando a própria vida.

Não sendo uma formulação acessória produzida nas funções, o otimismo não é racional, e tal como a vontade não pode ser arbitrariamente abandonado, portanto, não resta mais caminho. Essa busca, ou ainda, “esse mecanismo é a vontade de vida, manifestando-se como um propulsor infatigável, um impulso irracional, que não tem fundamento no mundo exterior”<sup>514</sup>. O estado volitivo, incapaz de realizá-la, não distingue realidade da promessa. A vontade de uma realidade correspondente ao seu destino não se desfaz diante da impossibilidade, “não pode cessar de querer, cessa de viver”<sup>515</sup>. A realidade *do erro* é resguardada, o otimismo traça a experiência nos caminhos da realidade determinando todos os percursos, um labirinto sem saída percorrido na consciência, testemunha do próprio mundo.

O *pensamento único* identifica no estado volitivo o otimismo enquanto essência, confundindo-se com o organismo e com o conhecimento “mais real do que qualquer outro”<sup>516</sup>. Pelo autoconhecimento, olhar através do Véu de Maia, “se dará conta cada vez mais nitidamente de que a vida é no todo *a disappointment, nay, a cheat*, ou, em outras palavras, tem o caráter de uma grande mistificação, para não dizer cilada.”<sup>517</sup> Na exposição do otimismo, a escrita fornece ao leitor o conhecimento da própria condição, reconhecendo sutilmente o entrelaçamento entre a experiência e as suas interferências no pensamento. O “empenho em favor da compreensibilidade plena e até mesmo fácil num tema tão difícil tem de justificar aqui e ali a ocorrência de repetições”<sup>518</sup>, uma vez que para a comunicação do pensamento, se faz necessário que a “construção”<sup>519</sup> das partes e

<sup>511</sup> Idem, *MVR I*, 2015. p. 462.

<sup>512</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.463.

<sup>513</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.463.

<sup>514</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.430.

<sup>515</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.463.

<sup>516</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 299.

<sup>517</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 156. [§156].

<sup>518</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.XXVI. Prefácio à primeira edição.

<sup>519</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.XXVI. Prefácio à primeira edição.

“a coesão destas tem de ser [...] orgânica”<sup>520</sup>, permitindo ao leitor a ciência de sua natureza volitiva, compondo continuamente a realidade, interferindo em sua consciência “ao proibir-lhe certas representações”<sup>521</sup>, na tendência do otimismo.

*A falsidade do otimismo reside na discordância entre a promessa declarada e a experiência do mundo.* Sua perniciosidade consiste em ser autoafirmação da vontade, e, portanto, esforço pela manutenção no estado volitivo. Entretanto, a presente tese propõe um aspecto no otimismo, tão relevante quanto a determinação do percurso, que compete à sua perniciosidade. A sua elucidação permite analisar o estatuto do *pensamento único* enquanto essencialmente *pessimismo*, na contraposição de sua base com os opostos e suas características.

### 2.2.1 O Pensamento é Pessimismo

Arthur Schopenhauer declara “todos os filósofos antes de mim [...] colocam o núcleo [*Kern*] da natureza íntima do homem na consciência que conhece [...] no eu”<sup>522</sup>, estabelecendo a contraposição entre a base do seu oposto e o fundamento de seu pensamento. Leibniz, o “fundador do otimismo sistemático”<sup>523</sup>, desenvolve uma metafísica popular determinando o valor do mundo tanto no particular quanto no todo, nisto as religiões e a filosofia têm em comum. Com argumentos racionais tecidos em conceitos não fundamentados na experiência, essa sistematização, “em conflito com a miséria evidente da existência”<sup>524</sup>, assegura ao estado volitivo a certeza no seu empenho, estimulando o desejo e a promessa no destino.

Na filosofia, além de Leibniz, outro pensador expressa fundamentalmente o otimismo ocupando lugar de destaque. O *pensamento* inaugura a *vontade* como originária e anterior ao intelecto. Em contraposição, encontra-se doutrinas que definem o núcleo íntimo do humano no *eu*; “considerado o primeiro filósofo que teve tal visão”<sup>525</sup>, “o meu

<sup>520</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.XXV. Prefácio à primeira edição.

<sup>521</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.252.

<sup>522</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 303.

<sup>523</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros III-IV. Vol. 2. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 307.

<sup>524</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 328.

<sup>525</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.325.

antípoda direto entre os filósofos é Anaxágoras<sup>526</sup>, que tomou o pensamento, a inteligência, o *nous*, “como primeiro e originário”<sup>527</sup>: Para ocasionar o estado do autoconhecimento os erros do pensamento devem ser expostos, mas um dentre todos não apenas falseia e confunde, mas obstrui essencialmente. A partir do “erro fundamental de todos os filósofos devido ao qual colocaram o pensamento como o essencial e primário da assim chamada alma, [...] o querer, ao contrário, como um simples resultado do pensamento”<sup>528</sup>, o otimismo<sup>529</sup> “assumiu o *νοῦς*, uma inteligência, um criador de representações, como aquilo que está no início e na origem, que tudo procede”<sup>530</sup>.

Um intelecto originário acessa privilegiada e verdadeiramente a realidade. Plenamente dado, sem ser constituído, o mundo se mostra, e com suas características a sua natureza. O intelecto conhece o mundo exposto verdadeiro, e o que é sentido por ele não pode enganar. O destino autoevidente e suas promessas são parte da realidade, assim, “cada um então acredita estar plenamente justificado para reivindicar a felicidade e o prazer”<sup>531</sup>. O mundo existe por si mesmo e “a vida se faz passar como um presente ofertado”<sup>532</sup> dependente apenas de sua obtenção. No esforço o destino se realiza. Liberdade e felicidade sustentam-se mutuamente.

A defesa da liberdade “está intimamente ligada ao fato de ter-se colocado a essência íntima do ser humano numa alma, a qual seria uma entidade que conhece, sim, [...] uma entidade que pensa, e só em consequência disto algo que quer”<sup>533</sup>. O *pensamento único*, em oposição, assenta-se na primazia e fundamentalidade do querer. A experiência é determinada pela relação entre mundo e organismo; “tudo que é favorável à vontade em alguma de suas exteriorizações e satisfaz seus fins é pensado no conceito *bom*”<sup>534</sup>, dado que o querer é anterior à consciência, o mundo nela encontra-se submetido à vontade.

Determinado na causalidade e na circularidade, o eu produzido na consciência desconhece o processo do qual é produto. A aparência da exterioridade não pertence ao

---

<sup>526</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 398.

<sup>527</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.325.

<sup>528</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.249. [Capítulo19].

<sup>529</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.692.

<sup>530</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 398.

<sup>531</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.697.

<sup>532</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.692.

<sup>533</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.338.

<sup>534</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.418.

intelecto, assumindo-a absoluta. Explicações baseadas em causa e efeito demandam objetos de mesma natureza, apenas o físico interfere no físico, a aparência se fecha *ad infinitum* em um círculo perfeito, e a interioridade permanece um mistério. O corpo se move pelo espaço testemunhando a própria vontade aparecer na “natureza rapsódica e muitas vezes fragmentária do curso do pensamento [*Gedankenslauf*]”<sup>535</sup>. Na consciência tomada por identidade, “as decisões da vontade são originariamente desconhecidas do intelecto”<sup>536</sup>; recebendo-as tardiamente como se fossem suas, o organismo deve padecer nas suas dores. Voltado para fora e “excluído das verdadeiras decisões e secretas resoluções da própria vontade”<sup>537</sup>, o eu-corpo percorre o seu destino, mas “os pensamentos [...] conscientes são apenas a sua superfície”<sup>538</sup>, e, assim, testemunha a própria vida acontecer.

Na autoafirmação do eu enquanto primordial, a realidade permanece absoluta, sua verdade incontestável com a iminência da felicidade. Nesta alocação do eu, a circularidade não leva a caminhos distintos e as determinações os constituem inacessíveis. Sem atentar que “a consciência é mera superfície de nosso psiquismo [*Geist*]”<sup>539</sup>, conhece o mundo por meio do eu destituído de inclinações e condicionamentos, desconsidera a fisicalidade da consciência e a realidade enquanto seu produto, ignorando a base fisiológica da sua realidade: “como resultado de nossos pensamentos e motivos, nos tornamos cansados, ficamos confusos, o que faz com que procuremos nos alienar do caso e não pensemos mais nisso novamente”<sup>540</sup>. O mundo coincidentemente se torna cansado junto consigo. O pensamento, inadequado para o conhecimento profundo e demorado, conduz o organismo na experiência da superficialidade, “o sono rompe completamente o fio da memória e esta precisa ser recuperada todas as manhãs”<sup>541</sup>. Tomada por substância, a consciência sustenta simultaneamente realidade e vida no empenho do mesmo esforço.

Nessa constante atualização, as determinações que compõem a realidade tornam-se imperceptíveis em meio à fluidez. Na consciência, a vontade “atribui coesão a todos os pensamentos e representações, como meios em vista de seus fins, tingindo-os com a

---

<sup>535</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 219.

<sup>536</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.253.

<sup>537</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.253.

<sup>538</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 216.

<sup>539</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 217.

<sup>540</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 217.

<sup>541</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 216.

cor do seu caráter, da sua disposição e do seu interesse, domina a atenção e manipula o fio dos motivos”<sup>542</sup>. O conjunto de funções “em última instância põe em atividade também a memória e a associação de ideias”<sup>543</sup>, fragmentos costurados pela consciência na fluidez de um movimento contínuo.

Em conflito com a sensação, componentes negativos são atribuídos e exigidos à experiência por meio daquela relativa valoração moral da qual o conceito *felicidade* [*Glück*] tem origem, assim como o de *liberdade* [*Freiheit*] – “sentimos a dor mas não a ausência de dor; os cuidados mas não a liberdade; o medo [*Furcht*], mas não a segurança. Nós sentimos o desejo assim como sentimos a fome e a sede, mas, logo que ele foi satisfeito [...] deixa de existir para os nossos sentimentos”<sup>544</sup>. Na busca pelo destino, os ingredientes positivos da experiência são desprovidos de realidade e dela omitidos. A realidade se estrutura na reciprocidade entre liberdade e felicidade.

Referindo o mundo a si mesmo, “caso não seja o discurso vazio de pessoas cuja testa obtusa é preenchida por meras palavras”, o otimismo “apresenta-se como um modo de pensamento não apenas absurdo, mas realmente impiedoso: um escárnio amargo acerca dos sofrimentos inomináveis da humanidade”<sup>545</sup>. Nesse autoelogio, não é o indivíduo que fala, mas a vontade. Os participantes no otimismo, “invertendo completamente a verdade”<sup>546</sup>, descrevem entusiastas o mundo por meio do estado de volição. Na afirmação da vontade, “surgiu neles a inclinação inconsciente [*unbewusst*] de fazer do intelecto a coisa essencial e principal, e, [...] para descrever a vontade como mera função do intelecto”<sup>547</sup>, “apesar do testemunho gritante de todo mundo cheio de misérias”<sup>548</sup>.

O otimismo, “esse erro extremamente antigo, universal e fundamental”<sup>549</sup>, manifesta-se essencialmente em “querer-conhecer”<sup>550</sup>, nesta “orientação para o mundo exterior”<sup>551</sup>, quando confrontado com o mundo independente do seu querer demonstra

---

<sup>542</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.170.

<sup>543</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.170.

<sup>544</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros III-IV. Vol. 2. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 298.

<sup>545</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.378.

<sup>546</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 303.

<sup>547</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 304.

<sup>548</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.692.

<sup>549</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 303.

<sup>550</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.314.

<sup>551</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.314.

“não querer ver”<sup>552</sup>, quando confrontado com pensamentos verdadeiros oriundos da experiência, “não quer entender”<sup>553</sup>, por isso, tem de distrair-se com “palavras vazias como ‘absoluto’, ‘infinito’”<sup>554</sup>. O estado volitivo é afirmação da vontade, “vontade essa que preenche todo vivente”<sup>555</sup>, e nele o conhecimento das condições sobre as quais existe não é possível, é preciso uma relação distinta com a experiência. Um conhecimento útil, destinado à autopreservação, inadequado para o conhecimento da verdade, pois, em vez de pensar sobre os componentes *positivos* do mundo, como a dor e a necessidade, pensa por meio de conceitos distantes da experiência; “conceitos demasiado amplos e abstratos, e, em particular aqueles que não podem ser retirados diretamente da intuição, não devem nunca ser usados como fonte do conhecimento”<sup>556</sup>. Por isso, em vez de produzir conceitos da experiência para elucidar a natureza íntima do mundo, acaba por impor sobre a experiência uma realidade alheia.

Com o desenvolvimento da capacidade racional surge a necessidade metafísica no organismo animal, no “animal metafísico [*animal metaphysicum*]”<sup>557</sup>, único que “se surpreende com a sua própria existência [*Dasein*]”<sup>558</sup> e pergunta pelo sentido, “esse espanto [*Verwunderung*] do qual deriva o conhecimento, rompimento do pensamentos encadeados também é um enigma”<sup>559</sup>. A metafísica é a linguagem capaz de se pronunciar sobre as perguntas que surgem dessa necessidade. O mistério, fundação da experiência humana, confirma que “a base e o solo sobre os quais repousam todos os nossos conhecimentos e ciências é o inexplicável”<sup>560</sup>. Incontornável, “cabe à metafísica”<sup>561</sup> pronunciar-se sobre a existência da morte, “do sofrimento e da miséria da vida, o que dá o mais forte estímulo para a introspecção filosófica e para a interpretação metafísica do mundo”<sup>562</sup>.

<sup>552</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 255.

<sup>553</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.273.

<sup>554</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 508.

<sup>555</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.561.

<sup>556</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 147.

<sup>557</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.195.

<sup>558</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 249.

<sup>559</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 262.

<sup>560</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 29. [§1].

<sup>561</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 29. [§1].

<sup>562</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p. 169.

Enquanto metafísica, o *pensamento único* “vai além da possibilidade da experiência, e, portanto, para além da natureza ou da aparência das coisas dadas, a fim de dar informações sobre a razão pela qual, em um sentido ou outro, esta experiência ou natureza é condicionada”<sup>563</sup>, enquanto filosofia, e “tem a obrigação de ser verdadeiro *sensu stricto et proprio* [em sentido estrito e próprio]”<sup>564</sup>. Em oposição às metafísicas filosóficas, as populares “têm apenas a obrigação de ser verdade *sensu allegorico* [em sentido alegórico]”<sup>565</sup> mas “nunca se atrevem a reconhecer a sua natureza alegórica, mas têm que afirmar que elas mesmas são verdade *sensu proprio* [em sentido próprio]. Desta forma, invadem a esfera que é própria da metafísica”<sup>566</sup> filosófica.

No *pensamento único*, o otimismo é descrito fundamentalmente em oposição ao pessimismo, em especial em relação à metafísica; a metafísica popular<sup>567</sup> divide-se na oposição entre, por um lado, doutrinas otimistas, como o Antigo Testamento, e, por outro, as pessimistas, do Novo Testamento, “do brahmanismo e do budhismo”<sup>568</sup>. A metafísica não popular, filosófica, divide-se entre as otimistas, “sistemas filosóficos europeus”<sup>569</sup> e, pessimistas, o *pensamento único*. Essas duas doutrinas se pronunciam quanto ao valor do mundo em relação ao particular, mas fundamentalmente ao todo. Doutrinas otimistas podem ser expressas em metafísicas populares; o *pensamento*, entretanto, distingue-se de ambas: “eu adotei (...) um ponto de vista mais elevado [*einen höheren Gesichtspunkt*] e mantive em vista um objeto mais importante, a saber, os progressos do conhecimento da verdade no gênero humano”<sup>570</sup>. A verdade não adquire na roupagem alegórica das metafísicas populares nenhum privilégio de comunicação sobre as filosóficas, ao contrário, qualquer desenvolvimento espiritual da humanidade encontra-se impossibilitado,

é uma coisa terrível para esse progresso que alguns, seja onde for que tenham nascido, lhes sejam impostos na mais tenra juventude certas afirmações com a garantia de que não se lhes pode colocar em dúvida

<sup>563</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 254.

<sup>564</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 257.

<sup>565</sup> Idem, *MVR II*, Vol. 1, 2014, p. 257.

<sup>566</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 259.

<sup>567</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.739.

<sup>568</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.732.

<sup>569</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.733.

<sup>570</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 194. [§174].

sob o risco de pôr em perigo sua salvação eterna; pois, na medida que são afirmações que dizem respeito ao fundamento de todo nosso conhecimento restante, que fixam portanto definitivamente o ponto de vista e, no caso de serem falsos, os perverte para sempre; como ainda seus corolários se interpõem sempre na totalidade do sistema de nossos conhecimentos, por meio delas todo o saber humano é completamente falseado [...] nós vemos em todas as épocas mesmo os espíritos de primeiro escalão como que paralisados pela falsidade de tais representações fundamentais, especialmente toda compreensão da verdadeira essência e ação da natureza permanecia como que bloqueada para eles. Pois durante toda a época cristã, o teísmo ronda como um pesadelo opressor sobre todos os esforços espirituais, especialmente os filosóficos, e barra ou atrofia todo progresso. Deus, o diabo, anjos e demônios escondem toda a natureza aos eruditos daquela época: nenhuma pesquisa é levada até o fim, nenhum objeto é estudado a fundo<sup>571</sup>.

Pode-se, porém, argumentar pela importância da existência de uma linguagem alegórica, uma vez que se mostra “indispensável devido à limitação intelectual da grande massa, ela satisfaz inteiramente a indestrutível necessidade metafísica[...] e toma o lugar da pura verdade filosófica, infinitamente difícil e talvez nunca alcançável”<sup>572</sup>. Para o pensamento, “o valor de uma religião dependerá do grau maior ou menor de verdade que apresente em si mesma sob o véu da alegoria [...] e por conseqüentemente, da transparência do véu”<sup>573</sup>; assim, a alegoria pode realizar tal comunicação quando se expõe enquanto alegoria “mas isso lhe privaria de todo o respeito e logo toda a eficácia. Ela deve então fazer-se valer e afirmar-se como verdadeira *sensu proprio*, quando no máximo ela é verdadeira *sensu allegorico*. Aqui reside o dano irreparável, o obstáculo permanente”<sup>574</sup>. A metafísica popular produz uma verdade chamando-a verdadeira, “como uma perna de madeira substitui uma natural: ocupa seu lugar, cumpre o necessário de suas funções, pretende que se a tome pela natural [...] uma diferença, contudo, reside em que [...] uma perna natural antecedeu a de madeira”<sup>575</sup>.

Se na alocação do eu como fundamento, o sujeito “conheceria uma coisa primeiro como boa e, em consequência, querê-la-ia”<sup>576</sup>, sem a anterioridade e a primazia

<sup>571</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 194. [§174].

<sup>572</sup> Idem, *ibidem*. p. 201.

<sup>573</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 260.

<sup>574</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 200.

<sup>575</sup> Idem, *ibidem*. p. 202.

<sup>576</sup> Idem, MVR I, 2015, p.338.



da vontade sobre o intelecto “poderia ser então um puro órgão do conhecimento e da verdade”<sup>577</sup>, um conhecimento da verdade seria imparcial, passível de neutralidade. Porém, no reconhecimento da primevidade da volição e do condicionamento a ela, o organismo primeiro quer a coisa e depois a considera boa, o sujeito volitivo encontra-se “primeiro a *querer* e, em consequência,”<sup>578</sup> a chama *boa* [*statt dass er zuvörderst es will und infolge hievon es gut nennt* ]. No *pensamento*, entretanto, a relação entre conhecer e querer é mais fundamental, “em mim, ele conhece o que quer [*bei mir erkennt er, was er will*]”<sup>579</sup>.

### 2.2.2 O Autoconhecimento no Pessimismo

O otimismo é vontade de conhecer a realidade enquanto destinada à felicidade. O pensamento que inscreve na realidade a felicidade impossível é pessimismo. Para o otimismo, o pensamento que retira da vida a possibilidade de realizar seu destino retira o sentido da vida, pois, ao colocar-se essencialmente como consciência, eu cognoscente, afirma que deseja o mundo após conhecê-lo bom; assim, se o mundo não fosse bom não haveria de querê-lo. O *pensamento único* ao declarar a impossibilidade da felicidade, o condicionamento do intelecto e da realidade, a ausência de progresso do gênero humano, a vanidade do querer, a não substancialidade do eu e da vida, é conhecido como pessimismo. O estado volitivo pode conhecer teoricamente o *pensamento único*, *in abstracto*, entretanto, não pode conhecê-lo *in concreto*, senti-lo verdadeiro, pois seu conhecimento *in concreto* é insuportável ao otimismo. O conhecimento *in concreto* do *pensamento único* é *pessimismo*. *Pessimismo* é o estado que o *pensamento único* visa ocasionar.

O *pensamento único* é *pessimismo*. Porém, destinado à verdade, o *pensamento* não é a negação do otimismo. Afirmção ou negação de um valor implica considerar sua existência igualmente possível a partir de um mesmo estado determinado. Argumentar em favor deste como ‘o pior dos mundos possíveis’, ainda que afete e seja conhecido abstratamente no estado volitivo, não confere ao *pensamento* um caráter próprio de *pessimismo*, pois permanece alheio ao estado não volitivo, conhecimento do verdadeiro.

<sup>577</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 105. [§49].

<sup>578</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.338.

<sup>579</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Idem, MVR I*, 2015, p.339. [§55].

Ao declarar que a filosofia deve partir da investigação da faculdade do conhecimento, e de seus limites, determina que não pode ser otimismo<sup>580</sup>. Ao mesmo tempo, o *pensamento* “empenha-se em fazer-nos alcançar a intelecção de que em todas as épocas sempre existiu, existe e existirá o mesmo [...] a essência da vida humana”<sup>581</sup> na sua determinação volitiva, e, desse modo, ao reconhecer a tendência da experiência, posiciona-se em estado distinto. Com isso, essa doutrina deve ser reconhecida não apenas como falsa, mas essencialmente perniciosa, pois o “otimismo é nas religiões, como na filosofia, um erro fundamental, que interdita todo caminho para a verdade [*Optimismus ist in den Religionen wie in der Philosophie ein Grundirrtum, der aller Wahrheit den Weg vertritt*]”<sup>582</sup>. Para compor a imagem no espelhamento, o pensamento deve, no emudecimento da vontade, abster-se de ilusões. Nessa interdição, pode-se entender, a realidade permanece *atrás*, do outro lado do Véu, e na ausência deste pode-se enxergar algo outro.

No *pensamento único*, entretanto, o estado de conhecimento da verdade é autoconhecimento, conhecimento sobre si e sobre a própria natureza, o olhar *através* do *Véu de Maia* que “torna-se transparente”<sup>583</sup>. Percebendo seu tecido no reconhecimento das determinações, a verdade é essencialmente estado de autoconhecimento. Felicidade e liberdade tecem conjuntamente o tecido do otimismo. Para realizar o espelhamento, o *pensamento deve* apresentar o mundo sem imposições do estado volitivo, sem qualquer erro, sem aqueles dois erros. *Deve* não falar, permitir que o mundo fale para escutá-lo, retirando conceitos a partir da escuta, “antes de tudo temos de evitar o erro de pensar que o agir de um ser humano singular, determinado, não está submetido a necessidade alguma, ou seja, que a força do motivo é menos certa que a força da causa”<sup>584</sup>. Os organismos humanos não são movidos “desde o exterior, porém, cada um porta em si o mecanismo do qual resultam os seus movimentos”<sup>585</sup>; pelo otimismo, “o conhecimento lhe permanece sempre um motivo, tanto no particular quanto no todo”<sup>586</sup>. Nosso ser coincide com o

---

<sup>580</sup> Idem, MVR II, 2015, p.209. [§]

<sup>581</sup> Idem, MVR II, 2015, p.530. [§]

<sup>582</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.745.

<sup>583</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.437.

<sup>584</sup> Idem, MVR I, 2015, p.333. [§55].

<sup>585</sup> Idem, MVR II, 2015, p.430.

<sup>586</sup> Idem, MVR I, 2015, p.356. [§56].

otimismo, nosso corpo é seu monograma; “não é a parte cognoscente do nosso ser que”<sup>587</sup> é otimista.

No espelhamento pelo *pensamento*, o eu cognoscente habita a consciência de uma realidade produzida no organismo. Ao compor a realidade enquanto se oculta, o otimismo se apresenta simulacro, “o simulacro nunca é o que oculta a verdade – é a verdade que oculta que não existe. O simulacro é verdadeiro [*Le simulacre n'est jamais ce qui cache la vérité – c'est la vérité qui cache qu'il n'y en a pas. Le simulacre est vrai.*]”<sup>588</sup>. A partir disto, encontra-se que a vontade atribui verdade à produção da experiência no estado volitivo, compõe realidade dotada de sentido pela coesão volitiva atribuída aos pensamentos e representações, e nisto consiste a veracidade conhecida no estado do querer.

Contudo, outra consideração, mais fundamental se expõe no caráter simulacro do otimismo. Do estatuto imperioso da volição, conclui-se que a verdade nela produzida não esconde por trás uma verdade mais verdadeira, mas que o reconhecimento dessa produção da verdade expõe toda a verdade possível, uma verdade negativa; “isso, então, corresponde ao fato de que minha doutrina, quando chega ao seu ponto culminante, assume um caráter negativo, portanto, é concluída com uma negação”<sup>589</sup>. Conhecer a verdade é autoconhecimento, reconhecimento do otimismo, perceber o *Véu de Maia*, “ilusão, engano, fantasma [*Schein, Täuschung, Gaukelbild*]”<sup>590</sup>, dissolver a realidade olhando através do seu tecido. Com isso, ao ocasionar o autoconhecimento, o pessimismo é constituído em seu caráter fundamental e essencial, o conhecimento das determinações fundamentais da experiência humana. O *pensamento único é pessimismo*, não enquanto negação do otimismo, mas na exposição de sua existência. Como o da *vontade*, o conhecimento do *otimismo* “não é *a priori*, como todo conhecimento meramente formal, mas inteiramente *a posteriori*”<sup>591</sup>.

Constatada a imposição volitiva do otimismo em totalidade, julgá-lo falso e

---

<sup>587</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.561.

<sup>588</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'água, 1981, p. 7.

<sup>589</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.729.

<sup>590</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o Fundamento da Moral*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fintes, 2001, p. 217. [§22].

<sup>591</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 299.

pernicioso não implica afirmação de uma verdade absoluta, substancial, subsistente, e com isso contraditória, pois a negação característica do *pensamento* é, por sua vez, relativa à imposição volitiva. A valoração moral, assim, resguarda a relatividade do julgamento ao expor o otimismo e a produção da sua verdade. Logo, qual o conhecimento da vontade e do otimismo *a posteriori*, o conhecimento da verdade exposto pelo *pessimismo* traduz-se relativo. Nesse sentido, compreende-se a experiência da verdade, o mergulho na interioridade permite ultrapassar o mundo subjetivo, realizando-se no “conhecimento mais imediato e íntimo possível”<sup>592</sup>. O *pensamento* busca, por meio da escrita, ocasionar ao leitor a comunicação desse conhecimento. O organismo humano alcança o autoconhecimento, nele, “a vontade de viver vê através do *principium individuationis*, reconhece-se novamente em todos os seus fenômenos [*der Wille zum Leben, das principium individuationis durchschauend, sich selbst in allen seinen Erscheinungen wiederkennt*], conseqüentemente, eles são principalmente um sinal, um sintoma [*Symptom*], de que a vontade que se expõe já não está firmemente atada a esse delírio [*Wahn*]”<sup>593</sup> – quando não há otimismo, não há estado volitivo.

Outros “ensinaram o pessimismo”<sup>594</sup>, mas ainda que o pessimismo tenha tido incontáveis manifestações, “se eu quisesse, em conclusão, para fortalecimento da minha perspectiva, gravar as máximas de grandes espíritos de todas as épocas emitidas contra o otimismo, então não haveria fim para as minhas citações”<sup>595</sup>. Porém, o *pensamento único* assume o *pessimismo* não enquanto declaração da positividade do mal, da dor e do sofrimento, e impossibilidade de ser feliz, ainda que sejam seus componentes, mas fundamental e essencialmente na condição de exposição do otimismo como disposição do organismo para compor a realidade através do próprio ocultamento. O *pessimismo* assume-se realização do autoconhecimento.

A perniciosidade do otimismo está, então, em traçar todos os caminhos da realidade apagando os próprios vestígios. Assim como as declarações do *pensamento* não são sua realização e tampouco suas enunciações o que visa comunicar, o *pessimismo* não

---

<sup>592</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 45.

<sup>593</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros III-IV. Vol. 2. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 339.

<sup>594</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.740.

<sup>595</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.698.

reside na afirmação da prevalência do mal sobre o bem, ou da dor sobre o prazer resultando em impossibilidade de ser feliz, essa prevalência e impossibilidade apenas coincidem, mas reside na exposição daquilo que ao se manifestar oculta-se, vontade e otimismo. “Schopenhauer foi em primeiro lugar o filósofo da vontade e, em segundo lugar, o do pessimismo”<sup>596</sup>.

Em suma: no *pensamento*, o otimismo mostra-se falso ao descrever e prescrever inadequada e absolutamente a felicidade ao destino humano. No *pessimismo*, entretanto, o otimismo, reconhecido incógnito, constitui-se pernicioso ao destinar o organismo ao sofrimento na prescrição, enquanto reforça a própria veracidade absoluta. Os erros do conhecimento participam no otimismo, impossibilitando o conhecimento de uma realidade indiferente ou inofensiva a ele. O *pensamento* e o *pessimismo* residem no reconhecimento da própria condição, estado de conhecimento da verdade, autoconhecimento ocasionado ao leitor na escrita oriunda da escuta do estado que visa comunicar. O *pessimismo* partilha a participação no mundo, isto és tu, isto somos nós.

Da concepção ‘otimismo’ de Castel permanece a crítica ao *conteúdo* otimista de Leibniz, do ‘pessimismo’ de La Porte, o julgamento e recusa ao *conteúdo* desagradável. De Anaxágoras permanece o mundo produzido no ocultamento de sua determinação formal. Enquanto as concepções tradicionais de otimismo e pessimismo fundam-se na pressuposição de bom e mau, as schopenhauerianas fundamentam-se valorações relativas ao organismo, e, ao mesmo tempo, distinguem-se ao denotarem não apenas conteúdo, mas condição formal. No *pensamento*, o otimismo se expressa na constituição orgânica simultâneo às existências do mundo e da consciência, partilhando com eles sua fonte, preservando a relatividade, bom e mau, na experiência do organismo. Diferindo do uso corrente, não consiste em caráter, disposição ou crença pessoal para ver as coisas pelo melhor, tampouco na declaração do sobrepeso do mal sobre o bem, mas em critério de produção contínua da realidade nos organismos. O *pessimismo*, por outro lado, reside alheio à dicotomia e, portanto, não inverte ou nega o otimismo, mas expressa-se consciente dele, e assim, partilhando da natureza da verdade, assume o reconhecimento das próprias determinações expresso em autoconhecimento.

---

<sup>596</sup> MANN, Thomas. *O Pensamento Vivo de Schopenhauer*. Trad. Pedro Ferraz do Amaral. São Paulo: Martins Editora. 1960, p. 22.



### 3. A ARTE DO PESSIMISMO

*His little, nameless, unremembered acts  
Of kindness and of love. Nor less, I trust,  
To them I may have owed another gift,  
Of aspect more sublime; that blessed mood,  
In which the burthen of the mystery,  
In which the heavy and weary weight  
Of all this unintelligible world  
Is lighten'd: – that serene and blessed mood,  
In which the affections gently lead us on,  
Until, the breath of this corporeal frame,  
And even the motion of our human blood  
almost suspended, we are laid asleep  
While with an eye made quiet by the power  
Of Harmony, and the deep power of joy,  
We see into the life of things.*

[...com olho contente pelo poder da harmonia, e profundo poder da alegria; adentramos a vida das coisas]

Wordsworth. Lines Written a Few Miles Above Tintern Abbey.

#### 3.1 A NECESSIDADE DO DESVIO

No *pessimismo*, o físico é metafísico, “o corpo se converteu no portador de um segredo”<sup>597</sup>, qual seja, o otimismo orgânico e sua conformação total na realidade, “o universalmente tomado como positivo, o qual denominamos ser”<sup>598</sup>. A redenção na realização do destino, pela satisfação final da vontade, conduz o organismo humano na ilusão de “escapar a tirania”<sup>599</sup> do corpo. De impossível realização, a redenção almejada se converte, através do *pensamento único*, no reconhecimento de sua fundamentação no *erro inato*, mantenedor do estado volitivo. A partir da exposição e preservação do mundo por meio do *erro inato*, “a existência é certamente para ser vista como um erro, cuja correção é a redenção”<sup>600</sup>.

<sup>597</sup> SAFRANSKI, Rüdiger. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia*. Tradução de William Lagos. São Paulo: Geração Editorial. 2011, p. 410.

<sup>598</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Idem, MVR I*, 2015, p. 474. [§ 71].

<sup>599</sup> SAFRANSKI, Rüdiger. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia*. Tradução de William Lagos. São Paulo: Geração Editorial. 2011, p. 411.

<sup>600</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.722.

Na busca de sua comunicação, o *pensamento* transcorre em meio a declarações que visam as ruínas do otimismo no leitor. Ciente que uma realidade má ou ruim sofre resistência proveniente da vontade mesma<sup>601</sup>, o *pensamento* pede “que se tenha a coragem de não guardar em seu coração nenhuma pergunta sem resposta”<sup>602</sup> confrontando a volição que habita nele com pensamentos pessimistas, “se a vida fosse uma bênção preciosa, e decididamente preferível à não existência, a saída dela não precisaria ser guardada por sentinelas tais como o medo da morte e de seus terrores”<sup>603</sup>. Assim, conduz a leitura no empenho pela verdade latente ainda desconhecida.

O *pensamento*, entretanto, é possível no mundo conhecido apenas na ausência daquela soberania; “a natureza [...] jamais mente ou contradiz a si mesma [...] onde se tem contradição e mentira, lá há pensamentos que não se originaram da apreensão objetiva, como por exemplo, o otimismo”<sup>604</sup>. Não estando sob efeito do *erro inato*, o estado de conhecimento da verdade não necessita de consolação. O reconhecimento de sua natureza orgânica, “incluindo-se [...] o mundo animal que padece, *toda vida é sofrimento*”<sup>605</sup>, leva a constatar o que não pode ser admitido em estado volitivo, a soberania da vontade sobre o intelecto e, com isso, a determinação ao sofrimento: “gritou-se contra o melancólico e o desconsolador da minha filosofia”<sup>606</sup>. Porém, o *pensamento* se dirige à exigência da consolação feita nesse estado.

Uma vez que “só pode haver daquilo que é e conhecimento daquilo que é em e para si, sempre da mesma maneira”<sup>607</sup>, o conhecimento das próprias determinações, “o conhecimento de nossa mente, com suas faculdades de todo gênero e limites inalteráveis”<sup>608</sup> torna-se o conhecimento por excelência, o autoconhecimento, e com isso o conhecimento da verdade realiza seu próprio consolo à medida que “é [...] o caminho

---

<sup>601</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.252.

<sup>602</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 30. [§3].

<sup>603</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 303.

<sup>604</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 41. [§13].

<sup>605</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.360. [§56]. [grifo do autor] “*alles Leben Leiden ist*”.

<sup>606</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.693.

<sup>607</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.197. [§31].

<sup>608</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.354. [§55].



mais seguro para obtermos o maior contentamento conosco mesmo [pois] não há para nós consolo mais eficaz que a completa certeza de uma necessidade inexorável”<sup>609</sup>.

### 3.1.1 A Imputação Ético-Metafísica

No *pessimismo*, a realidade redime a si mesma retirando a imposição sobre o mundo, não há mais isolamento, “o indivíduo que conhece e a coisa individual que é conhecida não são mais [...] diferenciáveis”<sup>610</sup>. Neste estado não volitivo, se reconhece que “nada pode vir do nada, então o mal e o mau hão de ter o seu gérmen na origem, ou no núcleo do mundo mesmo”<sup>611</sup>, na interioridade. Este conhecimento, simultaneamente experiência estética, se realiza expressando-se no “caráter sublime [*erhabenen Charakter*]”<sup>612</sup>; entrelaçado à “miserável índole do mundo”<sup>613</sup> o sublime se transmite ao ético<sup>614</sup>. Sem a imposição do *erro inato*, “a felicidade ou infelicidade pessoais não lhe afetará profundamente”<sup>615</sup>, sem a imposição do destino traçado pelo corpo, “considerará as pessoas de maneira puramente objetiva, não segundo as relações que poderiam ter com a sua vontade”<sup>616</sup>.

Naquele caráter, a vontade se expõe em conflito consigo mesma, aparece como não-afirmação, enquanto *negação da vontade* [*Verneinung des Willens*]. Quando em estado volitivo, o *querer* dirige-se para um objeto da vontade enquanto os demais padecem sob o *não-querer*, se falta ao organismo um objeto, sente vazio, entedia-se. Porém, em estado não volitivo, a vontade se retira e o mundo inteiro padece em *não-querer*, no silenciamento da vontade, o organismo encontra-se avulso constituindo-se *negação*. Unicamente a não imposição, isto é, a ausência da vontade sobre a experiência, ocasiona o estado não volitivo, no qual o autoconhecimento se realiza; logo, o conhecimento da verdade, ou a sua experiência, não é um ato de arbítrio [*Willkür*], mas

<sup>609</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.354. [§55].

<sup>610</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.208. [§34]

<sup>611</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.209.

<sup>612</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.239. [§38].

<sup>613</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.740.

<sup>614</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.239. [§38].

<sup>615</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.239. [§38].

<sup>616</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.239. [§39].

alheio à motivação. No *pensamento*, liberdade é a aparência da realidade consciente, produção da realidade por funções anteriores, e, portanto, ocultas da consciência.

A partir de um ponto de vista ético-metafísico, o *pessimismo* expõe seu “fundamento, propósito e objetivo: [...] demonstra, em primeiro lugar teoricamente, o fundamento metafísico da justiça e do amor à humanidade e então mostra o objetivo para o qual estes últimos, quando perfeitamente realizados, devem conduzir ao final”<sup>617</sup>. Ao expor as determinações da experiência humana, apresenta a realização do mundo submetida às duas manifestações da vontade; portanto, o fim do *pessimismo* “só pode ser expor a afirmação e a negação, trazendo-as a conhecimento distinto racional, sem prescrever nem recomendar uma ou outra, o que seria tão tolo quanto inócuo”<sup>618</sup>. No estado volitivo, a vontade fala por sobre o mundo impondo-lhe a obrigação de motivar. Assim como a escrita não pode *causar* o autoconhecimento, mas apenas fornecer condições para a sua ocasião, o cuidado não pode ser prescrito pois, para ser genuíno, deve surgir do silêncio na verdade.

Destinado a comunicar o estado do autoconhecimento ao leitor, o *pensamento* não admite em sua composição erro e falsidade. A relatividade moral justifica-se na base fundamental da existência humana, e, com isso, a disposição de valoração ocultada no otimismo é perniciosa, por impedir o reconhecimento da própria condição e manter a experiência em conflito consigo, submetida ao sofrimento. A presente tese se dedicou, até agora, à relação entre o *pensamento único* e *verdade*, primeiro capítulo, e *pensamento único* e *crítica ao otimismo*, no segundo; para fornecer resposta ao problema norteador, deve agora abordar a relação entre *pensamento único* e *responsabilidade moral*. Contudo, a declaração do caráter aparente da liberdade se apresenta indissociável da verdade que busca comunicar, assim, a imputação moral contida em “todos são devedores [*schuldig*]” de “tolerância, paciência, consideração e amor ao próximo [*Toleranz, Geduld, Schonung und Nächstenliebe*]”<sup>619</sup> parece contradizer a realização do *pensamento*.

Em *suplementos à doutrina do sofrimento do mundo*, o *pensamento* se exprime em concordância com seus fundamentos ao declarar “de fato, a convicção de que o mundo, e portanto também o homem, é algo que propriamente não deveria ser, é adequada

<sup>617</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 176. [§164].

<sup>618</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.330. [§54].

<sup>619</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 165. [§156].

a nos prover de indulgência uns em relação aos outros: pois o que podemos esperar de seres com tais predicados?”<sup>620</sup>, e em consonância encontra-se a afirmação “nenhum indivíduo é feito para durar para sempre: ele sucumbe na morte”<sup>621</sup> [*sobre a doutrina da indestrutibilidade de nosso verdadeiro ser pela morte*]. No *pessimismo*, o organismo vive para morrer, dada a natureza não substancial da vida, o conjunto de suas funções resiste à morte, sofre, mas não chega a *estar vivo*, tem “apenas uma *quase existência*”<sup>622</sup>. A compreensão do mundo depende da natureza manifesta em gradações e modificações de um mesmo ser efetivando-se na aparição, “vontade de viver apresenta-se em meros fenômenos que não se tornam nada”<sup>623</sup>, surgem para desaparecer, por um lado, sem alterar o fluxo do mundo, por outro, constituindo-se nesse fluxo. Como elucidação desta vanidade do existir, a aparição do organismo expressa que “a *afirmação e a negação da vontade de viver* é um mero *Velle et Nolle* [querer e não querer] – O sujeito de ambos os *actus* é um e o mesmo”<sup>624</sup>, a vontade cujo querer, no organismo, está “constantemente em luta com o”<sup>625</sup> não querer, “encontra em toda parte o opositor, vive em constante conflito e morre com as armas em mãos”<sup>626</sup>.

Nessa condição, cada pessoa testemunha o próprio sofrimento e resistência numa consciência que reivindica a autonomia pelos atos praticados, e, compelido nesse conhecimento, o *pessimismo* declara que “o tratamento apropriado entre as pessoas,[...] deveria ser “companheiro de infortúnio [*Leidensgefährte*][...] por mais estranho que possa parecer, corresponde porém à coisa, e lança sobre o outro a luz apropriada”<sup>627</sup>. A reconsideração do tratamento entre os viventes, por um lado, demonstra necessária a adequação entre conhecimento e responsabilidade, e, ao mesmo tempo, transparece ao leitor a condução da escrita “e recorda o mais necessário, a tolerância, paciência, consideração e amor ao próximo, indispensável a todos [*deren jeder bedarf* [...] *ist*], e portanto de que todos são devedores”<sup>628</sup>. Nessa adequação entre conhecimento e

---

<sup>620</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 119. [§135].

<sup>621</sup> Idem, *ibidem*. p. 119. [§135].

<sup>622</sup> Idem, *ibidem*. p. 144. [§147a].

<sup>623</sup> Idem, *ibidem*. p. 145. [§147a].

<sup>624</sup> Idem, *ibidem*. p. 174. [§161].

<sup>625</sup> Idem, *ibidem*. p. 174. [§161].

<sup>626</sup> Idem, *ibidem*. p. 148. [§150].

<sup>627</sup> Idem, *ibidem*. p. 162. [§156].

<sup>628</sup> Idem, *ibidem*. p. 165. [§156].

responsabilidade, a declaração da *dívida* tornando-se parte da realização e da comunicação do *pensamento*.

Que da condição de miséria do mundo e dos viventes se derive a necessidade do cuidado não implica capacidade de realizá-lo, “se o ser humano tem uma origem outra ou é obra de um ser diferente de si mesmo, toda a sua culpa [*Schuld*] recai sobre essa origem ou autor”<sup>629</sup>; se a consciência encontra-se condicionada pela vontade, então, não se pode responsabilizar o organismo humano. De fato, esta prerrogativa vale, porém, ainda que o organismo seja intermediado na conformação cerebral, aparecendo no espaço e no tempo, dotado de extensão e materialidade<sup>630</sup>, a sua identidade independe do eu, é anterior à consciência. De acordo com o *pessimismo*, “tão somente se a essência íntima do ser humano é sua própria vontade, por conseguinte, apenas se ele, no sentido mais estrito do termo, é sua própria obra, são seus atos exclusivamente seus e assim são-lhes imputáveis”<sup>631</sup>. As ações, portanto, assim, como as decisões, não provêm da consciência mas da vontade do organismo.

O ponto de vista ético-metafísico expõe essa condição e, assim, realiza a sua tarefa não podendo, de acordo com ela, ir além. Os atos competem a cada um conforme a veemência da vontade que compõe o organismo. Ao mesmo tempo que a responsabilidade moral encontra-se pressuposta na forma de imputação, o otimismo não realiza o cuidado, mantém-se empenhado no próprio destino. A volição é o fundamento do organismo e nela estrutura-se a realidade, porém, o conhecimento da verdade reside num “acontecimento de outra natureza, concernente à vontade humana quando [...] abandona todo o conhecimento das coisas isoladas enquanto tais, submetido ao princípio de razão e [...] olha através do *principium individuationis*”<sup>632</sup>. Se toda liberdade reside na independência do princípio de razão<sup>633</sup>, apenas no estado de autoconhecimento a liberdade alcança a consciência.

Se “o ser humano é a sua própria obra”<sup>634</sup>, a existência no estado não volitivo não retira a sua responsabilidade no mundo, “visto que o corpo é a vontade mesma [...]

---

<sup>629</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.704.

<sup>630</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.243.

<sup>631</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.704.

<sup>632</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.348. [§55].

<sup>633</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.333. [§55].

<sup>634</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.339.

segue-se que enquanto o corpo viver, toda vontade de vida existe segundo sua possibilidade e constantemente esforça-se para aparecer na realidade efetiva e de novo arder em sua plena intensidade”<sup>635</sup>. A realização do cuidado depende do conhecimento da verdade, reconhecimento da própria condição, e apenas no encontro da responsabilidade com a liberdade a compaixão é realizada, pois apenas no ato livre é genuína, *velle non discitur*. Que a imputação encontre a liberdade, eis a exigência para a ocasião do autêntico cuidado.

### 3.1.2 Incumbidos de Si Mesmos

O *pensamento único* descreve a experiência humana complexa, na qual o otimismo conduz a experiência “constantemente esforçando-se para aparecer na realidade efetiva e de novo arder em sua plena intensidade”<sup>636</sup>, a verdade permanece latente enquanto o organismo carrega consigo o “pressentimento da nulidade e mera aparência do *principium individuationis* e da diferença por este posta entre si e outrem”<sup>637</sup>. Se o organismo acontece de “suprimir a Vontade que renovadamente se esforça”<sup>638</sup>, e “o simples conhecimento que ultrapassa o *principium individuationis* é suficiente para conduzir à negação da vontade”<sup>639</sup>, então ocorre “o grande e mais significativo acontecimento que o mundo pode exibir [,] não [...] o conquistador do mundo, mas o ultrapassador do mundo [*Weltüberwinder*]”<sup>640</sup>, o organismo em estado não volitivo. Sendo o organismo vontade e otimismo, o mundo é “constante sedução para a sua renovada afirmação”<sup>641</sup>, em consequência disso “recaímos”<sup>642</sup>, por isso “a negação precisa ser renovadamente conquistada por novas lutas”<sup>643</sup>. Em resistência no conjunto de suas funções sustentando a vida, os organismos existem sempre em algum esforço, entre o *estado volitivo*, na iminência da felicidade e da verdade pressentida, e o *estado não volitivo*, na negação realizada pela vontade, mas “não se deve imaginar que não há

---

<sup>635</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.454.

<sup>636</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.454. [§68].

<sup>637</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.425. [§65].

<sup>638</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.454. [§68].

<sup>639</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.455. [§68].

<sup>640</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.447. [§68].

<sup>641</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.455. [§68].

<sup>642</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.229. [§38].

<sup>643</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.454. [§68].

oscilação e assim se pode para sempre permanecer nela como numa propriedade herdada”<sup>644</sup>. Seja em qual estado, a vida é uma experiência dinâmica apreendida de modo objetivo apenas no pensamento.

Se o mundo, em sua natureza, imputa aos agentes suas ações, e pelo reconhecimento da verdade torna-os devedores de cuidado uns para com os outros, mesmo em conflito com determinações otimistas, então, a liberdade possível torna-se imperativa para a abordagem dessa dívida. Mas, se os organismos oscilam entre o estado apto e o inapto para cuidado e compaixão, e responder moralmente significa agir pelo conhecimento da verdade, então, empenhar-se na aptidão do cuidado, “manterem-se com todo empenho neste caminho”<sup>645</sup>, converte-se em destino. Partindo do ponto de vista ético-metafísico, o *pensamento único* expressa “sob todos os aspectos o QUÊ o mundo É, o que o mundo é no seu íntimo, é tudo o que a filosofia honestamente pode realizar”<sup>646</sup>, pois, “na minha opinião, contudo, toda filosofia é sempre teórica”. Portanto, para cumprir a exigência do cuidado reconhecida na experiência da verdade, faz-se necessário “desviar-me totalmente do ponto de vista superior [*gänzlich abgehn [...] von dem höheren metaphysisch-ethischen Standpunkt*], ético-metafísico, ao qual conduz a minha filosofia propriamente dita”<sup>647</sup>.

Ao declarar que a vontade e o otimismo constituem, na forma de realidade, a totalidade da experiência do organismo, a filosofia no *pessimismo*, “quando chega ao seu ponto culminante, assume um caráter negativo, portanto, é concluída com uma negação”<sup>648</sup>. A experiência do autoconhecimento, da verdade, reside em estado *não* volitivo. Não há palavras fora dos idiomas e toda realidade daquilo que se diz humano está, segundo sua temporalidade, estabelecida na experiência, de modo que a possibilidade de articulação das orações, e mesmo da semântica, seguem o percurso pelo qual o humano se encontra. A alegria, a satisfação, o bem-estar são produzidos no organismo pelo estado volitivo conforme o seu destino; no entanto, um estado inteiramente outro, *sui generis*, de experiência completamente outra, não pode ser

<sup>644</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.454. [§68].

<sup>645</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.454. [§68].

<sup>646</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015.p. 729.

<sup>647</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 1.

<sup>648</sup> Idem, *MVR II*, 2015, p.729.

expresso em termos completamente distintos, portanto, para expressá-lo deve-se ressignificar as palavras. Se a filosofia no *pensamento único* deve falar do estado ausente de volição, “ela não pode falar aqui senão do que é negado, suprimido: quanto às vantagens obtidas e conservadas, ela é obrigada a descrever (na conclusão do quarto livro) como *nada*, e pode apenas acrescentar o consolo de que é um nada relativo, não absoluto”<sup>649</sup>.

Diante da oscilação, o organismo humano reconhece um novo destino. Quando nele,

notará erros, ódio, injustiça dos outros contra si, sem com isso ser excitado pelo ódio; notará a felicidade alheia, sem sentir inveja; até mesmo reconhecerá as qualidades boas dos outros, sem no entanto procurar associação mais íntima com eles; perceberá a beleza das mulheres, sem cobiçá-las. A felicidade ou infelicidade pessoais não lhe afetarão profundamente, mas, antes, será como o Horácio descrito por Hamlet: Fostes como alguém que sofrendo tudo, nada sofreu, um homem que recebeu equânime tanto favorável quanto desfavorável fortuna<sup>650</sup>.

Com espírito disposto, conhece alegria e beleza, em tal estado torna-se apto para a exigência advinda do conhecimento da verdade, “mas quem tem a força para nele manter-se por longo tempo?”<sup>651</sup> Realizada a tarefa filosófica, o *pessimismo* encontra no lado subjetivo do mundo a oportunidade de acréscimo [*parergon*] ao *pensamento*, dedicado não ao organismo em estado volitivo, otimismo, mas àquele que se reconhece no dever para com o outro e sente, eventualmente, a vontade atentar contra sua aptidão para o cuidado tentando usurpar o seu lugar.

Enquanto na consideração objetiva e filosófica do mundo encontra-se a negação exemplificada na ascese, que se mostra na realização efetiva da *negação* da vontade, no ato convicto e espontâneo da “quebra proposital da vontade, pela recusa do agradável e pela procura do desagradável, o modo de vida penitente voluntariamente escolhido e a autocastidade, tendo em vista a mortificação contínua da vontade”<sup>652</sup>, por outro lado, na consideração subjetiva, para além da filosofia, se dá o testemunho da oscilação. Aos estados competem experiências e verdades distintas, num, sente-se, noutra, ignora-se a

---

<sup>649</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.729.

<sup>650</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.239. [§39].

<sup>651</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.229. [§38].

<sup>652</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.454.

dor do outro. Movidos pelo conhecimento da verdade não volitiva, os organismos humanos se reconhecem *incumbidos de si mesmos* e se empenham por demorar-se no estado oportuno. Sustentar tal intento, esta “arte de conduzir a vida”<sup>653</sup> em “constante ultrapassagem da vontade [*überwindung des Willens*]”<sup>654</sup>, “requer dispositivos [*Anlagen*] raros”<sup>655</sup>. A constante ultrapassagem e os dispositivos constituem os *aforismos para a sabedoria de vida* [*Aphorismen zur Lebensweisheit*].

### 3.2 PESSIMISMO EUDEMONOLÓGICO

Na oscilação do estado, a pessoa permanece vulnerável à sensibilidade do organismo, o exterior afeta a consciência do próprio estado, e, assim, sua volição latente pode ser estimulada de fora, por representações intuitivas, sensações, ou pelo lado de dentro, representações abstratas, pensamentos. Do reconhecimento desta condição, segue-se que deve manter-se equilibrada para que os movimentos internos ou externos não a restituam ao estado volitivo. Ao constituir a totalidade da realidade, a vontade remete a si a enunciação da experiência e a condição do sentir permanece referente à positividade da dor e negatividade da satisfação; em acordo com a filosofia do *pessimismo*, conclui-se que mínimo de dor significa mais satisfeito, feliz. A possibilidade fisiológica desse estado está contida na composição filosófica do *pessimismo*, “quando desejo [*Wunsch*] e satisfação [*Befriedigung*] se alternam em intervalos não muito curtos nem muito longos, o sofrimento ocasionado por eles é diminuído ao mais baixo grau, fazendo o decurso de vida o mais feliz possível [*glücklichsten Lebenslauf*]”<sup>656</sup>.

Se esse modo de felicidade pertence ao estado volitivo, então, quando se descreve “a arte de conduzir a vida do modo mais agradável e feliz possível [*die Kunst, das Leben möglichst angenehm und glücklich durchzuführen*]”<sup>657</sup>, os *Aforismos* participam nesse mesmo modo, e, portanto, não se pode atribuir a eles a possibilidade de manutenção do estado apto ao cuidado, uma vez que não se destinariam à incumbência

<sup>653</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 1.

<sup>654</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.454. [§68].

<sup>655</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.363. [§57].

<sup>656</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.363. [§57].

<sup>657</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 1.



de si, mas submeter-se-iam ao otimismo. Entretanto, no ponto de vista objetivo na filosofia do *pessimismo*, o estado não-volitivo encontra sua ocasião pela proporção e alternância entre querer e alcançar, proporcionando “o lado mais belo e a pura alegria da vida [*den schönsten Teil, die reinsten Freuden des Lebens*], precisamente porque nos arranca da existência real e nos transforma em espectadores desinteressados [*anteilslose Zuschauer*] diante dela, é o puro conhecimento que permanece alheio a todo querer; é a fruição do belo”<sup>658</sup>. Vulnerável, o organismo recebe estímulos do exterior constantemente, alguns o devolvem ao estado volitivo, outros, porém, interagem de modo distinto.

Na filosofia do *pessimismo*, ambientes estão descritos com potencial para ocasionar no organismo o sentimento não volitivo, acontecendo “em meio ao rigoroso inverno, a toda natureza congelada, ao vermos os raios do Sol nascente refletirem-se na massa pétreia, iluminando-a sem aquecê-la, com o que apenas o modo mais puro de conhecimento é favorecido, não a vontade [*nicht dem Willen günstig sind*]”<sup>659</sup>. Contudo, encontra-se descritas correlações entre ambiente e estado condicionadas pela individualidade desempenhando papel central na condução do corpo, e assim a “susceptibilidade bastante diferente em indivíduos diferentes, para impressões agradáveis e desagradáveis, em consequência das quais alguém ainda ri daquilo que leva outro ao desespero”<sup>660</sup>, também interfere na correlação.

Transportemo-nos para uma região extremamente solitária, o horizonte a perder de vista sob o céu completamente sem nuvens, árvores e plantas numa atmosfera inteiramente imóvel, nenhum animal, nenhum homem, nenhuma corrente de água, a quietude mais profunda; – uma tal cercania é como se fosse um apelo à seriedade, à contemplação com abandono de todo querer e sua indigência: mas justamente isso confere a uma tal cercania solitária e profundamente quieta um traço de sublime; pois, visto que não oferece objeto algum, nem favorável nem desfavorável à vontade ávida de ansiar e adquirir, permanece ali apenas o estado da contemplação pura, e quem não é capaz desta será sacrificado com ignomínia vergonhosa ao vazio da vontade desocupada, ao tormento do tédio.<sup>661</sup>

---

<sup>658</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.363. [§57].

<sup>659</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.235. [§39]

<sup>660</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 21.

<sup>661</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.236. [§39]

A “capacidade de suportar ou amar a solidão”<sup>662</sup> indica disposição na conformação orgânica para sustentar o estado determinado. Do estado no puro conhecer surgem pensamentos, “a descrita cercania [os] fornece [...] ao estado do puro conhecer, [e] em sua calma e plena suficiência, mescla-se como contraste uma lembrança da dependência e pobreza do esforço de uma vontade necessitada de constante atividade”<sup>663</sup>. O pensamento suporta o estado que o sustenta não impondo sobre ele o destino da vontade. Sensações e pensamentos relacionam-se mutuamente, ambos fisiológicos, dependem da interação de sua instância fundamental com estímulos; por isso, “se [...] imaginarmos essa região desnudada de plantas e mostrando apenas rochedos escarpados, então, mediante a completa ausência do orgânico necessário à nossa subsistência, a vontade já se angustia”. Impondo-se sobre a vontade, o inóspito se converte em sensação e o aspecto do organismo transforma-se, “o ermo assume um caráter amedrontador; nossa disposição se torna mais trágica: a elevação ao puro conhecer ocorre com abandono decisivo do interesse da vontade”<sup>664</sup>.

A “semiescuridão e nuvens trovejantes, ameaçadoras; rochedos escarpados, horríveis na sua ameaça de queda e que vedam o horizonte; rumor dos cursos d’água espumosos; ermo completo; lamento do ar passando pelas fendas rochosas”<sup>665</sup> pode ocasionar aquele sentimento. Nesse reconhecimento da desavença entre a própria vontade e a da natureza, o estado do organismo sustenta-se; “enquanto as aflições pessoais não se sobrepõem e permanecemos em contemplação estética, é o puro sujeito do conhecer quem mira através daquela luta da natureza, através daquela imagem da vontade obstada”<sup>666</sup>. Sensações singulares emudecem a volição resguardando ao organismo o próprio pertencimento.

A impressão é ainda mais poderosa quando temos diante dos olhos a luta revoltosa das forças da natureza em larga escala, quando, nessa cercania, uma catarata a cair impede com seu estrépito que ouçamos a própria voz; ou quando nos postamos diante do amplo e tempestuoso mar: montanhas d’água sobem e descem, a rebentação golpeia violentamente os penhascos, espumas saltam no ar, a tempestade uiva, o mar grita, relâmpagos faíscam das nuvens negras e trovões explodem em barulho maior do que o da tempestade e do mar. Então, no imperturbável espectador dessa cena, a duplicidade de sua consciência atinge o mais elevado grau: ele se sente de uma vez só como

<sup>662</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.236. [§39]

<sup>663</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.236. [§39]

<sup>664</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.236. [§39]

<sup>665</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.236. [§39]

<sup>666</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.237. [§39]

indivíduo, aparência efêmera da vontade que o menor golpe daquelas forças pode esmagar, indefeso contra a natureza violenta, dependente, entregue ao acaso, um nada que desaparece em face de potências monstruosas, e também se sente como sereno e eterno sujeito do conhecer, o qual, como condição do objeto, é o sustentáculo exatamente de todo esse mundo, a luta temerária da natureza sendo apenas sua representação, ele mesmo repousando na tranquila apreensão das Ideias, livre e alheio a todo querer e necessidade.<sup>667</sup>

Da ausência da vontade resulta a sua não-imposição sobre o mundo, necessária para a ocasião do cuidado. Ainda que ambientes sejam acompanhados de estados, atribuir-lhes consequência caracteriza imprecisão, primeiro, por ser identificada na aparência, segundo, por não haver causalidade entre interioridade e exterioridade. A não-imposição sobre o mundo depende de uma produção não volitiva da consciência, ou seja, encontrar-se em determinado estado, seja por abandono voluntário da vontade diante de uma realidade, ou como resultado de um confinamento interno, na relação com o ambiente.

Da consideração de tais ambientes e suas influências no organismo, presente na exposição filosófica do *pensamento único*, mostra-se o cotidiano volitivo dotado de tendência no seu percurso. Da possibilidade de conduzir-se por ambientes incomuns, potencialmente tranquilizantes e apaziguadores, pode-se reconhecer no funcionamento comum do corpo o estado volitivo. A metafísica dos membros, vontade de pegar, de ver, digerir, constituída em metafísica do corpo, demonstra a aparição dos órgãos enquanto exigência ambiental, “toda ânsia específica apresenta-se numa modificação da forma”<sup>668</sup>. A existência dos membros representa esforço pelo suprimento de necessidades, o funcionamento do corpo garante sua manutenção, assim, no uso, os órgãos preservam e asseguram suas existências.

Disso, resulta que o otimismo se retroalimenta no empenho da vontade por meio do corpo. Pela satisfação de uma vontade, o estado volitivo se desarranja estimulando-se e empenhando-se no esforço, sofrendo, pela extinção da nova necessidade, fortalecendo o organismo no destino primordial. Dada a natureza absoluta do organismo, a condução da vida por outros destinos depende, necessariamente, do funcionamento do corpo, de encontrar atalhos para produzir caminhos não percorridos, sustentando estados de contentamento, e que desde dentro não surjam reações entregando-o à volição. Contudo,

---

<sup>667</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.237. [§39].

<sup>668</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na Natureza*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 97.

o contentamento, ainda que suscetível à oscilação, desfruta da isenção de promessas como privilégio de conduzir-se expondo a receptividade de seu organismo a condições mantenedoras.

### 3.2.1 A Base Fundamental dos Aforismos

O estado desprovido de vontade permanece a condição de beleza, alegria e é caracterizado como não imposição sobre o mundo, desinteresse, necessário para responder moralmente ao mundo. Desta consideração, segue-se que, ainda que não representem a filosofia do *pensamento único*, dada a ocasião do desvio, os *Aforismos* fundam-se na base fundamental. Com isso, “a instrução para uma existência feliz [*die Anweisung zu einem glücklichen Dasein*]”<sup>669</sup>, aos olhos do leitor volitivo, parece conduzir ao destino do corpo, e uma vez que a totalidade da vontade agencia o sentido e o remete ao otimismo, “o estudo dessa arte poderia também ser denominado eudemonologia”<sup>670</sup>. Por isso, o propósito do *pensamento*, ocasionar o autoconhecimento, fica comprometido e o leitor é conduzido à doutrina falsa e perniciosa. Porém, se a realização do *pessimismo* não se reduz a seu caráter filosófico, então, a instrução, para não afastar do propósito, deve ser acompanhada de autojustificação na verdade da sua filosofia: “se a vida humana corresponde, ou simplesmente pode corresponder ao conceito de tal existência, é uma questão que, como se sabe, a minha filosofia nega”<sup>671</sup>. Ao mesmo tempo, tem de expor a coincidência da palavra na sua referencialidade ao otimismo – “ao contrário, a eudemonologia pressupõe a sua afirmação. Esta, na verdade, baseia-se no erro inato”<sup>672</sup>.

Ainda que o termo esteja vinculado ao otimismo, a eudemonologia dos *Aforismos* não está fundamentada no *erro inato*. Este impõe sobre a realidade o destino à satisfação final do querer e, simultaneamente, assume o eu cognoscente como livre e como identidade, buscando na satisfação dele a realização do seu destino. Se o *erro inato*, dotado de fria ponderação, confronta-se com sua condição, “inevitabilidade da dor”<sup>673</sup>, resistência perpétua à morte e vanidade do existir, conclui que a não-existência é

---

<sup>669</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 1.

<sup>670</sup> Idem, *ibidem*. p. 1.

<sup>671</sup> Idem, *ibidem*. p. 1.

<sup>672</sup> Idem, *ibidem*. p. 1.

<sup>673</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.366. [§57].

preferível. Da resistência à morte no estado do *erro*, constata-se que o que mantém o organismo em “luta árdua não é tanto amor à vida, mas sim temor à morte, que, todavia, coloca-se inarredável no pano de fundo e a cada instante ameaça entrar em cena”<sup>674</sup>. A concepção de eudemonologia dos *Aforismos*, entretanto, pressupõe a existência “considerada de modo puramente objetivo ou, antes, pela ponderação fria e madura (pois aqui se trata de juízo subjetivo) como algo preferível à não-existência”<sup>675</sup>, como algo “que nos apegamos [*hingegen*] [...] por ela mesma, não meramente por medo da morte”<sup>676</sup>, não como meio para a satisfação final da vontade, e como algo que “gostaríamos de vê-la durar de modo indefinido”<sup>677</sup>. Fundada no otimismo, a existência humana não pode corresponder a tal existência; as pressuposições da eudemonologia, ao contrário, fundamentam-se no estado de autoconhecimento, negação da totalidade realizada no querer.

Na totalidade da realidade sentida, ao remeter ao vocabulário fundamental ‘agradável e desagradável’, o termo feliz condiciona a possibilidade da experiência. A tarefa da comunicação encontra-se atravessada pela natureza das palavras, “a voz dos animais serve unicamente para expressar a *vontade*, em suas excitações e movimentos, mas a voz humana também serve para expressar o conhecimento”<sup>678</sup>. Se a experiência da verdade deve ser comunicada, as individualidades precisam ser esquecidas, para que as palavras vinculem os envolvidos; porém, o conhecimento abstrato difere do sentido e os elos também distanciam. Para comunicar, deve-se “sempre que possível falar a linguagem das outras pessoas”<sup>679</sup> para conduzi-las à ocasião da verdade; pervertendo o destino originário, “palavras ordinárias são usadas para dizer coisas extraordinárias”<sup>680</sup>. Entretanto, há temas que são incontornáveis e indissociáveis de palavras específicas. Com isso, o uso da palavra ‘eudemonologia’ vincula-se “ao ponto de vista comum, empírico,

---

<sup>674</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.362. [§57].

<sup>675</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 1.

<sup>676</sup> Idem, *ibidem*. p. 1.

<sup>677</sup> Idem, *ibidem*. p. 1.

<sup>678</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 145.

<sup>679</sup> Idem, *ibidem*. p. 90.

<sup>680</sup> Idem, *ibidem*. p. 90.

cujo erro conserva”<sup>681</sup>, não dispondo de outra, o *pensamento* tem de empregá-la e sujeitar-se.

Diante da tarefa da comunicação e da incontornabilidade do termo, a compreensão da existência fundamenta-se enquanto *pessimismo* prevalecendo na autojustificação do pensamento; “a eudemonologia há de começar com o seguinte ensinamento: seu próprio nome é um eufemismo e, por ‘viver feliz’, deve-se entender ‘viver menos infeliz’, ou seja, de modo suportável. Decerto, a vida não está aí para ser gozada, mas para ser vencida e superada [*erträglich leben. Allerdings ist das Leben nicht eigentlich da, um genossen, sondern um überstanden, abgetan zu werden*]”<sup>682</sup>. Ainda que exponha a natureza da palavra e se distancie enunciando outra significação, a discussão por meio dela “permanece presa”<sup>683</sup>, baseada “numa acomodação”<sup>684</sup>. Para não induzir o leitor ao destino do corpo, a autojustificação da palavra faz-se necessária; na filosofia do *pensamento* o termo felicidade realiza um propósito diretamente oposto, logo, para poder abordar o tema, precisa desviar-se totalmente do ponto de vista superior, ético-metafísico, uma vez que se o abordasse na filosofia acabaria por afirmar a vontade ao reconduzir ao otimismo.

O destino do corpo consiste em direcionar-se para a felicidade, e esta tendência se expressa às custas da desestabilização do organismo estimulando na vontade. O estado volitivo se condiciona e reconduz a si a experiência. Do desequilíbrio pelo desejo, é imperativo retornar ao estado de satisfação por meio do esforço. Na consciência, o organismo determina o próprio empenho, o desejo direciona o esforço, ambos são o sofrimento se retroalimentando. Diferentemente, do conhecimento da verdade surge outro funcionamento, “a parte secundária (ou que conhece) da consciência fica totalmente separada da parte desejante, e passa por si mesma para a livre atividade; em outras palavras, inicia uma atividade não estimulada pela vontade[...] já não a serve”,<sup>685</sup> pois objetos não são motivos. Se as grandes dores e felicidades que abalam o organismo “nascem não do prazer ou da dor imediatamente presentes, mas da perspectiva de um

---

<sup>681</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 2.

<sup>682</sup> Idem, *ibidem*. p. 141.

<sup>683</sup> Idem, *ibidem*. p. 2.

<sup>684</sup> Idem, *ibidem*. p. 2.

<sup>685</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 314.

novo futuro ali antecipado”<sup>686</sup>, sem a serventia para inaugurar o encadeamento, exercita-se livremente. Esse modo de funcionamento do organismo, essencialmente volição, com o tempo oscila, as investidas da vontade impossibilitam a permanência em tal estado : “um pequeno esforço é exigido para permanecer no puro conhecimento [*eine leise Aufforderung zum Verharren im reinen Erkennen*], com desvio de todo querer”<sup>687</sup>.

Sustentados na base fundamental, os *Aforismos* não assumem a consciência enquanto identidade,

quando uma escolha se apresenta, ele não possui dado algum sobre como a vontade decidirá, pois o caráter inteligível, em virtude do qual diante de motivos dados só uma decisão é possível, a qual consequentemente é necessária, não se apresenta acessível ao conhecimento do intelecto – tão somente o caráter empírico lhe é cognoscível, de forma sucessiva e por atos isolados. Daí aparecer à consciência que conhece (o intelecto) como se, num caso dado, fossem igualmente possíveis para a vontade duas decisões opostas.<sup>688</sup>

Se o organismo se reconhece afetado misteriosamente de fora e, do produto de suas funções, a consciência recebe a realidade, então, não há “ilusão de uma alma imaterial, simples, essencial e sempre pensante, portanto, infatigável, que se hospeda simplesmente no cérebro e não precisa de nada deste mundo”<sup>689</sup>, e disso resulta que a consciência, o eu cognoscente, não se presume livre, mas reconhecedora das determinações condicionantes do sentir e conhecer. Ainda que retirado do caminho volitivo, o organismo mantém a base fundamental.

A experiência aforística eudemonológica descrita na oposição ao otimismo fundamenta-se no *pensamento* conhecido *in concreto*. Sem a promessa do destino, conduzida em *erro inato*, o caráter eufemístico da felicidade se mostra inofensivo. Entrelaçada em sua natureza, a transparência do mundo encontra-se indissociável da vida do organismo, antes, nas condições volitivas, agora, preferível, indefinida e reconhecida por ela mesma. Assim, o *pessimismo* sustenta o organismo humano no sentimento do autoconhecimento, reconhecendo o mundo na consciência como função do corpo, não enquanto substância.

<sup>686</sup>SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.366.

<sup>687</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.235. [§39].

<sup>688</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.336.

<sup>689</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 198.

### 3.2.2 Hackear a Experiência da Realidade

Enquanto a consciência se reconhece livremente identidade, motivos conduzem a volição contínua imprevisível em distração e encobrimento, e o organismo se surpreende nas próprias decisões permanecendo impassível de antecipação. Em estado quietivo, o corpo oscilante sente-se, acalmado, testemunhar na transparência as investidas do seu querer. No reconhecimento da reciprocidade entre organismo e consciência, e da interferência mútua realizada de dentro ou de fora, a consciência se converte no elo entre o destino conduzido e o organismo incumbido de si mesmo. Essa “vontade consciente”<sup>690</sup> se empenha na preservação do estado capaz de neutralizar qualquer estímulo mais forte que possa reconduzi-la ao destino originário.

Então, “com plena clarividência”<sup>691</sup> e “por uma antecipação pressentida”<sup>692</sup> no ocasionamento do estado, mantém-se e reconduz-se ao contentamento para que o eu, na consciência, não habite um lugar inóspito para o outro, “deve-se antecipar o tempo [*soll man ‘die Zeit antizipieren’*] [grifo do autor]”<sup>693</sup>, “sem adiantar-se e exigir antes do tempo o que só ele pode trazer. Pois quem assim o faz experimentará que não há usuário pior e mais implacável do que ele”<sup>694</sup>. Deve *hackear-se*, conhecendo e conduzindo seus dispositivos, a fim de obter efeitos extraordinários, extrapolando os limites do funcionamento previsto, usando-se contra seu próprio destino eximindo-se de promessa; “para conseguirmos realizar essas manobras e contramanobras espirituais, bem como outras coisas, precisamos impor uma coerção a nós mesmos”<sup>695</sup>. Munido do conhecimento de que “uma ocasião externa ou uma disposição interna”<sup>696</sup> e “preponderância do conhecimento sobre o querer podem introduzir-nos nesse estado em qualquer ambiente”<sup>697</sup>, o organismo deve proporcionar as condições do contentamento ao próximo instante para que, na atualização do corpo, o organismo encontre-se em tal

<sup>690</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 374.

<sup>691</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.354.

<sup>692</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.258.

<sup>693</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 238.

<sup>694</sup> *Idem*, *ibidem*. p. 238.

<sup>695</sup> *Idem*, *ibidem*. p. 189.

<sup>696</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.226. [§38].

<sup>697</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.227. [§38].



ocasião, e, assim sucessivamente, realiza, constantemente, o contentamento em imperceptível e silenciosa transformação, “o que foi não é mais; é tão pouco quanto aquilo que nunca foi. Mas tudo o que é, no próximo momento já não é mais. Por isso o presente mais insignificante tem diante do passado mais significativo a vantagem da *realidade*”<sup>698</sup>. Deve, na ação, simultaneamente, sentir-se desfrutando da ocasião enquanto ocasiona o contentamento, sem privilegiar nenhum, preservando-se em “dois agoras [*zwei Jetzt*]”<sup>699</sup>.

No sentimento do próprio corpo e no pressentimento do estado prestes a encontrar, o instante atual sacrifica-se para que próximo dê continuidade ao seguinte, “somente o presente é aquilo que sempre existe e se mantém firme e imóvel [...] é o mais fugidío de tudo[...] se apresenta como a única coisa permanente”<sup>700</sup> às custas do instante passado. No estado volitivo, o organismo “tem de sofrer coerções numerosas e grandes, vindas do mundo exterior”<sup>701</sup> para preservar-se no destino prometido. No *pessimismo*, a consideração orgânica dos indivíduos reconhece na consciência a funcionalidade de direcionamento e orientação do organismo. Por meio da produção da realidade, do eu, da vida, da felicidade e da liberdade, a vontade atribui à consciência a função de preservar o organismo às custas dos próprios sofrimentos até o fim da resistência. Desprovido de otimismo, o organismo permanece submetido à condição orgânica, e por isso, para demorar-se e permanecer no contentamento, deve agir sobre si mesmo no conhecimento de sua natureza.

A realidade consciente, sentida, atualiza-se conforme o estado do organismo, sem relação causal entre exterioridade e interioridade. O que se conhece *in concreto* é refletido na ação. No estado volitivo, o exterior conduz e coage o organismo retroalimentando-se no desejo, no medo, na esperança, na felicidade, fornecendo apoio e material para a contínua atualização do estado no qual o eu encontra-se consciente. Em contentamento no *pessimismo*, desvia-se do destino originário. O estado no qual encontra-se resulta da condução destituída de otimismo, a produção da sensação permanece fundada no organismo, mas não mediante o *erro inato*. Ciente da disposição da realidade, não toma a consciência por identidade. Por isso, precisa fornecer a si mesmo as condições

<sup>698</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 138. [§143].

<sup>699</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.322. [§54].

<sup>700</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.322. [§54].

<sup>701</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 191.

para que o eu se encontre continuamente no instante do agora, no produto de uma atualização que seja ocasião para o cuidado. Desse modo, o contentamento se retroalimenta produzindo para a consciência o sentimento necessário: por meio de “uma pequena autocoerção, aplicada no lugar correto, previne muitas coerções do exterior [...] Nada nos subtrai mais à coerção vinda do exterior do que a autocoerção [*ein kleiner, an der rechten Stelle angebrachter Selbstzwang nachmals vielem Zwange von aussen vorbeugt [...] durch nichts entziehen wir uns so sehr dem Zwange von aussen wie durch Selbstzwang*]”<sup>702</sup>. Permanece, assim, em constante desvio “e torna esse único tempo real o mais agradável possível”<sup>703</sup>.

### 3.2.3 Outra-Ética

Se os *Aforismos* se desviam imanentemente do ponto de vista superior, ético-metafísico, ao mesmo tempo, desviam-se do “alvo mais alto [*höchstes Ziel*]”<sup>704</sup>, “fixado para a ética [*Ethik [...] gesteckt ist*]”<sup>705</sup> na “doutrina do direito e da virtude [*in der Rechts- und Tugendlehre*]”<sup>706</sup>, permitindo ao *pessimismo* ultrapassá-las<sup>707</sup> e, após realização da tarefa e do plano<sup>708</sup> filosóficos, dar “um passo a mais na ética [*in der ‘Ethik’ selbst einen Schritt weitergegangen*]”<sup>709</sup> diante da imputação ético-metafísica.

Em estado volitivo, o organismo pode “conhecer não somente o particular [...] mas também o todo abstratamente e em sua conexão”<sup>710</sup>, “reconhecer a fonte”<sup>711</sup> do seu sofrimento e “pensar no meio de diminuí-lo ou, onde possível, suprimi-lo através de um sacrifício comum, compensado todavia pela vantagem comum daí resultante”<sup>712</sup>. Nisto consiste “o contrato de Estado ou a lei [*der ‘Staatsvertrag’ oder das ‘Gesetz’*]”<sup>713</sup> que pertencem à “*pura doutrina do direito*[...][,] um capítulo da *moral* [*die reine*

<sup>702</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 189.

<sup>703</sup> Idem, *ibidem*. p. 156.

<sup>704</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o Fundamento da Moral*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 223. [§22].

<sup>705</sup> Idem, *ibidem*. p. 223. [§22].

<sup>706</sup> Idem, *ibidem*. p. 223. [§22].

<sup>707</sup> Idem, *ibidem*. p. 223. [§22].

<sup>708</sup> Idem, *ibidem*. p. 223. [§22].

<sup>709</sup> Idem, *ibidem*. p. 223. [§22]. [Grifos do autor].

<sup>710</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.397. [§62]

<sup>711</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.397. [§62].

<sup>712</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.398. [§62].

<sup>713</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.398. [§62] [Grifos do autor].

‘*Rechtslehre*’ ist also ein Kapitel der ‘*Moral*’]”<sup>714</sup>, portanto, “refere-se diretamente só ao agir, não ao sofrer [*bezieht sich direkt bloss auf das ‘Tun’, nicht das ‘Leiden’*]”<sup>715</sup>. Por meio do Estado, os organismos buscam proporcionar condições para a realização do destino orgânico, e, para isso, asseguram-se que a vontade alheia não se sobreponha à própria, por força física, na violência, ou por astúcia<sup>716</sup>; porém, a dimensão do cuidado permanece intocada, “a disposição íntima, a intenção, é investigada tão somente na medida em que, a partir dela, conhece-se a significação do ato”<sup>717</sup>. Se alguém porta “continuamente pensamentos sobre assassinato e envenenamento”<sup>718</sup>, ao Estado indefere intervir no nível da intenção ou ideia: “de modo algum tem o plano tolo de eliminar a inclinação, a disposição má para a prática da injustiça, mas apenas contrapõe a cada motivo possível para cometer injustiça um outro mais poderosos [...] a punição inexorável”<sup>719</sup>. Nesta, o organismo encontra estímulo ao estado volitivo. A interioridade, a significação moral, o conflito e a oscilação, inexistem para a doutrina do direito que, como as morais, produz justificativas e percursos otimistas.

Diz Schopenhauer: “Em meu tratado premiado *Sobre o fundamento da moral*, §22, ao qual remeto o leitor, expus como a excelência moral proporciona felicidade imediata”<sup>720</sup>; contudo, não se deve atribuir estoicismo à eudemonologia dos *Aforismos*, pois, se, por um lado, ele “ensina que a felicidade certa só se encontra na paz interior e tranquilidade espiritual”<sup>721</sup>, por outro, tem a felicidade como objetivo<sup>722</sup>, de modo que “a verdade sentida [*gefühlte Wahrheit*] é deixada de lado”<sup>723</sup>. Dotado de boa intenção, “o estoicismo oferece consolo diante do destino, e certamente uma boa couraça contra os sofrimentos da vida, é útil para melhor suportar o presente: ele se põe, porém, contra a

<sup>714</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.397. [§62]. [Grifos do autor].

<sup>715</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.397. [§62]. [Grifo do autor].

<sup>716</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.393. [§62].

<sup>717</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.399. [§62].

<sup>718</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.399. [§62].

<sup>719</sup> Idem, *MVR I*, 2015. p. 399. [§62].

<sup>720</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 48.

<sup>721</sup> Idem, *ibidem*. p. 102.

<sup>722</sup> Idem, *ibidem*. p. 102.

<sup>723</sup> Idem, *ibidem*. p. 102.

verdadeira salvação, pois ele endurece o coração[...]”<sup>724</sup>. O propósito da insensibilidade é a debilidade do estoicismo e nisso se distingue da eudemonologia dos *Aforismos*; “[...]como poderia este ser melhorado por meio dos sofrimentos, se, envolto numa grossa casca pétrea, não os percebe?”<sup>725</sup> Mesmo empregando o termo felicidade, pressupondo a contradição de ‘vida feliz’, a eudemonologia retém os princípios não-ocidentais do *pessimismo*, pois “entre a ética dos gregos e a dos hindus há uma clara oposição. Aquela (com exceção de Platão) tem como finalidade a capacitação de conduzir a uma vida feliz, *vitam beatam*; a outra, ao contrário, à libertação e à redenção da vida em geral”<sup>726</sup>.

O conflito essencial do otimismo se expressa nessa “contradição íntima”<sup>727</sup> do estoicismo. Incompatível com o mundo, “nunca pôde ganhar vida ou verdade poética interior”<sup>728</sup>. O ‘sábio estoico’ “não sabe aonde ir com sua sabedoria, e sua tranquilidade perfeita, contentamento, beatitude, contradizem tão frontalmente a essência da humanidade que não nos permite de modo algum sua representação intuitiva”<sup>729</sup>. Do mesmo modo, a obrigação ao cuidado fundada na dignidade do ‘fim em si mesmo’ [*Selbstzweck*] mostra-se insuficiente para produzir o ato genuíno, o conhecimento abstrato não basta e não compele – “o que aconteceria se apenas por um dia as leis fossem suprimidas, então teríamos de reconhecer que o efeito de todas as religiões”<sup>730</sup> e princípios morais filosóficos “sobre a moralidade é mínimo”<sup>731</sup>. Fundado em algo anterior e primitivo, o conhecimento abstrato, instrumento<sup>732</sup> da volição, não comove, “a vontade tem de devorar a sua própria carne, pois fora dela, no mundo fenomênico, nada existe e ela é uma vontade faminta. Daí a sequência gradual de suas manifestações, de que cada uma viva à custa da outra”<sup>733</sup>. O emudecimento da vontade caracteriza-se fundamentalmente na disponibilidade para o outro, “a bela alma [*die Schönen Seele*]”<sup>734</sup>,

<sup>724</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 183. [§170].

<sup>725</sup> Idem, *ibidem*. p. 183. [§170].

<sup>726</sup> Idem, *ibidem*. p. 174. [§161].

<sup>727</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 108. [§16].

<sup>728</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 108. [§16].

<sup>729</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 108. [§16].

<sup>730</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o Fundamento da Moral*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fintes, 2001, p. 169.

<sup>731</sup> Idem, *ibidem*. p. 169. [§]

<sup>732</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 125. [§139].

<sup>733</sup> Idem, *ibidem*. p. 186. [§173].

<sup>734</sup> Idem, *ibidem*. p. 161. [§156].

constituída na alegria e no contentamento, a isso se deve o imperativo de sua preservação, “é no coração que encontramos o ser humano, não na cabeça”<sup>735</sup>.

Assim como com a ética das virtudes, em decorrência da busca pela felicidade, a eudemonologia no *pessimismo* apresenta-se incompatível com a ética deontológica e a consequencialista. Na deontologia kantiana, cujo fundamento reside na dignidade atribuída ao uso da razão, as regras e obrigações incorporam a moralidade, e na obediência a ação se realiza livre adquirindo estatuto moral. Porém, tal fundamentação se mostra insuficiente, configurando “uma contradição flagrante chamar a vontade de livre, e no entanto prescrever-lhe leis segundo as quais deve querer: ‘deve querer!’, ferro-madeira!”<sup>736</sup> Mesmo enquanto consciência, cada organismo humano se apresenta fundamentalmente vontade, preceitos morais lhe são indiferentes, e por isso, “eu, diferentemente, sou incapaz, como já disse, de”<sup>737</sup> estabelecer “princípios morais e os oferecer como preceitos de virtude e leis a serem necessariamente observadas”<sup>738</sup>. Determinar o cuidado como preceito moral, fundamentando-o para usá-lo com fins de convencimento, se mostra infrutífero, porque a recepção abstrata no estado volitivo sujeita-se à vontade e sua autopreservação. Ao permitir-se considerar o outro essencialmente distinto e ceder ao contato pela abstração, compõe-se o mundo no isolamento e desprovido de significado moral, preservando e reconduzindo-se no estado volitivo. Neste, o mundo se mostra motivo condicionando a experiência ao otimismo, ao mesmo tempo em que a relação estabelecida desconsidera os demais viventes, reincidindo continuamente na consciência uma fundamentação de moralidade.

Por isso, a filosofia serve-se de suas capacidades para realizar o que lhe compete, não para determinar a obrigação de uma ação, mas para conduzir o leitor ao reconhecimento da verdade, conduzindo ao autoconhecimento para que a ação, de modo genuíno, provenha do sentimento da verdade e com isso se encontre dotada do estatuto moral; “os leitores da minha ética sabem que para mim o fundamento da moral repousa naquela verdade que tem sua expressão no Veda e no Vedanta pela fórmula mística erigida *tat twam asi* (isto és tu), que é afirmada com referência a todo ser vivo”<sup>739</sup>.

---

<sup>735</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.289.

<sup>736</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.314. [§53].

<sup>737</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.434. [§66].

<sup>738</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.434. [§66].

<sup>739</sup> Idem. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 61. [§115].

A consideração filosófica da liberdade no *pessimismo* afirma “a mesma imanência afirmada em tudo que foi antes considerado”<sup>740</sup>. Tomada “em sentido imanente”<sup>741</sup>, a sabedoria de vida dos *Aforismos* mostra-se incompatível com uma ética consequencialista, pois, partindo da base filosófica do *pensamento*, encontra-se alheia à consideração ética restrita à “ciência de como *devem* agir [*die Wissenschaft sei, welche angibt, wie sie handeln 'sollen'*”<sup>742</sup>. Assim, se cada organismo age em acordo consigo, sua interioridade e motivação, determinações morais mostram-se impotentes para conduzir a conduta, existindo abstrata e paralelamente ao organismo. O atributo ‘consequência’ pertence à aparência da realidade, desprovido de substância, dependendo de apreensão consciente da decisão volitiva para ser identificado em meio ao fluido e ininterrupto encadeamento dos fenômenos. Do mesmo modo, a comunicação do *pensamento único* independe de consequências intencionais ou não intencionais pertencentes ao vocabulário volitivo. Submetido ao otimismo, o estado volitivo corrige ações pelo sucesso ou insucesso, porém,

instrução e conhecimento aperfeiçoado, vale dizer, ação do exterior, podem até ensiná-la que errou nos meios e assim fazê-la procurar o fim pelo qual se esforçava, de acordo com a sua essência íntima, por um caminho inteiramente outro e até mesmo em outro objeto: jamais, entretanto, podem fazer que realmente queira de maneira diferente do que quis até então, pois isto permanece inalterável, já que a vontade é apenas este querer mesmo, que do contrário teria de ser suprimido<sup>743</sup>.

Assim como a relação entre interioridade e exterioridade do organismo mostra-se impassível de causalidade, isto é, o estado interno não causa a ação, e sim o estado do organismo manifesta-se em ação, e o mesmo se apresenta em relação aos pensamentos; análogo, o estado não volitivo independe do encadeamento. O estado de contentamento permanece inalcançável pelo organismo na causalidade do planejamento, ocorrendo “quando [...] uma ocasião externa ou uma disposição interna nos arranca subitamente da torrente sem fim do querer, libertando o conhecimento do serviço escravo da Vontade, e

---

<sup>740</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.315. [§53].

<sup>741</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 1.

<sup>742</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o Fundamento da Moral*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 119. [13. Visão Cética] [Grifo do autor].

<sup>743</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.341. [§55].

a atenção não é mais direcionada aos motivos do querer”<sup>744</sup>. A interioridade, impassível de causalidade, subjaz à consequência ou aparência do ato e suas relações.

Em contradição com a natureza da virtude, no estado volitivo a consciência tomada por identidade conduz racionalmente o corpo ao destino no otimismo. O humano “se serve de engenhosos preparativos para cuidar do seu futuro”<sup>745</sup>. Em busca do bem supremo “deve-se viver em concórdia consigo mesmo [...]. Porém, isso só era possível se alguém determinasse a si de maneira inteiramente racional em conformidade com conceitos, e não segundo impressões e humores cambiáveis”<sup>746</sup>. Uma existência virtuosa confere à experiência humana a vantagem de pertencer a si mesmo diminuindo interferências na consciência, por isso, “não se deve negar que, na observância de uma vida virtuosa, o emprego da razão é necessário”<sup>747</sup>. Se, por um lado, o empenho pela tranquilidade de ânimo do estoicismo representa uma permanência no destino volitivo, por outro, o uso da razão permite “manter as decisões tomadas, providenciar máximas para resistência contra fraquezas do momento e para conservação da conduta”<sup>748</sup>. O estado de contentamento difere do volitivo. No otimismo, pode-se usar a prerrogativa humana da razão para conduzir-se a ação diante do

fato de se possuir pouca confiança no próprio entendimento e, em virtude disso, não se permite ao entendimento reconhecer de imediato, num caso particular, o que é conveniente; conseqüentemente, o entendimento fica por inteiro sob a tutela da razão, recorrendo a esta em todas as oportunidades, ou seja, sempre parte de conceitos universais, regras, máximas e quer apegar-se a eles rigidamente na vida, na arte, sim, na conduta ética<sup>749</sup>.

No estado desprovido de otimismo, o contentamento, independe de motivos para ações éticas; usa a razão para demorar-se no estado ético quando inevitavelmente oscilante, ciente que “nenhum caráter é de tal modo talhado que possa ser abandonado a si mesmo, vagueando incerto daqui para acolá, mas cada um precisa ser guiado por conceitos e máximas”<sup>750</sup>. Restrito à consciência, o eu cognoscente se relaciona com o próprio mundo,

<sup>744</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.226. [§38].

<sup>745</sup> Idem, *MVR I*, 2015. p. 42. [§8].

<sup>746</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.106. [§16].

<sup>747</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.68. [§12].

<sup>748</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.68. [§12].

<sup>749</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.71. [§13].

<sup>750</sup> Idem. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 215.

tendo de lidar com o conteúdo que recebe de suas instâncias fundamentais. A partir da natureza da negativa do bem, o conteúdo de sonhos agradáveis “são desmentidos”<sup>751</sup> e se dissolvem ao despertar; contudo, na natureza positiva do mal, os vestígios dos desagradáveis permanecem, e como “não podemos de imediato nos livrar dessa espécie de sonho”<sup>752</sup>, ocupam os organismos prolongando-se na vigília. A imaginação os amplifica, “constrói castelos no ar”<sup>753</sup> preenchendo a experiência por percursos volitivos, “por isso, devemos considerar as coisas concernentes ao nosso conforto e desconforto só com olhos da razão e do juízo [...] operando com meros conceitos *in abstracto*. A fantasia [...] só apresenta imagens aos olhos que agitam a alma de modo desnecessário”<sup>754</sup>. Assim, “sem forças para examinar as coisas a fundo”<sup>755</sup>, durante a noite, deve-se atentar para os pensamentos e sensações conduzindo a consciência, ciente de seu caráter fisiológico, permitindo-se lidar com eles, não à noite quando debilitado e sujeitos à imaginação: “a manhã, sim, é o período correto”<sup>756</sup>.

Na relação contínua com o mundo, prevendo a oscilação, o organismo prepara-se e previne a própria consciência e sensações no uso da razão, “apenas as máximas das nossas ações, não as consequências ou circunstâncias exteriores, é que se encontram em nosso poder, então, [...] é mister tomar como fins apenas as máximas”<sup>757</sup>, como os estoicos, sem, entretanto, o destino originário. O contentamento se empenha corajoso no percurso desprovido de otimismo, suscetível aos infortúnios e dificuldades que preenchem o mundo; “não se deve, por conta disso, perder a coragem e pensar que é impossível dirigir nossa conduta [...] com regras e máximas abstratas, e que, portanto, seria melhor não nos controlarmos”<sup>758</sup>. No percurso labiríntico da promessa, “só desnovelando a própria vida, perde a clareza de consciência. Sua mente torna-se um caos, e em seus pensamentos penetra uma certa confusão, testemunhada por uma conversação abrupta, fragmentária e, por assim dizer, picotada”<sup>759</sup>. Suscetível às condições imprevisíveis, o organismo persegue o otimismo acumulando sofrimentos próprios e

---

<sup>751</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 183.

<sup>752</sup> Idem, *ibidem*. p. 183.

<sup>753</sup> Idem, *ibidem*. p. 183.

<sup>754</sup> Idem, *ibidem*. p. 184.

<sup>755</sup> Idem, *ibidem*. p. 184.

<sup>756</sup> Idem, *ibidem*. p. 184.

<sup>757</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.106. [§16].

<sup>758</sup> Idem. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 215.

<sup>759</sup> Idem, *ibidem*. p. 160.



alheios no caminho. Ao contrário, na relação com máximas e sofrimento no mundo, o organismo humano se capacita para o cuidado na condução da sensibilidade, corrigindo-se ao desvio quando oscilante.

O cuidado e o amor para serem genuínos devem ser realizados no conhecimento sentido, *in concreto*, da natureza partilhada pelos habitantes do mundo, pois “só podemos apreender a pura essência objetiva das coisas [...] quando não temos interesse algum nelas, ou seja, na medida em que não estão em relação alguma com a nossa vontade”<sup>760</sup>. Reconhecendo no estado volitivo incompetência para sentir no outro, o organismo humano se empenha por preservar o contentamento que, suscetível à oscilação, precisa ser mantido por desvios da vontade que renovadamente se esforça. No *pessimismo*, a identidade não reside na consciência, e, por consequência, o organismo não se guia nesse pressuposto, ao contrário, “devemos acostumar-nos a considerar nossas forças espirituais como funções absolutamente fisiológicas”<sup>761</sup>. Para que o contentamento ocasione a si mesmo e, por meio de percursos não volitivos, conduza a consciência, esta precisa considerar fisiológicas as próprias forças “a fim de tratá-las, poupá-las e empregá-las adequadamente, lembrando de que cada sofrimento físico, cada incômodo, cada desordem, independente da parte do corpo que afetam, atingem também o espírito”<sup>762</sup>. Na incumbência da condução interna, permanece insubordinado à causalidade, imputável ao ato e às consequências, desconsiderados na coerção, e, assim, desvia-se da volição na preservação de dois agoras.

### 3.2.4 Novos Caminhos no Contentamento do Pessimismo

A relatividade do *pessimismo* se manifesta em relação à verdade, no autoconhecimento, e em relação à liberdade, na autoconsciência da determinação da realidade pela cognição. Aos estados competem experiências e condutas distintas. O estado não volitivo, desprovido de motivos, descreve-se livre pela ausência de volição e

---

<sup>760</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.442.

<sup>761</sup> Idem. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 198.

<sup>762</sup> Idem. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 198. “A esse respeito, quem melhor nos instrui é Cabanis, em sua obra *Des rapports du physique et du moral de l’homme*”.

pela consciência das próprias determinações; ao mesmo tempo, sua experiência de realidade reside na condição para o cuidado. No estado volitivo,

eu posso fazer o que quero; eu posso, se quiser, dar aos pobres tudo o que possuo, e tornar-me eu próprio pobre – se eu quiser! Mas, não está em mim o poder de o querer, porque motivos opostos têm sobre mim demasiado poder. Em compensação, *se eu tivesse um outro caráter* e se eu continuasse a abnegação até a santidade, então eu poderia querer tal coisa: mas então, também não seria capaz de impedir de a fazer, pelo que, fá-la-ia *necessariamente*.<sup>763</sup>

O estado desprovido de volição encontra na experiência a própria determinação, preservando o reconhecimento da necessidade. A partir do conhecimento desse caráter, “a fim de tornar claro como a vontade, em todas as suas aparências, está submetida à necessidade”<sup>764</sup>, precisa reconhecer o que compõe a sua singularidade. O estado de tranquilidade, permitindo a contemplação da exteriorização de sua especificidade, possibilita o conhecimento da individualidade necessário para a condução, “*γνώθι σεαυτόν* [conhece-te a ti mesmo][...] precisa saber principalmente e antes de tudo o que em verdade quer [...] em seguida, o que é essencial para a sua felicidade”<sup>765</sup>. Se “a vontade não pode ser suprimida por nada senão o conhecimento”<sup>766</sup>, então reconhecer-se novamente no mundo submetido às necessidades possibilita que “a vontade apareça livremente, a fim de nesta aparência conhecer sua essência”<sup>767</sup> e a dos demais. Com isso, realiza dupla atividade, guia a ação e reforça o conhecimento na verdade.

A condução, por meio do contentamento através dos dois agora, transfigura-se na *vida do modo mais agradável e feliz possível* exposto na eudemonologia. No contentamento consigo o organismo se capacita para o cuidado. Para ocasioná-lo, deve reconhecer a si e à sua consciência sensibilidades condicionáveis e restringir-se à

---

<sup>763</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Contestação ao Livre Arbitrio*. Tradução de Lurdes Martins. Porto: Rés-Editora, 2002. p. 57. No original: “*Ich kann tun, was ich will: ich kann, wenn ich will, alles, was ich habe, den Armen geben und dadurch selbst einer werden –Aber ich vermag nicht, es zu wollen; weil die entgegenstehenden Motive viel zuviel Gewalt über mich haben, als dass ich es könnte. Hingegen wenn ich einen andern Charakter hätte, und zwar in dem Masse, dass ich ein Heiliger wäre, dann würde ich es wollen können; dann aber würde ich auch nicht umhinkönnen, es zu wollen, würde es also tun müssen*”.

<sup>764</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.356. [§55].

<sup>765</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 153.

<sup>766</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.464. [§69].

<sup>767</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.464. [§69].

circunstâncias que, por um lado não estimulem a vontade por excesso ou falta, e, por outro, sejam propícias à preservação da tranquilidade. Na investigação do próprio funcionamento descobre que “o estado de saúde, o sono, a alimentação, a temperatura, as condições climáticas, o ambiente e muitas outras circunstâncias exteriores exercem uma influência poderosa sobre a nossa disposição, e esta sobre os nossos pensamentos”<sup>768</sup>. Na constante atualização do organismo, a realidade se reconforma na fluidez da consciência exposta a sucessivas condições. No reconhecimento entre as diferentes instâncias de interferência sobre a sensibilidade, o organismo pode conduzir a experiência consciente em diferentes situações, aprendendo com elas a medida da própria adequação.

O *pessimismo* fundamenta-se na base fundamental e nas verdades de sua filosofia, ‘o mundo é minha representação’ e ‘minha vontade e meu corpo são um’, assim como os dois princípios norteadores da condução, o primeiro, “tudo o que existe e acontece [...] existe imediatamente apenas em sua consciência e acontece para ela [*alles, was für den Menschen da ist und vorgeht, unmittelbar immer nur in seinem Bewusstsein da ist und für dieses vorgeht*]”<sup>769</sup>, o segundo, “ninguém pode fugir da sua individualidade”<sup>770</sup>. O primeiro determina o que deve compor-se em ocasião, o segundo, os elementos disponíveis responsáveis para produzi-la. Na relação entre eles desenvolve a relação consigo e no autoconhecimento mantém a relação com a verdade. Tomando a consciência por produto, ciente da centralidade da sensação, incumbe-se de conduzir-se enquanto organismo por circunstâncias internas e exteriores.

As grandes dores ocorrem no conflito entre mundo e demandas do otimismo. Dada a natureza receptiva para a dor, o conhecimento da própria condição permite ao organismo conduzir uma existência com dores modestas imersas no contentamento do próprio estado. ‘Vida feliz’ representa contradição pois viver é sofrer, o “eufemismo”<sup>771</sup> da felicidade reside na consideração sobre a natureza na qual participa, felicidade é sofrer moderadamente, e, com isso, “uma vida feliz é impossível: o máximo que um homem pode atingir é um curso de vida heroico”<sup>772</sup>, no qual a vida sustenta-se na incumbência de si enquanto destino estabelecido. No reconhecimento, possível no estado a ser preservado,

---

<sup>768</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.185.

<sup>769</sup> Idem, *ibidem*. p. 6.

<sup>770</sup> Idem, *ibidem*. p. 6.

<sup>771</sup> Idem, *ibidem*. p. 2.

<sup>772</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 185. [§172<sup>a</sup>].

os *Aforismos* instruem sobre as condições que devem ser cumpridas para realizar tal empenho, extraindo da individualidade o material para compor a experiência da realidade. Sustenta o estado do cuidado no constante restabelecimento por meio da ‘*nossa conduta em relação ao curso do mundo e ao destino*’, ‘*nossa conduta para conosco*’ e ‘*nossa conduta para com os outros*’, fundadas na autoreferencialidade<sup>773</sup>. Nessas condutas, o organismo mantém-se física e intelectualmente em movimento apoiando esses componentes de modo recíproco, o “centro de gravidade está por *inteiro nele mesmo*”<sup>774</sup>.

O presente deve compor o mundo em acordo com a individualidade do organismo. Dada a relatividade da realidade, a experiência deve ser composta nessa condição, pois trata-se de uma relação entre o corpo e a própria existência.

Nenhum prazer é comparável ao do uso e sentimento das próprias faculdades, e a dor suprema é a carência percebida de faculdades lá onde são necessárias. Caso tenhamos investigado onde se encontram nossos pontos fortes e fracos, desenvolveremos, empregaremos, usaremos de todas as maneiras os nossos dons naturais mais destacados e sempre nos direcionaremos para onde são proveitosos e valiosos, evitando por inteiro e com autoabnegação aqueles esforços em relação aos quais temos pouca aptidão natural<sup>775</sup>.

O conhecimento de sua individualidade fornece os elementos capazes de compor uma experiência adequada ao contentamento. No estado volitivo, o otimismo, ao ocultar as determinações oculta as capacidades, “‘se estivesse novamente na mesma situação, agiria de modo diferente!’ A situação se repete, o mesmo caso se lhe apresenta, mas ele procede do mesmo modo – para seu grande espanto”<sup>776</sup>, e, assim, entra em conflito consigo, percorrendo os caminhos do sofrimento; “nada é mais absurdo que [...] querer ser alguém diferente do que se é”<sup>777</sup>. O caminho de preservação do contentamento consiste no emprego das próprias aptidões, a estabilidade depende da relação consigo mesmo, pois, assim, os infortúnios causados pelo destino perturbam menos do que os decorrentes da inaptidão, relação entre exigências e capacidades: “um mal que nos sobreveio não é mais

---

<sup>773</sup> WERNER, Rafael. *Antropologia e Moral em L. Feuerbach*. Porto Alegre: Editora FI. p. 22. “[...] diferentemente do egoísmo, aceita a relação com o outro”.

<sup>774</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 41.

<sup>775</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.354. [§55].

<sup>776</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 76.

<sup>777</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.354. [§55].

atormentador do que o pensamento nas circunstâncias que poderiam tê-lo evitado; eis por que nada é mais salutar para nossa tranquilidade de ânimo que a consideração do já acontecido”<sup>778</sup>. Se, por um lado, a exterioridade interfere no organismo e no produto da consciência ocasionando um sentimento do estado, de outro, os pensamentos são sentidos e participam na sensação.

Sentido pelo organismo, o pensamento adquire na eudemonologia uma competência singular. Quando oscilante e distraído, a recordação da verdade reorienta o estado ao contentamento, fazendo sobre ele novo efeito tranquilizador, por um lado, demorando-se no estado daquela “paz, sempre procurada antes pelo caminho do querer, sempre fugidia, [...] tudo está bem conosco”<sup>779</sup>, por outro, retirando a força dos motivos, enfraquecendo a volição, “lamentamos, e gememos, [...] só enquanto temos esperanças de assim fazer efeito sobre os demais, ou de estimular a nós mesmos em vista de esforços supremos”<sup>780</sup>. Concebendo que o “pensar é tão-somente a função orgânica do cérebro e, no que tange ao esforço e ao repouso, comporta-se de maneira análoga à de qualquer outra atividade orgânica”<sup>781</sup>, e que a composição da realidade ocorre na consciência das sensações frente ao mundo, reconhece que “cada mês do ano tem uma influência peculiar e imediata, isto é, independente do clima, sobre a nossa saúde, sobre o nosso estado corporal em geral e também sobre o nosso estado espiritual”<sup>782</sup>. Destituindo-se de substancialidade e essencialidade, encontra na singularidade da existência, incidindo no eu cognoscente, o meio para realização da incumbência do próprio destino. O estado no “qual resultou a resignação perfeita, [...] a renúncia a todo querer, a viragem, a supressão da Vontade e, com esta, da essência inteira do mundo, portanto, redenção”<sup>783</sup>, reconcilia os movimentos do corpo com a existência transformando a possibilidade do significado.

A sensação do próprio corpo incide na consciência, nela se apresenta o resultado da interação entre organismo e realidade, e, com isso, “importa menos saber o que ocorre e sucede a alguém na vida, do que a maneira como ele o sente, portanto, o tipo e o grau

---

<sup>778</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.355. [§55].

<sup>779</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.226. [§38].

<sup>780</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.355. [§55].

<sup>781</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 197.

<sup>782</sup> Idem, *ibidem*. p. 199.

<sup>783</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.269. [§48].

de suscetibilidade sob todos os aspectos”<sup>784</sup>. A capacidade de sentir determina a composição e a natureza da realidade, “o que alguém é para si mesmo, o que o acompanha na solidão e ninguém pode lhe dar ou retirar, é manifestamente para ele mais essencial do que tudo”<sup>785</sup> “para o bem-estar [...] o que se encontra dentro dele mesmo [*was in ihm selbst besteht*]”<sup>786</sup>, “é nisto que reside seu contentamento íntimo, ou descontentamento [*sein inneres Behagen oder Unbehagen*]”<sup>787</sup>. Deve-se, portanto, compor o mundo na consciência com o que precisa encontrar, retirando os elementos da própria individualidade, elemento que “determina de antemão o grau de sua felicidade possível”<sup>788</sup>, pois, embora “não seja o mesmo em todos os momentos, devemos atribuir esse grau, coerentemente com a nossa visão, não à mudança das circunstâncias exteriores, mas à mudança do nosso estado interior ou da nossa condição física”<sup>789</sup>.

A composição deve adequar-se à individualidade, na honestidade indispensável para consigo, para preservar o contentamento, possibilitando o estado de receptividade; “assim como a árvore inteira é somente a aparência sempre repetida de um único e mesmo impulso exposto da maneira mais simples na fibra, de novo repetido e facilmente reconhecível na composição da folha, do talo, do galho, do tronco”<sup>790</sup>, assim também, deve tomar a si como organismo composto de veemência volitiva singular e, por causa disso, de certas tendências, reconhecendo “na conduta e no decurso de vida”<sup>791</sup> sua especificidade, esse caráter existencial “de cada humano deve ser considerado como um ato extratemporal, indivisível e imutável da vontade, cuja aparência [é] desenvolvida e espreada em tempo, espaço e em todas as formas do princípio de razão”<sup>792</sup>.

O organismo, constituído na individualidade, deve aplicar as condições do corpo sobre ele mesmo, conduzindo-o sob a tutela do bem sentir, equilibrando as necessidades orgânicas e as individuais, apoiando-as umas nas outras em constante movimento, evitando tédio e dor. Se por meio da individualidade, “único contributo imediato para a

<sup>784</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 15.

<sup>785</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 9.

<sup>786</sup> Idem, *ibidem*. p. 4.

<sup>787</sup> Idem, *ibidem*. p. 4.

<sup>788</sup> Idem, *ibidem*. p. 7.

<sup>789</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.367. [§57].

<sup>790</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.335. [§55].

<sup>791</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.335. [§55].

<sup>792</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.335. [§55].

sua felicidade e para o seu bem-estar”<sup>793</sup>, o mundo se manifesta, então, para encontrar em si ausência de desgostos e sofrimentos intensos, de modo a nutrir-se enquanto “um temperamento calmo e jovial, resultante de uma saúde perfeita e de uma organização feliz, um entendimento lúcido, vivaz, penetrante e que concebe criteriosamente, uma vontade moderada, branda e, por isso, uma boa consciência”<sup>794</sup>, ciente que “acima de tudo, o que nos torna mais imediatamente felizes é a jovialidade do ânimo [*Heiterkeit*], pois essa boa qualidade recompensa a si mesma de modo instantâneo”<sup>795</sup>. A produção dessa qualidade não se coaduna à causa definitiva, “se [...] é jovial, então é indiferente se se é jovem ou velho, ereto ou corcunda, pobre ou rico; é feliz”<sup>796</sup>, sendo, portanto, valiosa por ela mesma, sem necessidade de justificativa. Ao produzi-la constrói um ambiente propício para o cuidado coincidindo a consciência na própria sensação.

Indissociável da conduta para com o mundo e para com os outros, a conduta para consigo se constitui, em parte, na condução da consciência pela exterioridade, e, em outra, depende de pensamentos para a abolição, revogação e anulação de investidas volitivas, preservando a capacidade de responder à imputação existencial. Se a ‘dignidade da pessoa’ se mostra abstração insuficiente para o cuidado e desprovida de autenticidade, “tenhamos em vista antes somente seus sofrimentos, suas necessidades, seu medo, suas dores: pois assim sempre teremos com ela alguma familiaridade, nos simpatizaremos com ela ao invés do ódio ou do desprezo, sentiremos aquela compaixão”<sup>797</sup>. No conhecimento do *pessimismo* reside a consideração adequada. Desprovido de realidade e significação, *o sofrimento alheio inexistente na abstração*, por isso, deve ser haurido da experiência, sentido na recordação. O *pensamento* reaviva o contentamento fortalecendo-se na verdade, “para impedir que o ódio e o desprezo se manifestem contra alguém não é a procura de sua pretensa “dignidade”, mas antes o ponto de vista da compaixão o único apropriado”<sup>798</sup>.

---

<sup>793</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 15.

<sup>794</sup> Idem, *ibidem*. p. 8.

<sup>795</sup> Idem, *ibidem*. p. 17.

<sup>796</sup> Idem, *ibidem*. p. 17.

<sup>797</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 40.

<sup>798</sup> Idem, *ibidem*. p. 40.

Por meio do próprio contentamento, o organismo humano capacita-se para o cuidado. No *pessimismo*, ao considerar os viventes na condição orgânica, incumbindo-se de si mesmo, recorda-se que se o humano fosse

aquilo que pretendem todas as religiões e filosofias otimistas, a obra ou até mesmo a encarnação de um deus, de um modo geral um ser que deveria ser em todos os sentidos e ser assim como é; quão inteiramente diferente deveria ser então a primeira visão, o contato mais próximo e o relacionamento contínuo de cada pessoa conosco do que é o caso agora![...] com qualquer tolice, falha, vício humano, deveríamos ser indulgentes, pensando que o que temos diante de nós é somente nossas próprias tolices, falhas e vícios: pois são justamente as falhas da humanidade, a que também nós pertencemos, possuindo também todas as falhas, mesmo aquelas sobre as quais ora nos indignamos apenas porque justamente não se manifestam em nós<sup>799</sup>.

Assim, se os organismos padecem sob a mesma condição, a compaixão atribuída a um se estende também aos demais. Deve permitir-se sentir o pensamento recordar os sofrimentos alheios, “ocultados tanto quanto possível pela pessoa, pois sabe que os outros raramente sentirão empatia e compaixão”<sup>800</sup>, e com isso, relembrar que ela “nem sempre assume sua feição mais cordial”<sup>801</sup>.

O cuidado para com o outro torna-se possível na preservação do contentamento, na condução da sensibilidade por percursos suportáveis, e, ao mesmo tempo, deve não desamparar-se, lembrando de tomar a si mesmo como outro e no “conhecimento do sofrimento alheio [*Erkenntnis des fremden Leidens*]”<sup>802</sup> conhecer também os próprios, permitindo-se, assim, “compaixão para consigo mesmo [*Mitleid mit sich selbst*]”<sup>803</sup>. A oscilação da tranquilidade manifesta-se no organismo em sensação e pensamento, em relação a si ou outrem, por isso, “devemos [...] encarar de maneira bem prosaica e sóbria tudo o que for desagradável”<sup>804</sup>, recordando que o que se tem diante de si é tão somente a natureza do mundo, e com isso, minando em si demandas volitivas –

<sup>799</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 164. [§156a].

<sup>800</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.376. [§59].

<sup>801</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 163. [§156a].

<sup>802</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.436. [§67].

<sup>803</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.437. [§67].

<sup>804</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 186.



quem tem de viver entre os homens não deve condenar, de maneira incondicionada, individualidade alguma, nem mesmo a pior, a mais mesquinha ou a mais ridícula, pois ela foi definitivamente estabelecida e ofertada pela natureza. Deve-se antes, tomá-la como algo imutável que, em virtude de um princípio eterno e metafísico tem de ser como é. Quanto aos casos mais lamentáveis, deve-se pensar: ‘É preciso que haja também tais tipos no mundo’. Do contrário, comete-se uma injustiça e desafia-se o outro a uma guerra de vida ou morte, já que ninguém pode mudar a própria individualidade, isto é, seu caráter moral, suas faculdades de conhecimento, seu temperamento, sua fisionomia etc. Ora, se condenarmos o outro em toda a sua essência, então nada lhe restará a não ser combater em nós um inimigo mortal, pois só lhe reconhecemos o direito de existir sob a condição de tornar-se uma pessoa diferente da que invariavelmente é [...] sem esperar que mude e sem condená-la pura e simplesmente pelo que é<sup>805</sup> .

A disposição para o otimismo oscila insinuando-se no corpo, em movimento e pensamento, e deve-se reconhecer tal condição e confrontá-la aberta e honestamente, opondo-lhe séria argumentação:

caso se conduzisse o mais obstinado otimista através dos hospitais, enfermarias, mesas cirúrgicas, prisões, câmaras de tortura e senzalas, pelos campos de batalha e pelas praças de execução, e depois lhe abrissemos todas as moradas sombrias onde a miséria se esconde do olhar frio do curioso [...] ele certamente também veria de que tipo é este *meilleur des mondes possibles*<sup>806</sup>.

Dessa consideração, resulta a necessidade de “tomar as rédeas à fantasia, [...] é preciso impedir que ela evoque e ilustre as injustiças outrora sofridas, bem como os danos, as perdas, as injúrias, as preterições, as humilhações e coisas semelhantes”<sup>807</sup>, tornando a realidade consciente inóspita para o desejo, e, constantemente, prevenindo-se na privação, isentando-se de promessas, pois “a menor contrariedade, advinda seja dos homens ou das coisas, se for constantemente cogitada e repintada com cores vivas e segundo uma escala ampliada, pode transformar-se num monstro que nos coloca fora de controle”<sup>808</sup> , reposicionando o organismo em meio ao percurso originário, alheio a um próprio destino.

<sup>805</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 199.

<sup>806</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.377. [§59].

<sup>807</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 186.

<sup>808</sup> Idem, *ibidem*. p. 186.

Se, por um lado, pensamentos manifestam a realidade habitada e, portanto, não podem ser insuportáveis, por outro, reconhecendo o mundo essencialmente adverso, deve-se ser capaz de reter acontecimentos desfavoráveis. Pensamentos auxiliam na condução da vida, “quando algum objeto se apresenta a ele nos limites do horizonte, sente-se feliz; ao contrário, sente-se infeliz quando dificuldades advindas o provam de semelhante perspectiva”<sup>809</sup>; entretanto, “é uma alma covarde aquela que, assim que as nuvens negras se condensam ou apenas se mostram no horizonte, abate-se, perde o ânimo e põe-se a lamentar”<sup>810</sup>, por isso, “a coragem é uma qualidade bastante essencial para a nossa felicidade”<sup>811</sup> pois permite expandir as aptidões, e com elas os meios de contentamento, e, enquanto possibilita o exercício da condução sem estimular a defesa volitiva, “não cede à adversidade, mas marcha audaz contra ela”<sup>812</sup>.

Se ocorrem pensamentos desagradáveis e a consciência começa a afastá-los “é preciso reagir contra isso [*dem soll man entgegenarbeiten* ]”<sup>813</sup>, recordando que tal afastamento devolve o corpo ao seu destino e condiciona a repetição. Ao mesmo tempo, não se deve negar, como no otimismo, a existência dolorosa do mundo, mas aceitá-la como parte da experiência, “diante de um evento infeliz, já ocorrido, e que por isso não pode ser mais alterado, não se deve permitir pensar uma vez sequer que ele poderia ter sido diferente[...] este pensamento intensifica a dor até o insuportável”<sup>814</sup>. Deve-se conferir realidade ao infortúnio alocando-o no mundo, e, assim, evita-se que os pensamentos nutram o estado volitivo; “sim, de vez em quando é até mesmo bom trazer ao presente grandes desgraças que eventualmente poderiam nos sobrevir, a fim de suportarmos as pequenas quando de fato chegarem”<sup>815</sup>.

Em acordo com o reconhecimento da inevitabilidade da dor, deve-se acomodar as dificuldades e recordar-se da necessidade de, em determinadas situações, “praticar o *sustine et abstini* [suportar e abster-se]”<sup>816</sup>, visto que “há doenças que só se curam completamente se deixarmos que sigam o seu curso natural, para depois desaparecerem

---

<sup>809</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 50.

<sup>810</sup> Idem, *ibidem*. p. 244.

<sup>811</sup> Idem, *ibidem*. p. 244.

<sup>812</sup> Idem, *ibidem*. p. 244.

<sup>813</sup> Idem, *ibidem*. p. 187.

<sup>814</sup> Idem, *ibidem*. p. 182.

<sup>815</sup> Idem, *ibidem*. p. 188.

<sup>816</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.377. p. 183.

por si mesmas, sem deixar vestígio. Mas, se exigirmos restabelecimento pronto e rápido, então o tempo também terá de dar o adiantamento”<sup>817</sup>. O empenho em livrar-se da doença imediatamente, ainda que se suponha em concordância com a importância da saúde, desempenha função contrária e representa incapacidade de conceber estados necessariamente adversos.

Consistindo em sensação no organismo, os *Aforismos* descrevem o contentamento em natureza sutil. “Deveríamos antes de tudo nos esforçar para conservar um grau elevado de perfeita saúde, de cuja florescência brota a jovialidade”<sup>818</sup>. Como “em todo o interior do organismo, impera um movimento incessante e rápido”<sup>819</sup>, impossibilitado de inércia, encontra-se determinado ao movimento e descobre o sofrimento no desencontro constante da vontade com a condição. Disso “fica claro o quanto nossa felicidade depende daquilo que nós somos, de nossa individualidade [*hieraus also ist klar, wie sehr unser Glück abhängt von dem, was wir sind, von unsrer Individualität*]”<sup>820</sup>. Deve-se, em vez de suprimir o movimento, conduzi-lo e administrá-lo encaminhando-o à ocasião do contentamento. Tendo em mente que “um mendigo saudável é mais feliz que um rei doente”<sup>821</sup>, emprega-se o esforço constituinte nessa direção, pois “sem movimento diário e apropriado é impossível manter-se saudável”<sup>822</sup>.

Em proveito do próprio estado, recorda que “todo deleite pressupõe uma atividade, portanto, o emprego de uma força, sem a qual não pode subsistir”<sup>823</sup>, reconhecendo que a necessidade fisiológica fornece os meios e os limites do bem-viver; “de fato, exteriormente, a necessidade e a privação geram a dor; em contrapartida, a segurança e a abundância geram o tédio”<sup>824</sup>; a partir disso, e desprovido de otimismo, “aspirará, antes de tudo, à ausência de dor, à serenidade, ao sossego e ao ócio, logo, procurará uma vida tranquila, modesta e o menos conflituosa possível”<sup>825</sup>, prevenindo-se contra a multiplicação da adversidade. Remanescente no estado não-volitivo, a necessidade individual se manifesta na oscilação, cada um “com suas necessidades e

---

<sup>817</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 238.

<sup>818</sup> Idem, *ibidem*. p. 18.

<sup>819</sup> Idem, *ibidem*. p. 18.

<sup>820</sup> Idem, *ibidem*. p. 7.

<sup>821</sup> Idem, *ibidem*. p. 8.

<sup>822</sup> Idem, *ibidem*. p. 18.

<sup>823</sup> Idem, *ibidem*. p. 33.

<sup>824</sup> Idem, *ibidem*. p. 24.

<sup>825</sup> Idem, *ibidem*. p. 26.

flagelos, que variam individualmente”<sup>826</sup>, deve “empregar a personalidade, tal qual nos foi dada, para os maiores proveitos possíveis. Portanto, perseguir apenas aspirações que correspondam a ela”<sup>827</sup> e apoiar o percurso manobrando as próprias forças e reconduzindo qualquer volição no empenho do contentamento. Se “um homem hercúleo [...] obrigado a entregar-se [...] a [...] trabalhos cerebrais que exigem forças totalmente diferentes, [...] deixando sem emprego justamente as forças pelas quais ele se distingue, sentir-se-á infeliz pelo resto da vida”<sup>828</sup>, então, deve-se, honestamente, investigar e reconhecer as capacidades individuais constituídas no organismo para empregá-las adequadamente sob pena da completa infelicidade.

A preservação do estado depende de agir e abster-se de acordo com a necessidade, em cada situação, observando a reciprocidade no corpo. Nutrido do movimento involuntário na *vida orgânica*, o organismo se direciona e se afasta reconhecendo percursos adequados. Se inevitável construir a realidade, uma vez que simultânea ao eu, assegura-se de não fazê-lo às custas do sofrimento alheio, preservando para consigo certa dose de compaixão. Restringe e seleciona estímulos aos quais se submete, “quanto menos estímulo para a vontade, tanto menos sofrimento [...][,] a limitação do círculo de ação retira à vontade as ocasiões exteriores de estímulo; a limitação do espírito, as interiores”<sup>829</sup>. Quanto maior a permanência sem estímulos, melhor a condução do seu percurso; “a solidão concede [...] uma vantagem dupla: primeiro, a de estar só consigo mesmo; segundo, a de não estar com os outros”<sup>830</sup>. Na oportunidade do afastamento proporciona-se a ocasião da tranquilidade, “quem, portanto, não ama a solidão, também não ama a liberdade”<sup>831</sup>. Evita-se, por um lado, o infortúnio de companhias que, “ao roubar-lhe seu “eu” sem nada oferecer-lhe em troca”<sup>832</sup>, privam-no da ausência de estímulos, por outro, os caminhos infelizes, como “a vida no grande mundo, às farras e em festanças (*high life*), pois, quando tentamos transformar nossa miserável existência numa sucessão de alegrias, gozos e prazeres, não conseguimos evitar a desilusão”<sup>833</sup>. Nesta, as relações submetidas à promessas são enfraquecidas na

---

<sup>826</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 6.

<sup>827</sup> Idem, *ibidem*. p. 11.

<sup>828</sup> Idem, *ibidem*. p. 11.

<sup>829</sup> Idem, *ibidem*. p. 158.

<sup>830</sup> Idem, *ibidem*. p. 169.

<sup>831</sup> Idem, *ibidem*. p. 161.

<sup>832</sup> Idem, *ibidem*. p. 162.

<sup>833</sup> Idem, *ibidem*. p. 161.

impossibilidade de satisfazer. Com o tempo, se desgastam junto com a volição, modificando o contato com o outro e, nele, consigo. A relação contínua e constante no mundo condiciona ao estado volitivo, fornecendo os objetos do pensamento e o modo de considerar o mundo: “para ter pensamentos originais, extraordinários e até imortais basta alienar-se completamente do mundo e das coisas em alguns momentos, de modo que os objetos e acontecimentos mais ordinários apareçam inteiramente novos e desconhecidos”<sup>834</sup>.

Proporcionando a ocasião do contentamento, ao ausentar-se, o organismo exercita a liberdade no uso das próprias funções, preservando-se no empenho que o conduz à aptidão para o cuidado. Recorda-se da relatividade do valor, “o que nos torna felizes ou infelizes não é o que as coisas são objetiva e realmente, mas o que são para nós, em nossa concepção”<sup>835</sup>, e que “a privação e o sofrimento não se originam imediata e necessariamente de não ter; mas antes de querer ter e não ter; portanto, esse querer ter é a condição necessária pela qual exclusivamente o não ter se torna privação e provocador”<sup>836</sup>. As privações não são absolutamente dolorosas, somente quando referentes ao objeto de desejo, mas deve-se recordar “quantas coisas existem de que eu não necessito”.<sup>837</sup> Assim, continuamente reequilibrando a consideração, mantendo presente que as necessidades delimitam a realidade e abstendo-se de novas, não nutrindo novos desejos. Restringe-se às atuais e emprega-lhes a atenção e os esforços disponíveis. Acaba-se, assim, ao “limitar as próprias carências”<sup>838</sup>, por lidar com elas exitosamente, obtendo contentamento.

Poupando-se de desejos, poupa-se de satisfazê-los, mas diante da relatividade do valor e das necessidades incontornáveis, recorda que “cada um precisa sempre de um certo *quantum* de preocupação, ou dor, ou necessidade, como o navio de lastro, para navegar de modo firme e direto”<sup>839</sup>, com isso, “pode sentir-se satisfeito em circunstâncias

---

<sup>834</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 118.

<sup>835</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 19.

<sup>836</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.102. [§16].

<sup>837</sup> Idem, *ibidem*. p. 9.

<sup>838</sup> Idem, *ibidem*. p. 165.

<sup>839</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 149. [§152].

adversas”<sup>840</sup>, assim, aproveita-se da necessidade nutrindo a satisfação [*Wohlgefühl*]<sup>841</sup>. Sem a premissa do otimismo, se depara com fortuna e infortúnio, reconhecendo que “os acidentes, grandes ou pequenos, são o elemento de nossa vida: e isso devemos ter sempre em mente, sem, no entanto, como um *δύσκολος* [díscolo] lamentar e fazer caretas”<sup>842</sup>, recordando que “toda alegria vivaz é também um erro, uma ilusão[...] e, ainda, [que] toda posse e felicidade só podem ser concedidas pelo acaso, por tempo indeterminado, conseqüentemente podem ser retiradas na hora seguinte”<sup>843</sup>. A partir das recordações, pode sentir a vida, apoiando nela o peso que lhe pertence, não em abstrações, mantendo-se em equilíbrio.

### 3.2.5 A Escrita no Pessimismo

Na ausência da promessa e no conhecimento da verdade, a ocasião do cuidado ocorre na experiência do contentamento, na consideração da existência conforme a base fundamental; “se a um estado sem dor ainda couber a ausência de tédio, então a felicidade terrena foi em essência alcançada; o resto é químera”<sup>844</sup>. No conhecimento dessa verdade, o organismo se habilita para o outro preservando o estado não volitivo, “nossas virtudes morais beneficiam principalmente os outros; as intelectuais, ao contrário, de início a nós mesmos”<sup>845</sup>.

Ainda que semelhante à da escrita filosófica, a relação com o leitor na eudemonologia se estabelece entre companheiros de infortúnios [*Leidensgefährte*], pois “lança sobre a condição de existência a luz apropriada”<sup>846</sup>, e, assim, possibilita “recordar o mais necessário, a tolerância, a paciência, consideração e amor ao próximo”<sup>847</sup>, fortalecendo simultaneamente o estado da verdade, pois ambos são o mesmo. A instrução

---

<sup>840</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 9.

<sup>841</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.226. [§38].

<sup>842</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 241.

<sup>843</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.104. [§16].

<sup>844</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 142.

<sup>845</sup> Idem, *ibidem*. p. 42.

<sup>846</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 165. [§156].

<sup>847</sup> Idem, *ibidem*. p. 165. [§156].

para felicidade conduzida, na incumbência de si mesmo, funda-se na filosofia do *pessimismo*, isto é, no reconhecimento da condição fundamental, suscetibilidade para a dor.

Deve-se, portanto, possibilitar que o mundo coincida na consciência desprovida de dores intensas e constantes, internas ou externas. A vida eudemonologicamente feliz deve prescindir de promessas e grandes sofrimentos, por isso, “é mais sábio trabalhar pela conservação da própria saúde e pelo desenvolvimento das próprias capacidades do que pela aquisição de riqueza”<sup>848</sup>, e, coerentemente, “a felicidade de um dado curso de vida [*Lebenslaufes*] não deve ser avaliada de acordo com suas alegrias e prazeres, mas por sua ausência de sofrimentos, que constitui o positivo”<sup>849</sup>; “o desconhecimento dessa verdade, favorecido pelo otimismo [*das Verkennen dieser Wahrheit, durch den Optimismus begünstigt*], é fonte de muitas desgraças”<sup>850</sup>. No emudecimento da vontade, o autoconhecimento torna-se possível enquanto for preservado, entretanto, “nos momentos em que nos encontramos livres de sofrimentos, desejos inquietos simulam-nos as quimeras de uma felicidade que não existe, seduzindo-nos a persegui-las”<sup>851</sup>, habitando a realidade nos percursos da coesão no otimismo.

O *pessimismo* acompanha o leitor no testemunho filosófico da própria condição, dirigindo-o diante do espelho límpido, visando ocasionar o reconhecimento da verdade no estado do autoconhecimento, e assim realiza a comunicação do *pensamento*. O lado objetivo da existência encontra na filosofia elucidação, o lado subjetivo, oscilante, não lhe compete, mas permanece existente. O *pessimismo* busca ocasionar o estado que responde às demandas éticas imputadas pela condição existencial, na partilha do estado do qual parte, e busca ocasionar ao leitor a aptidão do cuidado. Seria, pois, insensato, pressupor indiferença com o leitor pelo escritor que confere caráter ímpar à compaixão no significado ético da conduta humana. Arthur Schopenhauer escreve:

sou movido, em parte porque minha participação é vivida e profundamente sentida, em parte porque a necessidade alheia é grande e urgente, através daquele motivo puramente moral, a fazer um grande ou pequeno sacrifício à carência ou à necessidade do outro, que pode

<sup>848</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 12.

<sup>849</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 149. [§153].

<sup>850</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 143.

<sup>851</sup> Idem, *ibidem*. p. 143.

consistir num esforço em seu favor de minhas forças corporais ou espirituais, da minha propriedade, da minha saúde, da minha liberdade e, até mesmo, da minha vida. É aqui portanto, nesta participação imediata que não se apóia em nenhuma argumentação, nem dela precisa, que está a única clara origem da caridade, da ‘caritas’, ‘ágape’, daquela justiça, pois, cuja máxima é: ‘*omnes, quantum potes, iuva*’ [ajuda a todos quanto puderes]<sup>852</sup>.

Assim como a solidão permite, por um lado, não padecer na constância da interferência, e, por outro, a companhia própria na tranquilidade, a verdade resguarda esse duplo caráter, não produz estímulos que conduzam ao sofrimento próprio e alheio, ao mesmo tempo que reconduz ao contentamento, permitindo conhecer as potências do organismo no cultivo da demora na abstenção. Se na volição o atraso se disfarça de destino, o *pessimismo* eudemonológico ocorre nas brechas da procrastinação, encontrando a própria ocasião sempre consigo, “*omnia mea mecum* [trago todas as minhas posses comigo]”<sup>853</sup>.

Na reconsideração do mundo a partir do estado de contentamento, o organismo se permite conhecer-se distinto do que fora até então. A sensibilidade configura a experiência do próprio corpo na reciprocidade entre recepção e mistério. A escrita conduz o leitor, inexperiente na verdade, no exame dos elementos constitutivos da sua realização. Reconduzindo às verdades fundamentais “o dia de hoje vem uma só vez e nunca mais”<sup>854</sup>, aconselhando “toda noite, antes de dormir, devemos passar em revista o que fizemos durante o dia”<sup>855</sup>, consolando, “somente após os perdermos é que nos sentimos sensíveis ao valor”<sup>856</sup>, e recordando, “cada dia é uma parte integrante [...] insubstituível da vida”<sup>857</sup>.

A escrita do *pessimismo* depende de seu conhecimento *in concreto*, Schopenhauer partilha a experiência na verdade no curso de uma vida heroica, no qual se “luta por um bem destinado a todos contra dificuldades gigantes vencendo ao cabo, mas

---

<sup>852</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o Fundamento da Moral*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fintes, 2001, p. 160. [§18].

<sup>853</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 161. [Cícero apud Schopenhauer].

<sup>854</sup> Idem, *ibidem*. p. 157.

<sup>855</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 160.

<sup>856</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.271. [§49].

<sup>857</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 157.



recebendo pouca ou nenhuma recompensa por isso”<sup>858</sup>, destinando o *pensamento* “não aos contemporâneos nem aos compatriotas, mas à humanidade”<sup>859</sup>. Ao mesmo tempo que a escrita assume o caráter da responsabilidade, a alegria na vida acompanha tal incumbência, “a grande satisfação é obtida em fazer, em confeccionar, seja um cesto ou um livro”<sup>860</sup>, constituindo o estado do autoconhecimento. Na descrição eudemonológica, a verdade transparece a sua partilha,

mais felizes são os indivíduos altamente dotados, conscientes de sua capacidade de produzir obras significativas, grandiosas e coerentes. Isso estende por toda a sua existência um interesse de tipo superior, comunicando-lhe um sabor ausente nas demais [...]. Para tais indivíduos eminentes, a vida e o mundo possuem, ao lado de todo interesse material comum, ainda um outro mais elevado, a saber, o formal, na medida em que contém a matéria-prima das suas obras; matéria-prima cuja colheita os torna zelosamente ocupados durante toda a vida[...] Ultrapassar obstáculos é o prazer pleno de sua existência [...] A luta contra as adversidades e a vitória tornam o homem feliz<sup>861</sup>.

Indelegável, Schopenhauer realiza a condução eudemonológica na escrita, “não há vitória sem luta”<sup>862</sup>, movido no conhecimento *in concreto* da condição do mundo,

as crueldades na inúmeras guerras [...] o extermínio de uma grande parte dos habitantes das Américas e o povoamento desta parte do mundo por escravos negros, condenados a infinitos trabalhos forçados, roubados da África, arrancados sem direito, sem qualquer aparência de direito de sua parte do mundo, de sua mãe-pátria e da família<sup>863</sup>.

Enquanto Schopenhauer convida, na filosofia, o leitor a participar na compaixão, compartilha, no desvio, o testemunho que acompanha a experiência de uma vida dedicada ao pensamento, partilhando aprendizados, “a atividade, a prática e a execução de algo que permita pelo menos aprender é indispensável à felicidade [...] pois suas forças requerem

<sup>858</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 186.

<sup>859</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. XXXIII.

<sup>860</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 191.

<sup>861</sup> Idem, *ibidem*. p. 191.

<sup>862</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 169. [§27].

<sup>863</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o Fundamento da Moral*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 169.

emprego, e ele gostaria de observar algum resultado”<sup>864</sup>, demonstrando no percurso também consolo para consigo; “não devemos nos desesperar em relação ao clima enquanto houver um ponto azul no céu”<sup>865</sup>, permitindo-se recordar o céu sempre ensolarado acima das nuvens.

Ao considerar o organismo humano em sua suscetibilidade, o *pessimismo* permite consideração apropriada ao cuidado e o conhecimento para a influência na própria existência a nível fundamental. Ao admitir oscilação na experiência, confere complexidade à sensação, e assim, ao identificar estados correlatos ao funcionamento do organismo, permite reconhecer o condicionamento cotidiano na volição que se retroalimenta. Nesse conhecimento, torna-se possível interferir nas funções do corpo em prol de estado não-volitivo, restringindo e selecionando as interferências no organismo, desde a demora na solidão até as condições que “nos convidam à sua pura contemplação”<sup>866</sup>, preservando, assim, a ocasião do cuidado nas reciprocidades do funcionamento, organismo e exterioridade, pensamento e consciência.

---

<sup>864</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 191.

<sup>865</sup> Idem, *ibidem*. p. 245.

<sup>866</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.233. [§39].

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar e responder ao problema norteador da presente tese, [*se pensamento único é pessimismo e destina-se à verdade, como pode afirmar a relatividade moral, a falsidade e perniciosidade do otimismo, e o débito dos viventes uns para com os outros?*] acredita-se contribuir para o campo acadêmico da filosofia de Arthur Schopenhauer ao transparecer possibilidades de compreensão do *pensamento único*.

- (i) O *Mundo* [*Die Welt*], ao desestruturar a compreensão de realidade em quatro perspectivas simultâneas, expondo em argumentos e fundamentando os pontos de vista, enfraquece o estado volitivo no leitor tomando-lhe suas compreensões e deixando-o vulnerável à experiência da verdade latente.
- (ii) O *pensamento único* busca comunicar, na vulnerabilidade no leitor, a ocasião para o estado não volitivo, impassível de causalidade.
- (iii) Otimismo expressa-se em comportamento e pensamento, mas mostra-se fundamental ao confundir-se com nosso ser e corpo sendo produção da realidade no próprio ocultamento.
- (iv) *Pessimismo* entendido não como oposição ou negação, mas exposição da disposição para o otimismo.
- (v) *Pessimismo* não é conferido ao *pensamento único* ou produzido alheio e imposto sobre *ele*, de fora para dentro, mas, ao contrário,
- (vi) o *pensamento único* constitui-se essencialmente *pessimismo* ao participar necessariamente na verdade que a comunicação busca ocasionar.
- (vii) Da restrição essencial à tarefa filosófica, a subjetividade manifesta-se como expressão do *pensamento único* capaz de responder a exigência da responsabilidade.
- (viii) *Aforismos*, diferente do *Mundo* [filosofia propriamente dita], destinam-se ao leitor no estado não volitivo, oscilante.
- (ix) A incumbência de si é insubordinada e inimputável às éticas da virtude, do cuidado, do dever e da consequência.
- (x) No *pessimismo*, Schopenhauer dá testemunho da alegria para além do otimismo, na partilha da vida heroica, no ato ético da escrita.

A partir dessas possibilidades, tem-se em:

(i) (ii) (vii) (viii) uma perspectiva sobre as aparentes contradições e, simultaneamente, consonância a partir do mesmo fundamento.

(i) (viii) uma perspectiva sobre o propósito da obra de Schopenhauer.

(i) (x) uma perspectiva sobre o filósofo da compaixão, sua relação com a filosofia e a ética, de modo que sua escrita não se contradiz performativamente.

Ao partir da oscilação e da latência, uma perspectiva sobre o significado da afirmação e negação da vontade;

Ao partir da base fundamental, uma perspectiva biográfica mas não reducionista;

(iv) contribuição ao pensamento filosófico brasileiro, na produção de um conceito;

(iv) (ix) contribuição ao pensamento de Arthur Schopenhauer ao produzir um conceito (iv) e uma teoria ética (ix) a partir de sua obra, e fornecimento de uma perspectiva de possível conciliação entre determinismo e liberdade na obra e para a filosofia e sua história;

(v) possível justificação da alcunha a partir de conceito produzido na obra;

contribuição para revisitação de autores críticos a Schopenhauer;

diálogo com as ciências contemporâneas, biológicas e sociais;

uma perspectiva sobre a significação da negação da vontade, não enquanto negação do viver, mas propulsora da vida.

Ao considerar a determinação orgânica ponto de partida da presente tese, busca-se estabelecer diálogo entre os séculos XIX e XXI que, além dos algarismos romanos, partilham também pressupostos e conflitos. As considerações apresentadas precisam mostrar-se capazes de auxiliar na compreensão da realidade, tal como se propunha Schopenhauer com a filosofia: “não é a observação de fenômenos raros e escondidos que só são apresentáveis por meio de experimentos que serve para a descoberta das mais importantes verdades, mas a observação daqueles fenômenos que são evidentes e acessíveis a todos”<sup>867</sup>. Assim, novas possibilidades de leitura, para contribuir com o

---

<sup>867</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 156. [§76].

*pensamento único*, precisam mostrar-se capazes de auxiliar na tarefa filosófica, trazendo os conflitos vivenciados na experiência da realidade hoje do Brasil à consciência, de modo que o *pensamento* apresente, se for o caso, sua atualidade.

A consciência inaugura a realidade unificando as sensações nas funções dos órgãos no organismo, com isso, “a aparência, o véu de maya”<sup>868</sup>, condiciona a possibilidade da experiência, entrelaçando fluidamente seus componentes fragmentários, “assim como no sonho estamos inseridos em todas as pessoas que aparecem para nós, nelas estamos inseridos no estado de vigília, embora, nesse caso, não seja tão fácil percebê-lo”<sup>869</sup>. Os elementos do real são tecidos na consciência de modo que “nosso próprio passado, inclusive o dia mais recente e o anterior, é tão somente um sonho nulo da fantasia”<sup>870</sup>. Destituído de substância, “todo indivíduo [...] é apenas um sonho curto”<sup>871</sup>. Tempo, espaço e causalidade constituem a experiência onírica<sup>872</sup>, “o único critério seguro para diferenciar o sonho da realidade [...] é [...] o [...] despertar”<sup>873</sup>, e se participam na consciência sob as mesmas condições, então diferem na duração, “a vida é um longo sonho”<sup>874</sup>, disso segue, necessariamente, que “a vida é sonho”<sup>875</sup>.

A realidade, fragmentária, fluida e onírica, origina-se em estado volitivo, e, para permanecer suportável, necessita de objetos que a conduzam por momentos distintos. A vida “se mantém em movimento apenas através da carência e da ilusão: tão logo isso cessa, torna-se evidente a completa pobreza e o vazio da existência”<sup>876</sup>, por isso, “o intelecto [...] função do cérebro [...] alimentada e sustentada pelo organismo apenas parasitariamente”<sup>877</sup>, precisa conduzir sutilmente o organismo, de objeto em objeto, “com a satisfação finda o desejo, por consequência o prazer”<sup>878</sup>, o objeto se desgasta, perde o valor concedido pelo querer, e a vontade resta constante sem objeto, diante do vazio, “seu

---

<sup>868</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.293. [§51].

<sup>869</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *A Arte de Envelhecer*. Organização e introdução de Franco Volpi. Trad. Karina Janini. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 97. [§187].

<sup>870</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.322. [§54].

<sup>871</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.373. [§58].

<sup>872</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 424. [§54].

<sup>873</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.19. [§6].

<sup>874</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.21. [§6].

<sup>875</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.411. [§63].

<sup>876</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 141.

<sup>877</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 327.

<sup>878</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.370. [§58].

ser e sua existência mesma se lhe tornam um fardo insuportável”<sup>879</sup>. Este, incompatível com a realidade, é recebido com resistência pelo organismo, “a segunda coisa que os coloca em movimento é o empenho para se livrarem do fardo da existência, torná-la imperceptível, ‘matar o tempo’, isto é, escapar do tédio”<sup>880</sup>. Exige-se do intelecto, e, portanto, da realidade, que não deixe o organismo sem distração, “necessariamente a pessoa precisa de passatempos”<sup>881</sup>, mantendo-a entretida, que a realidade não seja sentida na falta de objetivos. Com isso, o sofrimento se faz necessário para que a existência não seja insuportável, o estado volitivo permanece, com ou sem objeto do querer, “entre dor e tédio”<sup>882</sup>. O organismo encontra na existência, não uma bênção ou algo a ser desfrutado, ao contrário, “a vida é uma tarefa a ser cumprida: neste sentido *defunctus* é uma bela expressão”<sup>883</sup>.

Automatizada, a vida social do organismo humano se encarrega da necessidade, apresentado os critérios a serem cumpridos para a preservação, assim, após assimilação da dor conferindo-lhe lugar previsível na vida, resta o tédio, sentimento da vaidade e futilidade da existência<sup>884</sup>. Incontornável, cada organismo precisa encontrar constantemente novos meios de entreter-se administrando a sensação na qual se encontra. A função do corpo reside no auxílio à preservação atendendo necessidades específicas, cada parte possui capacidades e conspira para a finalidade última do organismo, na consciência a existência encontra-se unificada. O avanço técnico auxilia na tarefa orgânica desenvolvendo modos inovadores de otimizar a existência humana. Dadas as condições orgânicas, para terem sucesso, as tecnologias precisam atender às necessidades específicas do funcionamento humano, comunicando-se com sua singularidade de modo que haja interação a nível fundamental. Quanto mais eficiente a tecnologia, mais otimizada será para a experiência do organismo humano.

Se, por um lado, os percursos volitivos precisam ser minimamente indolores, por outro precisam entreter; a comunhão dessas necessidades, ainda que delicadas, pode ser encontrada em dispositivos móveis, que auxiliam e facilitam tarefa da experiência

---

<sup>879</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.361. [§57].

<sup>880</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.362. [§57].

<sup>881</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.361. [§57].

<sup>882</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p.361. [§57].

<sup>883</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 157. [§156 *defunctus*: aquele cuja tarefa foi terminada].

<sup>884</sup> Idem, *ibidem*. p. 142. [§146].

volitiva. Com percursos traçados, a razão perde a utilidade originária, com isso, os organismos têm como “máxima principal e regra de conduta, ainda que não com uma consciência clara, o princípio de *sair-se com o mínimo possível de dispêndio de pensamentos*; pois para eles o pensar é um peso e uma pena”<sup>885</sup>. Ao mesmo tempo, a necessidade metafísica, de sentido, permanece junto ao organismo, que precisa encontrar a existência estranha à sua nulidade, “a súplica: ‘não me deixeis cair em tentação’ significa ‘não me deixeis ver quem sou’”<sup>886</sup>.

A experiência virtual simula o distanciamento do eu cognoscente em relação ao próprio corpo. Testemunha a si mesmo percorrendo a própria vida, pelo dispositivo móvel, unifica a consciência no *avatar* podendo então tornar-se *voyeur* do mundo, o corpo velado, escondido permanece invulnerável aos *sítios*, descomprometido com o desgaste demandado para tamanhas experiências. O virtual possibilita a otimização da relação com a necessidade, trabalho, estudo e compras à distância, *home office*, ensino remoto e *educação a distância*. Na possibilidade o mundo se torna atraente. Mas o primeiro acesso ao virtual decorre de sugestão ou incentivo de terceiros, associado com afeto, experimenta-se todos os benefícios sem contrapartida até que se convença da otimização. Por um lado, a esperança nos avanços tecnológicos insinua respostas para perguntas realizadas com termos que lhe escapam, povoando e retirando da realidade justificativas para insatisfação; por outro, o ônus das descobertas agrava a sensação de desespero, ao acumular informações e responsabilidade sem, com isso, diminuir o número de necessidades nas informações adquiridas. Sente-se, assim, que, no avanço tecnológico, as perguntas permanecem sem resposta definitiva na dependência de mais avanço; demanda-se novos meios de saciar as novas vontades resultantes das inovações.

Cada novo projeto e cada nova tecnologia traz consigo promessas e, consolidando-se no mundo, sustenta o estado volitivo. De cada nova comodidade surgem novas necessidades, como a preservação constante do aparelho. Ao se demandar aos organismos o uso da tecnologia produz-se neles a necessidade da obtenção. Com isso, ao insinuar a resolução das necessidades, a tecnologia oculta as que traz consigo, e, neste sentido, toda propaganda é enganosa [*misleading, deceptive advertising*] e maliciosa.

---

<sup>885</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 108.

<sup>886</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 426. [§65].

Ganho com a tecnologia, o tempo se dilui no organismo, perdido na leitura do manual permitindo a otimização do aparelho, *no domínio* das funcionalidades, navega sem obstáculos. Em cada atualização do *software* o dispositivo será otimizado, o tempo gasto nele promete não se tratar de “um negócio que não cobre os custos do investimento”<sup>887</sup>. Entretanto, a funcionalidade do aparelho reside na manutenção constante; por isso, sua proteção, física e virtual, é acrescida à necessidade da posse. Quanto mais útil o aparelho, mais funcionalidades, mais tarefas lhe forem outorgadas, mais necessário, maior sua importância e, portanto, maior a preocupação. Da extinção de uma preocupação, o dispositivo produz esforço pela manutenção e, com isso, a proteção de uma necessidade.

Para que o *avatar* assuma realidade, o organismo precisa dedicar tempo, empenhar e enviar [*upload*] dados [*data*], informações, imagens ao aparelho, iniciando a relação de engajamento. No destino originário, a consciência busca programas, baixa [*download*] e os preserva se dotados de semelhança nos dispositivos, permitindo testemunhar-se no exercício não obstruído das próprias capacidades. Nas plataformas, o *feed* alimenta a consciência fornecendo objetos estimulantes para a vontade, afastando a dor e o vazio, compensando o investimento e revestindo-o de sentido. Na capacidade de mediar a satisfação conduzindo por ambientes diversos, o corpo dotava-se de propósito, porém, na dedicação ao virtual, é renunciado otimizando a experiência volitiva. Os estímulos recebidos pelos órgãos culminavam no eu cognoscente, ao sacrificar o corpo, a tela do aparelho incide diretamente na consciência, em “fantástico intercurso com um mundo onírico de espíritos”<sup>888</sup>.

Pensamentos desagradáveis podem ser afastados e rechaçados. Com o corpo, pode-se evitar caminhos e lugares indesejados, denunciar atitudes abusivas e criminosas, contudo, não se pode evitar o contato com o infortúnio. Virtualmente, o *scrolling* [rolagem] permite pular [*skip*], protegendo o organismo ao privá-lo de efeitos visuais, sonoros e textuais indesejados. A experiência se otimiza na automatização. A partir das tendências, algoritmos selecionam objetos aos quais o organismo sujeita-se à vulnerabilidade de bom grado expondo-se a seu efeito. A experiência adquire novas possibilidades e, a consciência, novos dispositivos possibilitadores de temporalidade dinâmica. Enquanto a realidade não virtual permite a cronologia de sucessão linear,

---

<sup>887</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.684.

<sup>888</sup> Idem, *MVR I*, 2015, p. 375. [§58].



incidindo exclusivamente no presente não retrocedente, alheia ao passado e ao futuro, os dispositivos aprimoram a experiência temporal preservando o instante indefinidamente, salvando-o [*save*] do esquecimento sem perdê-lo no passado junto com suas versões, e, ao mesmo tempo, antecipa o próximo instante, percorre o tempo, avançando [*fast forward*], retrocedendo [*reverse* e *undo*], parando e acelerando na velocidade desejada. Apagar do histórico, revisitá-lo semanas depois reescrito, decidido o que será lembrado, preservado em meio à atualização.

Num mundo digno de se comprometerem, organismos tornam-se devotos, doam-se ao virtual submetendo-se às possibilidades ainda desconhecidas e às investidas das páginas e dos anúncios. Concordam [*agree*] e aceitam [*accept*] os termos sem olhar, sem ler, no amor à devoção, entregam-se ao algoritmo e à onisciência do aparelho, localização, câmera e microfone, sendo neles possuídos e entusiasmados. Em troca, inúmeras realidades incidem no *feed*, fragmentário e fluido, multiplicando capacidades, abrangendo incontáveis objetos, o virtual é essencialmente possibilidade, proporcionando ambientes hospitalares encontrados com menos esforço, distintos dos incontáveis inóspitos e exigentes, não virtuais. O mundo aprende preferências adequando-se em constante empenho de satisfação. Servindo ao usuário, a plataforma oferta possibilidades, atualizando-se continuamente, mas “em virtude do tempo, todos os nossos gozos e todas as nossas alegrias tornam-se vãos em nossas mãos”<sup>889</sup>. Para salvá-los da perda de oportunidades, na tecnologia refabrica-se o tempo em simultaneidade. A condição fundamental, “a luta generalizada para escapar da miséria”<sup>890</sup> é otimizada, a necessidade se converte em oportunidade, e na imagem da propaganda e do anúncio “o mundo é bem o inferno e os homens são por um lado as almas atormentadas, por outro, os demônios”<sup>891</sup>, ao se submeterem à constante multiplicação da necessidade salvam uns aos outros do vazio. O essencial do mundo da possibilidade não reside na consequência, mas na intenção, nela a salvação se torna possível. Nesse mundo, “demônios, deuses e santos são criados pelos humanos segundo sua própria imagem e semelhança”<sup>892</sup>. Através dos dispositivos, aprimora-se a satisfação das necessidades e evita-se o tédio. Na composição

---

<sup>889</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 684.

<sup>890</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 92.

<sup>891</sup> Idem, *ibidem*. p. 157. [§156].

<sup>892</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015 . p. 375. [§58].

desse mundo digno de entrega, outras figuras, imagens e avatares são descobertos, melhorando a relação, “o comércio com eles ocupa metade do tempo de vida e mantém constantemente a esperança, tornando-se, pelo estímulo da ilusão, amiúde mais interessante do que o comércio com os seres reais”<sup>893</sup>.

Enquanto a experiência não virtual mostra-se restrita no fornecimento de capacidades e opções, ao mesmo tempo as necessidades sujeitam-se ao linear e, portanto, à incerteza no futuro tornando os organismos preocupados, na experiência das possibilidades pode-se escolher, controlar, prever e preservar o destino entregando dados ao comércio. Para participar no aprimoramento da realidade é preciso engajamento, comprometer-se alimentando-a. Obsoleto, o corpo, “escravo e servo da vontade”<sup>894</sup> precisa oferecer uma imagem sua dignificada *na* possibilidade, dando ao mundo testemunho da sua fidelidade; aprimora-se editando a própria figura, para que reproduzindo sua melhor versão seja pelo mundo aceito e renascido na semelhança e no pertencimento. Assim, encontra-se na existência reconectado ao que é seu por direito de nascimento, o destino à felicidade.

Quando apartado das capacidades, o organismo vive a “vida *ad interim* [provisoriamente]”<sup>895</sup> mas, conectado, “em meio a demandas tão severas que se anunciam todos os dias”<sup>896</sup>, se habitua à relação ‘estímulo e resposta’ das possibilidades do virtual, “ele ainda quer a vida, quer a existência e a afirmação sem obstáculos do corpo”<sup>897</sup>. No entanto, dividido, ainda encontra-se na existência “abandonado a si mesmo, incerto sobre tudo, menos em relação à sua carência e miséria”<sup>898</sup>. Em conflito consigo mesmo, entrega-se ao mundo que aprende suas preferências, dirigindo sua devoção às suas capacidades, “é natural, e até mesmo inevitável, amar aquilo que [...] está pronto em qualquer instante para converter-se no objeto momentâneo de nossos desejos inconstantes e de nossas necessidades múltiplas”<sup>899</sup>. O mundo constituído na semelhança se entrelaça em possibilidades.

---

<sup>893</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.375. [§58].

<sup>894</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014, p. 322.

<sup>895</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 140. [§145].

<sup>896</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.361. [§57].

<sup>897</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.462. [§69].

<sup>898</sup> *Idem*, *MVR I*, 2015, p.361. [§57].

<sup>899</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 238. p. 51

Toda necessidade demanda uma capacidade, o dinheiro converte-se em possibilidade, essencialmente virtual, “é o bem absoluto, porque combate não apenas *uma* necessidade *in concreto*, mas *a* necessidade em geral, *in abstracto*”<sup>900</sup>. Descobre-se que a existência pode ser redimida, na multiplicação da possibilidade, “meu dinheiro não transforma, portanto, todas as minhas incapacidades (*Unvermögen*) no seu contrário?”<sup>901</sup> Podendo nele ser redimido, “eu, que por intermédio do dinheiro, consigo *tudo* o que o coração humano deseja, não possuo, eu, todas as capacidades humanas?”<sup>902</sup> A miséria sentida, que não se deixa calar no coração, conflita com a recém descoberta do valor humano redimido, mas se a voz não pode ser silenciada, sua realidade pessimista pode ser negada, omitindo sua existência na dissimulação, “fingir não ter o que se tem”<sup>903</sup>.

Na experiência pública do mundo, as vozes íntimas mostram-se inaudíveis pelos outros [*quiet desperation*] enquanto se incapacitam conscientemente para a escuta, cada um confirmam-nas imperceptíveis [*performance*]. *Cada um vive da insensibilidade no outro proporcionando-lhe a sua*, participa nela cumprindo sua parte, “o importante não é o que ele representa na sua própria opinião, mas na opinião dos outros [...] tal é a origem da sua aspiração zelosa pela opinião favorável de outrem”<sup>904</sup>. Na multiplicação das capacidades, apoiam-se mutuamente na confirmação alheia do inaudível realizando o mundo redimido, “o que é para mim pelo *dinheiro*, o que eu posso pagar, isto é, o que o dinheiro pode comprar, isso *sou eu*, o possuidor do dinheiro[...] o dinheiro é o bem supremo, logo é bom também o seu possuidor”<sup>905</sup>. O empenho pelo dinheiro demonstra engajamento no bem, empenho por um mundo redimido, ensinando aos outros a sua possibilidade. O mundo precisa ser *bem frequentado*. A capacidade do dinheiro reside no reconhecimento, sendo sua posse prescindível e passível de simulação, “fingir ter o que não se tem”<sup>906</sup>, pode-se contribuir para a realidade do possível sem *ainda* possuir grande

---

<sup>900</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 238. p. 52

<sup>901</sup> MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 159.

<sup>902</sup> Idem, *ibidem*. p. 159.

<sup>903</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'água, 1991, p. 9.

<sup>904</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 75.

<sup>905</sup> MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-filosóficos*. Tradução e notas de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 159.

<sup>906</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'água, 1991, p. 9.

quantidade [*fake it until you make it*]. Simulando empenho na mudança, o otimismo dissimula o esforço pela permanência exigindo inovação em novos dispositivos.

As postagens alimentam o *feed* estimulando o engajamento, condicionando a possibilidade da recompensa à eficiência na participação. Fim em si mesmos, anúncios e patrocínios mostram-se indiferentes aos produtos, o sentido reside na preservação do organismo volitivo. Plataformas auxiliam os usuários fornecendo informações específicas do *público alvo* para anunciantes; assim, o serviço torna-se personalizado e continuamente atraente. Na eficiência e inovação, tudo pode ser otimizado. A necessidade do engajamento converte a opinião em moeda corrente, todas valem o mesmo, ‘*quanto mais, melhor*’; assim, na opinião, o usuário devolve o reconhecimento do seu valor à postagem que a oportunizou, ‘*todos ganham*’.

O usuário controla a realidade [*on demand, à la carte*], determinando o nível de publicidade da publicação, submetendo-a a condições propícias de aprovação para que não se descubra incapaz, frequenta sítios nos quais seus comentários serão validados e reconhecidos; se recebidos com desaprovação, os usuários os reconhecem deslocados e podem apagar os vestígios que os associam ao mal e à reprovação. A felicidade, destinada por direito, depende da busca do lugar prometido ao qual pertença a entrega do organismo recebida em compreensão.

Em páginas, *blogs*, redes sociais, aplicativos, abas, salas, janelas, grupos, a realidade se otimiza em sua possibilidade. No *scrolling*, a felicidade adquire toda sua potência e sentido. Renascido aos olhos da possibilidade, o organismo descobre que “o mapa [...] precede o território”<sup>907</sup>, e que o mundo pode ser redimido na própria promessa. Na imediata realização abstrata da felicidade, o organismo realiza no virtual a “inversão universal das individualidades, que ele converte no seu contrário e que acrescenta aos seus atributos atributos contraditórios”<sup>908</sup>. Assim, o conflito existencial dissolve-se em mera confusão, contradição aparente, e a existência, em problema passível de resolução.

Na privação de “prolongações de órgãos do corpo”<sup>909</sup>, destituída de possibilidades, a experiência não basta; impotente, faltam ao organismo dispositivos para

---

<sup>907</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d’água, 1991, p. 8.

<sup>908</sup> MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-filosóficos*. Tradução e notas de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 160.

<sup>909</sup> FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Editora Hucitec, 1985, p. 15.

lidar com obstruções e sensações desagradáveis; incapacitado, o mundo povoa-se por avatares cuja existência impede a afirmação da possibilidade, a felicidade é impossível. Sente-se mal, “quando o real já não é o que era, a nostalgia assume todo o seu sentido. Sobrevalorização dos mitos de origem e dos signos de realidade”<sup>910</sup>, fabricação do passado glorioso. Na atualização do organismo, a ausência do virtual obstrui o bem-estar. Insuficiente, o mundo não corresponde mais ao destino, tornando-se indigno de comprometimento. A vontade permanece. Nas tecnologias, a vida se automatiza produzindo novas demandas e necessidades que, sem dispositivos para respondê-las, tornam a existência insuportável nos organismos que testemunham em si a impotência.

Entretanto, se o mundo, essencialmente falta, pode, na simulação e dissimulação do virtual, ser convertido e experimentado em seu contrário; para que corresponda a toda a potencialidade agora revelada, precisa reproduzir a mesma promessa e dispositivos fornecendo aos habitantes a mesma experiência. Na multiplicidade que possibilita a comunhão pela semelhança, adversários são reconhecidos na diferença. Mais numerosos, não podem ser vencidos sem arruinar o mundo pela destruição total; os dignos precisam ser convertidos e os incapazes enfraquecidos até a extinção.

A realização do mundo enquanto possibilidade depende do seu fortalecimento – acima de tudo, é preciso atribuir-lhe força. Na imprevisibilidade do mundo empobrecido em dispositivos, a oportunidade possibilitada pelo acaso é única. Na entrega constante de sua existência, os usuários se alistam nas plataformas fornecendo aprovações [*likes*], denúncias, visualizações, expressões, *posts*, comentários, participando de jogos e preenchendo questionários [*quiz*], e, assim, contribuem para o virtual, por um lado, participando e povoando, por outro, otimizando-o ao se tornarem estímulo para os demais e ao multiplicarem o *possível* na comercialização das individualidades. Todas as realidades permanecem simultâneas, conectadas e submetidas aos algoritmos, “o atormentador e o atormentado são um”<sup>911</sup>. Ao entregarem suas vulnerabilidades ao comércio, através de plataformas, os organismos investem na distração do vazio e no mundo que desejam, otimismo personalizado [*dark post*]. Em silêncio, surge o anúncio.

---

<sup>910</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d’água, 1981, p. 14.

<sup>911</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.411. [§63].

Sujeitando-se aos dispositivos do mundo insuportável, elege-se um “avatar”<sup>912</sup> invulnerável à realidade, que, insubordinado, não se submete às descrições desprovidas de possibilidade; indiferente, não cede às necessidades do mundo, mantendo-se fiel. Escolhido virtualmente e conhecido em sua perfeita semelhança, o avatar precisa ser reconhecido incorruptível para ser eleito e ressurgir no mundo empobrecido investido de autoridade. Revolta e ultraje contra a sua imagem provam a ferida que causa no mundo. No empenho pela transformação definitiva, realização do mundo da nuvem na Terra, declara a sua missão fornecendo aos outros fiéis a experiência virtual. Ocasionalmente pelo acaso, todo esforço consiste em última e desesperada tentativa de salvação do mundo. Sendo última esperança, última barreira entre a existência e o mundo indigno de ser vivido, o empenho justifica ações alheias às leis mundanas, dispositivos empobrecidos e obsoletos. Cada batalha é final, cada oportunidade precisa ser aproveitada, cada recurso, otimizado. A guerra é urgente, não há tempo para reconsiderar, refletir ou ponderar, apenas avançar, e, quando necessário, retroceder rápido para avançar melhor, é preciso mostrar serviço, missão dada é missão cumprida. Não responder à urgência significa derrota, tudo está em jogo. Os inadvertidos precisam ser convencidos da gravidade da situação, por quaisquer meios necessários.

Com capacidade de relevar erros e abarcar grande número de organismos, a opinião pública torna-se recurso fundamental, com sua validação, ações adquirem grande abrangência com mínimo de restrição possível. Enquanto o poder não transforma a realidade, permanece insuficiente. No esforço pela otimização, toda incapacidade, obstrução e ilegalidade é responsabilidade dos incapazes de reconhecer a necessidade de medidas extremas, que não querem o mundo forte, mas empobrecido, não o amam, por isso precisam ser distraídos. O avatar sacrifica sua existência para realizar a vontade dos devotos expondo-se a inúmeras investidas contrárias, sua fidelidade se reafirma no empenho apesar dos infiéis, e, assim, todo fracasso, decorrente de sabotagem, está justificado, simultaneamente perdoado e absolvido enquanto fruto de boa intenção. No esforço dos adversários por ridicularizar e afirmar o avatar incapaz, os adversários provam sua maldade buscando humilhar um corpo que, desprovido de sua potencialidade, não renuncia a sua condição, encarregado de tarefa sobre-humana prova seu sacrifício

---

<sup>912</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.725.

definitivo. Neste, aprendem o que já sabem, mas sob a proteção da autoridade, em segurança.

A sensação de urgência, iminência e engajamento estimuladas nos dispositivos virtuais fazem agravar o sentimento de impotência, mas são reproduzidas nas mensagens do avatar contra o mundo empobrecido aquém do que pode vir a ser, suplicando apenas que se permitam acreditar. Ressurgido, o avatar dá testemunho de sua fidelidade aparecendo aos devotos, tudo podem naquele que os fortalece. Toda fraqueza, imputada pelos maus e descrentes, incapazes de compreender seu não-pertencimento a este mundo, decorre da tentativa de enfraquecê-lo, negá-lo, e resulta em necessidade de mais força. Não podendo ser enfraquecido nem conhecido em sua ignorância, toda tentativa de fazê-lo é heresia, a dúvida, o maior mal. Em reuniões dominicais, agradecem e celebram.

Quando se noticia o mundo em sua incapacidade, prejudica-se a realização do virtual insinuando impotência do avatar. *Dois frentes* precisam ser estabelecidas e preservadas para vencer e realizar o mundo possível; a primeira, a reafirmação da realidade das capacidades e sua conquista iminente pelo avatar solicitando mais condições; a segunda, o falseamento das impossibilidades, característica do mundo empobrecido. Para assegurar a possibilidade na existência, não basta produzir informações do primeiro tipo, prevendo indignas as ameaças ao otimismo, inferiorizando a gravidade de uma epidemia, ou, ainda, prenunciar a comprovação futura da eficácia de medicamentos. A produção de notícias do segundo tipo é imprescindível e fundamental, “a passagem dos signos que dissimulam alguma coisa aos signos que dissimulam que não há nada, marca a viragem decisiva”<sup>913</sup>. A afirmação do mundo possível não basta para realizar sua experiência e dotá-lo de autoridade, o otimismo precisa ocultar-se proporcionando testemunho da perversão da realidade pelos inimigos, para que sobre eles paira permanentemente a atenção da desconfiança; com isso, se desobriga de veracidade perdendo também substância, tornando-se imperceptível, exige diante do mundo esclarecimento e vigilância constante dos opositores, tornando-os previsíveis, controlados e enfraquecidos. Na abertura de caixões vazios ou em tentativas de doutrinação, a realidade converte-se em “seu próprio simulacro”<sup>914</sup>. Na produção de evidências contra adversários, os dispositivos falseiam o mundo das incapacidades e

---

<sup>913</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'água, 1991, p. 14.

<sup>914</sup> Idem, *ibidem*. p. 13.

denunciam sua dissimulação. Verdade e otimismo tornam-se vivenciáveis na experiência compartilhável, no convite e invocação de novos fiéis à descoberta do real, na incitação à recusa de epidemias, medidas de proteção, vitimismo, letalidade de doenças, enfraquecimento da família, incapacidades próprias ou morte de pessoas. Na experiência do otimismo, o mundo precisa ser destituído da aparência ruim, das incapacidades impostas para enfraquecê-lo, precisa ser desmascarado em toda a sua bondade.

Em lugar das trombetas, o apito canino [*dog whistle*] avisa que a batalha final constantemente se aproxima, recordando a urgência e invocando o engajamento. No chamado do campo de guerra virtual, cada fiel contribui na frente que pode, alguns se expõem, outros se ocultam, arriscando-se contra as leis mundanas, em cumplicidade com o avatar. Os adversários sabotam as estratégias denunciando ações sigilosas, toda sua verdade reside na incapacidade do mundo, buscam dissuadir do otimismo usando fatos, estudos e argumentos para confundir. Mas, cientes de seu empenho, os devotos não se deixam persuadir, mobilizam-se dando testemunho de fé. O mundo virtual é possível, mas é preciso querer, força de vontade.

*Se antes de descobrir dispositivos o organismo precisava prestar contas à realidade, com eles, a realidade precisa prestar contas à possibilidade.* Tudo adquire sentido no otimismo, encontrando nele redenção. Nas possibilidades, torna-se imune a ataques, converte-os em recurso, pode-se atualizar qualquer versão, substituir pelo aprimorado e por versões mais favoráveis, por verdades mais verdadeiras. Inimigos do inútil, recrutam por toda parte “conhecimentos úteis”<sup>915</sup>, e, se obrigados a carregar o mundo empobrecido em suas costas, participar na sua burocracia, sabotam-no, cumprem o mínimo do mínimo evidenciando a simulação aos semelhantes, que testemunham a humilhação. Na otimização, invoca-se os leais, familiares e obedientes, capazes de diminuir a burocracia, de reformar, desregularizar, retirando obrigações, mudando regras, simplificando o mundo em suas restrições, e, assim, aumentam as capacidades. Aliados se reconhecem mutuamente, gestos de amizade são desnecessários entre si, mas não na relação com o inimigo, aproximam-se deles para colocar granada no seu bolso.

A desconfiança no mundo empobrecido alimenta a possibilidade, cuja veracidade encontra-se obstruída pela impossibilidade. Quando indecisos, exigem serem convencidos nos próprios termos, conduzidos à verdade da qual são capazes de

---

<sup>915</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. São Paulo: Editora Hedra. 2010, p. 108.



compreender. É preciso convencer os indecisos, como nas eleições, a dúvida [*dubium*] não é o *cogito*. As ciências e os estudos não têm respostas para as perguntas, exigem tempo e recursos indeterminados, complicam o simples e não fornecem promessa alguma, nenhuma certeza e nenhuma verdade definitiva, apenas dúvidas, enfraquecendo o mundo. É preciso mudar isso. Em toda parte, é necessário fornecer verdade trazendo-a à tona. Se o empobrecimento detém o monopólio excluindo as verdades alheias, instituindo-lhes o caráter não oficial, não comprovado cientificamente e sem qualificação, nos boatos e rumores, desobrigados de certificação, devotos encontram sua verdade, em seu contrabando preservam o mundo possível. A urgência no conteúdo do *feed*, no grupo, nas páginas, nas *lives*, engaja os avatares na possibilidade, “sobrevalorização da verdade, de objectividade [...] escalada do verdadeiro, do vivido, [...] produção desenfreada do real e de referencial, paralela e superior ao desenfreamento da produção material”<sup>916</sup>, realizando a experiência da realidade desejada composta no espectro da iminência à descoberta da verdade, com sutis gradações entre ambas.

A comunhão no otimismo disfarçado de notícia [*fake news*] se realiza no próprio ocultamento, e constitui-se, essencialmente, dispositivo de identificação do falso, falseamento do que se passa por verdadeiro, fundamentalmente, ferramenta da possibilidade. Se, por um lado, instaura a incerteza e desconfiança no mundo empobrecido, por outro, denuncia a incapacidade de seus habitantes em discernir o falso do verdadeiro, o que pode custar a vitória, apontando fraqueza e justificando a invocação da força. Investido na autoridade pela semelhança, o autor dos incontáveis ataques divinos, despersonalizado, permanece oculto unguindo no mundo uma associação entre o mal e os adversários, que, ao consumirem recursos para se defenderem, têm sua capacidade de obstrução anulada, e, melhor, ainda que bem sucedidos, suas imagens carregam a mancha da dúvida depois de eximidos, conferindo aos bons, na segunda acusação, a certeza do que já sabem.

As artes e a educação expõem as incapacidades dos organismos submetendo-os à experiência na escuta de todas as vozes íntimas e, com isso, tornam-se, por um lado, inúteis para as frentes, por outro, adversários multiplicados em consumo permanente de recursos povoando o mundo com sua fraqueza. Diante da balbúrdia, os avatares do poder, a lei, a ordem e o progresso, se reúnem em suas figuras, tornando-se referencial da

---

<sup>916</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'água, 1991, p. 14.

possibilidade, empossados, cortam recursos dos seus opostos, sabotando os sabotadores. Com os adversários distraídos na necessidade, povoam o virtual na multiplicação de dispositivos.

Passível de simulação e dissimulação, o mundo produz constantemente notícias que desvirtuam o organismo dos seus potenciais, “a única arma do poder, a sua única estratégia contra esta deserção é a de reinjectar real e referencial em toda a parte, é a de nos convencer da realidade do social, da gravidade da economia e das finalidades da produção”<sup>917</sup>. Se descoberto, o *disfarce da notícia* revela na boa intenção a sua verdade, favorecida pela incerteza, “a simulação parte da utopia”<sup>918</sup>. Cada desvio da possibilidade compõe o mundo insuportável, no virtual, as investidas podem ser neutralizadas, silenciadas, abdicadas, denunciadas, censuradas e contrariadas para que não se fique exposto a seus efeitos e, com isso, torne-se empobrecido, indigno. Cada missão participa na batalha pela salvação da alma do mundo e apela contra a *perda do otimismo*. O eu cognoscente se relaciona consigo mesmo, sem tomar conhecimento de qualquer outro, “aquele que insulta revela que nada tem de real e verdadeiro contra o outro. Do contrário, ele o apresentaria como premissas e deixaria, consolado, a conclusão a cargo dos ouvintes; em vez disso, apresenta conclusão, omitindo premissas”<sup>919</sup>.

Na semelhança da autoridade, cada combatente converte-se em salvador investido no poder das figuras e suas versões; renascido, precisa preservar a imagem, “assim como ser insultado é uma vergonha, insultar é uma honra. Por exemplo, mesmo que a verdade, o direito e a razão estejam do lado do meu adversário, não deixo de insultá-lo; desse modo, todas as suas qualidades passa a estar do meu lado”<sup>920</sup>, “a rudeza é uma qualidade que, no ponto de honra, substitui ou sobrepuja todas as outras. O mais rude tem sempre razão”<sup>921</sup>. A imagem, destituída de fraqueza, precisa ser mantida, “a honra está acima de tudo”<sup>922</sup>, os usuários não fogem à luta, “preparam-se imediatamente para montar em seu cavalo de batalha, e se, numa controvérsia, faltar-lhes um contraargumento, procurarão uma rudeza, que servirá para o mesmo fim e é mais fácil de encontrar. Em

---

<sup>917</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'água, 1991, p. 32.

<sup>918</sup> Idem, *ibidem*. p. 13.

<sup>919</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 77.

<sup>920</sup> Idem, *ibidem*. p. 92.

<sup>921</sup> Idem, *ibidem*. p. 92.

<sup>922</sup> Idem, *ibidem*. p. 64.

seguida, vão-se triunfantes”<sup>923</sup>. Não podem ser dissuadidos da imagem, sua identidade. Na vitória reside a honra das perdas, nela serão redimidas, pois a única batalha perdida é a que se abandona. A batalha, tal como a honra, “precisa apenas não ser perdida”<sup>924</sup>, por isso, demanda-se que não se obstrua o avatar, que o empenho não seja desvirtuado de sua tarefa, a imagem da força se faz necessária para manter-se no caminho da vitória.

Na pluralidade e multiplicidade de narrativas o potencial da força se desperdiça. Há apenas um povo. A totalidade, imagem do maior poder possível, abrange os descrentes contra a sua vontade, mas depende do feixe a todo momento invocado e indicado nos lemas e símbolos da possibilidade. Possuídos no orgulho nacional, todos têm lugar, não há pré-requisito de “qualidades *individuais*”<sup>925</sup>. Para otimizar os recursos e produzir poder do nada, declara-se guerra contra todos os outros, “no fundo, não é cada guerra uma expedição de roubo?”<sup>926</sup> Fabrica-se conflitos constantemente, desfragmentando, destituindo-lhes as diferenças, com suas existências em risco são encurralados e reunidos à força. Na divulgação do disparate, converge-se as atenções determinando as discussões e os debates, assim, sem pensarem sobre si, os organismos tornam-se constantemente insatisfeitos e vulneráveis à promessas de melhora. Aprimora-se o *divide et impera* na *unifica et impera*. Semelhantes ou adversários, tornam-se passíveis de otimização, investem autoridade no poder reconhecendo sua necessidade, alimentam alguma versão.

Se o avatar é destituído de seus recursos e dispositivos no virtual, incapacitado de alimentar as frentes com mensagens e imagens do mundo possível, a autoridade se enfraquece nas figuras, o sacrifício torna-se inútil, perde-se a legitimidade, libertando-os da sua missão. O otimismo não pode ser vencido senão pelo conhecimento da impossibilidade. Resistindo contra esse conhecimento, os avatares recolhem-se em busca de novo abrigo, novos avatares, plataformas e estímulos, até que se convençam novamente da possibilidade em novos termos. Testemunhando a própria falência, confrontado com seus crimes e ilegalidade, o avatar não sabe retroceder. Na iminência do fracasso, não há fraqueza ou arrependimento frente aos devotos apenas aplicação dos dispositivos e justificação na sabotagem, “e quando quer combater esta espiral catastrófica segregando um último vislumbre de poder, não faz mais que multiplicar-lhe

---

<sup>923</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 93.

<sup>924</sup> Idem, *ibidem*. p. 77.

<sup>925</sup> Idem, *ibidem*. p. 72.

<sup>926</sup> Idem, *ibidem*. p. 215.

os signos e acelerar o jogo da simulação”<sup>927</sup>. Estimulando medo, a angústia, reforçando constantemente a insegurança, a iminência do caos, e apelando para reação dos que testemunham em omissão a perda do mundo possível.

A racionalidade justifica a vontade, as necessidades se multiplicam junto com o empenho na produção de raciocínios para justificá-las, não apenas incapazes de se produzirem sem erros, mas dependentes deles para utilidade, argumentos otimizam-se tornando-se úteis no desenvolvimento de novas necessidades. Com a produção de necessidades sofisticadas surgem outras; enquanto se otimiza tarefas ao substituir pessoas por dispositivo, é preciso separar as descartáveis das ainda necessárias. Cientes que “enquanto existir por um lado o luxo, por outro deve necessariamente haver trabalho excessivo e vida miserável, receba esta o nome de pobreza ou escravidão, *proletarius* ou *servus*”<sup>928</sup>, os ganhos precisam não apenas contrabalancear as perdas mantendo-se em equilíbrio, mas, contrabalancear as perdas ainda inexistentes, assim otimizando recursos disponíveis, encarrega-se da produção e do controle de perdas mantendo-as na margem desejada, para que, quando favorável, diminua-se o registro de crimes, assassinatos, índices desfavoráveis, equilibrando o PIB.

Na multiplicidade de estados, alguns organismos são úteis e necessários, não apenas pelas características expressas na conduta, mas pela capacidade de preservarem-se e subsistirem *nelas* constituem-se *ainda imprescindíveis*. Na capacidade adaptativa dos organismos e na produção constante de dispositivos são desenvolvidos estados cada vez mais capazes de conviver no desconforto, na violência e no estresse. A produção das perdas torna-se sofisticada, um número cada vez maior pode ser prescindido, justificado na constante produção de argumentos. Almejando a aquisição de força, o organismo tornar-se digno de poder, mérito-cracia. A natureza do otimismo reside em desconsiderar as perdas [*casualties*], desvalorizar as vítimas, desvincular-se dos vencidos, provados indignos; essencialmente segregador, tem nos muros importante dispositivo. O otimismo, técnica de descarte, multiplica necessidades computando perdas na promessa de redenção contida no aprimoramento, prescindindo de toda imagem de fraqueza.

Todos trabalham às custas de alguém, e os mais de baixo, sobre *ninguém*. Alguns trabalham unicamente para si, tão bem sucedidos que os debaixo foram otimizados e suas

---

<sup>927</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'água, 1991, p. 33.

<sup>928</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012, p. 91.

vidas foram feitas refém exigindo sua submissão e sujeição ao convencimento não apenas de seus privilégios, mas de serem sustentados e agraciados pelos de cima com a oportunidade de ganhar o sustento, que se torna uma dádiva tão grande que se converte em dívida perpétua. Sobrevivem sobrecarregados, esgotados, deparam-se com a necessidade de pensar e instruírem-se para melhor decidir sobre a vida coletiva. Com as capacidades individuais direcionadas contra a condução própria, os organismos se reconhecem desprovidos das aptidões necessárias; sem tempo e sem vontade, aprimoram a relação com o âmbito público demandando eficiência da comunicação – que se pule o conteúdo, argumentos, páginas, reflexões fornecendo resultado, exigindo do pensamento que se converta “prático”, compreensível em simplificação, dígitos, números maiores ou menores. Pensamentos fáceis de serem pensados, compreendidos em termos do otimismo. Terceirizado, o conhecimento submete-se à condição de produto e, assim como o afeto e os direitos, à comercialização, podendo ser julgado pelo critério da otimização, e, com isso, se pode reivindicar o direito de ter qualquer pensamento valorizado e reconhecido no critério do compreensível – portanto, reconhecido como verdadeiro. Habilidade de interpretação significa utilização, inovação. O organismo reivindica o direito de sentir-se de determinado modo; de, por um lado, preservar-se no estado de satisfação e bem-estar proporcionado pela negação de outrem e, por outro, de tê-lo reconhecido bom. Eu e mundo, produzidos organicamente e simultaneamente no otimismo, resistem contra a dissolução do caráter substancial da identidade [*vanitas*] procurando continuamente figuras, objetos diversos para sustentá-la na identificação.

O *pessimismo*, entretanto, reside no reconhecimento das determinações que desenvolvem física e espiritualmente a vida física, a partir de sua base fundamental. O conhecimento das limitações e impossibilidades fornece ao organismo consciência dos elementos que compõem a infelicidade. A não-substancialidade da alma fornece os meios para o contentamento na vida, alheia a promessas. No desconhecimento de sua condição, possibilidades rondam povoando o mundo, no exercício de suas faculdades. Deve-se proporcionar tempo e solidão ao organismo, acostumando-o a viver no constante aprendizado de suas determinações, “o olho fica embotado depois de fixar longamente um objeto e não vê mais nada; da mesma forma o intelecto à força de pensar continuamente numa mesma coisa se torna incapaz de escrutá-la e compreendê-la, embota e se

confunde”<sup>929</sup>. A arte do *pessimismo* consiste na *antecipação ao condicionamento, no aprendizado dos próprios estados e de suas limitações, buscando ocasioná-los em si de acordo com as necessidades*.

Se não há substância, organismos são condicionáveis e seu pensamentos passíveis de transformação. Se há pensamentos e sentimentos adequados ao cuidado, deve-se preservá-los; se encontra-se aversão a eles, deve-se agir sobre seu organismo, condicionando o estado, possibilitando abrigá-los. Se pensamentos impróprios ao cuidado são mantidos, tem-se a responsabilidade de desmistificá-los identificando suas promessas, desfazer-se delas até senti-los sem efeito. A preservação de alguém na condição de objeto de ódio ou indiferença depende de empenho e reforço em novas justificações. Preservá-los significa afirmar a substancialidade da alma e da identidade, renegar a própria condição pela satisfação na teimosia. A arte do pessimismo consiste em demorar-se em estados de cuidado e atenção, respondendo apropriadamente às necessidades próprias e alheias. Para oferecer-se a si e ao outro na ocasião da aptidão para o cuidado, nunca quando cansado, deve-se nutrir o organismo na antecipação do próprio tempo, proporcionando o contentamento na incumbência de si mesmo.

A consideração de pessoas enquanto organismos humanos permite recordá-las na suscetibilidade e vulnerabilidade, sem impor-lhes características e demandas pessoais. Se, por um lado, o otimismo promete a segurança no investimento, por outro, retira a ponderação dos elementos no infortúnio, constituintes da experiência sentida intensa e imediatamente. Considerar o organismo humano em sua receptividade diante do ambiente e entorno em variadas dimensões permite reconhecer as instâncias de determinação e necessidades. Nos condicionamentos descobre-se o contato mais fundamental consigo mesmo.

Se uma sociedade imputa aos seus cidadãos os seus atos, deve garantir, primeiro, que as condições às quais os submete não os condiciona e retroalimenta imorais, conflitando com a imputação. Segundo, deve empenhar-se por fornecer-lhes os meios de se produzirem cidadãos incumbidos de si mesmos. Uma sociedade que, por um lado, condiciona à necessidade desnecessária e, por outro, impede as condições do cuidado, acaba por vingar-se do próprio fracasso nos cidadãos, condicionando-os à vigilância e punição. Pelo otimismo, a sociedade realiza inversão, oculta o próprio fracasso,

---

<sup>929</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 87. [§35].

estipulando incontáveis objetivos para os cidadãos, e, assim, se exime de assumir as próprias funções, atribuindo todas as responsabilidades a eles; quem pede ajuda fracassa, torna-se atraso e adversário, indigno do mundo possível, os usuários são despejados, realocados em novos avatares.

Submetidos a condições insalubres e perigosas, os organismos testemunham em si estados de desconforto, que, com o hábito, tornam-se familiares e acompanham e se confundem com as sensações de privacidade, de cuidado, de cidade e de público. A produção e repetição constante desses estados, reaprendidos novamente a cada dia, em diversas circunstâncias, conflita com o contentamento. Os testemunhos da violência e da injustiça contra si, da ameaça, desrespeito e indiferença, ensinam a cada dia o organismo sobre seu significado e valor, seu lugar no mundo e dos demais. Em perpétuo condicionamento e retroalimentação, encontram-se privados de pensamentos que permitem conhecer o funcionamento de seu organismo pelo estigma do ‘pessimismo’, “vivem não como querem, mas como começaram”<sup>930</sup>. A cada dia reaprendem demandas e obrigações, reforçadas na repetição, para as quais os estados do organismo estão impróprios, “o corpo deles [...] não está pouco sadio, mas pouco habituado à saúde”<sup>931</sup>.

Se a exigência da responsabilidade deve ser acompanhada por suas condições, deve-se fornecer aos cidadãos constantes ocasiões para o aprendizado da consideração e do cuidado, não submetendo-os ao que potencializa ações indiferentes. Na abordagem da positividade da dor e do organismo em sua vulnerabilidade, os elementos mais fundamentais são fornecidos; em sua universalidade reside seu potencial de diálogo. Na relação não mediada pelo otimismo as pessoas se relacionam na escuta, aprendem sobre si nas outras, proporcionando umas às outras à ocasião para o cuidado e a ajuda.

Uma vida cotidiana, se assim se pode chamar, consiste em organismos tomando-se por acabados, invulneráveis a influências constantes, subsistindo por si mesmos independentes de condições ambientais e desavisados dos efeitos permanentes sobre suas faculdades de produzir realidade, vivendo, exclusivamente naquela segunda vida, abstrata. Nela, a identidade própria e alheia fundamenta-se junto com o real. Na destituição de uma base fundamental, o organismo perde significação e participa na mesma dimensão do abstrato. Concepções fisiológicas tornam-se aplicáveis a entidades

---

<sup>930</sup> SÊNECA. *Sobre a tranquilidade da alma*. Tradução, introdução e notas de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin Classics. Companhia das Letras, 2014, p. 198.

<sup>931</sup> Idem, *ibidem*. p. 196.

abstratas, testemunha-se com alarde, preocupação e urgência o óbito de *Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica* e o comércio na *unidade de tratamento intensivo* enquanto organismos humanos deixam de resistir aos milhares sem auxílio emergencial.

Produzindo escassez e monopolizando as fontes, o processo automatizado se otimiza, as tecnologias convertem-se em necessidades e obrigações, e torna-se evidente que a eficiência de uma tecnologia reside na capacidade de monopolizar as condições de organização da vida. A recusa por reconhecer humanos em sua natureza orgânica pode ser identificada ao se demandar dos organismos que produzam por si próprios as condições para agirem conforme determinações produzidas pela imaginação volitiva, tomando as condições como secundárias em relação às necessidades abstratas oriundas das lógicas internas aos sistemas. A organização da vida assenta-se na pressuposição da consciência enquanto identidade, estabelecendo que o pensado se realiza independente de condições. A compartimentação da vida em setores dotados de lógicas internas, estabelece, baseada em fundamento alheio ao orgânico, que o pensamento ou conclusão obtidos são necessidades que precisam ser concretizados, tomando as condições de sua realização como meios em vista de um fim. As relações entre organismos humanos se desenvolvem nessa determinação, cada organismo precisa encontrar recursos por si mesmo para atender as determinações e, ao mesmo tempo, resistir.

Para que os sistemas que sustentam a organização perseverem, é preciso conferir-lhes credibilidade investindo confiança, e receber suas incapacidades com compreensão, desconsiderando-as, e aceitando que são *para o melhor*. Em trabalho remoto, organismos têm de compensar a incerteza do processo pela sobrecarga de trabalho, dia após dia suportam o próprio estado tentando se acostumar até que, exaustos, ao depararem-se diante do investimento físico, psicológico e monetário, precisam determinar se o esforço investido *valeu ou não a pena* e, sem poderem cogitar o insuportável, acabam por convencerem-se de que o estado atual de sobrecarga e desgaste é, na verdade, *para o melhor*. Novas plataformas e atualizações são estabelecidas constantemente e dependentes de adaptação para uso. Plataformas são desenvolvidas e oferecidas justificadas no suprimento de necessidades, contudo, suas falhas tornam-se conscientes apenas após seus recursos terem sido completamente aprendidos, até então, organismos tomam conferem as falhas por incapacidades próprias.

Em isolamento social, os organismos se estressam em condições distintas das vivenciadas cotidianamente ao longo da vida. Pela convergência das necessidades sobre



o dispositivo, a atenção, necessária para todas as atividades inclusive as afetivas, torna-se comprometida, e a urgência, sempre conferida às exigências preserva os organismos em desamparo próprio. Diferente dos ambientes físicos, os virtuais não podem ser deixados, ainda que silenciados, preenchendo o lugar mesmo sem espacialidade. Assim, para preservar o funcionamento abstrato, organismos tornam-se esgotados e adoecidos, reproduzem e partilham demandas abstratas como sustentação da própria existência, com isso, tomados como consciências, carecem de elementos para compreender o processo de suas vidas, a inadequação entre as exigências e as condições disponíveis, faltam-lhes os meios para conferir sentido ao mundo que, portanto, tem sua linearidade narrada com lacunas.

Assim como a razão produz justificativas para a vontade, é preciso produzir raciocínios e argumentos que protejam os organismos de conhecerem que fizeram em vão, que os protejam de reconhecerem-se perdidos e frente a necessidade de *reconsiderar tudo* [revolução], por isso, se empenham em projetos até o ponto em que precisem reconhecer a necessidade de *continuar* para que tudo não tenha sido inútil e suas vidas, desperdiçadas.

O otimismo é imperceptível na produção e no oferecimento do seu produto, afirmando-se observador imparcial. A defesa de uma sistematização específica através do argumento de que objetos, hoje caros, se tornarão baratos e acessíveis em dez ou cinco anos omite proporcionar acesso apenas quando obsoletos [dando ares de efeito colateral], pois a tecnologia consiste não na capacidade de executar uma atividade, mas especificamente em sua *atualidade partilhada*, na produção do pertencimento à mesma realidade, produzida na diferenciação e abandono da anterior, para a qual os recursos físico e imaginários são direcionados todos os dias permanecendo em construção. Nesta, também, consiste a natureza da ofensa, produzir o valor da dignidade destituindo-lhe na pessoa ofendida, todo insulto denuncia o não pertencimento do objeto da ofensa. Declarar o outro inadequado ao mundo que se busca conferir realidade.

Cada rotina do organismo é passível de reconhecimento na própria direção, nos medicamentos e alimentos que consome, nas pausas e no descanso, no entretenimento e distrações que, por um lado, restabelecem a capacidade para lidar com o cotidiano, e, por outro, recebem de seus objetos influência sobre a consciência, todos utilizados para reconduzir a uma singularidade volitiva, para preservar-se mais confortavelmente nela. Cada um apoia-se no cotidiano assumindo a doutrina do 'eu', ou da 'consciência', por

identidade permitindo-se vivenciar o mundo exclusivamente pelo que pode neles reter, e, por isso, pode reconhecer nos objetos físicos e abstratos aos quais se submete o meio de preservação do estado, reconhecer na rotina a exposição ao que confirma e assegura o que já sabe.

O hábito da atividade física fornece ao organismo sensação de bem-estar independente de objeto, não raro, organismos se abrigam em rotinas de exercícios oscilando, a sensação que encontram em si, entre o prazer da atividade e o da recuperação, porém, ao encontrar benefícios na prática acabam por submetê-la, além da comercial, à relação da necessidade e utilidade, assim, a consciência do bem-estar condiciona a capacidade de proporcionar mais energia, pertencimento à padrões, otimizando as demais práticas, e a atividade física converte-se em sustentação do cotidiano indiferente ao cuidado.

Como o mundo fundamenta-se pela relação com o *outro*, isso é, pela experiência da verdade, o *absurdo* reside fundamentalmente na doutrina do eu/consciência, em prescindir do outro em prol da produção de uma realidade. Ao declarar esse processo inconsciente e tendência do organismo, Schopenhauer torna-se *filósofo do absurdo*. Ao arrogar-se o direito de preservar crenças na indiferença ao outro, o otimismo consiste, essencialmente, em *vaidade* [vazio], toma para si a produção e dever de preservar o abstrato em detrimento do sofrimento no organismo.

Quando o pensamento acerca de um problema humano parte da pressuposição de imparcialidade ou indiferença em relação a investigação, toma pressuposto do otimismo como fundamento. Assumindo duas possibilidades igualmente válidas de investigação, torna-se insensível às interferências que realiza. Partindo da imparcialidade do pensamento e conhecimento, isto é, da aptidão a qualquer instante para agir de um modo e também de seu oposto, investiga-se racionalmente os posicionamentos justificadores da indiferença ética/social na busca pelo seu fundamento, para produzir argumento, qual um antídoto a partir do veneno, capaz de provar a irresponsabilidade equívoco e convencer os agentes ao cuidado.

Mas, dado que no convencimento o sentido encontra-se submetido ao otimismo, as tentativas de condução alheia ao cuidado mostram-se infrutíferas e fortalecem a estrutura volitiva na sua utilização. Organização a rotina em torno de necessidades que precisam ser supridas para proporcionar a satisfação das vontades imprescindíveis, em negociação com a realidade, consiste em ‘disciplina’ ou ‘força de vontade’. Em oposição,

propõe-se a incumbência de si mesmo, na qual o contentamento reside, tal como o otimismo, em condução do organismo, porém distingue-se ao não ser direcionada a si. Se se argumentasse que a oposição reside em espécie de enganar propositalmente a própria consciência, responderíamos que a diferença entre a incumbência e o estado volitivo reside na direção para a qual o organismo preenche o seu tempo. Se os organismos se produzem e preservam em rotinas de exercício, alimentação, divertimentos e distrações proporcionando a si mesmos condições para preservarem suas identidades apoiadas em seus amores e seus ódios, podem igualmente, dadas as condições, utilizar seu funcionamento e rotina para destituírem-se dessas identidades.

Capaz de seguir sua vontade, o organismo torna-se consciente dela no próprio corpo direcionada aos objetos do mundo, mas “contra cada desejo satisfeito permanecem pelo menos dez que não o são”<sup>932</sup>, dado que apenas um pensamento, por vez, ocupa o eu, e que não se pode permanecer em um por muito tempo, por mais importante que seja, um pensamento usurpado “não existe mais para nós: ele agora [...] está latente”<sup>933</sup>. Assim, os organismos existem despossuídos dos conteúdos de suas mentes, mas determinados por eles, constituindo-se *sujeitos* na determinação à ocasião, que traz o pensamento e que dele resulta, e à condição do agir e à ação. No desconhecimento de si próprios as determinações permanecem omitidas.

Se não há substância, qualquer permanência, agradável ou desagradável, sustenta-se em esforço permanente e constante. Se impróprio ao cuidado, o estado atual se sustenta em esforços constantes. A identificação desses esforços, e sua inutilização, torna-se fundamental para a existência de uma sociedade sustentável, pela compreensão dos padrões de relações e interações sociais e culturais, pelo estímulo a interação entre as pessoas e grupos. Dada a necessidade metafísica que acompanha o cérebro, torna-se inevitável atribuir sentido ao mundo; ao mesmo tempo, o otimismo confunde-se com o ser do organismo, e disso resulta a incontornável incumbência, necessidade de condução de si próprio, e a necessidade de meios para sua realização no condicionamento. Deve nutrir-se no carinho, recordar-se do fundamental, participar na alegria alheia tomando-a como sua, testemunhar o próprio cuidado, tomando a si como a um outro e permitir-se

---

<sup>932</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.226. [§38].

<sup>933</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e como representação*. Segundo Tomo: *Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.168.

aos outros. Deve-se *hackear* a própria consciência, *praticando a arte do pessimismo*. Conhecer os estados do próprio corpo multiplicando suas aptidões, emprestando-se aos outros em ocasiões apropriadas. Vinte e quatro horas num dia, subtraindo as horas de sono, as de descanso e de alimento, a arte de perder não é difícil de gerir [*the art of losing isn't hard to master*<sup>934</sup>].

Deve-se reconhecer os condicionamentos que o organismo impõe sobre si mesmo, os efeitos dos esforços que realiza e suas correlações. Deve-se viver uma vida desprovida de promessas, expondo seu organismo ao que nutre para a consideração. Deve-se procurar encontrar-se na ocasião do contentamento frustrando o otimismo. Pode-se usar tecnologias contra elas mesmas e em favor de todos os outros. Se aparelhos tornam-se necessários e devem ser levados consigo, submetendo e acostumando o organismo na relação estímulo e resposta, pode-se prever a sensação condicionada de demanda por estímulo que devolve ao dispositivo e submeter-se a outra. Os estados condicionam a si mesmos, por isso, nutrir-se na tranquilidade, por um lado, afasta de incômodos, por outro, reconduz ao contentamento.

Deve-se produzir bem-estar no organismo, pelo exercício ou pelo pensamento, proporcionar-se momentos para lidar com as dificuldades, mas apenas quando munido de força. Nutrir-se de momentos de força para lidar com as dificuldades usando conhecimento do próprio corpo, pela manhã ou no meio da tarde. Demorar-se no silêncio, maravilhar-se nos sentidos aguçados proporcionando novas aptidões e novos contentamentos. Demorar-se na solidão para amar as companhias. Se o otimismo se confunde com o ser do organismo e, devido a necessidade metafísica, não se pode evitar a atribuição de sentido, deve-se recordar que algo sempre lhe escapa, e assegurar-se que ao atribuir não o faz às custas de outras pessoas, aprender sobre si na noutra pessoa, sentir “perto dela, que estou mais próximo das coisas que estão perto dela”<sup>935</sup>.

O mundo conhecido no contentamento é esquecido quando devolvido ao estado volitivo; o *pessimismo*, por isso, consiste na arte de *recordar* pela escuta ou pela fala, estudando, aprendendo e reaprendendo as próprias determinações e as alheias, na condução do organismo por percursos distintos do originário. Deve-se descobrir relações

<sup>934</sup> BISHOP, Elizabeth. *Poemas Escolhidos*. Seleção, tradução e textos introdutórios Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 362. [poema: One Art].

<sup>935</sup> BRETON, André. *Nadja*. Traduzido por Ivo Barroso. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 89. Ver também: BRETON, André. *Nadja*. Paris: Éditions Gallimard, 1964. No original: “Je suis, tout en étant près d'elle, plus près des choses qui sont près d'elle”.

entre pensamentos amorosos e o próprio bem-estar, nutrindo-se nelas. Dedicando minutos, horas, ao aprendizado demorando-se em si mesmo e exercitando o aprendizado. Exercitar o corpo, os olhos, as mãos e os pensamentos, alheios aos dispositivos. A humanidade do organismo humano não reside em sua racionalidade mas na incumbência de si. Imputada a cada um pela própria existência, a responsabilidade é uma questão pessoal, “na tarefa que é nossa, ninguém nos poderá substituir”<sup>936</sup>, por isso, o mundo precisa ser pessimizado [*die Welt muss pessimisiert werden*] pois, sem justiça, não há paz [*no justice, no peace*].

---

<sup>936</sup> SOUZA, Ricardo. *Sobre a Construção do Sentido: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 84.

## REFERÊNCIAS

### Obras de Arthur Schopenhauer.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação. Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Complementos. Livros I-II. Vol. 1. Traduzido por Eduardo Ribeiro da Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. *El mundo como Voluntad y Representación*. Volume 2. Trad. de Eduardo Ovejero y Maury. Buenos Aires: Losada, 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Die welt als wille und vorstellung I*. Sämtliche Werke. Bd. I. Stuttgart/ Frankfurt: Suhrkamp Taschenbuch Verlag, 1986.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Die welt als wille und vorstellung II*. Sämtliche Werke. Bd. II. Stuttgart/ Frankfurt: Suhrkamp Taschenbuch Verlag, 1986.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Kleinere Schriften*. Sämtliche Werke. Bd III. Stuttgart/ Frankfurt: Suhrkamp Taschenbuch Verlag, 2012.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Parerga und Paralipomena I*. Sämtliche Werke. Bd. IV. Stuttgart/ Frankfurt: Suhrkamp Taschenbuch Verlag, 1986.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Parerga und Paralipomena II*. Sämtliche Werke. Bd. V/1. Stuttgart/ Frankfurt: Suhrkamp Taschenbuch Verlag, 1986.

SCHOPENHAUER, Arthur. Early Manuscripts of 1804-1818. *Manuscripts Remains in Four Volumes*. Munich: Berg Publishers Limited, 1990.

SCHOPENHAUER, Arthur. Arthur Schopenhauer: Gespräche (ed. Arthur Hübscher). Stuttgart / Bad Canstatt 1971. p. 22.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. de Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o Fundamento da Moral*. Trad. de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Trad. Jair Barboza. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A Arte de Envelhecer*. Organização e introdução de Franco Volpi. Trad. Karina Janini. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Fragmentos sobre a História da Filosofia*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de Conhecer a Si Mesmo*. Organização e ensaio de Franco Volpi. Trad. Jair Barboza; Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A Arte de Ter Razão*. Organização e ensaio de Franco Volpi. Trad. Alexandre Krug; Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A Arte de Se Fazer Respeitar*. Organização e ensaio de Franco Volpi. Trad. Karina Janini; Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A Arte de Ser Feliz*. Organização e ensaio de Franco Volpi. Trad. Marion Fleischer; Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Eudemonologia: Tratado de mundologia o arte de bien vivir*. Trad. de Eduardo González Blanco. 1ª ed. Buenos Aires: Losada, 2008.

### **Obras de Outros Autores**

ACADÉMIE Française. *Dictionnaire de L'Académie Française*. Cinquième édition tome second. Paris: Académie Française, 1798.

BECKETT, Samuel. *The Letters of Samuel Beckett*. Carta à Thomas McGreevy, 21 de Setembro de 1937. Vol. 1: 1929-1940, edited by Martha Dow Fehsenfeld and Lois More Overbeck. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

BERGSON, Henri. *La philosophie française*, 1915. La Revue de Paris, livraison du 15 mai 1915, pp. 236-256. (Tableau récapitulatif destiné à l'Exposition de San Francisco) Disponível em:  
[http://classiques.uqac.ca/classiques/bergson\\_henri/la\\_philo\\_francaise/Bergson\\_philo\\_francaise.pdf](http://classiques.uqac.ca/classiques/bergson_henri/la_philo_francaise/Bergson_philo_francaise.pdf). Acesso em 22 jun. 2019.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Lisboa: Relógio d'água, 1991.

CAMUS, Albert. 1944, éditorial du 3 novembre 1944 de *Combat*. In: *À Combat*, Paris, Gallimard Folio Essais, 2002.

CASTEL, Louis-Bertrand. *Memoires pour l'Histoire des Sciences et des Beaux Arts*. Paris: Etienne Ganeau, Fevrier 1737. [Article XIII].

COLERIDGE, Samuel Taylor. *Letters of Samuel Taylor Coleridge*, Vol. I (of 2). London: Edited by Ernest Hartley Coleridge. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/44553/44553-h/44553-h.htm>. Acesso em 15 jun. 2019.

FOUCAULT, Michel. *Aulas sobre a Vontade de Saber*. trad. Rosemary Cothek Abílio. Ed.2. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

FREUD, SIGMUND. *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*. Tradução sob a direção-geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora. 1976b.

FREUD, Sigmund. *Além do Princípio do Prazer* (1920). In: *Obras Completas*, vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HUYSMANS, Joris-Karl. *As Aversas*. trad. José Paulo Paes. São Paulo: Penguin, 2011.  
MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-filosóficos*.

KARASEK, Felipe Szyszka. *Sobre a interpretação da natureza: contribuições e limites do naturalismo para o problema da moral na filosofia de Nietzsche*. 2016. 167 f. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Tese, Doutorado em Filosofia, Faculdade de Filosofia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LEFRANC, Jean (org.). *Schopenhauer*. Paris: Éditions de l'Herne, 1997.

LOPES, Rafael Werner. *Antropologia e Moral em L. Feuerbach: Sobre Felicidade e Liberdade*. Porto Alegre: Editora Fi, 2014.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa, 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

MANN, Thomas. *O Pensamento Vivo de Schopenhauer*. Biblioteca do Pensamento Vivo. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-filosóficos*. Tradução e notas de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Título original: *Die Fröhliche Wissenschaft*.



NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer Educador*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correio de Melo Sobrinho. 6ª Ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, 1ª reimpressão, 2009. Título original: *Ecce homo: wie man wird, was man ist*.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução, notas e Prefácio de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Cia das letras, 2011.

ROSSET, Clément. *Schopenhauer, philosophe de l'absurde*. Paris: puf, 1967.

RUSSELL, Bertrand. *History of Western Philosophy*. London: Routledge, 2004.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia*. Tradução de William Lagos. São Paulo: Geração Editorial. 2011.

SCHELER, Max. *A posição do homem no cosmos*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

SÊNECA. *Sobre a tranquilidade da alma*. Tradução, introdução e notas de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin Classics. Companhia das Letras, 2014.

SIMMEL, Georg. *Schopenhauer & Nietzsche*. Traduzido por Cesar Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Sobre a Construção do Sentido: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TAYLOR, Charles. *As Fontes do Self: a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara, Dinah de Abreu Azevedo. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 571.

TOLSTÓI, Liev. *Полное собрание сочинений Л.Н. Толстого в 90 томах. Государственное издательство «Художественная литература», 1928-1958. Серия третья «Письма». Том 61, Москва, 1953.*

### Referências complementares

ATWELL, John E. *Schopenhauer on the Character of the World: The Metaphysics of Will*. Berkeley: University of California Press, 1995.

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo**. São Paulo: Moderna, 1997.

BOSSERT, Adolphe. **Introdução a Schopenhauer**. Trad. Regina Schöpke; Mauro Baladi. Rio de Janeiro, Contraponto, 2012.

BRUM, J. T. **O Pessimismo e suas Vontades – Schopenhauer e Nietzsche**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CACCIOLA, M. Lúcia. **Schopenhauer e a Questão do Dogmatismo**. São Paulo: Edusp, 1994.

CARTWRIGHT, David. E. **Historical Dictionary of Schopenhauer's Philosophy**. Oxford: Scarecrow Press, 2005.

DURANTE, Felipe dos Santos. **Um tipo de justiça infalível: a Justiça Eterna**. In: *Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer*. 1º semestre 2010, Vol. 1, nº1. p. 116-122.

DURANTE, Felipe dos Santos. **Arthur Schopenhauer e a Tradição Jusnaturalista Moderna**. In: *Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer*. 1º semestre 2011, Vol. 2, nº1. p. 108-118.

HANNAN, Barbara. **The Riddle of the World: a reconsideration of schopenhauer's philosophy**. New York: Oxford University Press, 2009.

JACQUETTE, Dale. **The Philosophy of Schopenhauer**. Chesham, Acumen, 2005.

JANAWAY, Christopher. **Self and World in Schopenhauer's Philosophy**. New York: Oxford University Press, 2001.

JANAWAY, Christopher (Org). **Cambridge Companion to Schopenhauer**. New York: Cambridge University Press, 2006.

MAGEE, Bryan. **The Philosophy of Schopenhauer**. New York: Oxford University Press, 1997.

MOREIRA, Fernando de As. **Ethos e Pathos em Schopenhauer e Nietzsche: vida, vontade e ascetismo**. Toledo, PR, 2011. Dissertação de Mestrado em Filosofia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Toledo. Centro de Ciências Humanas e Sociais.

NEIL, Alex; JANAWAY, Christopher (Org). **Better consciousness: Schopenhauer's philosophy of value**. Chichester, Wiley-Blackwell: 2006.

PEREIRA, Gilmara Coutinh. **A ética da compaixão como arma de combate ao pior dos mundos possíveis**. In: *Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer*, 1º semestre, 2011 Vol. 2, Nº 1. p. 63-82.

PHILONENKO, A. **Schopenhauer: Una Filosofía de la tragédia**. Trad. Gemma Muñoz-Alonso López. Barcelona: Anthropos Editorial Del hombre, 1989.

ROCHA, Fabio Libório. **O Conceito de Servo Arbítrio em Schopenhauer**. Dissertação de Mestrado Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000.

ROCHA, Fábio Libório. **Schopenhauer e o assassinato do desejo - a servilidade do sujeito balizada sob dois aspectos**: a liberdade e a racionalidade. União da Vitória: Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras, Coleção Vale do Iguaçu, nº 75. Kaygangue, 2003.

REDYSON, Devye (Org). **Arthur Schopenhauer no Brasil**: em memória dos 150 anos da morte de schopenhauer. João pessoa: Ideia, 2010.

ROSSET, Clément. **Schopenhauer, philosophe de l'absurde**. Paris: PUF, 1994.

SALVIANO, J. O. S. **Desconfortável consolo: a ética niilista de Arthur Schopenhauer**. In: *Cadernos de Ética e Filosofia Política* 6, 1/2005. p. 83-109.

#### REVISTAS

ALONSO, Juan David. **La Sociedad como Voluntad e Representación: La teoria de la sociedade em la eudemonologia schopenhaueriana**. In: *Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer* - Vol. 3, Números 1 e 2 - 1º e 2º semestres de 2012 - pp. 30-60.

BARBOZA, Jair. *Infinitude Subjetiva e Estética: Natureza e Arte em Chelling e Schopenhauer*. São Paulo: Ed. UNESP, 2005

BRUM, José Thomaz. *O Pessimismo e suas Vontades: Schopenhauer e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. Tradução para o português de tese de doutorado em Filosofia, defendida na Universidade de Nice –Sophia Antipolis, em 1966

CAVASIN, Marcello. **Sobre a atribuição de valor moral em Schopenhauer**. In: *Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer* – 1º semestre 2011 – Vol. 2 – Nº 1 – pp. 22-31.

CHEVITARESE, Leandro. **Schopenhauer e os Cínicos: elementos do cinismo na eudemonologia de Schopenhauer**. In: *Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer* - Vol. 3, Números 1 e 2 - 1º e 2º semestres de 2012 – pp. 20-29.

CHEVITARESE, Leandro. **Schopenhauer e o Estoicismo**. In: *ethic@*, Florianópolis, v. 11, n.2, p. 161 – 172, julho de 2012.

DOS SANTOS, Daniel. **A primazia do conhecimento intuitivo diante do conhecimento abstrato em Schopenhauer**. In: *Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer* – 2º semestre 2010 – Vol. 1 – nº2 – pp. 137-149.

FAZIO, Domenico. **Para a história da Schopenhauer-Hesellschaft no centenário da sua fundação**. In: *Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer* – 2º semestre 2011 – Vol. 2 – Nº 2 – pp. 86-92.

FRANÇOIS, Arnaud. **Existe uma filosofia schopenhaueriana da vida? A questão da espécie como Ideia**. In: *Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer* – 2º semestre 2011 – Vol. 2 – Nº 2 – pp. 31- 43.

FONSECA, Eduardo. **O sentido da noção de sublimação na filosofia de Schopenhauer**. In: Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer – 2º semestre 2010 – Vol. 1 – Nº 2 – pp. 68-88.

GERMER, Guilherme. **A busca da felicidade: nosso erro, ilusão e existência fundamentais, segundo Schopenhauer**. In: Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer – 2º semestre 2011 – Vol. 2 – Nº 2 – pp. 113-127.

INVERNIZZI, Giuseppe. **Nessun “accomodamento”: Deussen e Hartmann contro l'eudemonologia di Schopenhauer**. In: *Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer* - Vol. 3, Números 1 e 2 - 1º e 2º semestres de 2012 - pp. 61-74.

JER, Sandra. **La canalización del dolor y El estancamiento del sufrimiento em Schopenhauer y De quincey**. In: *Discusiones Filosóficas*. Año 12 Nº 18, enero – junio, 2011. pp. 107-123.

KLEIN, Glauber. **A crítica de Schopenhauer à concepção de um uso prático da razão pura**. In: Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer – 1º semestre 2011 – Vol. 2 – Nº 1 – pp. 48-62.

PERNIN, Marie-José. *Schopenhauer: Decifrando o Enigma do Mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.

SAMAMÉ, Luciana. **Moralidade y felicidad em Schopenhauer y em Kant: conciertos y desacuerdos**. In: Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer – 2º semestre 2011 – Vol. 2 – Nº 2 – pp. 140-159.

SANTOS, Katia. **A razão prática schopenhaueriana e a ação por máximas**. In: Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer – 2º semestre 2011 – Vol. 2 – Nº 2 pp. 160-184.

SOUSA, Karla. **Principais elementos do pessimismo schopenhaueriano**. In: Revista Lampejo – Nº2-10/ 2012.

VANDENABEELE, Bart (Org). *A Companion to Schopenhauer*. John Wiley Trade: 2012.

VECCHIOTTI, Icilio. *Schopenhauer*. Trad. de João Gama. 4ª edição. Rio de Janeiro: Edições 70, 1986.

VIESENTEINER, J. L. *Prudentia” e o uso prático da Razão em Schopenhauer*. In: *Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer* - Vol. 3, Números 1 e 2 - 1º e 2º semestres de 2012– pp. 3-19.

Outros

CAILLIET, Rene. *Dor: Mecanismos e Tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 1999.  
Tradução de: *Pain: mechanisms and management*. Traduzido por; Walkíria M.F. Settineri. 312 p.

- DÖRPINGHAUS, A. "Mundus pessimus: Untersuchungen zum philosophischen Pessimismus Arthur Schopenhauers". Würzburg: Königshausen & Neumann, 1997.
- INVERNIZZI, G. "Il pessimismo tedesco dell'Ottocento: Schopenhauer, Hartmann, Bahnsen e Mainländer e i loro avversari". Firenze: La Nuova Italia, 1994, pp. 19-43;
- KÖHLER, F. "Schopenhauer und das Wesen des Pessimismus und Optimismus". Langensalza: H. Beyer, 1926;
- LE BRETON, David. Antropologia da Dor. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013. Tradução de: Anthropologie de la douleur. Tradução de: Iraci D. Poleti. 245 p. edição revista e ampliada.
- STAUM, Martin S. Cabanis: Enlightenment and Medical Philosophy in the French Revolution. Princeton, New Jersey: Princeton University Press. 430 p.
- THERNSTROM, Melanie. *As Crônicas da Dor: tratamentos, mitos, mistérios, testemunhos e a ciência do sofrimento*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. Tradução de: *The pain chronicles*. Traduzido por: Maria Beatriz de Medina. 406 p.
- Williams, Elizabeth A. *The physical and the moral: Anthropology, hysiology, and philosophical medicine in France, 1750-1850*. United Kingdom: Cambridge University Press, 1994. 281 p.